

**CLAUDINER BUZINARO**

***REVISTA DO LIVRO, PORTA-VOZ DO INL:***  
**MEMÓRIA E INDEXAÇÃO DE UM PERIÓDICO**  
**DO SÉCULO XX**

**ASSIS**  
**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**CLAUDINER BUZINARO**

***REVISTA DO LIVRO, PORTA-VOZ DO INL:***  
**MEMÓRIA E INDEXAÇÃO DE UM PERIÓDICO**  
**DO SÉCULO XX**

**COMISSÃO JULGADORA**

TESE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR  
Faculdade de Ciências e Letras - UNESP  
Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social

Presidente e Orientador .....

Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira

2º Examinador .....

3º Examinador .....

4º Examinador .....

5º Examinador .....

Assis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2006

Claudiner Buzinaro

*Revista do Livro*, porta-voz do INL:  
Memória e Indexação de um Periódico  
do Século XX.

Tese apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras de Assis – UNESP –  
Universidade Estadual Paulista para a  
obtenção do título de Doutor em Letras  
(Literatura e Vida Social)

Orientadora: *Doutora Ana Maria Domingues de Oliveira*

Co-orientadora: *Doutora Diléa Zanotto Manfio*

ASSIS

2006

*À minha família, refúgio maior,  
especialmente minha mãe, Igualdar Romero Buzinaro.*

## AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira pela confiança.

À professora Dra. Diléa Zanotto Manfio que esteve comigo durante todos esses anos e coorientou o presente trabalho.

Ao Luiz Roberto pela força e paciência.

Aos professores Antônio Roberto Esteves e Maria Lidia L. Maretti pelas sugestões durante o exame de qualificação, que foram imprescindíveis para a conclusão do trabalho.

Aos amigos pela força.

Especialmente ao professor Dr. Fernando Antônio Cazarini, que mais que um amigo se tornou mentor.

BUZINARO, Claudiner. *Revista do Livro*, porta-voz do INL: análise e indexação de um periódico do século XX. 2005. 327f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

## RESUMO

O objetivo do trabalho é a análise e a indexação da *Revista do Livro*. O periódico foi lançado em 1956 como porta-voz do antigo Instituto Nacional do Livro (INL) e circulou até 1970, quando saiu o número 43, tendo abrigado neste espaço de tempo em suas páginas os nomes mais expressivos da inteligência brasileira. O Instituto Nacional do Livro, órgão oficial do governo, foi criado em 1937. Portanto, o contexto histórico-político-social em que se insere a *Revista do Livro* pode ser delimitado entre 1937 (criação do Instituto Nacional do Livro) e 1970 (último número da *Revista do Livro*). Obviamente, ao fazermos esta contextualização teremos que recuar aos antecedentes que levaram à criação do INL e, por outro lado, avançar após o momento em que se deu a interrupção da *Revista do Livro*. Tornam-se igualmente necessárias considerações quanto à implantação da imprensa no Brasil e quanto à evolução do gênero “revista”, na Europa e sua conseqüente implantação no Brasil durante o século XIX. Finalmente, será esboçado um breve histórico do Instituto Nacional do Livro (INL) e do surgimento da *Revista do Livro*, com suas implicações culturais no Brasil da segunda metade do século XX.

**Palavras-Chaves:** Indexação. Periódicos Brasileiros, Instituto Nacional do Livro (Brasil), Literatura Brasileira.

BUZINARO, Claudiner. *Revista do Livro*, voice of the INL: analysis and indexation of a twentieth century periodical. 2005. 327 p. PhD Thesis, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

## ABSTRACT

The aim of this study is the analysis and the indexation of the *Revista do Livro*. The periodical was launched in 1956 as the voice of the former *Instituto Nacional do Livro* (INL) and circulated until 1970, year of the 43rd number, keeping at this time on its pages the more expressive names of the Brazilian intelligentsia. The *Instituto Nacional do Livro*, official government branch, was created in 1937. Therefore, the social political historical context in which the *Revista do Livro* takes place may be delimited between 1937 (*Instituto Nacional do Livro* creation) and 1970 (*Revista do Livro's* last number). Obviously, in doing this contextualization, we return to the background that led to the INL creation and, on the other hand, we go ahead after the moment that the *Revista do Livro* was quit. Considerations on the introduction of the Brazilian press and the evolutions of the genre “magazine” in Europe and its subsequent creation in Brazil during the Nineteenth Century are likely necessary. At last, a brief historical outline of the *Instituto Nacional do Livro* (INL) and the creation of the *Revista do Livro* are delineated with its cultural implications in the second half of the Twentieth Century, in Brazil.

**KEYWORDS:** Indexation, Brazilian Periodicals, Instituto Nacional do Livro (Brazil), Brazilian Literature.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
-------------------------	---

### **CAPÍTULO 1**

1.1 - Contexto político cultural do período em estudo.....	13
1.2 - A Imprensa no Brasil.....	36
1.3 - A Revista no Brasil.....	59

### **CAPÍTULO 2**

2.1 - Diretrizes do Estado Novo para a Educação e Cultura.....	77
2.2 - O Instituto Nacional do Livro.....	81
2.2.1 – Balanço das realizações do INL. ....	89
2.2.2 - O INL e o Regime Militar.....	94
2.2.3 – A Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional.....	101

**CAPÍTULO 3**

3.1 - A <i>Revista do Livro</i> .....	106
3.2 - Características da <i>Revista do Livro</i> .....	108
3.3 - Trabalhos publicados pela <i>Revista do Livro</i> .....	117

**CAPÍTULO 4**

4.1 - Procedimentos para a Indexação.....	133
4.2 – Indexação da <i>Revista do Livro</i> .....	140

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	313
-----------------------------------	-----

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	317
--------------------------	-----

<b>ANEXOS</b> .....	320
---------------------	-----

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Buzinaro, Claudiner  
B992r Revista do livro, porta voz do INL: memória e indexação  
de um periódico do século XX / Claudiner Buzinaro. Assis,  
2006  
327 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de  
Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Indexação. 2. Periódicos brasileiros. 3. Instituto Nacio-  
nal do Livro (Brasil). 4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 025.343  
056.9

869.908

## Introdução

Em meados do século XX, a intelectualidade brasileira, influenciada pelas idéias européias, constituía o centro propulsor do pensamento moderno que revolucionaria o cenário político e cultural do país. A imprensa brasileira era a grande divulgadora desses ideais, vivenciando um grande avanço técnico. Neste momento, surgiam por todo o país periódicos das mais diversas tendências. Dentre eles, o gênero revista engloba uma série de

assuntos e temas e oferece um panorama das produções culturais de indivíduos e instituições, destacando-se, por exemplo, as revistas literárias que proporcionam uma rica fonte para pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento.

Pareceu-nos, assim, importante resgatar a *Revista do Livro* pela sua significação e importância fundamental para uma revisão da história da imprensa literária do Brasil e seu caráter documental como expressão de uma época da história política do país. Ao editar obras de escritores do passado, bem como ao abordar temas da época, a *Revista do Livro* torna-se um mosaico, que propicia ao pesquisador inúmeras possibilidades de enfoque. Textos literários das mais variadas tendências convivem harmoniosamente nas páginas da *Revista do Livro*. Cabia a ela o papel de elemento catalisador da cultura nacional, o qual consistia em dar ao povo brasileiro o conhecimento que lhe fosse necessário para elevar-se cultural e socialmente.

Como veículo oficial do Instituto Nacional do Livro (INL), a *Revista do Livro* nos proporciona um vasto mural político e cultural de um importante período da história do Brasil das duas primeiras décadas da segunda metade do século XX. A memória brasileira ganha dimensão nas páginas da *Revista do Livro*, uma vez que a mesma assume um caráter polifônico, não se atendo a gêneros e estilos específicos, dando-nos um vasto panorama do período.

A *Revista do Livro* começa a circular em 1956 como porta-voz do Instituto Nacional do Livro (INL). Este, por sua vez, fora criado em 1937, durante o governo de Getúlio Vargas, tendo como projeto principal a criação da *Enciclopédia Brasileira* e o *Dicionário da Língua Nacional*, trabalho entregue a Mário de Andrade (1893 – 1945). Apesar de ter passado metade de sua existência sob o regime de governos ditatoriais - o Estado Novo e o

regime militar de 1964 -, jamais conseguiu implantar seu projeto primordial, a *Enciclopédia* e o *Dicionário*.

Com a criação do INL, o Estado passa a controlar o mercado editorial brasileiro e com o regime de co-edição, que nem sequer fora cogitado no decreto de criação do referido Instituto, mas fora implantado durante o regime militar, opera-se uma mudança da funcionalidade do órgão, que passa de produtor a subsidiador de cultura, mantendo os mecanismos de controle final.

Uma revista que divulgasse os trabalhos executados pelo INL era uma antiga reivindicação de seu diretor e fundador Augusto Meyer (1902 - 1970) já no governo Vargas, porém isso somente foi possível durante o governo de Juscelino Kubitschek quando era diretor do Instituto, José Renato Santos Pereira.

A *Revista do Livro* propõe um caráter nacional em sua produção, porém isso não implicaria em que o pensamento universal não encontrasse abrigo em suas páginas. Fizeram parte do corpo editorial da *Revista* nomes ilustres da história da cultura no Brasil como: Alexandre Eulálio(1932 – 1988), Brito Broca (1904 – 1916), Antonio Houaiss (1915 – 1999), Celso Cunha, M. Cavalcanti Proença, J. Galante de Sousa e Augusto Meyer.

Esse grupo foi o mais constante na *Revista*. Outros nomes tiveram passagem rápida, porém não menos importante, como: Antônio Cândido (1918 - ), Gilberto Freyre (1900 – 1987), Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986) e Sérgio Buarque de Holanda (1902 – 1982). A marca registrada da *Revista do Livro* foi o projeto gráfico elaborado por Tomás Santa Rosa Júnior.

A maioria dos textos publicados na *Revista do Livro* foi editada de jornais, revistas e/ou materiais que se encontravam dispersos em bibliotecas. Alguns são simples

transcrições, outros são precedidos de estudos críticos. Esta diversidade tanto de estilo como temporal é que faz a riqueza da *Revista*.

O presente trabalho pretende a análise e a indexação da *Revista do Livro*, estruturando-se em: Introdução, quatro Capítulos, Considerações finais e Anexo.

O Capítulo 1 apresenta o panorama político e cultural da época em que a *Revista do Livro* circulou, além de discorrer sobre a implantação da imprensa no Brasil e do surgimento das revistas.

O Capítulo 2 enfoca, inicialmente, as diretrizes do Estado Novo estabelecidas pelo governo de Getúlio Vargas para a cultura, bem como as estratégias de manipulação então utilizadas. Em seguida, apresenta um histórico do Instituto Nacional do Livro (INL), órgão responsável pelo controle da editoração no Brasil, focalizando a *Revista do Livro* como seu porta-voz.

O Capítulo 3 descreve as características da *Revista do Livro*, seu aspecto físico e as seções em que ela se estrutura, oferecendo assim uma visão panorâmica do periódico.

No Capítulo 4, após estabelecer e explicitar os procedimentos, apresenta-se a indexação dos quarenta e três números da *Revista do Livro*.

No Anexo, o leitor encontrará informações bibliográficas referentes ao Corpo Editorial do periódico.

O trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto, visto que a *Revista do Livro* nos proporciona um painel de vastas possibilidades.

## **Capítulo 1**

### 1.1 - Contexto político-cultural do período em estudo

Intelectuais envolvidos no movimento modernista de 1922 manifestam divergências quanto ao papel da cultura para o desenvolvimento brasileiro. Conforme as historiadoras Mariza Veloso e Angélica Madeira em *Leituras Brasileiras. Itinerários no Processo Social e na Literatura* percebe-se neles:

[...] uma necessidade premente de marcar posições diante dos acontecimentos e debates que ocorriam em todo o mundo, no período entre guerras, e que culminaram, no Brasil, com a Revolução de 30, quando ascendem ao poder novos grupos sociais liderados por Getúlio Vargas. (1999, p.104).

Após o Estado Novo em 1937, grupos de artistas e intelectuais modernistas se unem às elites políticas, num projeto modernizador para o Brasil. Isto interessa ao Estado, pois vão ganhando espaço na literatura os temas nacionalistas:

Logo os artistas se preocupariam em desvendar o Brasil, voltando-se para o regionalismo e para a crítica social. Como acontecia nas novas obras de sociologia e história, a massa anônima de raças formadoras da nacionalidade e de trabalhadores do campo e da cidade passa a ocupar primeiro plano. (NOSSO SÉCULO, 1980, p.162).

Para Veloso e Madeira, estes grupos estavam de acordo quanto ao caráter de brasilidade a se imprimir à cultura brasileira, porém divergiam quanto ao significado do nacionalismo:

Alguns, como os participantes do Movimento Anta – Menotti del Picchia, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo -, eram adeptos, em política, de uma ideologia da ordem e de um Estado forte; no campo da estética, propuseram um retorno a um “primitivismo autêntico”, representado por Martim-Cererê, de

Cassiano Ricardo, e pelas “posições de fé” contidas no Manifesto verde amarelo. (199, p.105)

Outro grupo capitaneado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade (1890 – 1954) – apesar de suas propostas completamente diferenciadas – tenta resumir suas posições quanto ao caráter nacionalista. Oswald de Andrade, com uma visão mais cosmopolita, parte para a Europa para, na sua visão antropofágica, devorar a cultura alienígena, enquanto Mário de Andrade parte para o interior do país para registrar a cultura brasileira. Ambos com o mesmo pensamento, o de valorizar a cultura brasileira. Esta visão popular de cultura, proposta por Mário de Andrade, foi o que levou o Instituto Nacional do Livro (INL) a propor-lhe a criação da *Enciclopédia Brasileira*, pois esta visão “populista” - ação política que toma como referência e fonte de legitimidade o cidadão comum, cujos interesses pretende representar - satisfazia às necessidades do Estado.

De 1930 a 1945, Getúlio Vargas trava uma verdadeira guerra contra a imprensa. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) assume o papel de censor durante o Estado Novo. A reação é imediata, a imprensa usa dos mais variados artifícios para driblar o sistema.

A princípio os jornais de maior circulação em São Paulo (*O Estado de São Paulo*, *Diário de São Paulo*) e no Rio de Janeiro (*O Globo*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *Jornal do Brasil*) apoiaram a Aliança Liberal e a Revolução de 30. Entretanto instalado o regime, a desilusão é geral. A imprensa passa a defender uma Constituição para o Brasil.

A perseguição aos órgãos de imprensa promove um racha dentro do próprio governo. Maurício Cardoso, foi ministro da Justiça. No início de 1937, houve o empastelamento do *Diário Carioca*. Cardoso tentou apurar responsabilidades. Desautorizado pelo governo, demitiu-se juntamente com outros políticos gaúchos.

O descontentamento dos jornais atinge seu auge em 1937, quando a constituição aboliu a liberdade de expressão. Todos os meios de comunicação e expressão foram submetidos à censura prévia que dava à imprensa caráter de utilidade pública, o que a obrigava a publicar comunicados do governo. Inicia-se um período negro, jornais são fechados, outros, a contra gosto, passam a servir a ditadura. O historiador Nelson Werneck Sodré (1911 – 1999) atenta para o fato de que: “ A ditadura criou órgão específico, o Departamento de Imprensa e Propaganda, chefiado por Lourival Fontes, segundo o modelo nazista; o famigerado DIP controlava a imprensa e o rádio e baixava lista de assuntos proibidos.” (1983, p.381). Citando Freitas Nobre (1922 - ), Werneck Sodré prossegue: “Jornais enriqueceram e jornalistas se corromperam, o quanto era possível enriquecer-se e corromper-se.” (1983, p.382). Isso se dá, porque o DIP passou a distribuir verbas para os jornais, verbas essas atreladas ao comprometimento dos mesmos com o regime.

Os desmandos do governo assumem proporções desmedidas. A imprensa, para sobreviver, procura a clandestinidade. Com a imprensa amordaçada, as perseguições do regime passam despercebidas. Werneck Sodré (1965, p.168) narra algumas dessas perseguições como por exemplo a de Graciliano Ramos (1892 – 1953) e de Monteiro Lobato (1882 – 1948) entre outras.

Ainda de acordo com Werneck Sodré, o início da segunda guerra mundial teve reflexos no Brasil. Em princípio, as vitórias dos nazistas e de seus aliados serviram para fortalecer o regime de Vargas. O país toma posição neutra em relação ao conflito. Entretanto a entrada dos Estados Unidos da América na guerra, em 1941, obriga o Brasil a tomar uma posição frente ao conflito em 1942. A imprensa percebe uma brecha, e assume posição a favor dos países aliados contra o nazismo. Nesta abertura passa a criticar o regime: “A propósito do que ocorria no exterior, as críticas visavam o que ocorria no

próprio Brasil... O Estado Novo começou a deteriorar-se rapidamente.” (SODRÉ, 1983, p.383).

Terminada a Segunda Guerra Mundial, a democracia vencera por meio dos Aliados, designação que engloba os 25 países que lutaram contra o nazi-fascismo, incluindo Estados Unidos da América, União Soviética e Brasil. A ditadura do Estado Novo, instaurada em 1937, já não tinha bases em que se apoiar. As oposições vinham aglutinando-se desde 1943, ano em que foi divulgado o “Manifesto dos Mineiros”, que pedia a redemocratização do país. O próprio Getúlio Vargas prometera: “A redemocratização virá, quando terminar a guerra”.

Mas, a par de algumas medidas “democratizantes” como por exemplo a reforma da Constituição, marcando eleições diretas, a permissão para a criação de partidos e a anistia para todos os presos políticos, o Governo procurava manter intacto o arcabouço do Estado Novo. A lei Agamenon (28/05/45) – principal peça da legislação eleitoral – beneficiava a máquina do Estado Novo, praticamente garantindo a eleição de um grande número de políticos da situação. Assim, surgiram o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ambos da situação, recrutando, o primeiro antigos interventores e o segundo lideranças sindicais fiéis ao governo de Getúlio. Mas isso não era tudo: apesar de ter indicado a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra para a presidência da República, o próprio Vargas alimentava projetos continuístas, procurando cultivar uma base popular. A 15 de julho de 1945, Luís Carlos Prestes, líder comunista beneficiado pela anistia, lança em São Paulo a campanha “Constituinte com Getúlio”. A 13 de agosto, lideranças sindicais e funcionários do Ministério do Trabalho, iniciam o movimento “queremista”, promovendo comícios transmitidos pelo rádio por todo o país. “Queremos Getúlio” era o *slogan*. Um respeitado líder democrata opositor, Otávio

Mangabeira, chegou a pedir publicamente que as Forças Armadas interviessem “em defesa da nação”.

Eram as contradições da difícil conjuntura política de 1945. O ditador se tornava “democrata” e um democrata julgava necessário o recurso da força no caminho da abertura democrática. Em outubro, a nomeação para a chefatura de polícia do Rio de Janeiro de Benjamim Vargas, o “Bejo”, irmão do ditador e uma das grandes figuras dos cassinos do Estado Novo, desencadeia fulminante reação dos militares, liderados por Dutra e Góis Monteiro: Getúlio é deposto, no dia 29, com tanques cercando o palácio presidencial.

Em seu retiro no Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas parecia estar acabado politicamente. Era novembro de 1945 e a campanha eleitoral estava no auge. O PSD lança a candidatura do general Eurico Dutra, ex-ministro da Guerra do Estado Novo. Porém, Dutra sabia que, sem o apoio de Vargas era-lhe impossível vencer as eleições. Getúlio continuava em seu retiro em São Borja. A 21 de novembro, o general envia um documento aos dirigentes do trabalhismo, prometendo, se eleito, escolher o ministro do Trabalho em comum acordo com o PTB e distribuir as outras pastas ministeriais entre os partidos que o apoiassem. É diante desse compromisso que Vargas resolve voltar à vida pública. A 25 de novembro, dirigiu-se ao povo brasileiro em manifesto que anunciava seu apoio ao general Dutra. Este documento, conhecido como “Ele disse”, decidirá a sorte das eleições. A vitória é do general Dutra que toma posse em 31 de janeiro de 1946.

No período pós-guerra, por uma cultura democrática e antifascista, os escritores fazem a literatura do “compromisso social”:

Um dos sinais mais significativos do período de desorganização social que atravessamos é esta tendência para questionar todo mundo, numa ânsia desesperada de entender a confusão [...] Estamos assistindo [...] a formação de

uma geração que encara a atividade intelectual como um estudo e um trabalho que sejam instrumento de vida, sendo esta concebida como uma necessidade permanente de revisão e um ataque sem dó a tudo que signifique individualismo narcísico e hipertrofia do próprio eu. (...) Não nos compete, evidentemente, assumir uma cor política qualquer e descer à rua, clamando por ação direta. Cada um com suas armas. A nossa é essa: esclarecer o pensamento e pôr ordem nas idéias. (CÂNDIDO apud NEME, 1944, p.31)

Assim, o socialismo, o freudianismo e o catolicismo existencial se transformam em peças que vão decifrar este homem engajado socialmente e sustentar toda a literatura da época. Alguns escritores exerceram influência marcante neste contexto, são os norte-americanos: John dos Passos, Ernest Hemingway (1899 – 1961), William Faulkner (1897 – 1962) e John Steinbeck (1902 – 1968), que difundem o gosto pela análise psíquica e interpretam o mal-estar do período pós-guerra.

Tanto no âmbito político, como no econômico, o governo Dutra é marcado pelo descontentamento. Na política, acabou se mostrando mais próximo à UDN (União Democrática Nacional), que exercia uma certa oposição ao seu governo, do que o PTB, partido que o ajudara a se eleger. Na economia, a política adotada levou ao aumento do custo de vida, impelindo as massas urbanas a se manifestarem contra o governo. Era nas ruas e nas fábricas onde se concentravam a maior fonte de problemas. O aumento do custo de vida e o congelamento dos salários, estagnados desde 1942, quando o Brasil entrou no conflito mundial, adotando uma “economia de guerra”, provocaram, em 1945 e no começo de 1946, em uma onda de greves. Outro grande problema do governo, era o crescimento do Partido Comunista, que fazia oposição ferrenha a Dutra.

A 19 de abril de 1950, aniversário de Getúlio Vargas, houve uma reunião de seus amigos e correligionários em São Borja, onde é articulada a sua volta. Eleito em 31 de janeiro de 1951, Vargas enfrentou vários problemas para assumir o governo. A UDN

(União Democrática Nacional) tentou impedir a posse, alegando que a Constituição exigia do vencedor a maioria absoluta. Apelou ao Tribunal Superior Eleitoral, mas não foi atendida. Entre as Forças Armadas registram-se certa tensão. Os principais chefes militares, entretanto, declaram que respeitariam a decisão da Justiça Eleitoral.

Em 1953, dá-se a virada decisiva do segundo governo Vargas, aquele que formará sua definitiva imagem de “Pai dos Pobres”. Na realidade, até 1952, Getúlio havia apostado na negociação com os norte-americanos, dos quais queria obter empréstimos para implantar indústrias de base. Em troca, os EUA pediam manganês, urânio e participação na guerra da Coreia. Apostara também na contenção das reivindicações populares, estimuladas pela sua própria vitória. Prova disso fora a nova “Lei sobre os crimes contra o Estado e a ordem política e social”, promulgada em janeiro de 1953, que proibia a realização de comícios ou reuniões políticas a céu aberto, considerando quem as organizasse sem a autorização da polícia, fora da lei. Uma lei sob medida para conter o avanço das manifestações contra a carestia e pelos reajustes salariais (renovados só uma vez em 1943). Entretanto, apenas dois meses depois, o descontentamento popular explode na greve geral, jogando por terra a nova lei e, assim, alertando Vargas para o fato de que o novo aliado de que necessitava, para mudar o rumo dos acontecimentos, talvez fosse a massa, que vinha tentando conter.

Os americanos mostravam-se reticentes em manter suas promessas de apoio ao nosso desenvolvimento industrial. Em novembro de 1953, John Foster Dulles, secretário de Estado do governo Eisenhower, declararia, por fim, ao embaixador brasileiro Walter Moreira Salles, que dos 250 milhões de dólares prometidos por Truman apenas 100 seriam concedidos. Tratava-se, de fato, de uma resposta a várias ações do Governo brasileiro: a reforma cambial, que encarecia os bens importados para favorecer a indústria nacional; a lei sobre remessas de lucro; a criação da Petrobrás; a sustentação do preço do café. A pressão

do Governo americano não cessaria de crescer, enquanto a venda de café para os EUA caía de 4,1 milhões de sacas no início de 1953 para 2,9 milhões no começo de 1954.

Desde de novembro de 1952, a Federação das Associações Comerciais do Brasil iniciara uma campanha contra as medidas industrializantes. Getúlio não dispunha de apoio junto à imprensa e ao rádio, quase integralmente nas mãos de poucas famílias, suas inimigas e porta-vozes do temor que as elites e a classe média sentiam com o povo nas ruas e a inflação a galope. Mesmo os industriais que haviam apoiado sua eleição hesitavam. Enquanto isso, João Goulart, nomeado ministro do Trabalho após a greve, organizava nos sindicatos, sua própria máquina de “pelegos”(sindicalistas favoráveis ao Governo), para controlar a massa trabalhadora. Em fevereiro de 1954, ele apresentou a Getúlio uma proposta de aumentar em 100% o salário mínimo. Os jornais clamaram contra a medida, e um grupo de coronéis emitiu o famoso “Memorial” que veladamente fazia críticas ao aumento do salário mínimo. Getúlio cederia às pressões demitindo Goulart. A 1º de maio, contudo, Vargas decretava o aumento de 100% do salário mínimo e sua revisão a cada três anos. Não era preciso mais nada. Para a UDN e os conservadores, Getúlio e sua equipe deviam ser destituídos. Pelo golpe, se necessário. Porém, o golpe final foi a madrugada de 5 de agosto de 1954, quando Carlos Lacerda voltava para sua residência, na rua Toneleiros, 180, Copacabana, em companhia de seu filho Sérgio e do major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz, este dirigindo o automóvel. Vinham de mais uma reunião antigetulista no Externato São José. Quando se despediam na porta, dois pistoleiros – que os esperavam de tocaia – começaram a atirar. Lacerda foi ferido levemente no pé, mas o major levou um tiro no peito. Morreu a caminho do hospital. Durante o ataque fora também ferido o guarda

municipal Sálvio Romeiro, que, tendo presenciado acidentalmente o atentado, além de acertar um tiro no táxi que escapava com um dos atacantes, anotara também a placa.

A presença do major Vaz junto com Lacerda não era casual. Tempos atrás, atraídos pela intensidade da apaixonada campanha contra Vargas movida por Lacerda, um grupo de oficiais udenistas da Aeronáutica se oferecera espontaneamente para protegê-lo. Mas quem eram, afinal, os atacantes que Lacerda acusava estarem a mando de Vargas? No dia seguinte, o motorista do táxi alvejado, Néelson Raimundo de Souza, apresentou-se à polícia com a incrível versão de que não conhecia os pistoleiros. Mas a bala que vitimara o major era calibre 45, privativo das Forças Armadas. Lacerda obteve, então, do brigadeiro Eduardo Gomes a abertura de um inquérito policial militar e a retirada das investigações das mãos da polícia. O coronel-aviador João Adil Oliveira foi encarregado de dirigir o IPM. Em apenas vinte e nove horas conseguiram prender o assassino: o motorista confessou que transportara Climério Eurides de Almeida, um dos duzentos membros da guarda presidencial, metade da qual formada por gaúchos. O segundo atacante foi reconhecido por Lacerda por meio de uma foto. No dia 17, após intensa busca, Climério foi preso, outro pistoleiro, identificado: João Alcino do Nascimento. O mandante era o próprio chefe da guarda: Gregório Fortunato, o Anjo Negro, fiel guarda-costa de Getúlio desde o Estado Novo. A partir dos acontecimentos, três alternativas se colocaram para Vargas: resistir até o fim, renunciar ou suicidar-se. A última foi a escolhida. E, em 24 de agosto de 1954, Vargas mata-se com um tiro no coração.

Juscelino Kubitschek, eleito em 1955, estabelece um governo que promete um novo “estilo”. Logo é apelidado de “presidente bossa-nova”, estilo musical que estourava na época e que propunha o rompimento com os velhos padrões.

Kubitschek tem como projeto populista (proposta de elevar o nível de vida da população, gerando oportunidades de emprego) a política desenvolvimentista. Esta fica evidente em seus discursos ao prometer “50 anos em cinco”. Como em todo governo populista, JK é um nacionalista, seu projeto de desenvolvimento prega a nacionalização, eliminando, teoricamente, as diferenças sociais.

Mesmo com a política populista que previa o desenvolvimento a qualquer custo, revistos à distância, os anos JK aparecem como um dos períodos mais ricos da produção cultural brasileira, num quadro de profundas mudanças de comportamento. Foram os anos de consolidação do cinema novo, surgido pouco antes e que consagraria diretores como Glauber Rocha (1938 – 1981), Nelson Pereira dos Santos (1928 - ) e Joaquim Pedro de Andrade (1932 – 1988). No teatro, desenvolveram-se os grupos Arena e Oficina que impulsionaram criadores como Augusto Boal(1931 - ), Gianfrancesco Guarnieri (1934 - ) e José Celso Martinez Correia (1937 - ). Durante o governo Kubitschek chegaram às livrarias obras clássicas como *Grande Sertão: Veredas* (1956) e *Corpo de Baile* (1956), de Guimarães Rosa (1908 – 1967), *Laços de Família* (1960), de Clarice Lispector(1911 – 1989), *O Encontro Marcado* (1956), de Fernando Sabino(1923 - ), *Dois Águas* (1956), de João Cabral de Melo Neto(1920 – 1999) e *A Casa Assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso (1913 – 1968). O panorama literário enriqueceu-se com o surgimento do concretismo. A vertente formalista da nova poesia foi constituída pelos concretistas, que em 1957, lançaram o seu manifesto no *Jornal do Brasil*, complementando-o no ano seguinte com o “Plano Piloto para Poesia Concreta”. Os principais representantes dessa corrente foram os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, José Lino Grünwald, Ferreira Gullar. Segundo os concretistas era possível fazer poesia fora das estruturas tradicionais da língua, usando palavras como objetos concretos. Assim, a sintaxe tradicional poderia ser

abolida e o aspecto das palavras (tamanho, forma da letra, cor) juntamente com o suporte (cor do papel, espaço gráfico) e o seu sentido ganhavam dimensão de “produtores de impacto poético.” (BOSI, 1970, p.523). Haroldo de Campos afirmaria que “a função da poesia concreta não é [...] desprover a palavra de sua carga de conteúdos, mas sim utilizar a carga como material de trabalho em pé de igualdade com os demais materiais.” (NOSSO SÉCULO, 1980, p.261).

Os estudos brasileiros foram alimentados com o lançamento de obras como *A Literatura no Brasil* (1955), de Afrânio Coutinho (1911 – 2000), *Formação da Literatura Brasileira* (1959), de Antônio Cândido *Visão do Paraíso* (1958), de Sérgio Buarque de Holanda, *Formação Econômica do Brasil* (1959), de Celso Furtado (1920 - ), *Os Donos do Poder* (1959), de Raymundo Faoro (1925 - ), e *Ordem e Progresso* (1959), de Gilberto Freire. No campo das artes plásticas, um passo importante foi a eclosão do movimento neoconcreto, tentativa de encontrar uma expressão nacional para o projeto construtivista internacional, a partir de um manifesto assinado, em março de 1959, por Amilcar de Castro (1920 – 2002), Ferreira Gullar (1930 - ), Lygia Clark (1920 – 1988), Lígia Pape (1929 – 2004) e Reinaldo Jardim (1926 - ). É desse período o grande *boom* da produção artística brasileira. Artistas como Iberê Camargo (1914 – 1995), Sérgio Camargo (1930 – 1990), Alfredo Volpi (1896 –1988)e Mira Schendel (1919 –1988) encontram sua maturidade. Na música popular, o período não poderia ter sido mais produtivo. Vinícius de Moraes (1913 – 1980), poeta consagrado, destaca-se como letrista, enriquecendo o movimento musical que era a bossa nova, surgida em 1958.

Desde 1937 (ano de criação do INL) houve um grande aumento do mercado de livros no Brasil. Isso se deu, segundo Sérgio Miceli (2001, p.147):

[...] em meio às novas condições resultantes da crise de 1929 e, mais adiante, em virtude da impossibilidade de continuar importando livros portugueses e franceses com o início da Segunda Guerra Mundial, afrouxam-se os laços da sujeição cultural.

As importações feitas anteriormente davam lugar às obras de produção interna. Segundo Miceli, a partir de 1942, para cada 2,5 livros de autores estrangeiros eram lançados em média 7,5 livros de autores nacionais. O INL, responsável pela editoração no Brasil, necessitava de um veículo que divulgasse os trabalhos desenvolvidos pelo Órgão. Devido ao liberalismo do governo de Kubitschek, isso foi possível, criando-se então a *Revista do Livro* em 1956. Uma revista já era reivindicada desde a criação do Instituto Nacional do Livro no governo Vargas, pois o INL necessitava de um veículo para sua divulgação.

Há, ainda, outro fator no qual o governo de Kubitschek investiria: a industrialização, que apesar de todo o discurso nacionalista, amplia o sistema capitalista e, conseqüentemente, a influência norte-americana sobre o Brasil. Interessava aos EUA a instalação de indústrias no Brasil, devido à mão de obra e matéria prima baratas, além de um mercado consumidor cobiçado pelas grandes potências mundiais.

Com a industrialização houve um grande avanço do parque gráfico no Brasil, o que permitiu um significativo desenvolvimento da imprensa:

O crescimento real do mercado do livro não didático só foi retomado quando o governo começou a interessar-se por essa indústria, e isso apenas se verificou com a ascensão à presidência da República, em 31 de janeiro de 1956, de Juscelino Kubitschek de Oliveira. (HALLEWEL, 1985, p.442).

Jânio da Silva Quadros assumiu a presidência em 31 de janeiro de 1961, herdando de Juscelino Kubitschek um país em acelerado processo de concentração de renda e

inflação. Muito embora a vice-presidência houvesse ficado para o PTB, com João Goulart, finalmente a UDN conseguia chegar ao poder. Isso foi conseguido graças ao estilo ímpar de Jânio, o chamado populismo caricato, uma vez que utilizava seus discursos e ações de forma a tornar-se atraente para o público. Passou a assemelhar-se à classe popular ao usar camisa esporte e manter seus cabelos sempre despenteados, com caspa nos ombros, além dos típicos sanduíches de mortadela que tirava do bolso e degustava em público, e o boné de condutor de bonde, atacava as elites com denúncias de corrupção e acenava em defesa das camadas oprimidas. Sua ligação com a UDN, entretanto, tornava seu discurso contraditório, já que era a representante das elites que ele atacava.

Uma vez empossado, Jânio tomou medidas um tanto controvertidas. A proibição de biquínis nas praias é o maior exemplo desses atos governamentais. No plano externo, exerceu uma política não alinhada. Apoiou Fidel Castro diante da tentativa fracassada de invasão da Baía dos Porcos pelos norte-americanos. Em 18 de agosto de 1961, condecorou o ministro da indústria de Cuba, “Che” Guevara, com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais alta comenda brasileira. Além disso, Jânio rompeu com o partido que o elegeu, a UDN, provocando enorme insatisfação.

Para derrotar a inflação, Jânio adotou uma política ditada pelo FMI (Fundo Monetário Internacional): restringiu o crédito e congelou os salários. Com isso, obteve novos empréstimos, mas desagradou ao movimento popular e aos empresários. No entanto, a inflação não foi controlada.

Pressões norte-americanas e da UDN provocaram freqüentes atritos entre o Presidente e o Congresso Nacional. No dia 24 de agosto de 1961, Carlos Lacerda, então Governador da Guanabara, denunciou pela televisão que Jânio Quadros estaria articulando um golpe de Estado. No dia seguinte, o Presidente surpreende a nação: em uma carta ao

Congresso, afirmando que estava sofrendo pressões de “forças terríveis”, renunciou à presidência. Quando da renúncia, o vice-presidente João Goulart estava fora do país, em visita oficial à China. O Presidente da Câmara, Ranieri Mazili, assumiu a presidência como interino, no mesmo dia, 25 de agosto. A UDN e a cúpula das Forças Armadas tentaram impedir a posse de Jango, por ele estar ligado ao movimento trabalhista. Os ministros da Guerra, Odílio Denys, da Marinha, o vice-almirante Silvio Heck e o da Aeronáutica, o brigadeiro Gabriel Grún Moss, pressionaram o Congresso para que considerasse vago o cargo de Presidente e convocasse novas eleições.

O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, encabeçou a resistência legalista, apoiado pela milícia estadual. Em seguida, criou a Cadeia da Legalidade: encampou a Rádio Guaíba, de Porto Alegre, e, transmitindo em tempo integral, mobilizou a população e as forças políticas para resistir ao golpe e para defender a Constituição. As principais emissoras do país aderiram à rede e a opinião pública respaldou a posição legalista. Em 28 de agosto de 1961, o general Machado Lopes, comandante do 3º Exército, sediado no Rio Grande do Sul, também declarou apoio a Jango. Em 2 de setembro, o problema foi contornado: o Congresso aprovou uma emenda à Constituição (Emenda nº 4) que instituiu o regime parlamentarista, no qual os poderes se concentravam primordialmente nas mãos do Primeiro-ministro, esvaziando os poderes presidenciais.

Jango tomou posse em 7 de setembro de 1961, sob o regime parlamentarista. Seu governo foi marcado pelo confronto entre diferentes políticas econômicas para o Brasil, conflitos sociais e greves urbanas e rurais. Seu governo é dividido em duas fases: Fase Parlamentarista (da posse em 1961 a janeiro de 1963) e a Fase Presidencialista (de janeiro de 1963 ao Golpe em 1964).

O parlamentarismo foi derrubado em janeiro de 1963: em plebiscito nacional, 80% dos eleitores optaram pela restauração do presidencialismo. Enquanto durou, o parlamentarismo teve três primeiros ministros, entre eles Tancredo Neves, que renunciou para candidatar-se ao governo de Minas Gerais.

Em 1961 a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria e o Pacto de Unidade e Ação, de caráter intersindical, convocaram greve reivindicando melhorias das condições de trabalho e a formação de um ministério nacionalista e democrático. Foi esse movimento que conquistou o 13º salário para os trabalhadores urbanos. Os trabalhadores rurais realizaram, no mesmo ano, o 1º Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, em Belo Horizonte. O Congresso exigiu reforma agrária e CLT (Consolidação das Leis de Trabalho) para os trabalhadores rurais. Em 1962, com a aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural muitas ligas camponesas se transformaram em sindicatos rurais.

João Goulart realizou um governo contraditório. Procurou estreitar as alianças com o movimento sindical e setores nacional-reformistas, mas paralelamente tentou implantar uma política de estabilização baseada na contenção salarial. Seu Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, elaborado pelo ministro do Planejamento Celso Furtado, tinha por objetivo manter as taxas de crescimento da economia e reduzir a inflação. Estas condições, exigidas pelo FMI (Fundo Monetário Internacional), seriam indispensáveis para obtenção de novos empréstimos, para a negociação da dívida externa e para a elevação do nível de investimento. O Plano Trienal também determinou a realização das chamadas reformas de base: reforma agrária, fiscal, educacional, bancária e eleitoral. Para o governo, elas eram necessárias ao desenvolvimento de um “capitalismo nacional” e “progressista”.

O anúncio dessas reformas aumentou a oposição ao governo e acentuou a polarização da sociedade brasileira. Jango perdeu rapidamente suas bases na burguesia. Para evitar o isolamento, reforçou as alianças com as correntes reformistas: aproximou-se de Leonel Brizola, então deputado federal pela Guanabara, de Miguel Arraes, governador de Pernambuco, da UNE (União Nacional dos Estudantes) e do Partido Comunista, que, embora na ilegalidade, mantinha forte atuação nos movimentos popular e sindical. O Plano Trienal foi abandonado em meados de 1963, mas o Presidente continuou a implementar medidas de caráter nacionalista: limitou a remessa de capital para o exterior, nacionalizou empresas de comunicação e decidiu rever as concessões para exploração de minérios. As retaliações estrangeiras foram rápidas: governo e empresas privadas norte-americanas cortaram crédito para o Brasil e interromperam a negociação da dívida externa.

No Congresso se forma a Frente Parlamentar Nacionalista, em apoio a Jango, e a Ação Democrática Parlamentar, que recebia ajuda financeira do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (I.B.A.D.), instituição mantida pela Embaixada dos Estados Unidos da América. Crescia a agitação política. A polarização entre a esquerda e a direita foi recrudescendo. Junto a Jango, estavam organizações como a UNE, a CGT e as Ligas Camponesas: no campo oposto, encontravam-se o IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) e a TFP (Tradição, Família e Propriedade).

A crise se precipitou no dia 13 de março de 1964, em razão da realização de um grande comício em frente à Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Perante 300 mil pessoas Jango decretou a nacionalização das refinarias privadas de petróleo e desapropriou, para reforma agrária, propriedades às margens das rodovias, ferrovias e zonas de irrigação

de açudes públicos. Paralelamente a tudo isso, cumpre assinalar que a economia encontrava-se extremamente desordenada.

Em 19 de março foi realizada, em São Paulo, a maior mobilização contra o governo: a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, organizada por grupos de direita, com influência dos setores conservadores da Igreja Católica. A manifestação, que reuniu cerca de 400 mil pessoas, forneceu apoio político para derrubar o Presidente. No dia 31 de março, iniciou-se o verdadeiro movimento para o golpe. No mesmo dia, tropas mineiras sob o comando do general Mourão Filho marcharam em direção ao Rio de Janeiro e Brasília. Depois de muita expectativa, os golpistas conseguiram a adesão do comandante do 2º Exército, General Amaury Kruel. Jango estava no Rio de Janeiro quando recebeu o manifesto do General Mourão Filho exigindo a sua renúncia. No dia 1º de abril parte para Brasília na tentativa de controlar a situação. Ao perceber que não conta com nenhum dispositivo militar e nem com apoio armado dos grupos que o sustentavam, abandona a capital e segue para Porto Alegre. Nesse mesmo dia, ainda com Jango no país, o Presidente do Senado, Auro de Moura Andrade, declarou vaga a Presidência da República. Ranieri Mazzilli, Presidente da Câmara dos Deputados ocupou o cargo interinamente. Exilado no Uruguai, Jango participou da articulação da Frente Ampla, um movimento da redemocratização do país, junto com seu ex-inimigo político, Carlos Lacerda, e com Juscelino Kubitschek. Mas a frente não logrou êxito.

Na década de 1960, no que concerne ao aspecto cultural, a literatura, por exemplo, estava num impasse. Nenhum dos novos escritores conseguira superar o impacto causado pela renovação introduzida por Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Contrapondo-se ao trabalho dos grandes mestres, bem como à obra de autores como Jorge Amado (1922 -

2001) e Érico Veríssimo(1905 – 1975), surge uma nova geração que criou a chamada “erupção inconformista”, mais ligada à cultura de massa. É a época em que profissionais de outras categorias, como os publicitários, começam a fazer literatura, exemplo de Ricardo Ramos (1929 – 1992) e Marcos Rey (1925- 1999). Outro autor que alcançou consagração foi Autran Dourado (1926 - ), ex-assessor de imprensa de JK, que publicou *Ópera dos Mortos* em 1967 e iniciou suas experiências de metaliteratura, fazendo crítica e criação ao mesmo tempo. Antônio Callado (1917 – 1997) tem a preocupação com uma literatura que retrate o seu tempo e no romance *Quarup* (1967) descreve o intelectual da cidade experimentando a realidade da selva. Seus personagens vão viver no Xingú e, no caminho, deparam-se com a repressão no nordeste nos primeiros anos do Regime Militar. É comum também nos anos de 1960 um tipo de literatura que o crítico Alfredo Bosi (1936 - ) chamou de “brutalista”, ou seja, que tem como tônica a abordagem da agressividade nas grandes cidades. Assim, os contos de Dalton Trevisan (1925 - ), passados em Curitiba, mostram as agruras da vida conjugal e as humilhações do homem de rua. Sempre seguindo esta temática, Trevisan lançou *Cemitério de Elefantes* (1964) e *O Vampiro de Curitiba* (1965). Outros exemplos de crítica social na literatura encontram-se nos livros de João Antônio (1937 – 1996) (*Malagueta, Perus e Bacanaço*, 1963) e de Marcos Rey (*Memórias de um Gigolô*, 1968), que revelam a vida marginal no submundo de São Paulo e Rubem Fonseca (1925 - ) (*A Coleira do Cão*, 1965 e *Lúcia McCartney*, 1965). Outro nome importante da época foi J.J.Veiga (1915- 1999) (*A Hora dos Ruminante*, 1966), mestre da alegoria e precursor do realismo fantástico no Brasil.

A crítica literária alcançou grande projeção na década de 1960, tendo surgido uma nova geração. O crescimento das classes médias urbanas e da população universitária, bem como o desenvolvimento do mercado editorial foram responsáveis pela grande procura de

análises e explicações sobre literatura. As vanguardas internacionais tornaram-se acessíveis através de estudos e traduções, como aconteceu com *Ulisses* de James Joyce (1882 – 1941), traduzido por Antônio Houaiss (1915 – 1999) e publicado pela Civilização Brasileira em 1966. Outro trabalho, no período, que deve ser destacado, é o de Otto Maria Carpeaux (1900 – 1978), *História da Literatura Ocidental*, publicada em sete volumes entre 1959 e 1965. A obra oferece uma visão sistemática das correntes literárias e divulga autores e livros até então desconhecidos no Brasil. A preocupação sociológica marca a produção de Antônio Cândido, que em 1965 publicou *Literatura e Sociedade*. Destaca-se ainda no período Eduardo Portela (1932 - ), marcado pelo Existencialismo com *Literatura e Realidade Nacional* (1963). Reunindo expoentes da crítica, como os já citados, o “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo* publicava ainda colaborações de Wilson Martins (1921 - ) (*Os Modernistas*, 1965), Anatol Rosenfeld (1912 – 1973) (*Texto/Contexto*, 1969), Boris Schnaiderman (1917 - ) (tradutor e divulgador da literatura russa) e Afonso Celso Ávila (1928 - ) (*Projeções do Mundo Barroco*, 1967).

Também na década de 1960, um tipo de literatura que provocou escândalo junto ao público, foi a literatura anticonvencional de Cassandra Rios (1932 – 2002) e Adelaide Carraro (1926 – 1992). Ainda assim mantinham um público fiel. Seus livros eróticos, que muitos consideravam pornográficos, arrebataram milhões de leitores apesar das perseguições da censura e do ataque da crítica. No final da década, entrava na décima edição o romance *Volúpia do Pecado* de Cassandra Rios, seu primeiro livro, seguido de outros, que têm o lesbianismo como temática central. Adelaide Carraro lançou-se em 1963, com o romance *Eu e o Governador*, resultado de suas experiências políticas quando fazia campanha para Jânio Quadros. Depois dele, publicou *Eu Mataria o Presidente*, *A Falência das Elites* e outros *best sellers*.

Outro movimento em voga na década, foi o “poema-praxis”. O movimento fundia formalismo e engajamento político. Enquanto os concretistas davam por encerrado o “ciclo do verso”, em 1962 um novo grupo surgiu para restaurar sua validade, lançando o “poema-praxis”, em que a idéia era mais importante que o jogo técnico formal. O marco inicial da “poesia-praxis” foi o lançamento em 1962, de *Lavra Lavra*, de Mário Chamie (1933 - ), principal teórico do grupo. O livro foi elaborado de forma que autor e leitor participassem da criação da obra.. Os poemas desse livro focalizam o universo físico, social e psicológico do trabalhador rural, traduzindo o automatismo de seu dia a dia. Além de Chamie, a revista do Grupo Praxis lançou poemas de Armando Freitas Filho (*Palavra*, 1963), Mauro Gama (1938 - ) (*Corpo Verbal*, 1964), Antônio Carlos Cabral (*Diário Cotidiano*, 1964), Yone Gianetti Fonseca (*A Fala e a Forma*, 1964) e Camargo Meyer (1941 - ) (*Cartilha*, 1964). O movimento visava a idéia original e a submissão do poema a uma análise contextual que enfocava o próprio ato de escrever. Aumentava cada vez mais a preocupação do movimento com a poesia como uma experiência global, envolvendo produção e consumo poético. Assim, a partir de uma base formalista inspirada nos concretistas da década de 1950, nascia uma experiência poética de conteúdo social. Obedecendo essa orientação, Mário Chamie publicou *Indústria*, quando lançou a escritura-leitura, denominada “Textor”: texto-autor-leitor. Embora o “poema-praxis” não tenha alcançado a mesma expansão da poesia concretista, ainda assim suas produções provocaram reflexos nas artes gráficas, na música e na publicidade. Os sistemas de narração e montagem baseados no movimento “praxis” foram transpostos para o cinema por Ana Carolina em 1969, com o filme *Indústria*, e por Paulo Rufino, com o filme *Lavra a Dor Lavra*.

As correntes acadêmicas que orientaram a produção universitária nos anos de 1960 cedem lugar a novas vertentes e métodos, que irão conduzir as ciências sociais e a crítica

literária na década seguinte. A intensa produção das universidades originária de teses de professores começa a ser publicada em livros e surgem nomes como: Walnice Nogueira Galvão, João Alexandre Barbosa (1937 - ), Davi Arrigucci Jr (1943 - ), M. V. Benevides , Miriam Goldfeder, Heloísa Buarque de Holanda (1939 - ), Roberto Schwarz (1938 - ), João Luiz Lafetá (1946 - 1996), Antônio Carlos Brito(1944 – 1987), Carlos Vogt (1943 - ); Benedito Nunes (1929 - ), José Guilherme Merquior (1941 – 1991), Silviano Santiago (1936 - ), Affonso Romano de Sant’Ana (1937 - ), Gilberto Mendonça Teles (1931 - ) e Luís Costa Lima (1937 - ).

O Regime Militar é instaurado pelo golpe militar de 31 de março de 1964 e se estende até a Redemocratização. O plano político é marcado pelo autoritarismo, supressão dos direitos constitucionais, perseguição policial e política, prisão e tortura dos opositores e pela imposição de censura prévia aos meios de comunicação. Na economia, há uma rápida diversificação e modernização da indústria e serviços, sustentada por mecanismos de concentração de renda, endividamento externo e abertura ao capital estrangeiro. A inflação é institucionalizada pelos mecanismos de correção monetária e passa a ser uma das formas de financiamento do Estado. Acentuam-se as desigualdades e injustiça sociais.

O governo militar passa a governar por meio de Atos Institucionais. Os Atos Institucionais são mecanismos adotados para legalizar ações políticas não previstas e mesmo contrárias à Constituição. De 1964 a 1978 são decretados 16 Atos Institucionais e complementares que transformam a Constituição de 1946 em uma colcha de retalhos. O AI-1 de 9 de abril de 1964, transfere o poder político definitivamente aos militares, pois o mesmo era exercido formalmente pelo presidente da Câmara Federal, Ranieri Mazzilli, suspendendo por dez anos os direitos políticos de centenas de pessoas, entre elas os ex-presidentes João Goulart e Jânio Quadros, governadores, parlamentares, líderes sindicais e

estudantís, intelectuais e funcionários públicos. As cassações de mandatos alteram a composição do Congresso e intimidam os parlamentares.

Em 11 de abril de 1964, o Congresso elege para presidente o chefe do Estado-maior do exercito, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Empossado em 15 de abril de 1964, governa até 15 de março de 1967. Usa atos institucionais e emendas constitucionais como instrumento de repressão: fecha associações civis, proíbe greves, intervém em sindicatos, cassa mandatos de políticos. Cria o Serviços Nacional de Informações (SNI). Em 27 de outubro de 1964 o congresso aprova a lei Suplicy, que extingue a UNE (União Nacional dos Estudantes) e as uniões estaduais de estudantes. O novo governo assina com os EUA o acordo MEC-Usaid com o objetivo de reestruturar a educação pública no país. Este acordo propunha tornar a universidade pública particular, colocando o ensino superior em bases rentáveis e eliminando a interferência estudantil na administração, tanto colegiada como gremial. Em 18 de outubro manda invadir e fechar a Universidade de Brasília pela polícia militar.

O marechal Arthur da Costa e Silva assume em 15 de março de 1967 e governa até 31 de agosto de 1969, quando é afastado do poder por motivos de saúde. Logo nos primeiros meses de governo enfrenta uma onda de protestos que se espalha por todo o país. O autoritarismo e a repressão recrudescem na mesma proporção em que a oposição se radicaliza. Costa e Silva cria a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). É de seu governo o AI-5, mais abrangente e autoritário de todos os atos institucionais, na prática, revoga os dispositivos da Constituição de 1967, que substituiu a de 1946. Reforça os poderes do regime e concede ao Executivo o direito de determinar medidas repressivas específicas, como decretar o recesso do Congresso, das assembléias legislativas estaduais e das câmaras municipais. O governo

pode censurar os meios de comunicação, eliminar garantias de estabilidade do Poder Judiciário e suspender a aplicação do *habeas corpus* em casos de crimes políticos. O ato ainda cassa mandatos, suspende direitos políticos e cerceia direitos individuais. Em seguida ao AI-5, o governo Costa e Silva decretou outros doze atos institucionais e complementares, que passam a constituir o núcleo da legislação do regime. O AI-5 é revogado pela emenda nº 11, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1979.

Costa e Silva foi substituído por uma junta militar composta pelos ministros da Marinha, Augusto Rademaker; do Exército, Lyra Tavares; e da Aeronáutica, Márcio de Sousa e Melo. Governa por dois meses – de 31 de agosto de 1969 até 30 de outubro de 1969. Em 9 de setembro, decreta , entre outras medidas, o AI-14, que institui a prisão perpétua e a pena de morte em casos de “guerra revolucionária e subversiva” e impõe nova lei de segurança nacional. Decretou a abertura do Congresso, após dez meses de recesso.

Emílio Garrastazu Medici assume a Presidência em 30 de outubro de 1969 e governa até 15 de março de 1974. Seu governo fica conhecido como “os anos negros da ditadura”. O movimento estudantil, sindical e as oposições estão contidos e silenciados pela repressão policial. O fechamento dos canais de participação política leva uma parcela da esquerda a optar pela luta armada e pela guerrilha urbana. O governo responde com mais repressão. Lança também uma ampla campanha publicitária com o slogan ‘Brasil, ame-o ou deixe-o’. O endurecimento político é respaldado pelo chamado “milagre econômico”: crescimento do PIB, diversificação das atividades produtivas, concentração de renda e o surgimento de uma nova classe média com alto poder aquisitivo.

O general Ernesto Geisel assume a Presidência em 15 de março de 1974 e governa até março de 1979. Enfrenta dificuldades econômicas que anunciam o fim do “milagre econômico” e ameaçam o Regime Militar. O “milagre econômico” é a denominação dada

ao crescimento econômico ocorrido entre 1968 e 1973. Ao lado da euforia da classe média, que teve o poder aquisitivo ampliado naquele momento, existia um outro país, que não usufruía desse crescimento econômico. No final de 1973 a dívida externa contraída para financiar as obras faraônicas do governo atinge US\$ 9,5 bilhões. A inflação chega a 34,5% em 1974 e acentua a corrosão dos salários. A crise internacional do petróleo desencadeada em 1973 afeta o desenvolvimento industrial e aumenta o desemprego. Diante desse quadro, Geisel propõe um projeto de abertura política “lenta, gradual e segura”. Mas ainda cassa mandatos e direitos políticos. Devido ao expressivo crescimento das oposições nas eleições parlamentares de 1974, promulga a Lei Falcão, que impede o debate político nos meios de comunicação, em 24 de julho de 1976.

João Baptista Figueiredo assume a Presidência em 15 de março de 1979 e governa até 15 de março de 1985. O crescimento das oposições nas eleições de 1978 acelera o processo de abertura política. Em 28 de agosto de 1979 é aprovada a Lei de Anistia. No mesmo ano, em 22 de novembro, é aprovada a Lei Orgânica dos Partidos, que extingue a Arena e o MDB e restabelece o pluripartidarismo no país. Cresce também a mobilização popular por eleições diretas para cargos executivos. Em 13 de novembro de 1980 é aprovada uma emenda constitucional que restabelece as eleições diretas para governadores e acaba com os senadores biônicos, respeitando os mandatos em curso.

## 1.2 - A Imprensa no Brasil

Wilson Martins descreve em *A Palavra Escrita* as controvérsias quanto à instalação da imprensa no Brasil. Segundo Sérgio D. T. de Macedo coube aos holandeses a instalação da primeira tipografia no Brasil: “Aos holandeses se deve, ainda, a primeira tipografia

instalada no Brasil, aí por volta de 1630 a 1640, de propriedade de um tal Brée, segundo refere Vasconcelos em sua *Selecta Brasiliense*.” (apud Martins, 1996, p.299). A tese é corroborada por Melo Moraes em *Corografia do Brasil*, baseada em estudos de Alfredo de Carvalho, citados por José Gonsalves de Melo, Neto, porém sem maiores esclarecimento que viessem comprovar tal fato. Januário da Cunha Barbosa afirma em *Tempo dos Flamengos* ser “errônea suposição a idéia de que tivesse existido em Pernambuco, alguma tipografia.( Apud MARTINS, 1996, p. 300). Continuando Martins afirma que Alfredo de Carvalho cita na *Revista do IHGB* de 1908 que várias publicações dão conta de que os holandeses tenham efetivamente tentado instalar tipografias em Pernambuco, um tipógrafo foi encarregado do trabalho de impressão em Recife, mas morre em 3 de agosto de 1643, antes de iniciar o seu trabalho. A dificuldade de encontrar outro tipógrafo que se dispusesse a vir ao Brasil ou simplesmente a falta de interesse comercial teria desestimulado os holandeses, mesmo porque nesta época já havia uma pressão militar para expulsá-los do país. Entretanto, tem-se notícia de haver existido imprensa no Recife em 1706, segundo consta dos *Anais de Pernambuco* do historiador Francisco Augusto Pereira da Costa: uma tipografia se limitava a imprimir letras de câmbio e panfletos religiosos. Para tal afirmação, Januário da Cunha Barbosa, se apoia nos estudos de Antônio Joaquim de Melo (*Biografias de alguns poetas e homens ilustres da província de Pernambuco*) e de Pereira da Costa (*Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*):

(...) em 1706, estabeleceu-se uma tipografia no Recife, que começou por imprimir letras de câmbio e breves orações devotas, mas desapareceu logo, por ter a ordem régia de 8 de julho do mesmo ano recomendado ao governador de Pernambuco que mandasse seqüestrar as letras impressas e notificar os donos delas e oficiais da tipografia, e que não consentisse que imprimissem livros, nem papéis alguns anexos. (MARTINS, 1996, p. 300).

Muniz Tavares confirma a teoria:

Até a transferência da corte para o Rio de Janeiro, a metrópole nunca quis consentir no estabelecimento de tipografias coloniais. Os tímidos ensaios de imprensa que tiveram lugar em Pernambuco e no Rio de Janeiro no decorrer do século XVIII, cerca de 1706 e em 1752 respectivamente, foram suprimidos, seqüestrando-se o material e sendo ameaçados de prisão os impressores. (TAVARES apud MARTINS, 1996, p. 299).

Gilberto Freyre (1900- 1987) afirma ter encontrado documentos em que constam que “a primeira coisa impressa em nosso país, nos seus dias coloniais, não foi nem jornal nem livro, mas um baralho de cartas de jogo”. (FREIRE apud MARTINS, 1996, p.306). Sérgio Buarque de Holanda afirma ser 1747 a data de instalação da primeira tipografia no Rio de Janeiro e que pertencia a Antônio Isidoro da Fonseca, porém não descarta uma instalação anterior:

Foi essa, ao que se sabe, a primeira oficina de impressão instalada no Brasil. Recentemente, compulsando documentos inéditos da Companhia de Jesus, pôde apurar entretanto Serafim Leite que, entre os livros da biblioteca do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, havia “alguns impressos por volta de 1724. (HOLANDA, 1948, p.175-6).

Pedro Júlio Barbuda e Artur Mota confirmam a hipótese de Sérgio Buarque de Holanda. O ano de 1752 é outra data que se tem notícia da instalação da primeira tipografia no Brasil pela Academia dos Seletos. Segundo Ribeiro dos Santos: “Mas durou pouco esta tipografia, porque, por ordem da metrópole, foi destruída e queimada para que se não propagassem por este meio idéias contrárias ao regime colonial”. (Apud MARTINS, 1996, p.299)

A chegada de D. João VI propicia a instalação da Imprensa Oficial no Brasil, com a assinatura em 13 de maio de 1808 do decreto que criou a imprensa Régia:

Tendo-me constado que os prelos que se acham nesta Capital eram os destinados para a Secretaria de Estado [dos Negócios] Estrangeiros e da Guerra e atendendo à necessidade que há da oficina de impressão nestes meus Estados: Sou servido que a casa onde se estabeleceram, sirva interinamente de “Impressão Régia”, onde se imprimam exclusivamente toda a Legislação de Papeis Diplomáticos que emanarem de qualquer Repartição do Meu Real Serviço; e se possa imprimir todas e quaisquer outras obras, ficando inteiramente pertencendo o seu governo e administração à mesma Secretaria. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, o tenha assim entendido; e procurará dar ao emprego da Oficina a maior extensão e lhe dará todas as Instruções e Ordens necessárias; e participará a este respeito a todas as Estações o que mais convier ao Meu Real Serviço. Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1808. – Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor. (MARTINS, 1996, p. 306-7)

A instalação da imprensa oficial no Brasil não significou a liberdade de expressão, ao contrário, a oficialidade serviu para cerceá-la, segundo Moreira de Azevedo:

quem desejava imprimir qualquer manuscrito apresentava-o antes com um requerimento à junta diretora, e só depois do despacho é que podia imprimi-lo; se o manuscrito dizia respeito à religião, à legislação ou à política, era a junta autorizada a mandá-lo rever por pessoas de profissão competente, dirigindo-lhes para este efeito ofício em nome de Sua Alteza Real. E exigindo seu juízo e aprovação por escrito, à vista da qual se mandava imprimir com as correções necessárias, precedendo licença da Secretaria de Estado. (apud MARTINS, 1996, p. 309)

Todo este rigor não impedia a chegada ao Brasil de jornais e livros considerados subversivos. O *Correio Brasiliense* impresso na Inglaterra com suas idéias liberalizantes, era fartamente lido aqui. As traduções de obras publicadas pela imprensa régia criam uma nova mentalidade no Brasil, pois dentre obras de pouca significação, editais, sermões etc, também imprimiu obras de grande valor, que iniciaram a vida intelectual brasileira. Dentre essas obras predominavam livros de ciências, de economia política e de direito:

As “novas idéias” faziam a sua entrada no Brasil por um inesperado viés, e o liberalismo econômico achava meio de se conciliar perfeitamente com o absolutismo político, fato que, aliás, nada tem de extraordinário. Sente-se, igualmente, a situação de um país desprovidos de livros fundamentais e que traduz à toda pressa os tratados de química, de medicina, de óptica, de matemática... A Imprensa Régia facilita, dessa maneira, com suas várias edições aparentemente anódinas, a mudança do clima intelectual. Ela prepara, sem o saber tal como fizera D. João VI, a independência do Brasil. (MARTINS, 1996, p. 311)

O simples fato de existir uma tipografia no Brasil já proporciona a idéia de liberdade. A partir da instalação da primeira oficina, outras vieram. Na Bahia a primeira data de 1811, em Pernambuco 1815, no Maranhão 1821. Em 1821 foram montadas duas novas tipografias no Rio de Janeiro, em 1822 mais quatro. São Paulo teve a sua em 1827, portanto, somente cinco anos após a independência:

[...] com todas suas presenças e uma porção de letras suficientes para sua laboração para ser enviado tudo a São Paulo, por mar, e que ao mesmo tempo fossem contratados dois hábeis oficiais, um de composição e outro de impressão, com declaração dos ordenados que deveriam vencer atentas circunstâncias da província para onde deveriam seguir... [O prelo] foi realmente encaixotado e contratados os tipógrafos, tendo sido todas essas providências aprovadas pelo governo imperial, o qual, por ofício de 25 de fevereiro de 1823, confirmava a ordem de remessa do material tipográfico que ficaria aguardando, apenas, o “aviso de embarque” que jamais chegou. E, poucos meses depois, por ordem do ministro da Fazenda, anulando a autorização de remessa do prelo, foi o mesmo desencaixotado para servir à futura Assembléia Legislativa. (MARTINS, 1996, p.312-3)

Segundo Werneck Sodré, outro fator que impedia a entrada do livro no Brasil seria os resquícios da inquisição em Portugal. A perseguição que vitimou grande parte dos intelectuais portugueses acarreta ao livro a pecha de maldito: “De sorte que o livro, e a técnica de fazê-lo, assumiram ali, pouco depois do início da existência histórica brasileira, o aspecto herético que atraía maldição e condenações”. (SODRÉ, 1983, p.9)

Em Portugal, os livros estavam sujeitos a três tipos de censura: à Episcopal ou do Ordinário, à Inquisição e à Régia

[...] exercida pelo Desembargo do Paço, desde 1576, cuja superioridade firmava-se nas Ordenações Filipinas, que proibiam a impressão de qualquer obra “sem primeiro ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, depois vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição”. A partir de 1624, os livros dependiam das autoridades civís para serem impressos, isto é, das autoridades reconhecidas pelo Estado, dentre as quais para este fim, estavam as da igreja; mas dependiam ainda, para circular, da Cúria romana. (SODRÉ, 1983, p. 9-10)

Se a metrópole portuguesa enfrentava todos estes trâmites, pode-se imaginar as conseqüências que as medidas impuseram para o Brasil colônia.

O conhecimento dos seres humanos sempre teve uma forte influência de crenças e dogmas religiosos e no Brasil colônia, a igreja serviu de marco referencial para praticamente todas as idéias discutidas na época. A população não participava do saber, já que os documentos para consulta estavam em posse das ordens religiosas. O monopólio da igreja em relação ao livro é quebrado pelo Marquês de Pombal em 1768 substituindo o regime anterior pelo da Real Mesa Censória, regime que vigorou até 1787.

Werneck Sodré aponta outra dificuldade de se implantar a tipografia no Brasil:

Os portugueses encontraram, no litoral americano do Atlântico, comunidades primitivas, na fase cultural da pedra lascada, que não puderam aproveitar para o trabalho, pela impossibilidade em fazê-lo, nas grandes empresas que montaram, e que destruíram, física e culturalmente, nas áreas em que levantaram aquelas empresas, as que lhes permitiram dar estabilidade e continuidade à ocupação. Nessas áreas, preponderou a destruição física; nas áreas secundárias, em que o trabalho indígena foi aproveitado, preponderou a destruição cultural, em que foi instrumento a catequese jesuíta. Haveria alguma ilusão, no que diz respeito à inanidade dos resultados do destino aos curumins, nas escolas de ler escrever e contar? Não, certamente. Mais importante do que alfabetizar as crianças indígenas – e alfabetizar para quê? – era destruir nelas sua cultura.(SODRÉ, 1983, p. 10-1)

Enquanto que nas colônias espanholas, a situação é inversa:

A situação da zona espanhola foi inteiramente diversa: os europeus que ocuparam as suas áreas nela encontraram culturas avançadas que inclusive, conheciam a mineração e aproveitavam materiais preciosos. Eles eram preciosos, para os astecas e incas, não pelos mesmos motivos que fascinavam os europeus da fase mercantil, mas por outros, intimamente ligados à cultura que tais povos conheciam. Não se tratava de comunidades primitivas, na idade da pedra lascada, como no Brasil, mas de culturas já em nível adiantado de complexidade. Essas culturas precisavam ser destruídas e substituídas, sob pena de graves riscos para a ocupação [...]. (SODRÉ, 1983, p.11)

A imprensa foi, assim, introduzida nos territórios sob dominação hispânica no início do processo de colonização, já que havia necessidade da impressão de material que pudesse impor a essas colônias a cultura européia.

No Brasil, durante o Império as classes dominantes vinham das lavouras de café. Era uma atividade em franca expansão com as exportações do produto. Este avanço se dava principalmente pela grande demanda de escravos provenientes da mineração decadente. O tráfico negreiro recebeu um grande impulso e o setor cafeeiro absorvia esta grande mão de obra. Os estadistas, as figuras eminentes da vida pública, vinham desses latifúndios. Com o desenvolvimento cafeeiro e do tráfico, o predomínio da Corte torna-se absoluto. Os latifundiários oriundos da província do Rio de Janeiro começam a ter grande poder. Para esse grupo a imprensa deveria estar em suas mãos, deveria servi-lo e deveria contribuir para a consolidação da estrutura escravista e feudal, base do latifúndio. E não admitia resistência. A figura representativa vem a ser Justiniano José da Rocha (1812 – 1855), personagem de destaque da imprensa áulica do período. e portanto porta-voz da situação. Apareceu assim, *O Brasil* dirigido por Justiniano José da Rocha e Firmino Rodrigues da

Silva, jornal que circulou até 1852. Justiniano esteve também ligado a *O Novo Brasil*, *Correio do Brasil*, *O Constitucional*, *O Regenerador*, e participou da *Revista Popular*. Em 1861, colaborou com a *Revista do Instituto Científico*, de São Paulo. Justiniano José da Rocha exemplificou não apenas o jornalismo áulico, mas também a estreita relação entre imprensa e literatura, que se firmava e que predomina até os nossos dias. Naquela época não havia espaço nos jornais para a literatura. Esta ficava relegada às revistas especializadas. Havia uma imprensa política e uma imprensa literária.

Quando a imprensa política começou a declinar por conta da subserviência ao latifúndio, começou a fundir-se com a literária. São desse tempo: a revista *Niterói*, redigida em Paris, em 1836, a *Minerva Brasiliense*, que circulou na Corte, entre 1843 e 1845, a *Guanabara*, de 1852 a 1856. Outras menos importantes foram: *Iris* (1848-1849), *Beija-Flor* (1849-1852), *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano* (1850-1861), *Revista do Instituto Científico* (1860-1864), *Revista Popular* (1859-1862). Era a época da consolidação do Romantismo brasileiro, época de escritores como: Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811 – 1882), Manuel de Araújo Porto Alegre (1806 – 1879), Francisco Adolfo Varnhagen (1816 – 1878), Francisco Salles Torres Homem (1822 – 1876), Luís Carlos Martins Pena (1815 – 1848), Joaquim Manuel de Macedo (1820 – 1882), Antônio Gonçalves Dias (1823 – 1864), Santiago Nunes Ribeiro (? – 1847), Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820 – 1891), Alexandre José de Melo Moraes (1816 – 1882), João Manuel Pereira da Silva (1817 – 1898), Inácio Acioli de Barros (1848 – 1879), José Inácio de Abreu e Lima (1796 – 1869), Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1825 – 1876) e outros.

As atividades jornalísticas não ficaram restritas somente à Corte. Nas províncias houve uma grande efervescência. No Maranhão, João Francisco Lisboa (1812 – 1836), que já no período da imprensa política fundara em 1832 *O Brasileiro*, colaborou em vários

outros periódicos: *Farol Maranhense*, em 1834, *Eco do Norte*, em 1838, *Crônica Maranhense*, em 1842. Ele é o exemplo típico de jornalista e escritor, pois tanto se destacou na imprensa política como na literária. De acordo com Sílvio Romero (1851 – 1914):

No Brasil, mais ainda do que noutros países, a *literatura* conduz ao *jornalismo* e este à *política* que, no regime parlamentar e até no simplesmente representativo, exige que seus adeptos sejam *oradores*. Quase sempre as quatro qualidades andam juntas: *jornalista é orador e é político*. (ROMERO apud SODRÉ, 1983, p. 184).

Nas províncias mais distantes proliferavam jornais e pasquins, que na ânsia de mudanças, chegaram ao limite de pregar a República. Obviamente foram logo contidos. Império e latifúndio que tinham se consorciado em 1840, criam um clima que não encontrou resistência. A força do Império estava consolidada e firme, porém as sementes das mudanças já estavam plantadas, mesmo que despercebidas e passaram a germinar após a guerra do Paraguai. A extinção do tráfico negreiro no início da Segunda metade do século XIX já era um forte sinal dessas mudanças. Porém isso não abala as instituições, pois o setor cafeeiro no qual se assentava a economia imperial permanecia em ascensão ao vencer a crise dos preços do café. A partir desse evento, o país passou a experimentar grande modernização, advinda dos capitais antes empregados no tráfico:

[...] começam aparecer as ferrovias, enquanto a navegação a vapor encurta as distâncias marítimas e permite aumentar o volume das trocas com o exterior e entre as províncias. Pouco depois, é o cabo submarino que liberta a informação externa da subordinação dos paquetes, e o telégrafo une progressivamente as zonas mais próximas do centro. Ao mesmo passo, desenvolve-se o comércio, a organização bancária e até a indústria, permitindo o aparecimento de uma figura como o Mauá, com as suas iniciativas variadas, que parecem audaciosas aos contemporâneos. (SODRÉ, 1983, p.186)

A sociedade foi sofrendo transformações, principalmente nas áreas urbanas e aos poucos emancipando-se das oligarquias rurais. Estas mudanças se fizeram sentir até mesmo em relação às mulheres: Joana Manso de Noronha fundou em 1852 no Rio de Janeiro, o *Jornal das Senhoras*.

O Rio de Janeiro crescia em consequência do comércio e em virtude de abrigar órgãos políticos e administrativos do governo. Em São Paulo, a grande concentração de estudantes faz com que as exigências culturais comecem a se desenvolver. Havia em São Paulo três tipografias: a Dois de Dezembro, a Literária e a Imparcial, que imprimiam três jornais e duas revistas. Outras tipografias e outros jornais viriam depois: *Correio Paulistano*, *Clarim Saquarema*, *O Meteoro* e *O Ipiranga*. Na Corte, os graves problemas políticos que já se anteviam, trouxeram profunda estagnação para a cidade. O órgão que representou esta época foi o *Jornal do Comércio*. Nelson Werneck Sodré cita a análise sobre o jornal feita pelo jornalista Alcindo Guanabara(1865 – 1918):

O decênio da maioridade adianta-se para nós ululante e temeroso. O *Jornal do Comércio* percorreu-o todo, mantendo uma serenidade que seria talvez singular em tão agitada época: haveis de encontrar, em suas páginas, todos os fatos, mas não percebereis nelas nenhum eco do muito que se dizia e que se transformava, nessa luta memorável, sob a influência da qual vacilou o Império. Esse alheamento das paixões em convulsão, essa intolerável tranqüilidade, num meio tão agitado, valeram ao *Jornal do Comércio* a força e o prestígio com que, no princípio do segundo reinado, ele agia e reagia sobre a sociedade, prestígio que cresceu e acentuou-se de tal arte que a expressão quarto poder lhe era aplicável com absoluta justiça. Nesse trecho da vida é com verdade que se pode dizer que a história do *Jornal do Comércio* se funde com a do reinado. Evocá-la é evocar a série de vultos que brilham na nossa política, nas nossas letras, nas nossas artes, todos os quais ou de lá saíram, ou lhe deveram a consagração do triunfo. Os grandes nomes acotovelam-se. Justiniano José da Rocha, o maior dos jornalistas brasileiros; o visconde de Jequitinhonha, o visconde de Araguaia. Porto Alegre, Rio Branco, Otaviano – que eu sei – todos os grandes nomes e todos os grandes espíritos fulguram nesses quarenta anos, emergem agora das coleções infinitas do *Jornal do Comércio* e desfilam diante dos olhos, nimbados daquela glória que os nossos sufrágios e nossos aplausos lhe concedem e reconhecem. A ação do *Jornal do Comércio* afirma-se então intensa e eficaz, no terreno político, como no literário e artístico. Como sempre,

o *Jornal do Comércio* não é partidário, mas pesa deliberadamente na concha das instituições. É conservador, nesse sentido; é moderado, em todos os sentidos. Como sempre, não encontrareis, em sua páginas ecos dos clamores partidários; mas acompanhareis, com mais detalhes, recebendo, talvez, impressões mais nítidas, os fatos que nos constituem a vida. Essa foi a época de nossa vida política. O solo que tremia ainda em 1827, por efeito do fragor da Independência, estava consolidado. Bernardo Pereira de Vasconcelos constituíra solidamente o partido conservador. Estabelecera-se a ordem, implantara-se a liberdade. Cessados os apelos à força a nação não caiu num silêncio mais deprimente do que a desordem. (SODRÉ, 1983, p.189-190)

A análise de Alcindo Guanabara vem confirmar a tendência conservadora do *Jornal do Comércio*, o que era costumeiro até então na imprensa brasileira. Contrariando esta tendência surge, na Corte, o *Correio Mercantil*, que além de assumir uma postura político-partidária era, talvez por isso mesmo, mais vibrante, e logo se tornou muito popular. Foi fundado por Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto (1800- 1885), que passou a direção ao seu genro, Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825 – 1884)). No jornal reuniram-se grandes intelectuais da época, como Manuel Antônio de Almeida (1831 – 1861), que publicou em forma de folhetim, entre 1852 e 1853, o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, sob o pseudônimo de Um Brasileiro. Em 1854, Francisco Otaviano traz para o jornal, José de Alencar (1829 – 1877), que passa a escrever crônicas que refletem toda a mudança por que passa o país. Em meados da segunda metade do século XIX, surgem no país jornais e revistas das mais variadas tendências. “Era, realmente, a época dos homens de letras fazendo imprensa.” (SODRÉ. 1983, p.192)

Estreava em 1855, em *A Marmota*, o jovem Machado de Assis (1839 – 1908), que com apenas 16 anos, fora levado por Paula Brito, para trabalhar no jornal

A agitação dominava o país com a estagnação da política imperial e com o final da guerra do Paraguai. O jornal *Opinião Liberal* publica em 1867:

Foi resolvido em conselho de Ministros a desapropriação de 30.000 escravos para formarem um exército libertador do Paraguai. Fechadas as Câmaras, meter-se-ão à obra, com urgência que o caso exige. Com tal exército, espera-se o governo salvar a honra do país e desagrava-lo das ofensas recebidas [...]. (SODRÉ, 1983, p.201).

Os jornais passam a criticar abertamente o governo. O recrutamento para a guerra do Paraguai feria a propriedade, pois a alforria desses escravos foi o maior gasto com a guerra e a substituição da mão de obra nas lavouras era difícil. Nesse processo estava o estímulo para a abolição da escravatura, o que aconteceu realmente logo ao final da guerra. Outro jornal que combatia abertamente o governo era, *A Reforma* surgido em 12 de maio de 1862. *A Reforma* defendia um programa liberal: reforma eleitoral, reforma judiciária, abolição do recrutamento e da Guarda Nacional, abolição da escravatura. E seu lema era: Ou a reforma ou a revolução.

As inovações tecnológicas permitem o advento da ilustração, portanto a caricatura passa a ser muito usada pelos jornais da época. Essa nova condição possibilita a crítica a partir do humor. Entre os precursores do humorismo impresso podemos citar: *O Corcundão* (1831); *O Martelo* e *o Segarrega* (1832); *O Cabrito*, *O Burro Magro*, *O Esbarra* e *a Marmota* (1833); *A Mutuca Picante* (1834); *O Belchior Político* (1844); *O Sino da Lampadosa*, *A Sineta da Misericórdia*, *O Sino dos Barbadinhos*, *O Carranca* e *o Cascalho* (1849); *O Fantasma* (1850); *A Caricatura*, *O Bodoque Mágico* e *O Martinho* (1851); *O Boticário* (1852); *O Azorrague* (1855); *A Carapuça* (1857); *O Heráclito* (1867); *A Abelha* (1873). Na linha de jornais humorísticos que fizeram da caricatura arma de contestação estão *o Diabo Coxo* e *O Cabrião*. *O Diabo Coxo* circulou em São Paulo de 1864 a 1865, é considerado o decano da imprensa de humor, pois foi o primeiro a ter grande penetração nas camadas mais populares, pois as imagens, naquela época, estavam restritas às classes

mais abastadas. Foi fundado pelo italiano Ângelo Agostini (1843 – 1910). Em 1866, após o encerramento do *Diabo Coxo*, o mesmo Agostini fundou *O Cabrião*, que, ligado aos liberais, criticava abertamente a imprensa conservadora e o clero, símbolos das oligarquias.

Em 3 de dezembro de 1870, começou a circular na Corte *A Republica*, órgão do Partido Republicano Brasileiro, que criticava abertamente o Império. Foi empastelada em 1873. Paralelamente surgiram vários outros jornais. A idéia republicana amplia-se progressivamente e ganha apoio das camadas cultas do país: estudantes, padres, militares e intelectuais. É também o período das revistas literárias, em que passaram a escrever grandes nomes que fizeram a história literária brasileira. São desta fase a *Minerva Brasiliense*, *Guanabara* e a *Revista Brasileira*, entre tantas outras. Não é mera coincidência esta convivência entre política e literatura:

[...] O desenvolvimento das letras, no Brasil, acelerara-se com a fundação dos cursos jurídicos, com o início das atividades públicas, de governo, de administração, de legislação, com o surto da imprensa. A cultura haurida de livros e transmitida pela palavra escrita ou falada, passara a encontrar espaço na vida brasileira, desde a autonomia e a estruturação do aparelho de Estado. As academias eram as antecâmaras do Parlamento. (SODRÉ, 1983, p.241).

Depois da Abolição da Escravatura os jornais republicanos não arrefeceram, pelo contrário, tornaram-se mais intensos. Apesar da onda de violência para conter a propaganda republicana, nada mais podia ser feito. Deu-se a República.

A mudança de regime não alterou o desenvolvimento da imprensa no país. Os jornais republicanos continuaram com a mesma força que tiveram no Império. Os monarquistas continuavam a fazer oposição com maior combatividade. Pequenos jornais, de curta duração, apareceram causando alguma agitação, para logo desaparecerem. Em 1891, surgiu o *Jornal do Brasil*. Grandes nomes das letras foram chamados para colaborar

em jornais: Salvador de Mendonça (1841 – 1913), Rui Barbosa (1849 – 1923), e o que se tornou uma figura importante do periodismo da época, Quintino Bocaiúva (1836 – 1912). A imprensa começou a ter uma visão mais empresarial, vivendo principalmente de publicidade, e tentando penetração em todos os meios sociais, com isso aumentando o preço da publicidade. Os anúncios passam a ter maior importância que a redação. Os dois maiores jornais brasileiros, o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*, pelo grande número de anúncios, se vêem obrigados a criar um suplemento. Os jornais já não tinham mais cor política, tanto que criaram colunas pagas nas quais era possível fazer ataques a pessoas públicas ou privadas e instituições, não raro a própria polícia usava desse artifício. Existiam jornais de partidos, porém esses eram lidos somente se quem os apoiava estava em evidência.

A imprensa não estava livre de alguns percalços. A *Tribuna* surgido em 1890, sob a direção de Antônio Medeiros, passou a publicar violentos artigos criticando o marechal Deodoro. A resposta veio rapidamente e em 29 de novembro de 1890 o jornal foi depredado. O protesto foi imediato com a união de toda a imprensa do Rio de Janeiro contra tal arbitrariedade. A partir desse episódio, a imprensa deixa de lado a imparcialidade. Em 1890, um grupo liderado por Rodolfo Dantas, simpatizante do antigo regime, funda o *Jornal do Brasil*. Fizeram parte do redação do jornal: Gusmão Libo, Sousa Ferreira, Antônio de Sousa Pinto, José Veríssimo (1857 – 1916), Said Ali, Ulisses Viana, Pedro Veloso Filho, além de Joaquim Nabuco (1849 – 1910), como correspondente em Londres.

Joaquim Nabuco voltou da Europa em 1879 e assumiu a chefia de redação do *Jornal do Brasil*. Combateu ferozmente o regime republicano nos artigos: *Ilusões Republicanas* e *Outras Ilusões Republicanas*, que despertaram grandes polêmicas. Com a morte de D. Pedro II, em Paris, a campanha monarquista toma fôlego. No dia 16 de

dezembro de 1891, a redação é invadida por uma multidão aos gritos: “Mata! Mata! Nabuco.” (SODRÉ, 1983, p.259). O jornal é depredado. O governo se nega a garantir a vida de jornalistas monarquistas.

No pano de fundo do tumultuado período estava a falta de consciência da sociedade brasileira em relação às mudanças que aconteceram no país. Os antigos latifundiários, contrários à monarquia, pretendiam continuar a ter na República o domínio do aparelho de Estado e, portanto, preservar os seus interesses. Poucos, como Rui Barbosa, exigiam leis fortes que se fizessem respeitar, sendo, porém, vozes vãs nesse estado de coisas. Existia uma nova constituição, mas essa somente servia às camadas mais privilegiadas. Não havia organização do proletariado. No campo vivia-se situação análoga à escravidão. Uma burguesia fraca via no regime alternativas em benefício próprio. Uma parte dos republicanos se aliou a Floriano Peixoto, vice-presidente, que assumira após a renúncia do marechal Deodoro. Peixoto empolgara parte dos militares e dos intelectuais. A imprensa refletia a situação. Sua ascensão despertou atritos. O *Jornal do Brasil* era acusado de não protestar contra algumas arbitrariedades. O jornal alegou que por ser pequeno não tinha a possibilidade de independência e também não era transitório, pois pretendia se estabelecer como grande veículo de imprensa. De fato, a imprensa brasileira alcançava naquele momento o *status* de empresa:

Nos fins do século XIX estava se tornando evidente, assim, a mudança na imprensa brasileira: a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa.. (SODRÉ, 1983, p.261)

Com a passagem do século, a transição é mais evidente: pequenos jornais desaparecerem, permanecendo somente aqueles que dispõem de equipamento gráfico

necessário para exercer sua função. Existe uma expansão tanto na produção quanto na distribuição. O país passava por transformações, que com a ascensão da burguesia avançaram as relações capitalistas. A imprensa refletiu este momento e somente jornais com estrutura empresarial sobreviveram

No começo do século XX, os grandes jornais já possuíam prédios próprios, telégrafos, máquinas elétricas e bandos de meninos que gritavam suas manchetes para o público nas ruas.. No conservador *Jornal do Comércio* colaboravam personalidades do Governo, entre os quais o Barão do Rio Branco (1845 – 1912). A *Gazeta de Notícias* fazia a crônicas da efervescência mundana da época, descrevendo a vida elegante da Capital Federal em coluna como o “Binóculo”, de Figueiredo Pimentel (1869 – 1914), que saudava as transformações da cidade. As antigas oficinas de jornais, que freqüentemente só davam prejuízos, haviam-se transformado em empresas lucrativas que veiculavam anúncios e atraíam leitores com caricaturas e manchetes, então uma novidade. Olavo Bilac (1865 – 1918) escrevia anúncios para xarope, Emílio de Menezes (1866 – 1918) fazia sonetos para marcas de cerveja. Ainda no Rio, o *Jornal do Brasil*, um dos maiores do país, contava com famosos ilustradores e caricaturistas como Raul Pederneiras (1847 – 1953), Julião Machado (1863 – 1930) e Arthur Lucas (1889 – 1973) e, desde 1900, já era aparelhado para publicar fotografias, uma grande inovação.

Em São Paulo, o jornal *Estado de S. Paulo* de Júlio de Mesquita (1862 –1927) alcançava grande público fazendo críticas ao Governo. Seu maior concorrente era o *Correio Paulistano*, órgão do Partido Republicano. No Recife, o *Diário de Pernambuco* estava já com oitenta anos de atividade, orgulhoso de ser “o mais antigo jornal do país e da América Latina”. Era porta-voz da oligarquia, enquanto na oposição se encontravam A

*Provincia e o Correio do Recife*. No Rio Grande do Sul circulavam o *Correio do Povo* e a *Federação*.

As relações entre os órgãos de imprensa e os grupos políticos acompanhavam as contradições de um sistema no qual a palavra escrita era de grande importância na formação da opinião pública, que não dispunha de canais de participação democrática. Os jornalistas passaram a serem aliciados. O próprio presidente Campos Sales comprou, com fundos públicos, a maioria dos jornais, encomendando elogios sobre sua política econômica. Os escritores e homens de imprensa como Machado de Assis e Lima Barreto (1881 – 1922) chegaram a redigir discursos para membros do Governo.

Mas havia órgãos de imprensa que procuravam manter posição de independência. Era o caso do *Correio da Manhã* (surgido em 1901), do Rio de Janeiro, que fazia apelos ao povo, conclamando-o à luta pela melhoria de condições e criticava Campos Sales, as arbitrariedades e a violência da polícia.

No decorrer dos anos 1920, surgem novas publicações em todo país. Entre muitas, aparecem *O Globo* (1925), *Diário Carioca* (1928), no Rio; *Folha da Manhã*, *Diário da Noite* (1925), *Diário Nacional* (1927), e *Diário de S. Paulo* (1929), em São Paulo. Nesse período, os jornais mais antigos procuram agilizar os seus noticiários. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, começa a receber os serviços da *United Press* e, dois anos depois, é o primeiro a abrir uma exclusiva seção de rádio no jornalismo brasileiro. Em 1929, com o aparecimento do cinema falado, esse jornal dedica página inteira ao cinema. Em São Paulo, o interesse popular pelo futebol, que já ocupava largo espaço nos jornais, permite aparecer, em 1928, o semanário dedicado a esse esporte: *A Gazeta Esportiva*. No final dos anos 20, os mais importantes jornais brasileiros defendem causas oposicionistas. *O Estado de S. Paulo* era ostensivamente de oposição. De oposição seriam também o *Diário da Manhã*, o

*Tacape e O Libertador* no Recife e a *Folha do Norte*, em Belém. Para defender a causa oposicionista, Assis Chateaubriand (1892 – 1968) lançou o *Diário de S. Paulo*.

Durante o Estado Novo (1937-1945), regime abertamente ditatorial, a imprensa passou por grandes percalços: ou pactuava com o sistema ou era violentamente perseguida. Acirrou-se a censura, foi proibida a criação de novos jornais e o fechamento de outros. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) controlava a imprensa com mão de ferro.

Com a queda do Estado Novo e o estabelecimento das liberdades democráticas, a imprensa passa por uma reformulação total. Curiosamente, o número de jornais diminuiu, mas a qualidade melhorou sensivelmente. Surgiu, por outro lado, uma enorme quantidade de boletins, revistas, anuários, publicações infantis e femininas – em geral, de curta duração. O jornalismo, como um todo, entra na era das grandes reportagens, usando a fotografia em larga escala. Melhorou também, o nível dos profissionais da imprensa, com a pioneira criação do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1948. Durante a década de 1950, as publicações de maior prestígio são os jornais *Diário da Noite*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Tarde* (em São Paulo); *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa* (Rio de Janeiro); *O Povo* (Ceará); *Correio do Povo* (Rio Grande do Sul); e as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* (de circulação nacional). Em 1943, o jornalista Pompeu de Sousa (1914 – 1991) retornou dos Estados Unidos da América, onde estivera desde o ano anterior transmitindo um programa em ondas curtas para o Brasil. Reassumindo suas funções de editor internacional no *Diário Carioca*, começou a modificar o estilo redacional do jornal. As manchetes que antes eram quilométricas passaram a ser curtas. A tentativa de modernizar a linguagem jornalística era consequência direta da influência norte-americana, que começava a superar a escola francesa, vigente até então. Pompeu de Sousa procurou eliminar do noticiário a verborragia típica das matérias, o

famoso “nariz de cera”, que foi substituído pelo *lead*, onde as informações essenciais são condensadas no primeiro parágrafo. Outra característica do jornal eram os anúncios classificados, que ocupavam quase toda a sua primeira página, sobrando um espaço mínimo para as notícias. A tática empregada para a reformulação foi ocupar paulatinamente a primeira página com “chamadas” e *leads* de matérias. Outra grande inovação foi a criação do “Suplemento Dominical”, que contava com a colaboração de grandes intelectuais da época e divulgava as experiências de vanguarda. O jornal *O Globo*, de propriedade de Roberto Marinho (1904 – 2003), obteve rápido sucesso, caracterizando-se pela agilidade nas coberturas e no noticiário. O jornal nunca publicou grandes editoriais, atendo-se apenas a pequenos comentários sobre as notícias mais importantes. Quem sustentou a grande polêmica foram os jornais *A Última Hora*, de Samuel Wainer (1912 – 1980) (pró Getúlio) e *Tribuna de Imprensa*, de Carlos Lacerda (1914 – 1977) (contra Getúlio). *A Tribuna* era um jornal diferente dos demais, pendia mais para o gênero europeu, sem grandes títulos e com muitos desenhos e charges políticas. Tratava de temas gerais da cidade, abordados de maneira leve e casual, além de fazer sucessivas acusações contra a corrupção do Governo. Ao contrário da *Tribuna da Imprensa*, a *Última Hora* foi um periódico de grande impacto popular. Sua maior inovação residia no aspecto gráfico, com manchetes vistosas e desenhos.

Em 1951, surgiu, em Belo Horizonte, um jornal de oposição. O *Binômio*, dirigido por Euro Luís Arantes e José Maria Rabelo. Utilizar de humor como elemento da crítica política era a característica marcante desse tablóide, considerado o avô da imprensa nanica brasileira, tal como ela se configuraria nas décadas seguintes. A irreverência começava pelo nome do jornal, paráfrase ao *slogan* utilizado por Juscelino Kubitschek em sua campanha para o governo de Minas (Binômio: energia e transporte). O *Binômio* trazia como subtítulo:

“Sombra e água fresca”. Apesar de não aceitar publicidade do Governo, de empresas estatais e de comerciantes corruptos, o jornal alcançou grande sucesso de vendas nas bancas e logo passou a ser publicado no tamanho *standart* nas oficinas da *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro. Por sua redação passaram nomes famosos como: Fernando Gabeira (1941 - ), Vander Pirolli, Jacob Cajíba e Ziraldo (1932 - ). Apesar de suas contundentes críticas, citando nomes e fatos, e de suas charges agressivas (em fevereiro de 1952, o binômio de JK era assim ilustrado: energia – policiais agredindo populares; transporte – um camburão de polícia), o jornal não tinha problemas com censura. Assis Chateaubriand, por exemplo, era chamado de “o maior ladrão que o Brasil produziu”. Comentava-se que JK recebia as críticas na “esportiva”, dando gargalhadas com as manchetes do jornal. Comentava-se também, que José Maria Rabelo, certa vez, trocara sapatos com um general que foi procurá-lo na redação, indignado com as críticas recebidas.

Em São Paulo, o jornal em ascensão era a *Folha da Manhã*. Seus empreendimentos inovadores incidiram mais no plano cultural e no conteúdo das matérias do que no plano gráfico. E, em 1956, a *Folha da Manhã* iniciou uma série de grandes campanhas, como a de “preservação das reservas florestais”, e a de denúncias dos “abusos e irregularidades da CMTC”, empresa de transportes coletivos. Os leitores telefonavam para a redação dando idéias, fazendo denúncias etc. O jornal mantinha um telefone de utilidade pública, chamado “Folhas Informações”, que fornecia todos os dados sobre o andamento das campanhas, além de sanar dúvidas relacionadas a assuntos de interesse geral. Ainda nessa década lançou o “Suplemento Dominical”, que abordava os mais variados assuntos.

Após o golpe de 1964, o controle das informações, mediante censura, pressões indiretas e intimidações, era quase absoluto. A censura e a autocensura instalaram-se gradativamente nas redações, a partir da promulgação da Lei de Imprensa em 1967, do AI-5

em 1968, e por fim, a nova Lei de Segurança Nacional, de 1969. No princípio, os censores eram oficiais das Forças Armadas, mas com o tempo o trabalho foi passando para a Polícia Federal. Com poucos casos de censura prévia, o controle era feito, em geral, via os bilhetinhos enviados às redações, com as notícias e assuntos vetados naquele dia. O principal era não prejudicar a imagem do Governo. Assim, por exemplo, o Instituto Internacional de Imprensa, sediado em Zurique, divulgou seu relatório, segundo o qual, na América Latina, o Brasil e mais quatro países não possuíam liberdade de imprensa: a notícia só foi liberada quando foi cortada a parte referente ao Brasil. Inicialmente, a maioria das proibições incidia sobre as notícias referentes à repressão ao terrorismo, das quais se devia publicar a versão oficial. Mas o âmbito da censura foi alastrando-se a praticamente toda a informação jornalística, estendendo-se até mesmo aos anúncios de publicidade. Quem se recusasse a acatar as instruções da Polícia Federal era submetido à censura prévia. Foi o caso da chamada “imprensa alternativa” (*Pasquim* e *Opinião*) e de outros pequenos jornais (*Tribuna da Imprensa* e *O São Paulo*, órgão da Arquidiocese de São Paulo). Também alguns periódicos da grande imprensa foram atingidos: a revista *Veja*, *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*. Os diários conviviam com os censores em suas oficinas. Muitos órgãos não resistiram às pressões e foram obrigados a fechar; os que sobreviveram arcaram com os prejuízos. As matérias, charges, ilustrações ou fotos vetadas tinham que ser substituídas, não sendo permitido espaço em branco. Como protesto, *O Estado de S. Paulo* publicava versos de Camões e o *Jornal da Tarde*, receitas culinárias, preenchendo os vazios deixados pela tesoura da censura. A revista *Veja*, por sua vez, cobria os espaços com arvorezinhas, símbolo da Editora Abril. Outro fenômeno característico foi a criação das assessorias de imprensa dos órgãos públicos, que substituíam a função jornalística, limitando-se a reproduzir os informes fornecidos pelos Ministérios e demais entidades

públicas, Aqueles que buscavam questionar as informações oficiais, ou mesmo confrontá-las com outras fontes, tornavam-se *persona non grata* e, em geral, acabavam perdendo suas credenciais de trabalho.

A imprensa nos anos 1970 enfrentou imensos desafios, como a censura e a crise econômica que, principalmente no Rio de Janeiro, levou ao fechamento de jornais como o *Correio da Manhã* e o *Diário de Notícias*. Ao mesmo tempo, foi uma época de modernização da tecnologia de empresas jornalísticas. A partir de 1975, o jornal *O Estado de S. Paulo* passou a circular sem censura, mas ela continuou por mais algum tempo na revista *Veja* e, por muitos anos ainda, no jornal *Tribuna da Imprensa*. Nesse período surgiu toda uma linguagem amoldada às circunstâncias. Os jornalistas recorriam ao uso de metáforas, sem as quais muitas matérias seriam censuradas. Para a imprensa, os fatos mais tristes da década foram os fechamentos do *Correio da Manhã*, em 1973, e do *Diário de Notícias*, em 1976. Com a morte desses jornais, a grande imprensa carioca, ficou restrita, basicamente, ao *O Globo* e ao *Jornal do Brasil*. Ainda em 1975, desaparecia a revista *O Cruzeiro*. Aos poucos, seriam implantadas as publicações de informação: a revista *Veja* vem a se transformar na principal revista do país, seguida da *Isto É*

Um dos fenômenos que caracterizou a imprensa brasileira dos anos de 1970 foi a explosão dos “jornais nanicos”, expressão criada pelo escritor João Antônio (1937 – 1996). O precursor dessa moderna imprensa é *O Pasquim*, que surgiu nos fins dos anos de 1960. . Em 1970, dez de seus jornalistas e desenhistas foram presos, e durante cinco anos e meio o jornal esteve sob censura prévia. Em, 1975, ligado a *O Pasquim*, surgiu *O Bicho*, editado pelo cartunista Fortuna. Na mesma época, em Porto Alegre, Edgar Vasques colocava em circulação seu personagem *Rango*, uma publicação autônoma, que teve quase o mesmo sucesso da revista *Fradim*, de Henrique de Souza Filho (Henfil) (1944 – 1988). Esse

sucesso estimulava a criação de mais publicações de humor. Ainda em 1975, em São Paulo, era lançada *Ovelha Negra*, sob a direção de Geandré. Mas nem toda “imprensa alternativa”(expressão cunhada na época) vivia de humor. No ano de 1972, surgiu *Opinião*, semanário de propriedade do industrial Fernando Gasparin, que seguia a linha sóbria das publicações européias. Parte de sua equipe, liderada por Raimundo Pereira (1940- ), se deslocaria do Rio para São Paulo e criaria o semanário *Movimento*, mais radical em seus ataques ao Governo. A mais irreverente e criativa das publicações “nânicas”, no entanto, surgiu em 1972, o *Bondinho*, que contava com a participação da antiga equipe da revista *Realidade*, e que não se restringiu a falar de humor e política, mas continha matérias sobre cultura, enfocada a partir de um prisma crítico e *underground*. Depois de muitas apreensões, o *Bondinho* acabou fechando por motivos econômicos. O mesmo grupo, então, criou *O Grilo*, revista em quadrinhos ligada ao *underground* norte-americano e europeu. Também dessa mesma equipe é o jornal *Ex*, que viveu de 1973 a 1975, quando publicou um amplo relato sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog. Depois do *Ex* foi a vez de *Mais Um*, que durou apenas uma edição. Um dos anos mais ricos para a pequena imprensa foi 1975, quando surgiram *Versos*, em São Paulo, dirigido por Marcos Faerman (1944 – 1999); *Coojornal*, da cooperativa de jornalistas de Porto Alegre; e *De Fato*, em Belo Horizonte. No ano seguinte surgiram: *Posição* (Vitória) e *Paralelo* (Porto Alegre), em 1977, apareceu o jornal *Repórter* e o semanário *Em Tempo*, uma dissidência do *Movimento*. Ligado à contracultura, surgiram *Verbo Encantado*, em Salvador, *Presença* e *A Flor do Mal* de Luís Carlos Maciel (1938 - ), editado pelo *Pasquim*. No fim da década, surgem os jornais dos setores oprimidos: *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres* e *Lampião da esquina*, sendo este último porta-voz dos homossexuais; devem ser mencionadas também as publicações ligadas a grupos políticos, como o jornal *O Trabalho*, da Organização Socialista Internacional (OSI);

*Convergência Socialista*, do grupo do mesmo nome; *Hora do Povo*, do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8); e *Voz da Unidade*, do PCB.

O exercício do poder está ligado ao controle dos meios culturais, portanto o governo sempre esteve ligado aos meios de comunicação, sejam em regimes ditatoriais ou democráticos. Nos regime ditatoriais o controle era imposto pela força, enquanto que na democracia, o controle está ligado a distribuição de verbas.

### 1.3 - A Revista no Brasil

Estabelecer a diferença entre os vários gêneros de periódicos sempre foi uma tarefa árdua para os estudiosos, já que os gêneros se confundiam. Essas diferenças foram se estabelecendo ao longo do tempo e assim cada gênero assume características específicas. A revista, como veremos a seguir, adquirirá corpo editorial mais condizente com a proposta de se divulgar com maior grau de profundidade os assuntos dos temas publicados.

A experiência pioneira em periodismo literário é apontada unanimemente pela bibliografia como sendo o *Journal des Sçavans* (sic), (cf. MARTINS, 2001, p.38) que circulou semanalmente a partir de 1665, em Paris, tendo como objetivo a catalogação e resenha de livros recentemente publicados, a divulgação de obituários de personalidades, relatos sobre experiências científicas, etc. Na Itália, a primeira experiência em periódico literário ocorreu em Roma, a partir de 1668, com circulação trimestral: *Giornale dei letterati*. Em 1682, surgiu em Leipzig, redigido em latim, *Acta Eruditorum*, um dos periódicos internacionais mais importantes, documentando o período do Iluminismo e refletindo sobre os avanços da ciência e da erudição nos países de fala alemã. A *Edinburgh*

*Review* (1802), a *Quartely Review* (1809) e a *Blackwood's Magazine* (1817), publicadas na Grã-Bretanha, são consideradas exemplos pioneiros da forma de “revista” como se entende na atualidade. (cf. MARTINS, 2001, p.38).

Segundo Ana Luiza Martins, a diferença básica entre os gêneros jornais e revista, é que o primeiro se preocupa mais com o teor político e com a divulgação imediata, enquanto que a revista, além de um texto mais elaborado, aborda assuntos variados.

O termo “revista” deriva-se da palavra inglesa *review*, tendo hoje o sentido de publicação periódica: “Publicação periódica mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc. apresentando como sinônimos seus correlatos magazines, hebdomadários, anais e boletins”. (MARTINS, 2001, p.45)

No dicionário *Aurélio*, o verbete “revista” é definido como:

Publicação periódica de formato variado, em que se divulgam artigos originais, reportagens, etc., sobre vários temas, ou, ainda, em que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações. (HOLANDA, 1999, p.1765)

Alice Campos Moreira em *Anais das Jornadas e do Encontro Nacional dos Periódicos Nacionais* cita a definição do dicionário *Aurélio* e complementa:

Caracteriza-se pelo formato menor que o jornal e pelo gênero do artigo, crônica reportagens e outras colaborações, amplamente ilustradas por fotografias, inclusive cores. Pode ser semanal, quinzenal, mensal, trimestral até quadrimestral. Essas últimas são de caráter científico ou especializado. (MOREIRA, 2003. p.31)

A revista é um gênero que privilegia um dado momento histórico, servindo como fonte documental para futuros pesquisadores.

Insista-se que o caráter fragmentado e periódico da revista é seu traço recorrente, imutável nas variações geográficas e temporais onde o gênero floresceu, resultando sempre em publicação datada, por isso mesmo de forte conteúdo documental. Quanto aos seus objetivos, variaram ao longo do tempo, condicionados às circunstâncias históricas de gestação e circulação, cabendo apreendê-los, reafirmá-los, nos contextos próprios de sua existência, ao seu tempo cultural, revelador da variedade de seus propósitos. (MARTINS, 2001, p.46)

Um exemplo típico de revista que representou uma época é a *Kosmos*, sinalizadora do processo de modernização do Rio de Janeiro. Por seu moderno projeto gráfico, já era a “propaganda” da efervescência pela qual passava o Rio no início do século XX:

*Kosmos* não fora pensada para questionar nenhum tipo de sistema: literário ou não. Seu conteúdo de arte – literária, gráfica, plástica – constrói-se sobre tendências diversas do panorama intelectual fin-de-siècle no qual encruzavam-se simbolistas, parnasianos, decadentes, realistas já em fase de dissolução. Antes de mais nada, *Kosmos* era ato de afirmação; veículo móvel, comprobatório do remodelamento urbano, sua extensão. Protagonista de uma consciência urbana moderna que se modelava à custa da negligência dos subúrbios cariocas, espaço da competência de Lima Barreto. (DIMAS, 1983, p.10)

Veículo intermediário entre o jornal e o livro, a revista além de ser mais barata reunia em suas páginas uma grande variedade de assuntos, o que atraía uma grande massa do público leitor. “A dificuldade do gênero no Brasil se dá pela precariedade do parque gráfico brasileiro, além do grande número de analfabetos e a falta de bibliotecas públicas e livrarias e ponto de vendas”. (MARTINS, 2001, p. 42)

A história das revistas no Brasil começou nas ruas de Salvador, em janeiro de 1812, quando o tipógrafo português Manuel Antônio da Silva Serva tentava vender exemplares do primeiro número de *As Variedades ou Ensaio de Literatura*. Silva Serva não teve êxito, tanto que produziu somente um segundo exemplar do calhamaço de 30 páginas, que mais tarde viria a ser considerada a primeira revista produzida no Brasil.

Um dos motivos do fracasso de *As Variedades* se explica pelo fato de grande parte da população da época ser analfabeta. Porém, o reconhecimento de *As Variedades* como o gênero inaugural de revista no Brasil é inquestionável, tanto que o formato serviria de modelo a partir de 1828 quando surgiu no Rio de Janeiro a *Revista Semanária dos Trabalhos Legislativos da Câmara dos Senhores Deputados*.

Vale ressaltar que existiu um periódico entre 1808 e 1822, editado em Londres, o jornal *Correio Brasiliense, Armazém Literário* voltado exclusivamente para o Brasil. Resulta entretanto uma dúvida quanto ao gênero desta publicação:

A confusão se dá, pois o *Correio Brasiliense* era editado na forma e no tamanho de livro, e composto por longos artigos cuja informação era analisada em textos que se prolongavam por vários números. Cada exemplar continha cerca de 100 páginas e era dividido por seções: política, comércio e artes, literatura e ciências, miscêlania e eventualmente correspondência. (LUSTOSA, 2003, p.15)

Com uma visão liberal, o *Correio Brasiliense* criticava a administração portuguesa. Seu editor Hipólito da Costa (1774 – 1823) era um abolicionista, que pregava substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, defendia que o Estado deveria restringir sua interferência na sociedade e uma maior participação do povo na política. “Hipólito José da Costa Ferreira Furtado de Mendonça [...] fundou em Londres, em junho de 1808, aquele primeiro jornal, ou melhor, aquela revista mensal, que se batia pela Independência brasileira até o advento dela, quando desapareceu..” (MARTINS, 2001, p.47)

Outros periódicos circularam no Brasil no período, é o caso de a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançado em 1808, foi o primeiro jornal impresso no país. Era uma espécie de jornal

oficial, pois publicava os decretos e fatos relacionados à família real, além de notícias internacionais, essas sob controle rígido da Imprensa Régia.

Em 1821, vários periódicos são lançados: o *Conciliador do Reino Unido*, fundado pelo baiano José da Silva Lisboa (1756 – 1834), o Visconde de Cairu, *O Amigo do Rei e da Nação*. O *Revérbero Constitucional Fluminense* foi o primeiro a passar pelo crivo da censura o que lhe propiciou a oportunidade de defender abertamente a liberdade de imprensa e a defender os ideais da revolução francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. No mesmo espírito liberalizante surgem o *Despertador Brasiliense* e *A Malagueta*. O coronel Manuel Ferreira de Araújo, antigo editor da *Gazeta do Rio de Janeiro*, lança em 1º de outubro de 1821, *O Espelho*, que provavelmente seria financiado por D. Pedro.

A posição do Brasil contra a corte portuguesa levou a uma tentativa de esvaziar o governo de D. Pedro. Após vários decretos e tentativas, vem o golpe final: um decreto determinava a volta imediata do príncipe regente a Portugal. O poder da imprensa se fez sentir conclamando o povo a tomar posição contrária ao governo português:

Decidida a impedir que levassem daqui o príncipe, uma multidão de cerca de 10.000 pessoas, armadas de objetos mais inimagináveis, atravessou as ruas do Rio em direção ao morro do Castelo, onde se concentravam as tropas portuguesas. “Essa cabrada se leva a pau!” foi o comentário do general Avilez. Mesmo assim ele preferiu não enfrentá-la e recolheu-se com sua tropa à Praia Grande, em Niterói, onde ficou sitiado. (LUSTOSA, 2003, p. 27)

A imprensa brasileira teve um papel preponderante na independência, ao estabelecer posição contrária à corte portuguesa e criar uma consciência política nos brasileiros e portugueses.

Desde 1838 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro edita sem interrupção a *Revista do IHGB*, de tiragem trimestral, com mais de 400 volumes publicados e séries

especiais, como são os tomos relativos a quatro congressos de História Nacional e um congresso de História da América. É hoje considerada uma das mais antigas revistas do ocidente, devido à sua periodicidade ininterrupta.

Entretanto, desta época até as revistas tomarem corpo editorial mais específico foram mais de 70 anos. Neste período, mais especificamente entre 1860 e 1870, duas publicações tiveram destaque: *Semana Ilustrada* e *A Vida Fluminense*. Ambas abusaram da ilustração e da fotografia para retratar a guerra do Paraguai (1864-1870). Nesta época, pouca era a preocupação com o texto, usava-se conforme o costume, textos curtos, tipo “textos-legendas”.

Foi somente no início do século XX que as publicações periódicas obtiveram maior sucesso e ganharam popularidade. Neste momento, tornaram-se porta-vozes das classes dominantes que ditavam os costumes e as regras sociais, detendo, acima de tudo, o poder político. Neste sentido as revistas foram instrumentos de grupos sociais que se empenharam em naturalizar suas representações através da imposição de uma determinada forma de ver e reproduzir o mundo.

Porém isso não impediu as publicações de evoluírem e de se modernizarem, até porque os grupos sociais eram ávidos de mais sofisticação. A primeira metade do século XX, foi para o universo das revistas, marcado por muitas modificações, mais de forma que de conteúdo. Esse período é dividido em “dois sub-períodos delimitados por transformações de ordem técnica que influenciaram a forma de apresentação dessas revistas”. (MAUD, 1996, p 73). O primeiro período, segundo Maud, se inicia em 1900, com a introdução da fotografia na *Revista da Semana*, o único periódico ilustrado com fotos até então, e se prolonga até 1928, quando foi lançada a revista *O Cruzeiro*. Na primeira fase, a linha editorial das publicações variava do crítico e cômico ao refinado e

artístico, abrangendo o universo da elite carioca em todas as suas possibilidades. São representantes do cômico as revistas *Fon-Fon* e *Careta*. Já a tendência mais refinada e artística foi representada pelas revistas *Ilustração Brasileira* e *Kosmos*.

O segundo momento das publicações começa para Maud com o lançamento da revista *O Cruzeiro* e se prolonga até a década de 1960, com a introdução da cor nas fotos de revista. Além das modificações técnicas, constata-se a partir do referido ano uma reconfiguração no campo das comunicações, as publicações abandonam a perspectiva de serem apenas suportes para o poder político de seus proprietários e passam a fundamentar-se mais na função de informar. Neste momento, a matéria jornalística passa a ser um produto comercial que atrai leitores e publicidade.

Para Maud, os anos que circunscrevem o período de 1930 a 1960, na história das publicações ilustradas, diferenciam-se do período anterior, tanto pela introdução de novas técnicas de impressão, quanto por uma redefinição do mercado editorial, ávido por informações atualizadas. Isso foi decisivo para a mudança no padrão estético e informativo das revistas. Enquanto no primeiro momento as publicações traziam mais textos ficcionais, crônicas e fotografias pequenas e independentes do texto escrito, o segundo priorizou a notícia:

É importante enfatizar a diferença entre estes dois períodos, como forma de caracterizar as mudanças inscritas na própria transformação da audiência das revistas, dentre as quais se pode destacar: a ampliação dos estratos médios da sociedade carioca, crescimento urbano e valorização de padrões comportamentais associados aos meios de comunicação, passando a mídia a ser um elemento importante na formação do gosto. (MAUD, 1996, p. 98)

Vale ainda ressaltar que a partir dos anos 30, a modernização e o desenvolvimento do parque gráfico brasileiro já se anteviam, com a importação de máquinas da Alemanha e o aperfeiçoamento dos processos de composição de jornais e revistas.

Na década de 1930, dois acontecimentos mexeram com o brio dos brasileiros: a revolução que instalou a era Vargas e a eleição de Miss Universo da gaúcha Yolanda Pereira. A partir desses acontecimentos as revistas, capitaneadas por *O Cruzeiro* passaram a dar maior importância à reportagem. Os jornalistas deixam as redações e vão para as ruas em busca de reportagens. Todos os aspectos da realidade brasileira – política, modo de vida, artes, esporte, espetáculos, consumo, etc – foram alvos dos olhares mais atentos dos jornalistas.

A progressiva influência das revistas na vida brasileira criaria a necessidade de se especializar para atender o público mais diversificado, pelas publicações específicas, por exemplo para a família, para adolescentes, para mulheres e outras.

A criação de uma identidade visual se fazia necessária e as capas passam a ter um papel importante neste aspecto: o leitor deveria identificar prontamente sua revista nas bancas. As publicações do início do século XX (como *Fon-Fon*) traziam na capa apenas desenhos e reproduções de pinturas, o que não refletia o conteúdo dos artigos e reportagens. As revistas *O Cruzeiro* (nos anos de 1940) e *Manchete*, (na década seguinte), saem em busca de furos jornalísticos. Os editores descobrem, então, o valor das chamadas de capa.

No início do século XX, as reportagens eram feitas dentro da própria redação não refletindo, portanto, a realidade das ruas. Coube a João do Rio (1881 – 1921), quebrar este paradigma, com suas pautas ousadas e seu ímpeto de repórter. Foi um dos primeiros a sair dos salões e gabinetes e ir atrás da notícia nas ruas e becos da cidade. Escreveu reportagens (*Kosmos – 1904*) que seriam o padrão de décadas mais tarde. Não havia, por exemplo, a

preocupação com a objetividade, porém a narrativa trazia já um ingrediente indispensável à atividade, a disposição de contar o Brasil para os brasileiros. Os textos dele eram moldados na crônica, usados anteriormente por literatos para contar os fatos, experiência de revistas estrangeiras, sobretudo as francesas. Antes de João do Rio, os textos não eram importantes, apenas complementavam as ilustrações.

O grande desafio na reportagem brasileira inciou-se anteriormente durante a Guerra do Paraguai. Até essa época, eram apenas transcritos relatos oficiais ou publicação de cartas enviadas dos campos de batalha. A cobertura começou a ganhar destaque na *Semana Ilustrada*, com o envio de repórteres ao campo de batalha e uso de fotografia, o que posteriormente, serviu de modelo para futuras publicações periódicas.

A revista *O Cruzeiro* foi a responsável pela instalação das grandes reportagens no jornalismo brasileiro. Seu reconhecimento se dá em função da realização de grandes matérias. Entre elas, foram destaque, por exemplo, os xavantes na Amazônia, a expedição do coronel Percy Fawcett, a égua do Jockey Club, que bebia cinco litros de leite por dia, a morte de Aída Cury, o crime do Sacopã, Barreto Pinto de cuecas, Miss Brasil e Miss Universo, a derrubada de Perón, o suicídio de Vargas, a renúncia de Jânio e os grã-finos de São Paulo.

As grandes reportagens já não eram novidade nas revistas brasileiras. Na década de 1960, o eixo da indústria de revistas começou a mudar-se para São Paulo, como previra Victor Civita (1907 – 1990) ao transferir para a cidade a Editora Abril. Em 1966, a Editora Abril lançou *Realidade*. A revista uniu temas ousados e investigação aprofundada com textos elaborados e ensaios fotográficos antológicos. Ofereceu ao leitor um padrão até então desconhecido no país. Com o Brasil sob o regime militar, não era tarefa fácil. Um número dedicado à mulher brasileira, em 1967, que falava abertamente de liberação sexual,

frustração no casamento e sonhos de independência foi o bastante para que parte da edição fosse aprendida sob a alegação de atentar contra a moral e os bons costumes. Sucesso nas bancas, *Realidade* alcançou grandes tiragens. Apesar disso tornou-se inviável comercialmente. Não bastava vender muito, se os anunciantes passaram a preferir a televisão.

Reportagens de impacto tornaram-se rotina. A *Quatro Rodas*, surgida em 1960 e que se dedicava ao leitor motorizado, introduz um novo gênero, a reportagem de serviço. Com “Um Cego Tira Carteira de Motorista”, a revista pôs a mostra o comércio ilegal de documentos de habilitação, enquanto *Placar*, dedicada aos esportes, revelava casos de *doping* e fraudes na loteria esportiva, a *Exame*, de negócios e economia, mostrou os absurdos do modelo trabalhista brasileiro. As revistas femininas não se restringiam somente a amenidades. A revista *Cláudia* ganhou prêmios ao denunciar casos de espancamento de mulheres e abuso sexual de criança, enquanto *Marie Claire* se interessou por temas como, o cotidiano das guerrilheiras zapatistas no México ou as angústias das mães de internos da Febem.

Um outro filão bastante explorado pelas revista foram as reportagens de bastidores. A revista *Playboy* explorou muito bem este expediente, foi ganhadora do Prêmio Esso de Reportagem, sobre a história secreta da criação do Plano Cruzado, em 1986.

O terreno mais fértil das revistas seria a informação. A revista *Veja* foi criada em 1968 com o objetivo de não ficar apenas nas resenhas. A revista passou a analisar o fato, o contexto em que se deu, os desdobramentos e conseqüências. Lançada semanas antes que o AI-5 estabelecesse feroz controle à imprensa, a revista teve edições mutiladas ou apreendidas.

A revista *Veja* chegaria ao ano 2000 como a quarta maior revista semanal de notícias do mundo. O sucesso de *Veja* motivou outras do gênero, como *Afinal*, que durou o breve espaço de 1984 a 1989. Em 1976 surge a *Isto É*, circulando a princípio mensalmente, no ano seguinte se tornaria semanal. Trouxe como novidade um caderno de seis páginas dedicadas aos direitos do consumidor. Buscou não uniformizar o texto de quem nela escrevia, cada redator passou o imprimir seu estilo próprio. As revistas de informações passaram a fazer parte do cotidiano dos cidadãos e influenciar nesse cotidiano. *Veja* e *Isto É* tiveram um papel decisivo ao denunciar a corrupção do governo Collor e o vasto material publicado pelas revistas possibilitou o processo de *impeachment* do presidente.

As revistas foram um veículo importante para escritores e intelectuais e para alguns foi o início. Exemplos não faltam. Rubem Braga teve a maior parte de sua produção lançada originalmente em *Manchete*. Na mesma revista Fernando Sabino (1923 - ) e Paulo Mendes Campos (1922 – 1991) contribuíram para fazer da crônica um gênero literário de maior credibilidade. A revista *Senhor*, lançada em 1959, em que a equipe editorial contava com Paulo Francis, publicou a obra *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*, de Jorge Amado; *Meu Tio o Iauretê*, de Guimarães Rosa e *A Menor Mulher do Mundo*, de Clarice Lispector. Também revistas como *Playboy* e *Cláudia* se esmeraram no campo literário, publicando ficção de boa qualidade.

Na imprensa estavam representados intelectuais das mais variadas correntes doutrinárias. Jackson de Figueiredo alinhavou o pensamento católico nas páginas de *A Ordem*, lançada em 1921. O pensamento integralista estava em *Anauê*, (de 1935 a 1937), dos *Cadernos da Hora Presente*, (de 1939 a 1940). O pensamento comunista encontrou abrigo nas páginas das revistas *Problemas* (1947 a 1956) dirigida por Carlos Marighella e *Literatura* (de 1946 a 1948), de Astrojildo Pereira (1890 – 1965).

Nos anos de 1940, as publicações culturais encontram espaço na revista *Clima* (de 1941 a 1943), que era editada pelos alunos das primeiras turmas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Pelo menos três deles se tornaram expoentes da intelectualidade brasileira: Antônio Cândido, Paulo Emílio Salles Campos e Décio de Almeida Prado (1917 – 2000).

Também em São Paulo, nos anos de 1950, circularam as revistas *Invenção*, portavoz do movimento da poesia concreta, e a *Revista Brasiliense*, de Caio Prado Jr. (1907 – 1990), que circulou entre 1955 e 1964, quando foi fechada pela censura.

Uma característica que acompanhou a trajetória das revistas brasileiras foi o humor. Sua missão era traduzir os fatos em imagens. Desde o século XIX, a irreverência dos cartunistas vinha atormentando os poderosos e contribuindo para tornar mais críticas as publicações do país. Os *cartoons* já aparecem em 1844 em *A Lanterna Mágica*, revista de Manuel Araújo Porto Alegre (1808 – 1879) e Rafael Mendes de Carvalho (1817 – 1870). A partir daí, o humor começou a aparecer timidamente nas revistas, é o caso de *Marmota Fluminense* de 1852, *Ilustração Brasileira* de 1854, *L'Iride Italiana* e *O Brasil Ilustrado* de 1855 e no final da década com *O Charivary*.

Somente no final do ano de 1860, o desenho passou a fazer parte de um modo mais regular na imprensa. A *Semana Ilustrada*, de Henrique Fleuiss (1823 – 1882), foi modelo para muitas das publicações do século XIX.

Os desenhos assumiram a partir daí tamanho prestígio, que as revistas foram mais associadas com seus caricaturistas do que com os próprios redatores. O Brasil começava a se mostrar pelos traços dos mestre do humor formados, entre outros, por Bordallo Pinheiro (1846 – 1905) e Pereira Neto. Na virada do século XX, o desenho brasileiro seria influenciado pelo português Julião Machado.

No ano de 1898 estrearam em *O Mercúrio* os caricaturistas Raul Pederneiras (1874 – 1953) e K. Lixto, pseudônimo de Calisto Cordeiro (1877 – 1957), que, com J. Carlos (1884 – 1950), definiriam o modelo do humor gráfico brasileiro, que foi seguido por mais de meio século. O grupo espalhou, ainda, seus desenhos pelas revistas *O Malho*, *D. Quixote*, *Fon Fon!* e *Careta*.

O humor não poupava os poderosos e esnobes da época, o chargista era um atento observador dos costumes, era mestre da sátira social.

Pelo menos uma mulher chegou a fazer sucesso como caricaturista. Nair de Teffé (1886 – 1981), que assinava seus desenhos com o nome masculino Rian (anagrama de seu nome). Tinha motivo para isso. De ascendência aristocrática (filha do Barão de Teffé), casara-se em 1910, com ninguém menos que o marechal Hermes da Fonseca, presidente da República na época. Seus desenhos procuram retratar a sociedade carioca nas primeiras décadas do século XX, não se metia em política, nem mesmo em seus desenhos.

A caricatura de costume ganharia força mais adiante com *O Cruzeiro*. O nome mais expressivo do período é Millôr Fernandes (1924 - ). Em 1968, a recém - criada *Veja* contrataria o humorista, que depois passaria longa temporada em *Isto É*.

Seus sucessores na Editora Abril – primeiro Jô Soares (1938 - ) e depois Luís Fernando Veríssimo (1936 - ) – se preocuparam mais com o texto do que com o desenho. O desenho de humor voltaria às páginas de *Veja*, em 1991, com Chico Caruso, que desde de 1970, formava com o irmão Paulo Caruso, e com Henfil, o grande trio do humor gráfico brasileiro.

Somente a fotografia tem a capacidade de eternizar os acontecimentos históricos, cenas emblemáticas do cotidiano e os personagens protagonistas, dando-nos uma visão instantânea e real dos acontecimentos possibilitando uma interpretação particular. Pode-se

construir um painel do século XX por meio das imagens fixadas pelas revistas. O uso da fotografia nas revistas ficaria marcado desde a Guerra do Paraguai, mas não se tratava da primeira incursão da fotografia em revistas brasileira. O invento já vinha sendo usado de forma indireta: ela servia de base para litografias que os jornais e revistas estampavam em seguida. Foi assim que *O Besouro* mostrou a seca no Ceará entre 1877 e 1878, pelos desenhos de Bordallo Pinheiro sobre fotos de J. A. Corrêa.

O uso direto de fotografias começou a ocorrer em 1884 na *Galeria Contemporanea do Brasil*. Trata-se de um retrato de Machado de Assis feito por Insley Pacheco, um dos grandes fotógrafos da época. O uso do fotojornalismo se fixou no início do século XX, na *Revista da Semana*. As fotos que acompanhavam as caricaturas, textos e crônicas leves fizeram da revista um grande sucesso. A *Revista da Semana* influenciou várias outras: *Kósmos*, *O Malho*, *Fon-Fon*, *Careta* e *A ilustração Brasileira*. A grande explosão da imagem em revistas se dá em *O Cruzeiro* quando, em 1943, o fotógrafo Jean Manzon (1915 –1990) implantou na revista uma nova linguagem visual. Algumas de suas fotos, que ocupavam páginas inteiras, dispensavam o texto já que diziam por si, devido à carga dramática empregada pela fotógrafo.

A reforma iniciada em *O Cruzeiro* teria seqüência em *Manchete*, lançada em 1952, e que elegeu a fotografia como ponto forte. Seu criador, Adolpho Bloch, escolheu papel de boa qualidade, o que se tornaria marca da revista, investiu em rotativas modernas e contratou uma equipe de grandes fotógrafos. *Manchete* cresceu nos anos dourados do desenvolvimento nacional, a partir de 1956, quando se iniciou o governo de Juscelino Kubitschek. Enquanto se urbanizava, o país é tomado pela euforia da construção de Brasília. O que restava de nacionalismo após a era JK morre com o golpe militar de 1964.

*Realidade*, lançada pela Editora Abril em 1966, ajudou a fazer o retrato do Brasil após o golpe. A preocupação era mostrar a cara do Brasil em reportagens marcantes.

Os anos de 1960 marcaram a chegada de uma novidade na área da fotografia, a criação do primeiro estúdio brasileiro de grande porte, montado pela Editora Abril. Formou-se ali toda uma geração de fotógrafos especialistas em estúdio.

Durante os anos negros da ditadura militar, a fotografia desempenhou papel importante na imprensa brasileira, mostrando subliminarmente o que não podia ser dito com palavras.

Ainda relacionando-se à fotografia na imprensa, deve-se destacar que na década de 1940, as editoras descobriram um novo filão: as revistas de fotonovela. Inspiradas nos folhetins do século XIX, reuniam romance, aventura e melodrama familiar em capítulos, quase sempre com final feliz. No Brasil, escritores do porte de José de Alencar (1829 – 1877) já haviam usado o formato do folhetim, desde meados do século XIX, para mostrar seus romances em partes nos jornais. Machado de Assis falou ao público feminino em *Jornal das Famílias* e *A Estação*. A estratégia de se contar uma história em partes – como os folhetins franceses – virou logo uma febre e multiplicou a venda de revistas.

A revista *Encanto*, da Coluna Sociedade Editora, traria as primeiras fotonovelas. As produções importadas, inspiravam-se em folhetins consagrados, como *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas (1824 – 1895). *Grande Hotel*, da Editora Vecchi, que então publicava histórias de amor em quadrinhos, adotou a novidade a partir de 1950. Em 1952, a editora Abril resolveu inovar e criou a *Capricho*. A revista trazia em cada edição uma história completa. A resposta foi rápida. As leitoras fizeram de *Capricho* a revista mais popular do Brasil. O novo folhetim adotou outra forma, porém o conteúdo continuou o mesmo: amores proibidos, filhos bastardos, histórias de vingança... Na década seguinte,

*Sétimo Céu*, da Editora Bloch, decidiu abraçar os temas e os personagens para aproximar-se mais da leitora. Começou a produzir fotonovelas estreladas por cantores e atores estreados.

Com o avanço do cinema chegou-se a temer pelo fim do folhetim. Revistas como *A Cena Muda* e mais adiante *Cinemim* criaram uma estratégia para manter as vendas, passaram a fazer resumo dos filmes, editados em capítulos e ilustrados com fotogramas, antecipando o que fariam mais tarde as revistas de televisão com as telenovelas.

Nos anos de 1970, o folhetim eletrônico acabou com as fotonovelas, embora *Tv Sucesso*, da Bloch, tenha criado a “fatonovela”, com temas baseados em fatos reais. As revistas *Contigo!* e *Intervalo*, da Editora Abril, *Amiga*, da Bloch, e *Cartaz*, da Rio Gráfica, passaram a tratar de sua sucessora, a telenovela.

Outro grande filão das revistas foi o erotismo. As primeiras revistas destinadas ao público masculino brasileiro não ousavam dizer o que eram, abrigavam-se sob o rótulo de “galantes”.

Nem todos, porém, mereciam este tratamento eufemístico, e algumas, no final do século XIX, traziam títulos maliciosos: *O Badalo*, *O Nabo*, *O Ferrão* e *Está Bom, Deixa..* Nessa categoria estava *O Rio Nu*, a primeira publicação do gênero a fazer sucesso. Começou em 1898, como um tablóide semanal, em pouco mais de um ano pulou de quatro para oito páginas e passou a “dar duas por semana”, conforme registrou em um editorial.

Mostrar um seio nu não era uma tarefa fácil, num tempo em que até para tomar banho de mar a mulher se cobria do pescoço ao tornozelo. Portanto, não surpreende que a revista fosse arduamente perseguida pela censura.

As revistas masculinas ganharam força em 1922, quando o então membro da Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos (1886 – 1934), lançou no Rio de

Janeiro, a revista *A Maçã*, que trazia a colaboração de artistas como K. Lixto e Di Cavalcanti (1897 – 1976) e escritores do prestígio de Artur Azevedo. Humberto de Campos definiu os objetivos não só de sua revista, como das masculinas de um modo geral, tirando-as do terreno da pornografia para situá-las na do erotismo.

*A Maçã* era até comportada se comparada a *Shimmy – Revista da Vida Moderna*, que circulou no Rio entre 1925 e 1933 com fotos de mulheres nuas, contos eróticos e piadas picantes.

As revistas galantes sumiram das bancas, em grande parte devido à censura do Estado Novo. Em seu lugar, no final da década de 1950, surgiram publicações pornográficas, os chamados “catecismos”, revistas clandestinas em quadrinhos que circularam até os anos de 1970. O grande artista do gênero foi Carlos Zéfiro (1921 – 1992), não pelo traço, bastante rudimentar, mas pelo enredo sempre explícito.

Os novos ares de 1960, década da revolução sexual, viriam a mexer com os tabus e preconceitos, abrindo espaço para um modo mais natural de encarar o erotismo e a sensualidade. Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo do jornalista Sérgio Porto (1923 – 1968), fez sucesso com as fotos de belas moças que publicava em sua coluna “As Certinhas do Lalau”, primeiro em *Manchete*, depois em *O Cruzeiro* e mais tarde no jornal *A Última Hora*. Parodiando a lista das “mulheres mais bem vestidas do ano”, promoção do colunista Jacinto de Thormes., Stanislaw divulgava as suas “mais bem despidas”.

Foi com *Fairplay*, em 1966, que a revista masculina brasileira ganhou cara de modernidade. Começou com discretos nus femininos e, a partir do décimo número, empenhou-se em despir as beldades da época, uma seleção que incluía Odete Lara (1929 -), Betty Faria e Leila Diniz (1945 – 1972).

Dois anos antes, surgira *Ele e Ela*, disposta a mostrar a nudez feminina e falar de sexo sem rodeios. A revista não tardou em atrair a censura, que se instalou em sua redação. A tiragem da revista viria a aumentar nos anos 1980 quando foi abolida a censura.. Estava desimpedido o caminho que década e meia mais tarde, permitiria o surgimento de revistas de nus mais ousados, entre elas *Sexy*, além daquelas dedicadas ao nu masculino, como *G Magazine* e *Íntima & Pessoal*.

Em meados da década de 1970, *Ele e Ela* foi obrigada a dividir com outras publicações o território das revistas masculinas. Primeiro, com *Status*, lançado pela Editora Três em 1974, que por alguns anos lançou uma vitoriosa fórmula, a nudez feminina aliada a ficção de ótima qualidade. Concursos promovidos pela revista premiaram autores como Dalton Trevisan (1925 - ) e Rubem Braga. *Status* não tardou a enfrentar a concorrência daquela que viria a ser a mais importante publicação masculina no país: *Playboy*. A nova revista chegou ao Brasil com o título de *Homem*, pois a censura proibiu o uso da marca criada em 1953 pelo americano Hugh Hefner. O título definitivo seria adotado em 1978, quando *Playboy* se apresentou como “versão brasileira da melhor, da maior e mais importante revista masculina do mundo”.

Como outras revistas masculinas, coube-lhe enfrentar a censura, que vetava textos e ordens absurdas. Os censores criaram o que o humorista Luís Fernando Veríssimo chamou de “cota mamária”: não se podia publicar mais que um seio por página, igual racionamento era aplicado a outra parte traseira da mulher. Somente em 1980, o brasileiro pôde ver um nu frontal nas revistas masculinas nacionais, depois de um século das publicações “galantes”.

Por sua perenidade e diversidade de assuntos o gênero revista constitui-se fonte valiosa para pesquisa.

Obviamente devemos levar em conta as diretrizes que orientaram cada período, pois os periódicos de modo geral não tinham, como visto anteriormente, autonomia completa, portanto, se submetiam ao sistema, mesmo que lutando para escapar ao controle.

## Capítulo 3

### 3.1 - A Revista do Livro

O primeiro número da *Revista do Livro* é de junho de 1956. Na apresentação da primeira edição consta o texto de abertura do então ministro da Educação e Cultura Clóvis Salgado:

A “Revista do Livro”, órgão oficial do Instituto Nacional do Livro, cujo primeiro número se apresenta ao público brasileiro, é mais uma manifestação dos altos propósitos do governo em contribuir para o aprimoramento da cultura nacional. Demonstra o empenho do I.N.L. em cumprir suas tarefas específicas, com o apoio e a plena confiança do Ministério da Educação e Cultura. A Revista será mais um veículo de difusão e um campo aberto ao debate de idéias, sugestões e planos que visem o desenvolvimento cultural do nosso povo. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p.2)

Em um texto denominado “Depoimento”, o diretor da *Revista* José Renato Santos Pereira exorta toda a intelectualidade a unir-se ao governo no sentido de impulsionar o “processo civilizador da nação” e buscar o comprometimento dos homens de cultura e os estudiosos em “alcançar estágio superior ao incompleto sistema pedagógico-universitário vigente”. Segundo o diretor, a *Revista* pretende um caráter nacional, porém isso não implicará exacerbação nacionalista, já que a cultura nacional está interligada às correntes do pensamento universal. O Estado, como depositário da cultura nacional, está cumprindo seu papel de democratização dessa cultura ao lançar a *Revista do Livro*, procurando

incorporar “à nossa cultura milhões e milhões de brasileiros que não sabem ler nem escrever.” Continuando:

Os homens desta idade devem e podem esforçar-se no sentido de que a palavra “Democracia” readquira a sua plenitude e a sua dignidade e a palavra “Cultura” volte a ser parte integrante deste significado, como o perfume à flor, o sabor ao alimento, a cor à terra ... Demo-nos as mãos. Marchemos ombro a ombro em direção ao generoso coração do povo brasileiro, para lhe ofertar o pão e a rosa da cultura. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p.4)

Prometendo tiragem trimestral, este primeiro número foi uma homenagem a Machado de Assis, autor representativo do universo cultural brasileiro.

A produção veiculada na *Revista do Livro* lhe confere um caráter elitista, contrariando portanto, a proposta de ser um veículo de democratização da cultura. Pelo nível das matérias editadas, o leitor mediano encontrará dificuldades de entendimento, visto que é necessário um vasto referencial teórico. Seu público alvo é o meio intelectual e universitário. Seu sistema de distribuição era precário, uma vez que foi distribuída pelo próprio INL, portanto, não se cumprindo as previsões anteriores em que prometia vasta distribuição. Essas contradições não diminuem o brilho da *Revista*, sua importância é destacada quando em janeiro de 2002, um grupo de intelectuais (Alfredo Bosi, Autran Dourado, Carlos Heitor Cony, Heloísa Buarque de Holanda, José Midlin, Moacyr Werneck de Castro, Nélida Piñon, Luís Schwartz (1938 - ) e Raymundo Faoro), portanto, depois de 31 anos, relançaram a *Revista do Livro*. Esta nova fase pretende ser uma retomada da anterior, como consta no editorial de lançamento.

O presente volume representa a retomada do que foi um dos projetos editoriais mais bem-sucedidos na área do antigo Ministério da Educação e Cultura. Demos-lhe o número 44 para expressar uma proposta de continuidade. Estampamos na capa a mesma foto – um Machado de Assis jovem, de barba gloriosamente inculta – que figurou na capa do primeiro número, antes de

executado o elegante projeto gráfico de Tomás Santa Rosa Jr., a partir do número 2, que se tornaria marca registrada da publicação.

*A nova Revista do Livro pretende ser fiel ao padrão de qualidade de sua primeira fase. Algumas mudanças de forma e conteúdo se fizeram necessárias para adaptá-la à realidade de nosso tempo. Mantivemos o mesmo formato mas a concepção gráfica mudou. Tornou-se, também, menos “literária” em relação ao seu paradigma. A extraordinária expansão do mercado editorial brasileiro nas três últimas décadas não poderia deixar de refletir numa publicação que trata de livros como a nossa. Abrimos espaço, da mesma forma, para a ciência da informação, levando em conta a importância cada vez maior que as bibliotecas públicas assumem na nossa sociedade. A produção acadêmica brasileira, que aumentou em quantidade e qualidade, estará também mais representada na atual Revista de Livro. (REVISTA DO LIVRO, n°44, 2002)*

*Obviamente trata-se de uma retomada mais no sentido de homenagem ao que foi sem sombra de dúvida, um importante marco no que se refere às questões relacionadas ao livro. Os tempos são outros e as preocupações ídem. Não se pode ignorar as novas mídias, o mundo eletrônico é uma realidade e o livro certamente sofre sua influência. Na nova Revista do Livro já se observa esta preocupação em textos como: Quem tem medo de tecnologia?, de Heloísa Buarque de Hollanda e Direito autoral na era da internet, de Henrique Gandelman.*

### **3.2 - Características da Revista do Livro**

A *Revista do Livro* é apresentada medindo 18 X 27 cm e constando cada número de aproximadamente 300 páginas. A tiragem a princípio seria trimestral. A capa (sempre em cores pastéis) apresenta na parte superior em tipos maiores “Revista do Livro”, logo abaixo em tipos menores “Órgão do Instituto Nacional do Livro”, no centro existe uma vinheta e na parte inferior da capa aparece “Ministério da Educação e Cultura”

Na contra-capas, sempre em branco, aparece no verso a ficha técnica: diretor José Renato Santos Pereira, redatores Alexandre Eulálio e Brito Broca, assistente geral Augusto Souza Meyer, conselho consultativo Antonio Houaiss, Augusto Fragoso, Celso Cunha, Crisanto M. Filgueira, J. Galante de Sousa e M. Cavalcanti Proença.

Desde o final do século XIX, a atividade intelectual já era encarada como profissão. Com o surgimento de várias facções, partidos, ligas e entidades políticas das mais variadas, tornou-se necessário a busca por indivíduos aptos a contribuir para a legitimação desses grupos. Portanto, tornou-se evidente a cooptação da elite intelectual pelas forças políticas, não importando para tanto a cor política do cooptado.

Atuando em nome de seus interesses próprios e manejando os recursos políticos que o comando da máquina governamental lhe oferece, essa camada burocrática passa a acolher indivíduos que pouco antes se haviam filiado a movimentos e a forças políticas concorrentes. (MICELI, 2001, p. 218).

Escapar desse mecenato forçado era tarefa difícil. Sérgio Miceli em *Intelectuais à brasileira* alerta para o fato de que somente escritores de alta vendagem tinham autonomia literária frente ao Estado. Estes escritores que se firmavam entre 1920 e 1930, tiveram ao seu favor não só o fortalecimento do mercado editorial como também o momento de efervescência política – caso de Jorge Amado e Érico Veríssimo. Se, de um lado, os escritores que se posicionassem contra o poder eram ameaçados com censura e prisão, por outro, lhe ofereciam trabalho remunerado.

Incapaz (ou incapacitado) de articular uma política cultural que ultrapassasse as funções mecenáticas do Estado, o governo acabou transformando o serviço público em instância supletiva de uma política cultural e educacional pouco eficiente, já que falhou sempre na construção da infra-estrutura essencial à modernização da produção literária [...]. Se o Estado não se responsabilizava pela alfabetização do público, nem preservava os interesses do país no mercado nacional, a nomeação de escritores para cargos públicos consistia, de um lado, na confissão de sua impotência institucional, de outro, na tentativa de remendar a impotência de forma canhestra, mutilando simultaneamente a instituição literária, por não reconhecê-la como tal, e o serviço público, no qual postulava a existência do ócio necessário à criação. (LAJOLO&ZILBERMAN, 1996, p.71).

Renato Cordeiro Gomes no texto “Intelectuais e a cidade das letras” no livro *O Papel do Intelectual Hoje*, citando Gramsci, observa que:

não se pode governar sem ficção, não se governa também por pura coerção, é necessário ter crenças para se governar e que um dos papéis do Estado é fazer crer. É neste contexto que entra o escritor, as estratégias do fazer crer têm a ver com a construção da ficção. (GOMES, 2004, p.125)

Este estreito laço dos intelectuais com o poder se fez sentir mais pesadamente a partir da década de 1930.

Entre os anos de 1960 e 1980, o escritor “jornalista” ganhou importância, pois a ficção era escrita por eles, o que os alçou a protagonistas desta mesma ficção. Jornalistas são personagens em *A Festa*, de Ivan Angelo; *Cabeça de negro* e *Cabeça de papel* de Paulo Francis; *Um animal na Floresta* e *Domingo 22* de Carlinhos de Oliveira; *O inferno é aqui mesmo* de Luiz Vilela; *Setembro não tem sentido* de João Ubaldo Ribeiro, e tanto outros, como os romances-reportagem. Vale lembrar que estávamos em plena ditadura militar. O resto do continente vivia o grande auge do realismo mágico e da literatura latino-americana, com escritores jornalistas como Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa. Apesar da censura – ou talvez por causa dela – a literatura nacional despertou um grande interesse do público leitor. O que fez com que o crítico Silviano Santiago afirmasse:

o romancista jovem poderá abdicar do trabalho literário como bico, passatempo noturno ou atividade de fins de semana, para se consagrar à sua profissão em regime de *full time*, como um bom escritor europeu, americano, ou mais recentemente, hispano-americano. (1989, p. 24)

O intelectual vivia entre a cruz e a espada, ou seja, entre a elite e o proletariado. Pensavam um papel absolutamente utópico – fazer a revolução. A geração dos anos de 1960 tinha quase que por obrigação ser de esquerda, o que eventualmente os colocava em

papéis de patrulheiros uns dos outros. Os laços dos escritores com o poder os levam a assumir uma postura ambígua. Por terem uma visão privilegiada do período acabaram tendo também grandes frustrações, pois enfrentaram uma realidade que não podiam mudar camuflando uma vocação literária que não conseguiam levar a diante.

Neste sentido, o escritor João Antonio observa em *Abraçado ao meu amor*:

Tenho dito, com algum rompante, que a profissão faz alcoólatras, jogadores, impotentes, solitários empedernidos ou viciados na gula da mesa e do poder, e, por isso, rodeados de inimigos, detratores e desafetos por toda parte ... Provavelmente, só por si, a profissão não faça essas desgraças e devastações, mas, sim os infelizes que a procuram, fracassados em outros meios, já chegam a elas doentes, impregnados, neurastênicos, ansiosos, atrapalhando-se com espectros e manias. Agora, a profissão apressa bem esses processos. (ANTONIO, 2001, p.90).

A idéia de que o intelectual é agente do saber e da “verdade”, portanto papel conscientizador, fez com que eles próprios criassem um sistema de poder, onde se assumem como transformadores da realidade. Esta visão totalizante cria, porém, um certo distanciamento e em vez de ampliar, estreita os horizontes.

Creio indispensável manejar uma relação mais fluida e complexa entre as instituições ou classes e os grupos intelectuais. Inclusive por sua condição de servidores de poderes, estão em contato imediato com o forçoso princípio institucionalizador que caracteriza qualquer poder, sendo portanto os que melhor conhecem seus mecanismos, os que mais estão treinados em suas vicissitudes e, também, os que melhor aprendem a conveniência de outro tipo de institucionalização, o do restrito grupo que exerce as funções intelectuais. (RAMA, 1985, p.47).

Prosseguindo, Ángel Rama aponta dois tipos de linguagem: a oficial e a cotidiana. A oficial cristaliza as convenções instituídas e somente este tipo chega ao registro escrito. Da linguagem cotidiana, utilizada pelo povo nas relações sociais, não se encontra registro, falha que ele atribui à responsabilidade dos letrados.

De acordo com Vera Lúcia Follain de Figueiredo:

A trajetória do escritor parece, então, exemplar quando se deseja pensar a figura do intelectual na América Latina. Escrevendo para defender os direitos de uma camada social que, sendo analfabeta, não pode ler nem comprar seus romances, situa-se num lugar absolutamente incômodo, dependendo da burguesia nacional que detém o poder sobre as editoras e a imprensa. (2004, p. 144)

Quando se escreve, mesmo sem intenção política, se revelam as máscaras da sociedade e os mecanismos do poder. O texto literário tem a capacidade de revelar as estruturas da sociedade, dando à literatura foro especial na caracterização de uma época.

Procuramos identificar os paradigmas ideológicos delimitados entre o Estado Novo e o Regime Militar. A análise desse período nos leva a perceber o que acontece nos órgãos do Estado: tornam-se poder absoluto, a ideologia é emitida pelos aparelhos do Estado.

O Instituto Nacional do Livro como multiplicador das transformações por que passou o Estado; do facismo do Estado Novo para o anti-comunismo do Regime Militar, tem seu papel inicial – de multiplicador de uma ideologia (no Estado Novo) reduzido a mero aparelho repressivo (no Regime Militar). Portanto, resultando sua transformação em aparelho mais repressivo que ideológico.

O deslocamento da ação do INL, que era editar, passou em 1970, ao regime de co-editar. Foi o golpe fatal na *Revista do Livro*.

Dos livros publicados naquele ano, somente 3% são editados pelo INL, dos quais um terço são publicações institucionais. A série de medidas legais iniciadas em 1970, terceirizava (para usar um termo atual) a linha editorial do INL, moldando o Instituto à imagem de um Estado tecnocrata, comparando-se as atividades dos chefes da seção de

publicações durante o Estado Novo e as época da instauração do regime de co-edição, fica patente o deslocamento para uma atuação meramente burocrática.

O princípio básico, a divulgação do livro e portanto o estímulo à leitura, trabalho efetuado pela *Revista do Livro*, perde sua função. O alvo das medidas não era mais o público leitor, mas a iniciativa privada, que além de exclusividade no mercado e da subvenção de seus custos, tinha parte de suas edições compradas pelo Estado. O único senão imposto às editoras pelo Regime Militar estava nos pareceres dos peritos responsáveis pela linha editorial. O que o INL não editaria, no contexto repressivo de então, as editoras também não cogitariam de editar.

Portanto, não escapou a *Revista do Livro* deste destino, pois os intelectuais que a criaram já colaboravam com o INL.

Vários colaboradores passaram pelas páginas da *Revista do Livro*, porém este grupo foi o mais constante, auxiliando-a por praticamente toda sua existência. O que se pode questionar é a razão da reunião em torno da *Revista do Livro* de um grupo com posturas políticas tão ecléticas. Isto não significou que deixaram de lado suas crenças. O que estava em jogo era a sobrevivência. “Un escritor no necesariamente es un intelectual, un intelectual no necesariamente es un político, un político no necesariamente es un revolucionário” (OUTRA TRAVESSIA, 2003, p.13). Na segunda metade da década de 1960 e início dos anos de 1970, chegou a existir uma simbiose entre o escritor e o revolucionário, período que se caracterizou pela supressão quase que total entre o campo literário e o político. Como foi afirmado anteriormente, a *Revista do Livro* tinha como proposta o desenvolvimento cultural do povo, porém, o intelectual era identificado com a cultura das elites. Cabia a este mesmo intelectual não pela mediação política e sim pela intelectual incluir o povo neste universo, tendência originada no romantismo que

depositava no povo um saber natural em contrapartida ao saber rebuscado da cultura das elites. Esta duplicidade de papéis não impediu que esses intelectuais se reunissem em torno da *Revista do Livro* num projeto maior. Por ser um veículo subsidiado pelo Estado, a *Revista do Livro* tornou-se um campo fértil para as mais variadas experiências. Matérias que somente interessaria a um pequeno público leitor, portanto sem muito acesso a jornais e revistas da época, nas páginas da *Revista do Livro* encontrou guarida.

A *Revista do Livro* não segue uma postura ideológica precisa. As linhas temáticas se sucedem como um leque de variadas possibilidades: podemos ter acesso a um texto crítico do século XIX e na página seguinte a um de 1950. Talvez seja esse universo múltiplo exatamente o que faz a riqueza da *Revista*.

As seções da revista obedecem uma certa seqüência. Ainda que novas seções fossem criadas posteriormente, não se alteraram as primeiras. O “Sumário” é apresentado na página inicial da *Revista do Livro*, onde constam o mês, o ano e o número do tomo, dividido nas seções que a compõe: “Estudos”, “Inéditos”, “Resenhas”, “Arquivo”, “Vária”, “Noticiário” e “Bibliografia”.

A seção “Estudos” consta sempre de um estudo crítico de uma determinada obra ou autor. Em “Inéditos”, publica-se material inédito, quase sempre tratando-se de correspondência entre escritores. A seção “Resenhas”, como o próprio nome aponta pretende resenhar obras lançadas no Brasil e no exterior. “Arquivo”, que consta na própria *Revista do Livro* (nº 38) como a seção “em que são divulgadas páginas esquecidas da literatura brasileira”. Na seção “Vária” podem ser encontrados estudos críticos, resenhas, índices de dicionários e matérias em língua estrangeira. Em “Noticiário” constam as publicações do Instituto Nacional do Livro e notícias referentes ao próprio Instituto. Em

“Bibliografia”, Áureo Ottoni faz a relação da bibliografia publicada no Brasil no trimestre a que se refere a *Revista*. Na abertura das seções existe sempre uma vinheta acompanhada pelo nome da seção em tipos maiores.

A *Revista do Livro* é interrompida por dois anos (1961-1964), mas não se tem uma explicação plausível para este hiato, já que no número de retomada em março de 1964 consta uma nota informando que “... motivos independentes à direção do INL e à redação da revista, agora superados, causaram essa interrupção do nosso periódico, então num dos seus momentos de maior prestígio”. A partir do número 27 e 28 (reunidos num mesmo volume) percebe-se uma alteração no padrão da *Revista*. O número de páginas diminui consideravelmente e passa-se a registrar somente o ano da *Revista* (Ano VIII) e não mais o mês como acontecia anteriormente. A *Revista do Livro* já não é mais a mesma, no número 31, além da alteração gráfica, muda-se o tamanho (15 X 22 cm). Novas seções são criadas, como “INL: Crônica”, que tem função específica de divulgar os trabalhos do INL. “O Livro Brasileiro no Estrangeiro”, “Na Estante”, “A Véspera do Livro” e “O Livro no Mundo” são seções que tratam do veiculação e a parte estrutural do livro. “Os Novos” se propõe a lançar autores novos, “Resenha”, que não condizendo com o título, publica somente atividades do INL, tais como, Prêmio Roquette Pinto, Prêmios Literários Nacionais, a venda de livros nas farmácias proposta pelo INL. A seção “Reportagens” que versava sobre assuntos relacionados ao livro, por exemplo, da venda de livros de bolso até o perfil de determinado escritor. Em “Depoimentos”, escritores discorrem sobre sua obra. Na seção “In Memoriam” são apresentados perfis de autores falecidos. Na seção “Crítica” encontram-se resenhas de livros. Finalmente, na seção “Poesia”, que, atendendo ao público leitor, passa a publicar poemas. Estas seções, porém, não seguem um padrão fixo, como por exemplo a publicação na seção “Resenha” de um artigo discorrendo sobre o dia da cultura e da

ciência. Segundo consta da Nota da Redação (10.25.8.1.10.8) “Essa alteração foi feita com base em estudos e observações que vieram a recomendá-la como necessária, sob vários aspectos...” A nova proposta pretende dar prioridade ao desenvolvimento do livro no Brasil, tanto no aspecto industrial como comercial. A Revista se reveste de um caráter especial, segundo nota da redação, seria esse um caráter documentário. Seria esta a função da nova seção “INL: Crônica”

[...] foram reunidos trabalhos especiais, com aquêlê sentido informativo essencial, acêrca das atividades desenvolvidas pelo INL ao longo de seus 30 anos e, em particular, em 1967. No conjunto, êsses trabalhos oferecem ao leitor uma visão objetiva do papel que o Instituto tem desempenhado no contexto da vida cultural do país, como instrumento apropriado de propagação do livro e de estimulação intelectual. Quem não conhece o que êsse órgão do MEC já fez e o que vem fazendo, pode, à leitura de tantos testemunhos, colocar-se a par de suas atuações e conhecer as suas perspectivas históricas. (REVISTA DO LIVRO, 1965, p.5)

Ao examinarmos a *Revista do Livro* algumas questões chamam a atenção. Como uma revista que se propõe ao desenvolvimento cultural do povo, publica textos tão herméticos? No contexto do século XX, onde os traços definidores da democratização cultural é uma constante, como não lembrar da observação Ecléa Bosi quanto a visão de cultura até meados do século XIX: “uma educação humanística ampla, mas acessível apenas à nobreza e à alta burguesia.”(BOSI, 19977, p.22). Outra indagação diz respeito as reedições de matérias, tão freqüentes na *Revista do Livro*. Seria esta uma estratégia para fugir ao controle? O que se falou no século XIX, teria menos importância na atualidade do ponto de vista político?

Apesar dos esforços, percebe-se que a partir da retomada (nº 31), a *Revista do Livro* não consegue mais manter o padrão anterior. As seções criadas posteriormente não seguem um critério específico, podendo aparecer em um número e desaparecer nos seguintes.

O INL, desde sua criação, não contou com grandes verbas. Os recursos financeiros reduzidos destinados à *Revista do Livro* aliados ao regime de co-edição, agravaram a situação da *Revista*. A decisão do ministro da educação Jarbas Passarinho de reorganizar o setor de publicações e substituir o general Umberto Peregrino, diretor do INL de 1967 a 1970, por Maria Alice Barroso levou, em 1970, à suspensão da *Revista do Livro*.

A *Revista do Livro* como o próprio INL, sofreu, durante toda a sua existência a indiferença do Estado. Foram criados para satisfazer alguns interesses e não deram condições para que se mantivessem. Tudo indica que a oficialidade previa que se extinguiriam por si próprios. A garra de alguns colaboradores, principalmente de Augusto Meyer, fizeram com que o projeto sobrevivesse mais que o esperado.

### **3.3 – Trabalhos Publicados pela Revista do Livro**

A *Revista do Livro* se apresentava como um veículo para a difusão e o debate de idéias , sugestões e plano que visava o desenvolvimento cultural.

Embora a *Revista do Livro* tivesse como proposta incentivar a cultura em geral, ao examiná-la nota-se a predominância de matérias que abordam a literatura. A prosa ocupa papel de destaque, pela constância e quantidade. De modo geral, são trabalhos editados que se encontravam dispersos, em sua grande maioria, análises críticas. O poema ocupa pouco espaço se levarmos em conta o universo da *Revista*, pois se apresenta esparsamente. Podemos registrar

alguns trabalhos que tratam especificamente da lírica. *A Poesia Científica de Augusto dos Anjos*, de José Escobar Faria (1.1.1.12.2.1); *Le Contrepoint Poétique*, de Michael Gauthier(1.1.1.13.2.1), *Um inédito Alphonsus de Guimarães*, poemas comentados por Paulo Sérgio Nery, com dois fac-símiles da obra (1.1.2.4.10.1); *Poesia do Haiti*, de Maurice A. Lubin (1.2.1.13.2.1); *Um Poeta de 45*, de Antônio D’Elia (2.3.4.4.2.1); *José Severiano de Resende e alguns temas de sua poesia*, Adalberto da Costa e Silva (2.4.1.5.5.2); *A Educação do Poeta*, de Carlos David (2.4.4.1.10.1); *O Sentido da Poesia de Baudelaire*, de Dante de Moraes (2.4.4.2.2.1); *Tres Poetas de America (Cesar Vallejo, Pablo Neruda y Nicolás Guillén)*, de Augusto Tamayo Vargas (2.5.1.4.2.1); *Os Sonetos do Sonêto*, de José Lino Grünwald (2.5.2.1.2.1); *Concretismo, ou uma hipótese autocontrariada*, de Oswaldino Marques (3.7.1.2.2.1); *O Conceito Romântico de Poesia*, de Alphonsus de Guimarães Filho (3.7.4.6.2.1); *Ou en est la Poétique?*, de Michael Gauthier (3.10.1.2.2.1); *Uma alternância vocálica na poesia de língua portuguesa*, de Josué Montello (4.11.1.1.2.6); *A poesia de Delmira Augustini*, de Bella Josef (4.11.1.10.2.1); *Rimas que não rimam*, de Mello Nóbrega (5.15.1.7.2.1); *Poesias Malditas*, de Mário de Andrade (5.18.2.1.10.1); *À busca da poesia*, de Pedro Xisto (6.19.1.1.2.1); *Contribuição para uma edição crítica das poesia de Augusto dos Anjos*, de Francisco de Assis Barbosa (11.28.1.2.2.1); *O humor na poesia*, de Cassiano Nunes (11.30.1.3.2.1); *A poesia de Olavo Bilac*, de Bella Josef (11.30.1.4.2.1); *A Mudança*, de Zilda Mamede (13.36.19.1.10.1); *Abstrata*, de Olga Savary (13.36.19.2.10.1).

Um gênero literário que a *Revista* também não privilegiava era a narrativa. Registram-se, além de poucos trechos de romances e algumas crônicas, os contos *Um dedo ao vento*, de Renato Soares de Lima (13.36.13.4.10.1) e *Mal-Assombrado*, de Carmosina Araújo (13.35.11.2.10.1).

Mesmo não existindo uma seção de cartas dos leitores, em alguns editoriais da revista, percebe-se algumas insatisfações desses leitores:

Haverá quem reclame algum espaço na “Revista” para estudos científicos e filosóficos; quem note ausência de comentários sobre teatro, cinema, artes, etc. Tudo isso já tem sido objeto de nossas cogitações. Mesmo no setor literário, do qual mais nos ocupamos, se torna sensível a necessidade do “review” para os livros do dia. Não basta a resenha puramente bibliográfica, que vimos fazendo como ninguém até hoje fez entre nós: é preciso também para completá-la, a informação crítica. (REVISTA DO LIVRO, 1958, p.5)

*Com o propósito de comemorar todas as datas literárias, a Revista traz alguns números especiais relacionados com o nascimento ou morte de alguns escritores.*

A *Revista do Livro* abrigou em suas páginas os nomes mais expressivos da inteligência brasileira da época. Trabalhos publicados pela *Revista* não perderam o viço, pelo contrário tornaram-se clássicos para estudiosos de nossa literatura. É caso do artigo *A biblioteca de Machado de Assis*, Jean-Michel Massa (6.19.4.1.2.1) e *De Machadinho a Brás Cubas*, de Augusto Meyer (3.9.1.1.2.1). Portanto, pareceu-nos importante destacar alguns trabalhos publicados pela *Revista*.

Na *Revista do Livro* se encontram transcritos 16 pareceres emitidos por Machado de Assis (1.1.2.3.10.2), quando censor do Conservatório Dramático. Os originais dos pareceres se encontram atualmente na Biblioteca Nacional. Os documentos mostram uma outra faceta do escritor: Machado censor. É perfeitamente óbvio o interesse da *Revista* nesses pareceres, já que o INL passou por dois regime ditatoriais e José Galante de Souza que faria o elogio dos pareceres para o número seguinte da *Revista*, foi censor das edições do INL durante o regime militar.

Os pareceres estão redigidos no próprio formulário que o Conservatório Dramático enviava as peças para o julgamento. Os 16 pareceres cobrem o período de 2 anos, de março

de 1862 a março de 1864, quando o escritor estava prestes a completar 25 anos. Somente haviam sido publicados dois pareceres, o primeiro em um jornal da época, o outro após a morte do autor, quando então aparece o nome de Machado de Assis ligado ao aparato censório do Império.

Os pareceres deviam obedecer a algum embasamento do Conservatório Dramático:

1-Não devem aparecer na cena assuntos nem expressões menos conformes com o decoro, os costumes e as atenções que em todas as ocasiões devem guardar maiormente naquelas em que a Imperial Família honrar com a sua presença o espetáculo. 2- O julgamento é obrigatório quando as obras censuradas pecarem contra a veneração à Nossa Santa Religião, contra o respeito devido aos poderes políticos da Nação e às Autoridades constituídas, e contra a guarda da moral e decência pública. Nos casos, porém, em que as obras pecarem contra a castidade da língua, e aquela parte que é relativa à Ortoepia, deve-se notar os defeitos, mas não negar a licença. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p.178 )

Passemos a alguns pareceres da lista de Machado de Assis: na comédia *Finalmente* (1862) de Antonio Moutinho de Souza, aprovada por Machado, é cometido um erro, já que o escritor a julga uma tradução, um erro justificável, pois na época era comum a não citação da natureza da obra ou o autor das traduções. Sobre a peça, Machado escreve:

A phrase é polida, sem segunda intenção. Todavia o meu escrupulo leva-me a aconselhar a supressão de uma expressão de Asevedo na 2( scena. É a seguinte resposta ao criado: - Ella disse que o alecrim havia de me fazer bem á cabeça... amarga zombaria! A phase isolada nada tem de reprehensivel; mas se nos lembrar-mos que Asevedo está persuadido de que os ramalhetes de Augusto são dirigidos a sua mulher acharemos equivoco na expressão. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p. 179)

Percebemos por este trecho, que a simples suspeita de adultério já era suficiente para a censura, pelo menos parcial da obra.

A peça *Um Casamento da Época* (1862) de Constantino do Amaral Tavares é aprovada com algumas ressalvas:

O caráter da baronesa, madrinha de Elvira, falseia-se a meu ver no segundo acto (...) Elvira cahe-lhe nos braços (...) confia á madrinha os segredos da sua infelicidade (o casamento que lhe é imposto). A baronesa responde á Elvira lembrando-lhe o divorcio (...) nenhuma palavra de resignação, nada disso que aquella matrona que alli representava a sociedade devia faser ou diser antes de aconselhar esse triste e ultimo recurso [...] (REVISTA DO LIVRO, 1956, p. 180).

O simples mencionar da palavra divórcio tira da baronesa todo o seu caráter de nobreza.. O parecer da tradução da peça de Victorien Sardou *Os Nossos Íntimos*, feita por Joaquim da Silva Lessa Paranhos, recebe o seguinte comentário:

A comédia **Os nossos íntimos**, é a mesma que já examinei com o título os **Íntimos**. Pude reconhecê-la apesar da tradução que está em vasconço. É deplorável que no teatro subvencionado, e donde devia partir o ensino, se representam peças tão mal escritas (...) **Os nossos íntimos** parece haver saído da taverna, tal é seu aspecto immundo e pouco compatível com a decência do Conservatorio Dramatico. (REVISTA DO LIVRO, 1956,181)

Sobre a comédia *A Mulher que o Mundo Respeita* (1862) de Verediano Henrique dos Santos Carvalho, Machado afirma:

A comedia A mulher que o mundo respeita não está no caso de obter a licença pedida para subir á scena. É um episodio immoral, sem principio nem fim. Pelo que respeita ás condições litterarias, ser-me-há dispensada qualquer apreciação: é uma baboseira, passe o termo. (REVISTA DO LIVRO, 1956, p. 187).

É perfeitamente compreensivo a publicação dos pareceres no contexto político da época, pois assim identificaria Machado de Assis com o regime autoritário instalado.

Outro importante documento foi publicado pela *Revista do Livro*. Trata-se do índice da *Coleção Brasileira (12.32.7.1.7.8)*. Coleção de prestígio, a *Brasileana* trata de assuntos brasileiros – *História Secreta* de Gustavo Barroso, *Os dois Brasís* de Jacques Lambert, *História Econômica do Brasil* de R. Simonsen, *Primeiros Povoados do Brasil* de J. F. de

Almeida Prado, *Formação Histórica do Brasil* de Pandiá Calógera, *Evolução Histórica do Brasil* de Roberto C. Simonsen. Apesar de todo o prestígio, as edições sempre foram pequenas, o que faz da coleção uma raridade. Um fato curioso faz o primeiro volume ser mais raro que os posteriores, pois a *História Secreta* publicada na edição gerou protestos contra a inclusão de “obra tão inútil e tendenciosa.” (HALLEWELL, 1985, p. 303). A coleção, que teve início em 1931, a princípio fazia parte da *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, porém alçou vô maior sendo descrita pelo jornal *O Estado de São Paulo* no suplemento Literário de 4 de março de 1973 como “... até hoje o mais completo repositório de informações sobre o Brasil, sua origem, sua formação, sua vida em todos os campos.” (HALLEWELL, 1982, p.301). Esse prestígio se dá por ser considerada como uma das primeiras coleções a dar a importância devida a assuntos brasileiros: *A Princesa Isabel* de Pedro Calmon, *As culturas Negras do Novo Mundo* de Arthur Ramos, *Estudos de História Colonial* de Hélio Vianna, *O Patriarca: Gênio da América* de Armando Caiby e *Aculturação dos Alemães no Brasil* de Emílio Willems. (cf. HALLEWELL, 1982, p.301).

Os raríssimos exemplares da coleção encontrados hoje estão com alguns poucos colecionadores e na Biblioteca Nacional.

Outra importante publicação foi a seção “Bibliografia Brasileira Corrente” da *Revista do Livro* que traz a cada número a bibliografia nacional atualizada. Este trabalho é de autoria de Áureo Ottoni e já era feito pela Biblioteca Nacional e pelo próprio INL, porém sem alcançar regularidade. Isso somente foi possível com a entrada de Ottoni no Instituto. Já circulava com regularidade o *Boletim Bibliográfico Brasileiro* que, editado pelo setor privado nada mais era do que o material do INL, elaborado por Áureo Ottoni. Esta seção dura até 1967 quando foi suspensa. O então diretor do INL, general Umberto Peregrino, aproveitando esta lacuna cria a *Bibliografia Brasileira Mensal*, pois

anteriormente era trimestral. Foi o melhor registro de obras publicadas no Brasil no curto período de sua existência, pois durou de 1967 a 1972. A suspensão desse boletim deu-se após a saída de Umberto Peregrino, uma vez que se “(...) descobriu um acúmulo de funções entre o INL e a Biblioteca Nacional, já que esta continuava a produzir o seu boletim bibliográfico.”(HALLEWELL, 1982, p. 313-5). Até seu encerramento em 1970, a *Revista do Livro* trouxe em suas páginas este documento imprescindível para pesquisadores.

Grande parte das matérias publicadas na *Revista* trata de análise crítica. Paulo Rónai apresenta, sob o título de *Um Enigma de nossa História Literária: Gregório de Mattos (1.2.1.6.2.1)*, a reunião de três estudos que o autor já publicara em 1950 no *Correio da Manhã*. O trabalho gera uma grande polêmica, pois levanta a possibilidade de plágio na obra do “Boca do Inferno”. Para corroborar sua tese, Rónai cita trabalhos de alguns escritores como o contemporâneo de Gregório, o Frei Lourenço Ribeiro, o primeiro a levantar esta possibilidade:

Frei Lourenço, ao que parece, teve a imprudência de falar mal dêste e de suas poesias; Gregório vingou-se num “epigrama” de incrível grosseria, em que apontava com insistência a origem mulata de seu rival, sem respeitar-lhe a família. Replicou o agredido com veemência não menor, passando em revista os podres de todos os parentes de Gregório, um por um, de mais a mais, vilipendiou a obra e acusou-o de ser “pirata do verso alheio”. (REVISTA DO LIVRO, 1957, p.55)

A polêmica de Rónai não tem nada de original, pois outros autores já levantaram as mesmas suspeitas no século XIX: para Varnhagen, as poesias de Gregório de Mattos eram imitações de Quevedo e Araripe Júnior estabeleceu semelhanças entre a obra de Gregório com as de Dante, Homero, Aretino e Petrarca. A *Tribuna Popular* trava uma guerra contra o trabalho de Paulo Rónai, que se defende

[...] Quem ler com isenção de espírito os trabalhos em aprêço, reproduzidos a seguir em sua substância, há de verificar, julgo eu, que o meu objetivo não foi agredir o poeta baiano, nem defendê-lo: apenas procuro estudar-lhe a obra para melhor compreendê-la. (REVISTA DO LIVRO, 1957, p.58)

A polêmica sobre Gregório de Mattos ganharia outro enfoque se levarmos em conta o que Haroldo de Campos chamou de “tradução”, que assume mais o sentido de intertextualidade do que propriamente cópia exata. Gregório nada mais fazia do que seguir os paradigmas do barroco, no sentido estético do movimento.

[...] desenvolvi o conceito de “plagiotropia”, que “tem a ver, obviamente, com a idéia de **paródia** como ‘canto paralelo’, generalizando-o para designar o movimento não linear de transformação dos textos ao longo da história, por derivação nem sempre imediata”. Falei, então, em Gregório de Mattos como “tradutor” (transformador) ostensivo de Gôngora e Quevedo”, num plano de “diálogo com as inflexões (tropismo) da tradição” não diverso substancialmente daquele em que se punha Camões quando “traduzia”, em diferentes momentos de sua poesia, seja a dicção “pedregosa”, seja o estilo “paradisíaco” de Dante. (CAMPOS, 1989, p.87)

Mais do que um imitador, o poeta era um glosador, além do duplo sentido que a palavra nos remete. Gregório de Mattos usou a forma que preconizou o barroco, ou seja, o jogo lúdico que o movimento possibilitou, tanto que sua poesia satírica é a que mais o identifica com sua alcunha.

O conto, como foi dito anteriormente, pouco é prestigiado na *Revista do Livro*. Algumas vezes aparece por outras vias. É o caso de *Salamanca do Jarau* (4.12.4.4.2.8), conto que serviria de motivo para um *ballet* de Luís Comes. *Salamanca do Jarau* foi recolhido da tradição oral por Simões Lopes Neto e se baseia na lenda das furnas de Salamanca ou Cuevas de San Cebrian, na Espanha, que se transferiu para o Rio Grande do Sul, misturando-se ali a elementos locais de tipos, paisagens e língua, de tal forma que, na

versão de Simões Lopes Neto, pouco resta do modelo original espanhol.. Um dos protagonistas dessa lenda é Blau Nunes, personagem recorrente da tradição oral gaúcha. Trata-se de um gaúcho pobre que sente atração pelos mistérios e as possibilidades de riqueza contidas nas furnas do Jarau, onde vive a princesa moura, mulher metamorfoseada em animal diabólico que arrasta os homens à perdição: a Teiniaguá. Esta lenda seria reaproveitada, mais tarde, por Érico Veríssimo, em *O Continente*. O conto *Salamanca do Jarau* segue o padrão de Guy de Maupassant, o chamado conto tradicional: curto, centrado em uma única ação, conduz o leitor à surpresa de um desfecho inesperado e freqüentemente trágico. A trama é, na verdade, uma preparação para o clímax final. Simões Lopes Neto controla os pontos de tensão de cada relato, criando expectativa no leitor. A tentativa de busca do dramático, em certos pontos, é tão intensa, que o texto parece ameaçado pelo excesso, ou seja, pelo melodrama barato. Porém, o autor consegue manter o conto nos limites do verossímil.

*Os Folhetins de Hop-Frog*, escritos por Tomás Alves sob o pseudônimo de Hop-Frog (4.12.3.1.10.1).que haviam sido publicados anteriormente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 1879 são considerados por alguns críticos como a primeira manifestação do naturalismo no Brasil e por outros, se não a primeira manifestação propriamente naturalista, no mínimo, o primeiro anúncio dos toques e modismos que viriam nele predominar.

Dois números da *Revista do Livro*, correspondentes a 1965, foram reunidos num só volume. Abrindo a seção “Estudos” é publicado o trabalho de Victor Knoll sobre o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (8.23.1.1.2.1). Fica-se sabendo que de início não havia projeto de um romance; apenas de um conto. Entretanto, depois de escrito o conto, nasceu o romance.. O conto seria o capítulo que narra o episódio da cachorra Baleia.

Considerando essa circunstância do nascimento do romance e verificando os outros capítulos, verifica-se que todos eles se assemelham formalmente, em linhas gerais, ao *Baleia*. Todos os capítulos narram situações próprias. Podem se concluir que *Vidas Secas* é um conjunto de contos reunidos em um mesmo volume, nos quais vivem os mesmos personagens, nos mesmos lugares.

O autor continua afirmando que seria bastante marcante esse caráter de livro de contos que *Vidas Secas* possui se imaginássemos para cada capítulo outros lugares e outros nomes para os personagens. Desta forma, podemos dizer que a obra em questão compõem-se de uma série de quadros feitos de situações próprias que se constituem, cada um deles, em um todo autônomo. Qualquer pessoa que ainda não tenha entrado em contato com *Vidas Secas* caso leia “O menino mais velho” não se sentirá desorientada como nos sentimos quando entramos no cinema com o filme já no meio. Não é preciso organizar a situação total na qual se dá aquele quadro. Ele mesmo já se constitui um todo organizado. Qualquer um dos quadros nos parecerá uma peça completa e não perguntaremos se aqueles personagens vêm de outras situações ou se caminham para outras. Entretanto, esses quadros são capítulos. E de romance. O fato de cada um dos capítulos possuírem autonomia, a ponto de podermos pensar em um livro de contos, não se constitui obstáculo para chamar-mos *Vidas Secas* de romance. *Vidas Secas* é romance porque encaramos, não cada capítulo em separado, mas o todo que esses capítulos formam, a interdependência que guardam entre si.

Cada capítulo, que pode ser considerado como uma unidade, faz parte de uma outra unidade maior que engloba todos os quadros, dando coerência aos treze capítulos, enfim ao romance. E essa unidade é feita através dos personagens e do lugar fictício. E os quadros, os cortes se assim pode-se dizer, configuram um enredo que se constitui nessa totalidade que é o romance *Vidas Secas*.

Na da *Revista do Livro* é publicado um estudo de Herman Lima sobre *Os Jagunços*, de Afonso Arinos (11.27.1.4.2.1), romance que foi rejeitado pelo próprio autor. Escrito para publicação em folhetim nos jornais e sob o pseudônimo de Olívio de Barros, é considerado hoje uma raridade. O romance criou uma certa polêmica quando do seu lançamento. Araripe Júnior numa crítica no *Jornal do Comércio* (1903) sobre o aparecimento de *Os Sertões* dizia “estar saturado das narrações publicadas em folhas diárias e em livros, alusivos à guerra de Canudos, entre os quais, por último havia lido *Os Jagunços*, de Olívio de Barros, “romance histórico detestável.” (REVISTA DO LIVRO, 1968, p.87).

Talvez o crítico cearense não tenha se dado conta de que Olívio de Barros era na verdade Afonso Arinos e que o romance fora escrito em forma de folhetim para o jornal *Comércio de São Paulo*. Escrito apressadamente para o jornal, o volume trazia uma nota do editor desculpando-se dos erros de revisão, que devido à pressa não foram nem sequer revistos. Outro problema é que para escrever o livro o autor foi no rastro de *Os Sertões*, aproximando-se de tal forma que algumas páginas parecem cópias fieis de Euclides da Cunha.

Tristão de Ataíde afirma:

o romance é longo demais, sem unidade de fatura ou de narrativa e freqüentemente dessaborido, revelando quase sempre a composição apressada do folhetim. Tem, no entanto, boas páginas de vivacidade e pitoresco, especialmente na primeira página, e algumas outras fortes, de comoção e brilho, na parte final. Merecia ser refundido, como pretendia Arinos, cuja idéia era cindí-lo em dois, destacando o episódio de “A Morte de Conceição” – pois encerra muita coisa interessante, que é pena perde-se nessa edição de 100 exemplares, de que nem o autor possuía um volume. (REVISTA DO LIVRO, 1968, p.88)

De fato, Brito Broca informa no ensaio *Um romance de Afonso Arinos sobre Canudos* (4.13.4.3.2.1) na própria *Revista do Livro*, ter tido a informação do próprio autor de que foram

impressos somente 100 exemplares, restando hoje poucos exemplares dessa obra, um deles pertencente a biblioteca particular de Plínio Doyle. Brito Broca informa que Afonso Arinos não teria assinado a obra com seu próprio nome por dois motivos: por tratar-se de um romance de circunstância, o autor temia por em risco a reputação de sua carreira literária; e porque a situação dos monarquistas era crítica e Afonso Arinos continuava fiel ao antigo regime, inclusive defendendo-o nos jornais, e, portanto, não queria chamar mais a atenção para sua militância política.

Rodrigues Lapa teve alguns de seus textos editados na *Revista do Livro: A Data das Cartas Chilenas (1.1.1.2.2.1)*, *A ocultação nas Cartas Chilenas (2.3.1.1.2.1)*, *O texto das Cartas Chilenas (2.5.1.1.2.1)*, *Subsídios para a biografia de Cláudio Manuel da Costa (3.7.1.1.2.8)*, *Tiradentes e Gonzaga (3.8.1.5.10.8)*, *Algo de novo sobre Alvarenga Peixoto (4.12.1.1.2.1)*.

Em *A ocultação nas Cartas Chilenas*, Rodrigues Lapa afirma que treze cartas completam a obra de Gonzaga. São poemas satíricos que circularam em Vila Rica pouco antes da Inconfidência Mineira. São poemas escritos em versos decassílabos e tinham a estrutura de uma carta, assinada por Critilo e endereçada a Doroteu. Nessas cartas, Critilo, habitante de Santiago do Chile (na verdade Vila Rica), narra os desmandos e arbitrariedades do governador “chileno”, um político imoral, despótico, e narcisista, o Fanfarrão Minésio (na realidade, Luís da Cunha Meneses, governador de Minas Gerais até pouco tempo antes da Inconfidência). Estes poemas foram escritos numa linguagem bastante satírica e agressiva, e sua verdadeira autoria foi discutida por muito tempo. Após os estudos de Afonso Arinos e, principalmente, do trabalho de Rodrigues Lapa, não resta dúvida: Critilo é mesmo Tomás Antônio Gonzaga e Doroteu é Cláudio Manuel da Costa.

Na *Revista do Livro* foi publicado o texto de Augusto Fragoso *Dois momentos de Joaquim Nabuco* (5.15.1.4.2.1) que trata da polêmica entre Joaquim Nabuco e José de Alencar. O problema surgiu quando da apresentação de peça teatral *Os Jesuítas* de José de Alencar. A apresentação foi recebida com grande indiferença pelo público. O autor que já vinha acumulando derrotas anteriores – retirada de cena, pela polícia, da peça *As asas de um anjo* e várias derrotas políticas e literárias – para se explicar passou a publicar uma série de cartas em *O Globo*, grande jornal da época. Por infelicidade do autor, no jornal trabalhava Joaquim Nabuco como crítico literário, que talvez aproveitando a fama de Alencar, o usasse como escada para firmar-se, passando a criticá-lo em artigos no próprio jornal. Em um texto intitulado *O Sr. José de Alencar e o teatro brasileiro*, o crítico afirma que não reconhecia no escritor “uma só qualidade de dramaturgo”. Não demorou nem vinte e quatro horas para que Alencar se posicionasse. Estava criada a polêmica. Nabuco passou a rever toda a obra de Alencar, não lhe poupando sequer pequenos lapsos de revisão. Ambos vaidosos, se digladiaram semanas a fio. Nos comentários e nas caricaturas da época, a polêmica se refletiu, quase sempre a favor de Nabuco. Este era considerado sempre o “Bom”, sempre como grande crítico de postura nobre. Enquanto José de Alencar, ao contrário, aparecia como o “Mau”, vaidoso e intransigente. Joaquim Nabuco era “Quincas, o Belo” e Alencar “Zeca, o Mau”. *Mosquito*, semanário de Bordalo Pinheiro, em 20 de novembro de 1875, publicou um poema que nos dá a dimensão da celeuma:

Questão Literária

Às quintas e aos domingos

Traz o *Globo* uns rodapés

Que eu leio e releio, e as vêzes,

Leio-os ainda outra vez,  
E só não volto à leitura  
Quando me bastam as três.

Picante, sem ter mostarda,  
Rescendentes, sem ter cheiro  
Parecem mesmo adubados  
Por formosos conselheiros  
Os folhetins semanais  
E os folhetins domingueiros

Nos supracitados dias  
Tomo fartotes de risos;  
E sem pegar as lições  
Vou aprendendo a ter siso  
Bem como a ser um bom crítico  
Que bem pode ser preciso.

Um – cita Renan, Littré,  
E quantos a estranja tem;  
O outro – sem dar aprêço  
Aos mestres, donde provém,  
Fala só das próprias obras  
E nunca cita ninguém.

De todas é talvez esta  
A inspiração mais feliz:  
Mostra com isso, de sobra  
Que é senhor do seu nariz,  
E que só conhece a pátria,  
Que só ama o seu país.

*Quincas, o belo* n'altura  
De sua inglória missão,  
Procura com tanto afinco  
Esmagar a presunção  
Do hercúleo contentor  
Que adoeceu de um pulmão.

*Zeca, o terrível,* no entanto  
A ladear na comenta,  
Sobranceiro e arrogante  
Desdenha da corrigenda,  
E se o negócio é mais sério  
Passa por cima da emenda...

Semelhantes em princípios  
E ambos iguais nos fins,

O que será que pretendem  
 Demonstrar nos folhetins,  
 Os campeões denodados  
 Dos literários festins?

Achando iguais as vitórias  
 Dos dois na argumentação,  
 Não mais careço de provas  
 P'ra formar opinião:  
 - Entendo, protesto e juro  
 Que ambos têm mais razão...

Joaquim Nabuco dizia que o *Ao Correr da Pena*, folhetim que José de Alencar publicara anteriormente, não passava de uma verdadeira salada e que o romance *Lucíola* era imitação de *Dama das Camélias*. E assim por diante.

A maioria dos escritores da época preferiram se calar sobre a questão, é o caso de Machado de Assis, que era amigo dos dois. Outros poucos não vacilaram em tomar partido. Araripe Júnior considerou os artigos de Nabuco uma agressão. O próprio Joaquim Nabuco reconheceu logo após, que a polêmica só lhe causou remorso e desagrado, e confessa que tratou com presunção e injustiça o grande escritor

Embora a amostragem seja pequena, percebemos nela a heterogeneidade dos trabalhos publicados. Mesmo a *Revista do Livro* propondo-se a divulgar a cultural de um modo geral, examinando-se o seu conteúdo nota-se a predominância de análises críticas. A ligação de certas figuras das mais variadas tendências no corpo editorial da *Revista* parece não alterar o espírito

cooperativo já que esses elementos se uniram num ideal comum. A motivação às vezes parece provinda do passado, pois para o grupo, o amor à tradição é que inspiraria a atuação. Apesar da grande quantidade de textos críticos de difícil compreensão, não se pode negar a riqueza de informações. Podemos afirmar a importância da *Revista do Livro* para caracterizar um momento da vida cultural no Brasil. As referências feitas na *Revista do Livro* possibilitam o levantamento de fontes importantes para reconstruir um vasto período de nossa cultura.

## Capítulo 4

### 4.1 - Procedimentos para a Indexação

De forma geral, a vida do ser humano depende de organização, até mesmo em seus aspectos mais corriqueiros do cotidiano “De fato não existe nenhum aspecto de uma vida ordenada que não possua alguma forma de indexação como parte essencial de seu funcionamento”(COLLISSON, 1971, p.5). A necessidade de indexação como conhecemos atualmente parte do grande número de informações acumuladas pelo indivíduo a partir da industrialização, onde a memória não é suficiente para armazenar todos estes dados “... é uma faculdade que se está deixando atrofiar junto com aquelas outras forças de tato, visão e olfato que as engenhocas de uma era mecânica nos estimulam a não usar”. (COLLISSON, 1971, p.5)

Essa necessidade inerente ao ser humano de organizar informações, fez que, com o advento do livro surgisse nos mosteiros formas de se localizarem documentos. O próprio livro tem sua organização específica: os cabeçalhos dos capítulos, os sumários, índices etc., sem os quais seria muito penosa a consulta e citação de obras como, por exemplo, a *Bíblia*.

*Com o surgimento dos periódicos pela evolução da tecnologia gráfica, a partir de meados do século XVIII, aprimoram-se os índices. Pode-se afirmar que o século XX foi a grande época da indexação, pois a ocorrência da crescente massa de informação fez com que a sistematização se fizesse imperativa. Dessa necessidade surgiram inúmeras possibilidades, pois cada tema requer uma indexação específica. Não se pode usar o mesmo critério de indexação para livros, periódicos, fotografias, sons etc. Cabe ao indexador a escolha da indexação que satisfaça as suas necessidades e as do público a que se dirige.*

É de grande importância a indexação de periódicos, uma vez que este procedimento proporcionará ao pesquisador maior agilidade na consulta. Esta constatação se torna verdadeira para quem tem que pesquisar assunto de interesse em material não indexado.

Ninguém que se ache empenhado na tarefa de extrair informações de fontes impressas – seja bibliotecário, técnico de informação, jornalista, secretário, cientista ou pesquisador etc. – pode fugir à consciência de frustração que ocorre constantemente por saber que a informação existe, sem saber onde ela existe. (COLLISSON, 1971, pp.11-12).

No procedimento da indexação da *Revista do Livro*, as indicações das informações que se repetem ao longo do processo serão organizadas via um sistema de dígitos. É o caso do ano da revista que será indicado pelo primeiro dígito, obedecendo numeração de 1 a 15, ou seja, um número para cada ano dos quais a revista circulou, de 1956 a 1970.

No segundo dígito vem a indicação do fascículo da *Revista do Livro* correspondente à matéria que está sendo indexada

No terceiro dígito será indicada a seção da revista a que pertence a matéria, seções estas elencadas a partir dos índices da própria *Revista do Livro*.

O quarto dígito indica a ordem da matéria na seção.

O quinto dígito indica o tipo de texto da matéria.

O sexto dígito indica a área de conhecimento em que a matéria se insere.

1° dígito = ano da revista

2° dígito = mês/fascículo

3° dígito = seção da revista

4° dígito = ordem da matéria

5° dígito = tipo de texto

6° dígito = área de conhecimento

A seguir apresentamos as “classificações” que podem ocorrer em cada dígito:

**1° dígito = ano da revista**

1 = 1956

2 = 1957

3 = 1958

4 = 1959

5 = 1960

6 = 1961

7 = 1964

8 = 1965

9 = 1966

10 = 1967

11 = 1968

12 = 1969

13 = 1970

**2º dígito = fascículo (mês/trimestre)**

1 = 1-2 = junho

2 = 3-4 = dezembro

3 = 5 = março

4 = 6 = junho

5 = 7 = setembro

6 = 8 = dezembro

7 = 9 = março

8 = 10 = junho

9 = 11 = setembro

10 = 12 = dezembro

11 = 13 = março

12 = 14 = junho

13 = 15 = setembro

14 = 16 = dezembro

15 = 17 = março

16 = 18 = junho

17 = 19 = setembro

18 = 20 = dezembro

19 = 21-22 = junho

20 = 23-24 = julho-dezembro

21 = 25 = março

22 = 26 = setembro

23 = 27-28

24 = 29-30

25 = 31

26 = 32 (1º Trimestre 1968)

27 = 33 (2º Trimestre 1968)

28 = 34 (3º Trimestre 1968)

29 = 35 (4º Trimestre 1968)

30 = 36 (1º Trimestre 1969)

31 = 37 (2º Trimestre 1969)

32 = 38 (3º Trimestre 1969)

33 = 39 (4º Trimestre 1969)

34 = 40 (1º Trimestre 1970)

35 = 41 (2º Trimestre 1970)

36 = 42 (3º Trimestre 1970)

37 = 43 (4º Trimestre 1970)

**3º dígito = seção da revista**

0 = Abertura (fora de seção)

- 1 = Estudos
- 2 = Inéditos
- 3 = Arquivos
- 4 = Vária
- 5 = Resenha
- 6 = Noticiário
- 7 = Bibliografia
- 8 = INL: Crônica
- 9 = O Livro Brasileiro no Estrangeiro
- 10 = Na Estante
- 11 = Resenha
- 12 = Crítica
- 13 = Os Novos
- 14 = O Livro no Mundo
- 15 = A Véspera do Livro
- 16 = Reportagens
- 17 = Depoimentos
- 18 = *In Memoriam*
- 19 = Poesia

**4º dígito = ordem da matéria na seção**

- 1= primeira
- 2= segunda
- 3= terceira

...

**5º dígito = tipo de texto**

- 1 = Editorial / Depoimento
- 2 = Estudo Crítico / Artigo
- 3 = Crônica
- 4 = Correspondência
- 5 = Resenha
- 6 = Notícia
- 7 = Índice
- 8 = Catálogo
- 9 = Entrevista
- 10 = Outros

**6º dígito = área de conhecimento**

- 1 = Literatura
- 2 = Teatro
- 3 = Música
- 4 = Cinema
- 5 = Artes Plásticas
- 6 = Lingüística
- 7 = Várias / Outra(s) / Outro(s)

Além da indexação será feito uma pequena indicação do assunto de cada matéria. A seguir um exemplo da indexação:

**1.1.1.5.2.2.** DAMASCENO, Darcy. “A elaboração de *O Juiz de Paz na Roça*”. (47-54). O texto tenta precisar a data em que foi escrita a peça teatral *O Juiz de Paz na Roça* de Martins Pena.

Autores e/ou obras citadas:

*O Juiz de Paz na Roça*  
Martins Pena  
Paula Brito  
Luís Francisco da Veiga

Quando não constar nome do autor ou da obra os mesmos serão listados como **n.c.**, ou seja, não consta.

Vale ainda dizer que como procedimento, todas as palavras estrangeiras foram grafadas de acordo com o registro encontrado nas diversas fontes consultadas.

## **4.2 – INDEXAÇÃO DA REVISTA DO LIVRO**

**1.1.0.1.1.8.** SALGADO, Clovis. “Fac-símile da apresentação”. (1).  
Texto do ministro da educação e cultura apresentando a *Revista do Livro*.

**1.1.0.2.1.8.** PEREIRA, José Renato Santos. “Depoimento do Diretor do INL”. (3).  
Depoimento do diretor do INL sobre o lançamento da *Revista do Livro*.

**1.1.0.3.1.1.** n.c. “Machado de Assis”. (5). Texto que indica Machado de Assis como patrono da *Revista do Livro*.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis  
Augusto Meyer

**1.1.1.1.2.1.** MEYER, Augusto. “Chateaubriand”. (9-16). Estudo sobre a obra de Chateaubriand.

Autores e/ou obras citada

Chateaubriand  
Standhal

Racine

Shakespeare

*Mémoires d'un tourist*

Henri Bayle

Saint-Beuve

*Mémoires d'Outre-Tombe*

*La Rochefoucauld*

Matias Aires

Molière

Ginguené

Morellet

Chénier

Jules Lamartine

Thibaudedet

Taine

Diderot

*Histoire générale des voyages*

Milton

Dante

*As Mil e uma noites*

Voltaire

Virgilio

Lucrecio

Bernardin Saint-Pierre

Rousseau

Daniel Defoe

Gressner

Goethe

*Werther*

*Atala*

*Paulo e Virginia*

Baltasar Gracián

**1.1.1.2.2.1.** LAPA, Rodrigues. “Cartas Chilenas”. (17-34). O texto levanta algumas hipóteses quanto a data de publicação de *Cartas Chilenas*.

Autores e/ou obras citadas:

Cunha Menezes

Hissope

José Pedro Xavier da Veiga

Silvio Romero

Caio de Melo Franco

Lindolfo Gomes

Tito Lívio de Castro

Alberto Faria

Afonso Arinos

Cláudio Manuel da Costa

Tomás Antônio Gonzaga

**1.1.1.3.2.1.** MONTEIRO, Adolfo Casais. “Tentativa de Síntese da Poesia Portuguesa”. (35-41). O texto sintetiza as características da poesia portuguesa.

Autores e/ou obras citadas:

Homero

T. S. Eliot

*Tradition and the individual talent*

Rousseau

Fernando Pessoa

Mário de Sá Carneiro  
 Malheiro Dias  
 Correia de Oliveira  
 Afonso Lopes Vieira  
 Antero de Figueiredo  
 Alberto de Oliveira  
 Agostinho de Campos  
 Almada-Negreiros  
 Antônio Correia de Oliveira  
 Gomes Leal  
 Antônio Nobre  
 Cesário Verde  
 Eugênio de Castro  
 Gonçalves Crespo  
 José Régio  
 Kierkegaard  
 Bossuet

**1.1.1.4.2.7.** CANNABRAVA, Eurylo. “Idéia e Emoção” (42-46). O texto discorre sobre as tendências de se raciocinar cientificamente sobre problemas filosóficos.

Autores e/ou obras citadas:

Bergson  
 Kant

**1.1.1.5.2.2.** DAMASCENO, Darcy. “A elaboração de O Juíz de Paz na Roça”. (47-54). O texto tenta precisar a data em que foi escrita a peça teatral *O Juíz de Paz na Roça* de Martins Pena.

Autores e/ou obras citadas:

*O Juiz de Paz na Roça*  
 Martins Pena  
 Paula Brito  
 Luís Francisco da Veiga

**1.1.1.6.2.2.** LIMA, Cavalheiro. “Cinema: Problema de Governo”. (58-71). A estreita relação entre os países e a produção cinematográfica.

**1.1.1.7.5.1.** MAGNE, Augusto P. “Nota à Margem de Famoso Apócrifo”. (72-76). Sobre a tradução de *Livro da Vida de Cristo* para o português.

**1.1.1.8.2.3.** COSME, Luís. “Experiência do Concretismo na Música”. (77-80). Segundo o autor, o concretismo pensa a música apenas do ponto de vista sonoro, o que a limita, deve-se considerá-la como algo artísitico: fator construtivo para o aproveitamento do seu nível estrutural e estético.

Autores e/ou obras citadas:

Maurice Martenot  
Teremin

**1.1.1.9.2.1.** FRIEIRO, Eduardo. “A Fábula das Abelhas”. (81-84). Fábula alegórica segundo a qual a prosperidade das nações depende do desenvolvimento dos vícios antes das virtudes, tanto que é preciso escolher entre o bem-estar e a honestidade.

Autores e/ou obras citadas:

Bernard de Mandeville  
*A fábula das Abelhas*

**1.1.1.10.2.1.** TEIXEIRA, Maria de Lourdes. “A Prosa de Ficção em São Paulo”. (85-94). São Paulo no quadro geral da literatura brasileira, o elemento melhor aparelhado para ficção. Existe um grande número de poetas e carece de mais romancista.

Autores e/ou obras citadas

Teresa Margarida da Silva e Orta	Waldomiro Silveira	Monteiro Lobato
Ruy Bloem	<i>Os Cablocos</i>	Rui Barbosa
Ernesto Ennes	<i>Nas Serras e nas Furnas</i>	<i>Urupês</i>
<i>Aventuras de Diófanos</i>	<i>Mixuângos e Leréias</i>	<i>Cidades Mortas</i>
Pereira da Silva	Cornélio Pires	<i>Negrina</i>
Sílvio Romero	<i>Quem Conta um Conto...</i>	<i>Os Negros são-</i>
<i>O Filho do Pescador</i>	<i>Dona Guidinha do Poço</i>	<i>História de João Crispim</i>
Teixeira e Sousa	Oliveira Paiva	Enéias Ferraz
Jerônimo Corte-Real	<i>Lâmpada Antiga</i>	<i>Adolescência Tropical</i>
Júlio Ribeiro	<i>Dialeto Caipira</i>	<i>Uma Família Carioca</i>
Inglês de Sousa	<i>Elogio da Mediocridade</i>	Albin Michel
<i>Gramática Portuguesa</i>	Olavo Bilac	Manuel Gahisto
<i>O Padre Belchior de Pontes</i>	<i>Letras Floridas</i>	Abel Bonnard
<i>O Mulato</i>	<i>A Pulseira de Ferro</i>	José Olímpio
Aluízio Azevedo	<i>Pedro e Paulo</i>	<i>Crianças Mortas</i>
Zola	Vicente de Carvalho	Tristão de Ataíde
Eça de Queiroz	<i>Arminhos</i>	Léo Vaz
<i>A Carne</i>	<i>Carícias</i>	<i>Professor Jeremias</i>
<i>O Missionário</i>	<i>Cara Alegre</i>	<i>Madame Pomery</i>
<i>O Coronel Sangrado</i>	<i>Salada de Frutas</i>	Amado Cauby
<i>O Cacaulista</i>	<i>A Choupana das Rosas</i>	<i>Sapésias e Tiguéras</i>
Afonso Arinos	Veiga Miranda	Paulo Setúbal
	<i>Redenção</i>	Amadeu de Queirós
	<i>Mau Olhado</i>	Moacir Deabreu
	<i>Pássaros que fogem</i>	Edgar Allan Poe
		Hoffmann

Afonso Smidt	<i>O Crime do Estudante</i>	Patrícia Galvão
<i>Colônia Cecília</i>	<i>Batista</i>	Flávio de Campos
<i>Menino Felipe</i>	<i>A Casa do Gato Cinzento</i>	Galeão Coutinho
<i>Saltimbancos</i>	<i>Cabloca</i>	Sra. Leandro Dupré
<i>Os Impunes</i>	<i>Pathé-Baby</i>	Ondina Ferreira
<i>A Marcha</i>	<i>Brás, Bexiga e Barra</i>	Orígenes Lessa
<i>Brutalidade</i>	<i>Funda</i>	Luís Martins
Mário de Andrade	<i>Laranja da China</i>	Dinah Silveira de
Oswald de Andrade	<i>Mana Maria</i>	Queirós
Paulo Prado	<i>Cavaquinho e Saxofone</i>	Leão Machado
Menotti Del Picchia	José Geraldo Vieira	Tito Battini
Cassiano Ricardo	<i>A Ronda do</i>	Cecílio Carneiro
Plínio Salgado	<i>Deslumbramento</i>	Aristides Ävila
Guilherme de Almeida	<i>A Mulher que Fugiu de</i>	Helena Silveira
Ronald de Carvalho	<i>Sadoma</i>	Fracisco Brasileiro
Graça Aranha	<i>A Quadragésima Porta</i>	Mário Donato
Renato Almeida	<i>A Túnica e os Dados</i>	Albertino Moreira
	<i>Albatroz</i>	José Ortiz Monteiro
	<i>A Ladeira da Memória</i>	Leonardo Arroyo
Antônio de Alcântara	<i>Território Humano</i>	Pedro de Oliveira
Machado	José Américo de	Ribeiro Neto
Mário Neme	Almeida	Maslowa Gomes Venturi
<i>Macunaíma</i>	Rachel de Queirós	José Mauro de
<i>Amar, Verbo Intransitivo</i>	José Lins do Rêgo	Vasconcelos
<i>Piá Sofre? Sofre.</i>	Amando Fontes	Ruth Guimarães
<i>Memórias de João</i>	Graciliano Ramos	Lígia Fagundes Teles
<i>Miramar</i>	Jorge Amado	Hernâni Donato
<i>Serafim Ponte Grande</i>	Cornélio Pena	Antônio Olavo Pereira
<i>Os Condenados</i>	Lúcio Cardoso	Lígia Junqueira
<i>Marco Zero</i>	Barreto Filho	José de Barros Pinto
<i>Juca Mulato</i>	Ciro dos Anjos	Machado Florence
<i>Flama e Argila</i>	Dionélio Machado	Jorge Carneiro
<i>Laís</i>	Dalcídio Jurandir	Herculano Pires
<i>A mulher que pecou</i>	Yan de Almeida Prado	Ibiapaba Martins
<i>Salomé</i>	A Famosa Revista	Marcos Rey
<i>O Estrangeiro</i>	Geraldo Ferraz	
Ribeiro Couto		

**1.1.1.11.2.5.** VIEIRA, José Geraldo. “Cinquenta Anos de Paisagem Brasileira”. (95-110). O Museu de Arte Moderna de São Paulo realizou uma exposição para mostrar a evolução da pintura nacional quanto à paisagem.

Autores e/ou obras citadas:

Frans Post	Nocolas Antoine Taunay
Francisco Muzzi	Monvoison
Jean Batiste Debret	Hornbrook

Buvelot Bertichen	Modrian
Martin	Kandinsky
Sespe	Browse
<b>Stallone</b>	Delbanco Sutherland
Vinet	Edward Middledicht
Facchinetti	Cézane
Paillère	Louis James
Vitor Meireles	Sheila Fell
Rodrigues Duarte	Pougny
Teles Júnior	Tatline
Aurélio de Figueiredo	Larionov
Firmino Monteiro	Chagall
Antônio Parreiras	Lèger
João Batista da Costa	Marcousis
Almeida Júnior	Delaunay
João Batista Pagani	Severini
Boaventura Carão	Arnaldo Pedroso d’Horta
João Batista Castagneto	Iberê Camargo
Rafael Pinto Bandeira	Oswaldo de Andrade Filho
Agostinho Mota	Antônio Bandeira
Eliseu Visconti	Aloísio de Magalhães
Jean Boret	Geraldo de Barros
Anita Malfatti	Genaro de Carvalho
Di Cavalcanti	Aldemir Martins
Tarsila do Amaral	Darcy Penteado
Guignardi	Joan Ponç
Panceti	Franck Schaeffer

**1.1.1.12.2.1.** FARIA, José Escobar. “A Poesia Científica de Augusto dos Anjos”. (111-116). O conceito poético de Augusto dos Anjos, onde o feio pode se manifestar.

*Autores e/ou obras citadas:*

*Divina Comédia*  
*Fausto*  
*Hamlet*  
 Da Vinci  
*Guernica*  
*Gioconda*  
 Picasso  
*Les Fleurs du Mal*  
 Tristan Corbière  
 Baudelaire  
 Haeckel  
 Darwin  
 Spencer

*Monólogo de uma Sombra*  
*Barcarola*  
*Poema Negro*

**1.1.1.13.2.1.** GAUTIER, Michel. “Le Contrepoint Poétique”. (117-134). O autor pretende determinar, no verso isolado, o elemento musical que faz com que ele seja uma unidade poética.

*Autores e/ou obras citadas:*

Valery  
 Gauthier  
 Racine

**1.1.2.1.10.1.** OLIVEIRA, José Osório de. “Um Garrett Brasileiro – Influência do Brasil em Portugal”. (139-143). O autor cobra um estudo mais aprofundado das influências que o Brasil exerce sobre Portugal.

*Autores e/ou obras citadas:*

J. Lúcio de Azevedo  
 Gilberto Freire  
 Manuel de Sousa Pinto  
 Padre Antônio Vieira  
 Caldas Barbosa  
*Um Prêto*  
 José Antônio Benedito Soares de Faria  
 Barbosa  
 Serafim da Silva Neto  
 Álvaro Lins  
*Introdução da Literatura Brasileira*  
*A Literatura Portuguesa no Brasil*  
*História Breve da Literatura Brasileira*  
 Almeida Garrett  
*Helena*  
*Romance de Garrett*  
 Rosa de Lima  
*Bosquejo da História da Literatura Portuguesa*  
*Parnaso Lusitano*  
 José Durão

*Caramuru*  
*Marília de Dirceu*  
 Gonzaga  
*Uruguai*  
 José Basílio da Gama  
*História Brasileira*  
*Viagens na minha Terra*  
*Comuraí*  
 Araújo Pôrto Alegre  
*Brasilianas*  
 Colombo  
*Literatura Brasileira Contemporânea*  
*A Confederação dos Tamoios*  
*O Guarani*  
*Os Timbiras*  
 Visconde Taunay  
 Manuel Pinheiro Chagas  
*A Virgem Guaraciaba*  
 José de Alencar  
*Iracema*  
 Gonçalves de Magalhães

**1.1.2.2.10.1.** GARRETT, Almeida. “Comuraí”. (145-176). Transcrição dos manuscritos do texto *Comuraí (história brasileira)* de Almeida Garrett.

**1.1.2.3.10.2.** ASSIS, Machado de. “Pareceres emitidos por Machado de Assis”. (178-192). Algumas peças avaliadas por Machado de Assis quando membro do Conservatório Dramático.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Clermont ou a mulher do artista</i>	<i>As Leas Pobres</i>
<i>Finalmente</i>	E. Augier
Antonio Moutinho de Souza	E. Foussier
<i>Um Casamento da Época</i>	<i>A Caixa do Marido e a Charuteira da Mulher</i>
Constantino do Amaral Tavares	<i>As Conveniências</i>
<i>Os Íntimos</i>	Quintino Francisco da Costa
Victorien Sardou	<i>O Anel de Ferro</i>
<i>Os Descarados</i>	<i>Areires</i>
E. Augier	<i>As Mulhers do Palco</i>
<i>As Garatujas</i>	<i>O Filho do Erro</i>
A.E. Zaluar	<i>Os Espinhos de uma Flor</i>
<i>Mistérios Sociais</i>	J. R. Pires de Almeida
César de Lacerda	<i>Ao Entrar na Sociedade</i>
<i>A Mulher que o Mundo Respeita</i>	Luiz C. P. Guimarães Jor
Verediano Henrique dos Santos Carvalho	

**1.1.2.4.10.1.** Néry, Paulo Sérgio. “Um Inédito de Alphonsus de Guimarães”. (193-197). Transcrição de um manuscrito de Alphonsus de Guimarães doado ao Instituto Nacional do Livro por Augusto Meyer.

Autores e/ou obras citadas:

Augusto Meyer  
*Dona Mística*

**1.1.5.1.5.6.** POTTIER, Bernard. n.c. (201-203). O autor apresenta o livro de Jean Perrot *A Lingüística*, ressaltando a clareza e a condensação, indispensáveis a um livro que pretende apenas divulgar conhecimentos.

Autores e/ou obras citadas:

Jean Perrot  
G. Gougenhein  
A. Sauvageot  
R. Michéa  
V. Garcia  
M. G. Guillaume  
M. R. Valin

**1.1.5.2.5.8.** COELHO, Saldanha. n.c. (204-211). Resenha de vários livros lançados no Brasil em 1955 e 1956.

Autores e/ou obras citadas:

*O Caçador de Mosquito*  
Charles Dickens  
Monteiro Lobato  
*O Ciclo da Doutrina Monroe*  
Danton Jobim  
*A Experiência Roosevelt*  
*Revolução Brasileira*  
*Problemas de Nosso Tempo*  
*Para Onde Vai a Inglaterra?*  
*Tempo de Espera*  
Ricardo Ramos  
*Os Condenados*  
Constantino Paleólogo  
Assunção de Salviano  
Antônio Callado  
Machado de Assis  
João Alfonsus  
Marques Rebêlo  
Aníbal Machado  
*Cão da Madrugada*  
*Garimpos da Bahia*  
Herberto Sales  
*Cascalho*

*Madrugada Sem Deus*  
Mário Donato  
Thomas Hardy  
Flaubert  
Vitor Hugo  
Gogol  
*Os Espíritos da Montanha*  
John Dewey  
Willa Carter  
Sherwood Anderson  
Carl Steinbeck  
E. C. Caldas  
Henry David Thoreau  
*Da Posse Prematura*  
Yone de Sá Motta  
*Contos do Imigrante*  
Samuel Rawet  
Nova Conversa Sobre Graça Aranha e Inglês de Sousa  
Rodrigo Octávio  
*Diário de Segismundo*  
Carlos David

**1.1.5.3.5.1.** CARMO, Pinto do. n.c. (212-213). O grande número de obras de escritores brasileiros traduzidas para o exterior.

Autores e/ou obras citadas:

*Noite*  
Érico Verríssimo  
Roberto Velândia  
*Ensayistas Brasileños*  
*Antologia de Cuentistas Brasileños*  
*Güipás del Magdalena*  
*Hijos de la Calle*  
Assunção Santos

Mário Ribeiro  
Gutton Hassen  
Consuelo dos Reis e Melo  
Rubem Jobim  
Maurício Caminha de Lacerda  
Jurandir Ferreira  
Elias Domil  
Edilberto Coutinho

**1.1.5.4.5.1.** ENEIDA. “Um Fiel a Si Mesmo”. (214-217). Resenha do livro *Monteiro Lobato, Vida e Obra* de Edgar Cavalheiro.

Autores e/ou obras citadas:

Monteiro Lobato  
 Edgar Cavalheiro  
 Fagundes Varela  
*Biografias e Biógrafos*  
 Garcia Lorca  
*Testamento de uma Geração*  
 Álvares de Azevedo  
 Euclides da Cunha  
 Camilo Castelo Branco  
 Velha Praga  
*Urupês*  
 Tristão de Ataíde  
 Edgard de Carvalho

**1.1.7.1.10.8.** SOUSA, José Galante de. “A Biblioteca Brasileira e sua História”. (221-227). História da criação da Biblioteca Brasileira.

Autores e/ou obras citadas: vários

**1.1.7.2.8.8.** OTTONI, Aureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (228-280). A bibliografia brasileira no primeiro semestre de 1956.

Autores e/ou obras citadas: vários

**1.1.6.1.6.8.** n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (283-302). Catálogo da obras lançadas pelo INL em 1956.

Autores e/ou obras citadas: vários

**1.1.6.2.6..8.** n.c. “Noticiário da Seção de Publicação” (303-307). O texto mostra o decreto de criação do INL e o objetivo do mesmo.

Autores e/ou obras citadas: vários

**1.1.6.3.6.8.** n.c. “Plano da Enciclopédia Brasileira”. (308). Um dos objetivos propostos pelo INL é a elaboração de uma enciclopédia brasileira.

**1.1.6.4.6.8.** MACHADO, Hélio Gomes. “Novo Impulso às Bibliotecas Públicas”. (309-312). Outro objetivo proposto pelo INL é a difusão do livro junto às camadas menos favorecidas da população brasileira.

**1.1.6.4.6.8.** n.c. “Informação sobre a Biblioteca do Exército”. (313-318). Pequeno histórico da Biblioteca do Exército.

Autores e/ou obras citadas: vários

**1.2.0.1.1.8.** PEREIRA, José Renato Santos. “Novos Instrumentos de Cultura”. (3-7). Texto de abertura da *Revista do Livro*, em que ressalta duas iniciativas para incrementar a cultura: a semana do museu e o convênio que INL estabeleceu e que visa a criação de uma biblioteca pública em cada cidade brasileira.

**1.2.1.2.10.8.** CANNABRAVA, Euryalo. “Plano de Trabalho”. (11-14). Plano de trabalho para a Enciclopédia Brasileira.

**1.2.1.3.2.7.** BUNGE, Mário. “Há Progresada la Filosofia durante el Siglo XX?”. (15-21). Qual foi a contribuição para a filosofia dos pensadores do século XX?

**1.2.1.4.1.8.** BRANT, Celso. “O Professor e a Escola Secundária”. (23-28). O papel do professor no ensino secundário.

**1.2.1.5.2.8.** RÉVAH, I.S. “Les Jésuites contre L’Inquisition: La Campagne pour la Fondation Générale du Commerce du Bréil (1646)”. (29-53). Normas para o comércio entre França e o Brasil no século XVII.

**1.2.1.6.2.1.** RÓNAI, Paulo. “Um Enigma de nossa História Literária” (55-66). As influências estrangeiras na obra de Gregório de Matos.

Autores e/ou obras citadas:

Lourenço Ribeiro	Tácito
Varnhagen	Heliodoro
<i>Florilégio</i>	Lucano
Araripe Júnior	Apuleio
Homero Pires	Dante
Ronald de Carvalho	Petrarca
<i>Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial</i>	Samazzaro
Sérgio buarque de Hollanda	Groto
Sílvio Júlio	Ariosto
Clóvis Monteiro	Marcial
Quevedo	Pedro Calmon
<i>Canciones</i>	Lope de Veja
Giambattista Mariano	<i>Obras de Gregório</i>
Homero	Góngora
Teócrito	Fray Luís de León

**1.2.1.7.2.1.** GOMES, Eugênio. “Cruz e Sousa e o Mundo Shakespeariano”. (67-74). As influências de Shakespeare na obra do simbolista Cruz e Sousa.

Autores e/ou obras citadas:

Victor Hugo  
Shakespeare  
*Hamlet*

Paul Claudel  
Jules Laforgue  
Nestor Victor  
Roger Bastide  
*Otelo*  
Andréa Maggi

Giovanni Cuneo  
Ermete Novelli  
Olavo Bilac  
Machado de Assis  
*Piedosa*  
*Macbeth*  
*Balada de Loucos*  
*Exilado*  
Alberto de Oliveira  
Sílvia Romero

**1.2.1.8.2.1.** FARIA, Octávio de. “Coelho Neto”. (75-81). O autor tenta se redimir em relação ao “mestre” Coelho Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Nietzsche  
Cocteau  
Max Jacob  
Machado de Assis  
Graça Aranha  
Plínio Salgado  
Oswald de Andrade  
D’Annunzio  
Bourget  
Balzac  
Victor Hugo  
Tolstói  
Proust  
Dostoiévski

Goethe  
*Rio Negro*  
*Sertão*  
*Treva*  
Alísio Azevedo  
*Inverno em Flor*  
*Turbilhão*  
*Tormenta*  
*A conquista*  
*A Capital Federal*  
*Miragem*  
*Fogo Fátuo*  
*Quebranto*  
*A Muralha*

**1.2.1.9.2.2.** SOUSA, J. Galante de. “Machado de Assis, Censor Dramático”. (83-92). Os pareceres de Machado de Assis quando membro do Conservatório Dramático

Autores e/ou obras citadas:.

*Os Lazaristas*  
Antônio Ennes  
*Memórias Póstumas de*  
*Brás Cubas*  
*As Leões Pobres*  
E. Augier  
E. Foussier  
*Túnica de Nessus*  
Sizenando Nabuco

José de Alencar  
*Mãe*  
*Os Espinhos de uma Flor*  
*O Filho do Erro*  
José Ricardo Pires de  
Almeida  
Joaquim Garcia  
*Confederação dos*  
*Tamoios*

*A carteira de meu Tio*  
*Semanas Literárias*  
*O Crítico*  
Eugène de Miracourt  
*Clermont ou A Mulher*  
*do Artista*  
Antônio Moutinho de  
Sousa  
*A Probabilidade*  
Camilo Castelo Branco

*O Morgado de Fafe em Lisboa*  
*Um Casamento da Época*  
 Constantino do Amaral Tavares  
*S. Gregório, o Taumaturgo*  
*Os tempos de Independência*  
*O Conde de Zampieri*  
*O Lucas de Feira de Santana*  
*Os Caixeiros Nacionais*  
*Romance de um Enjeitado*  
 Innocencio Francisco da Silva  
*Diccionário Bibliographico*  
*Portuguez*  
 Sílio Bocanera

*Theatro Nacional. Autores e Actores Dramáticos*  
 Sacramento Blake  
 Agrário de Sousa Menezes  
*Os Íntimos*  
 V. Sardou  
*Os Nossos Íntimos*  
 Lafayette Silva  
*João Caetano e sua Época*  
 Modesto de Abreu  
*Os Descarados*  
*As Garatujas*  
 Augusto Emílio Zaluar  
*A Redenção*  
*O Mundo Equivoco*  
 Dumas Filho  
*Teresa ou Anjo ou Demônio*

*Os Mistérios Sociais*  
 César Lacerda  
*A Mulher que o Mundo respeita*  
 Veridiano Henrique dos Santos Carvalho  
*A Vida de Camões*  
*Malditas*  
*A Caixa do marido e Charuteira da Mulher*  
*A Conveniência*  
 Quintino Francisco da Costa  
*O Anel de Ferro*  
*As Mulheres do Palco*  
*Ao Entrar na Sociedade*  
 Luís Guimarães Júnior

**1.2.1.10.2.1.** MENDONÇA, Carlos Sússekind. “Lúcio de Mendonça: Anos de Formação”. (93-104). A vida e a obra de Lúcio de Mendonça.

Autores e/ou obras citadas:

Martim Francisco Júnior  
 Mendes de Paiva  
 Olímpio Valadão  
 Teixeira da Mota  
 Dino Bueno  
 Canuto Saraiva  
 Inácio de Bulhões  
 Caetano de Magalhães  
 Melo Nogueira  
 Rubim César  
 João Köpke  
 Acioly de Brito

Pádua e Castro  
 Miguel Dutra  
 João Teodoro de Sá  
 Pires da Mota  
 Castro Alves  
*O Til*  
 José de Alencar  
*O Mistério da Estrada de Sintra*  
 Eça de Queiroz  
*Horas do Bom Tempo*  
*Névoas Matutinas*  
 Felix Pacheco

**1.2.1.11.2.1.** CARNEIRO, Felisberto. “Ainda a Origem da Tragédia”. (105-108). A gênese da tragédia.

Autores e/ou obras citadas:

Homero  
*Ilíada*  
 William Shakespeare  
*Poética*  
 Heródoto

**1.1.1.12.2.1.** CASCUDO, Luís Câmara. “Dos Nomes Feios”. (109-115). Sobre o uso de palavras na literatura.

Autores e/ou obras citadas:

Ma bru  
 Fabrice Carré  
 Paul Bilhaud  
 Cervantes  
*Don Quijote de La Mancha*  
 Richard Payne Knight  
 João do Rio  
 Jean Goropius  
 François Rabelais  
 Gil Vicente  
*Dicionário do Folclore Brasileiro*

**1.2.1.13.2.1.** LUBIN, A. Maurice. “Poesia do Haiti”. (117-132). A história da literatura no Haiti.

Autores e/ou obras citadas:

Pierre Pinchinat  
 Vicente Ogé  
 André Rigaud  
 Toussaint Louverture  
 Antoine Dupré  
 Justes Chanlatte  
 Jules Solime  
*Hymne a la Liberté*  
 Victor Hugo  
 Lamartine  
 Gauthier  
 Alfred de Musset  
 Alfred de Vigny  
 Alcibiade Fleury Battier  
 Tertulien Guibaud  
 Luc Grimard  
 Dominique Hypolite  
 León Laleau

René Deprestre  
André Breton

**1.2.1.14.2.8.** ALMEIDA, Renato. “A Importância dos Estudos Americanos de Folclore”.(133-138). As fontes do folclore americano.

**1.2.1.15.2.3.** COSME, Luís. “Folcmúsica no Rio Grande do Sul”. (139-157). O estudo da música folclórica do Grande do Sul.Rio.

Autores e/ou obras citadas:

*Boi Barroso*  
*Salamanca do Jarau*  
Enio Freitas de Castro  
William J. Thoms  
*Música Popular do Rio Grande do Sul*  
*Gaúcho*  
*Chirimindé*  
*Amargo*  
Herivelto Martins  
*Carreteiro*  
*Cancioneiro Gaúcho*  
Augusto Meyer

**1.2.1.16.2.5.** MACHADO, Lourival Gomes. “Mário de Andrade, Crítico de Arte”. (159-170). Mário de Andrade como crítico de artes plásticas.

Autores e/ou obras citadas:

*Obras Completas*  
Lasar Segall  
Cândido Portinari  
*O Baile das Quatro Artes*  
Manuel Bandeira  
Tarsila do Amaral  
Aleijadinho  
Gonzaga Duque  
Ronald de Carvalho  
Gregório de Matos  
Pedro Gomes Chaves  
Padre Jesuíno Monte Carmelo  
Rodrigo M. F. de Andrade

**1.2.1.17.2.5.** MARQUES, Oswaldino. “A Regra corrige a Emoção”. (171-180). Estudo sobre o artista plástico Santa Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Vasari  
 El Greco  
 Braque  
 Matisse  
 Picasso  
*Pássaro Noturno*  
*Crucificado*

**1.2.2.1.10.1.** MENDONÇA, Lúcio de. “O Estouvado – Cenas dos Primeiros Anos da República”. (181-236). Em comemoração ao centenário de Lúcio de Mendonça, a publicação do romance inacabado *O Estouvado*.

Autores e/ou obras citadas:

Carlos Süssekind de Mendonça  
 Daudet  
 Uma Roumestan  
*O Nababo*  
*Reis no Exílio*  
 George Boehrer  
*Da Monarquia à República*  
*O Marido da Adúltera*

**1.2.4.1.5.6.** CUNHA, Celso. “Granada y El Romancero”. (239-249). Sobre o livro *Granada y El Romancero* do filólogo Manuel Alvar.

Autores e/ou obras citadas:

Manuel Maldonado  
 Amado Alonso  
 Ramón Menéndez Pidal  
 Dámasio Alonso  
 Rafael Lapesa  
 Alonso Zamora Vicente  
*El Habla del Campo de Jaca*  
*Estudios sobre el Dialecto Aragonés en la Edad Media*  
*El Dialecto Aragonés*  
*Notícia del Habla de Aguaviva de Aragón*  
 M. Savechis Guarner  
*El Habla de Las Cuevas de Coñart*  
*Dos Cortes Sincrónicos en el Habla de Garu*  
*Proyecto de um Atlas Linguístico de Andalucía*  
*El Romance de Gerinelda entre los Sefardis Marroquines*

*La Bella en Misa*

**1.2.4.2.2.1.** CARPEAUX, Otto Maria. “Os Portugueses e os Outros”. (243-245). A valorização diferente de um escritor em sua terra e no estrangeiro.

Autores e/ou obras citadas:

Maupassant	Gil Vicente
Charles Morgan	Virgílio
João Gaspar Simões	Petrarca
Raul Brandão	Tasso
Cesário Verde	<i>Os Lusíadas</i>
Camões Aubrey Bell	Padre Antônio Vieira
Homero	Eça de Queiroz
Shakespeare	Camilo Castelo Branco
Dante	Sá Carneiro
Ernesto Manaci	Fernando Pessoa
Fernão Lopes	<i>Ode Marítima</i>
<i>Menina e Moça</i>	T. S. Eliot
Bernardim Ribeiro	

**1.2.4.3.2.1.** BENITEZ, Justos Pastor. “El Medio Americano Al Través de Tres Escritores”. (245-248). A América Latina do ponto de vista dos três escritores.

Autores e/ou obras citadas:

Euclides da Cunha  
*A Margem da História*  
 Domingo Faustino Sarmiento  
 José Eustácio Rivera

**1.2.4.4.10.1.** FILHO, Alphonsus de Guimarães. “Através de uma Poesia”. (249-253). Sobre a poeta Henriqueta Lisboa.

Autores e/ou obras citadas:

*Flor da Mata*  
*Velório*  
*Prisioneira da Noite*  
*Enternecimento*  
*Madrinha Lua*  
*A Face Lívida*  
*Azul Profundo*

**1.2.4.5.2.1.** MARQUES, Oswaldino. “A Revolução de Guimarães Rosa”. (254-255).

Estudo de *Corpo de Baile* de Guimarães Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade  
 Alcides Maia  
 Hugo de Carvalho Ramos  
 Simões Lopes Neto  
 Afonso Arinos  
 Coelho Neto  
 Euclides da Cunha  
*Sagarana*  
*Grande Sertão: Verdeas*  
 Shakespeare  
*Fausto*  
 Göethe  
 Dante  
 Tasso  
 Camões

**1.2.4.6.2.1.** COUTINHO, Afrânio. “A Nova Crítica”. (256-258). Estudo sobre o New Criticism.

Autores e/ou obras citadas:

Dámaso Alonso  
 Wellek  
 Warren  
 William Elton  
 William Empson  
 Richard Blackmur  
 Kenneth Burke  
 Clanth Brooks  
 T.S. Eliot  
 Helmut Hatzfeld  
 Leo Sptzer  
 Erich Auerbach

**1.2.4.7.5.1.** SÁFADY, Naief. “O Primeiro Romance Camiliano”. (259-260). Sobre *Anátema* primeiro romance de Camilo Castel Branco.

**1.2.4.8.2.8.** CUNHA, Sylvio. “A Fotografia será uma Arte?”. (261-263). A conceituação da fotografia como arte.

Autores e/ou obras citadas:

Delacroix  
 Lamartine  
 Lewis Mumford  
 Carlos Drummond de Andrade  
 Portinari  
 Guignard

**1.2.4.9.7.8.** SÉRGIO, Paulo. “Índice Geral do Dicionário Bibliográfico Cearense de Guilherme Stuart”. (264-284). Pequeno histórico do Dicionário Bibliográfico Cearense.

**1.2.6.1.6.8.** n.c. “Catálogo das Publicações do INL”, (287-304).

Informes sobre a Enciclopédia Brasileira, Obras Subsidiadas da Enciclopédia Brasileira, Curso de Edótica, comemoração dos 117 anos de Machado de Assis, Exposição Landucci, Documentário Cinematográfico, I Congresso de Língua falada no Teatro, Semana Coelho Neto, Estudos de Filosofia e Os Países Hispano-Americanos e o Brasil.

**1.2.7.1.7.8. OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (305-380). Publicações no Brasil entre abril e agosto de 1956.**

Autores e/ou obras: vários

**2.3.0.1.1.8.** PEREIRA, José Renato Santos. “Um depoimento de Mário de Andrade”.

(3-5). Texto de Mário de Andrade que discute os problemas das bibliotecas populares no Brasil.

**2.3.1.1.2.1.** LAPA, Rodrigues. *A Ocultação nas “Cartas Chilenas”*. (11-28).  
 A ocultação dos personagens de *Cartas Chilenas*.

Autores e/ou obras citadas:

Varnhagen  
 Afonso Arinos  
 Sacramento Blake  
 Alberto Faria

**2.3.1.2.10.7.** CANNABRAVA, Eurylo. “Americanos e Europeus”. (25-35)

A diferença essencial entre os Estados Unidos e a Europa, é que os americanos acreditam na ciência, enquanto os europeus “vivem” a história.

**2.3.1.3.2.1.** PROENÇA, M. Cavalcanti. “Alguns Aspectos Formais de *Grande Sertão: Veredas*”. (34-54).

*Tentativa de classificar a obra de Guimarães Rosa.*

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade  
 José de Alencar  
 Charles Bally  
*Sagarana*  
 Saint-Hillaire  
*Viagens às Nascentes do São Francisco*  
 Afrânio Coutinho

**2.3.1.4.2.1.** SOUSA, J. Galante de. "Bento Teixeira e a Prosopopéia". (55-68)  
 A vida e a obra de Bento Teixeira.

Autores e/ou obras citadas:

*Diálogos*  
*Naufrágio*  
*Plutarco Brasileiro*  
*Florilégio da Poesia Brasileira*  
*Varões Ilustres*  
 Sacramento Blake  
*História Geral do Brasil*  
 Varnhagen  
*Diálogos das Grandezas do Brasil*  
*Fênix Renascida*  
 Capistrano de Abreu  
 José Veríssimo  
*Rico Avarento e Lázaro Pobre*

**2.3.1.5.2.1.** CÂMARA, J. Mattoso. "Um Soneto de Machado de Assis". (67-74)  
 Partindo do soneto *Ocidentais* de Machado de Assis, o autor faz um estudo do gênero soneto.

Autores e/ou obras citadas:

Dante  
 Byron  
 Wordsworth  
 Spencer  
 Milton  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
 Gregório de Matos  
 Cláudio Manuel da Costa  
*Meridionais*  
 Alberto de Olveira  
*Relíquias de Casa Velha*  
 Shakespeare

**2.3.1.6.2.2.** CARNEIRO, Felisberto. “Ainda a Origem da Tragédia II”. (75-81)  
A natureza e função do coro na tragédia.

Autores e/ou obras citadas:

Camões  
Ovídio  
Byron  
Manuel Bandeira

**2.3.1.7.2.5.** BARATA, Mário. “Araújo Pôrto-Alegre e a Missão Artística Francesa”. (83-93). A contribuição de Pôrto-Alegre para a cultura brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

Martins Pena	Vitor Meireles
<i>Brasilianas</i>	Pedro Américo
<i>Cenas Naturais</i>	Félix Émile Taunay
<i>Corcovado</i>	Agostinho José da Costa
<i>Destruição das Florestas</i>	Sousa Lôbo
Gonçalves Dias	Honorato Lima
Sílvio Romero	Almeida Reis
Saint-Hillaire	Gonzaga Duque
Adriano Taunay	Jorge Vedras
Ferrez	Teófilo de Jesus
Debret	Franco Velazco
Pettrich	Rodrigo M. F. de Andrade
Thorwaldsen	<i>Primeira Missa</i>
Chaves Pinheiro	<i>Moema</i>
João Caetano	

**2.3.1.8.10.8.** FONSECA, Edson Nery. “Desenvolvimento da Biblioteconomia e da Bibliografia no Brasil”. (95-124) O autor faz um estudo do desenvolvimento da biblioteconomia no Brasil do século XIX até meados do século XX.

Autores e/ou obras citadas:

Ramiz Galvão  
Augusto Meyer  
*Anuário Estatístico do Brasil*  
*Boletim Bibliográfico*  
*Bibliografia da Bibliografia Brasileira*  
Antônio Simões dos Reis  
*Dicionário Bibliográfico Brasileiro*  
Sacramento Blake

*Dicionário Bio-Bibliográfico*

João Francisco Velho Sobrinho  
 Alfredo do Valle Cabral  
 Manoel Cicero Peregrino da Silva

**2.3.2.1.10.1.** n.c.”Autógrafos de Edgar Mata”. (127-141) Os manuscritos das poesia de Edgar Mata.

**2.3.3.1.10.1.** n.c. n.c. (147-180). Consta desta matéria: Centenário de José Veríssimo, Um Artigo Esquecido. Cartas de Nabuco e Capistrano e Excertos.

Autores e/ou obras citadas:

*Quadros Paraenses*  
*Primeira Páginas*  
*Viagem ao Sertão*  
 Emílio Littré  
 Carlos Gomes  
*Cenas da Vida*  
*Amazônica*  
*Pará e Amazonas*  
*Questão de Limite*  
*Estudos Brasileiros*  
*A Educação Nacional*  
*A Amazônia*  
*Aspectos Econômicos*  
*O Século XX*  
*A Pesca na Amazônia*  
*Ginásio Nacional*  
*A Instituição Pública e a*  
*Imprensa*  
*Estudos de Literatura*  
*Brasileira*  
*Homens e Cousas*  
*Estrangeiras*  
*O que é Literatura?*  
*Outros Escritores.*  
*História da Literatura*  
*Brasileira*  
*História Geral e da*  
*Civilização*  
*Para o Uso dos Alunos*  
*da Escola Normal do*  
*Distrito Federal*  
*Letras e Literatos*

*Estudinhos Críticos de*  
*Nossa Literatura do Dia*  
 Sílvio Romero  
 Araripe Júnior  
 Olavo Bilac  
 Alberto de Oliveira  
 Alphonsus de Guimarães  
 Cruz e Sousa  
 Coelho Neto  
 Gregório de Matos  
 Machado de Assis  
 Brito Broca  
 Joaquim Nabuco  
 Goulart de Andrade  
 Miguel Melo  
 A Visão da Estrada  
 Humberto de Campos  
*Rei Negro*  
 Afrânio Coutinho  
 J. Galante de Sousa  
 Capistrano de Abreu  
*Ressurreição*  
*Memórias Póstumas de*  
*Brás Cubas*  
*Antônio José e Molière*  
*Relíquias de Casa Velha*  
*Dom Casmurro*  
*Cinco Minutos, A*  
*Viúvinha*  
*Lucíola*  
*Contos Fluminenses*  
*Diva*  
*Papéis Avulsos*

Merimée  
*Les Mauvais goût mène*  
*au Crime*  
*Páginas Recolhidas*  
 Manuel de Almeida  
*Memórias de um*  
*Sargentos de Milícias*  
 Dante  
 Cervantes  
 Haeckel  
*Helena*  
*Esau e Jacó*  
*Memorial de Aires*  
 Émile Zola  
 Goethe  
 Almeida Garret  
 Musset  
 Balzac  
 Flaubert  
 Renan  
 Schopenhauer  
 Rui Barbosa  
 Manuel Antônio de  
 Almeida  
*Efemérides*  
 Teixeira de Melo  
*Diário do Rio*  
 Orville Derby  
 Vale Cabral  
*Americanas*  
*Crisálidas*  
 Prescott

Ticknor	<i>Educação Sentimental</i>	Joaquim Manuel da Macedo
Bancroft	Numa Roumestan	José de Alencar
Fenimore Cooper	<i>Reis no Exílio</i>	Casimiro de Abreu
Longfellow	Daudet	Fagundes Varela
Bryant	Afonso Celso	Gonçalves Dias
Beecher Stowe	<i>Um Invejado</i>	<i>Pindorama</i>
Bret Hart	Camões	Melo Morais Filho
Emerson	Frei Luís de Sousa	
<i>Mark Twain</i>	<i>A Moreninha</i>	

**2.3.4.1.2.1.** FRIEIRO, Eduardo. “O Verdadeiro Bibliófilo”. (183-183). Segundo o autor, o verdadeiro bibliófilo chama-se Lowrich, personagem criado por Charles Nodier, escritor romântico francês.

**2.3.4.2.2.7.** LEWIN, Willy. “Breve Aproximação à Crítica de Cinema e Teatro com Algumas Palavras Preliminares sobre Problemas de Arte, Moralidade ou Prudência”. (187-190). As várias possibilidades de uma abordagem crítica.

Autores e/ou obras citadas:

Roger Caillois	Sófocles
<i>Vocabulaire Esthétique</i>	Shakespeare
Jean Hytier	Racine
<i>Les Arts de Littérature</i>	<i>Última Gargalhada</i>
T.S. Eliot	Murnau
Paul Valéry	King Vidor
André Malraux	<i>Encorajado Potemkin</i>
Pierre –Aimé Touchard	Eisenstein
Ésquilo	<i>Jeanne d’Arc</i>
	Dreyer

**2.3.4.3.2.1.** MARTINS, Luís. “Jorge de Lima”. (191-197). A vida e a obra de Jorge de Lima.

Autores e/ou obras citadas:

<i>O Acendedor de Lampiões</i>	<i>Tempo e Eternidade</i>
José Lins do Rêgo	<i>A Túnica Inconsútil</i>
<i>Invocação de Recife</i>	Georges Bernanos
Manuel Bandeira	<i>Invenção de Orfeu</i>
<i>Pau Brasil</i>	Cassiano Ricardo
<i>Macunaíma</i>	Carlos Drummond de Andrade
<i>Cobra Norato</i>	Mário de Andrade
Murilo Mendes	Manuel Anselmo

**2.3.4.4.2.1.** D'ELIA, Antonio. "Um Poeta de 45". (199-207) A obra do poeta Domingos Carvalho da Silva.

Autores e/ou obras citadas:

*Poemas Escolhidos*

Jorge de Lima

Montaigne

*Bem Amada Efigênia*

*Girassol de Outono*

Casais Monteiro

Hernani Cidade

*O Conceito de Poesia como Expressão da*

*Cultura*

Manuel Bandeira

*Canto em Louvor da poesia*

*Rosa Extinta*

*Praia Oculta*

*Canção marítima*

Sérgio milliet

Augusto Frederico

*Elegia para os Suicidas do viaduto*

*Mensagem*

Péricles Eugênio da Silva

Paulo Mendes Campos

Mário de Andrade

Schiller

Goethe

T.S. Eliot

**2.3.4.5.2.8.** SCHNEIDER, Otto. "A Mais Antiga Livraria Brasileira". (209-212).  
Artigo sobre a livraria "Ao Livro Verde", considerada a mais antiga do país.

**2.3.4.6.7.8.** EULÁLIO, Alexandre. Índice do "Dicionário Bibliográfico Brasileiro" de A. V. A. Sacramento Blake". (213-236) Verbetes (A – D) do dicionário bibliográfico brasileiro de Sacramento Blake.

**2.3.6.1.8.8.** n.c. "Catálogo das publicações do INL". (239-252)

Catálogos das publicações do INL, onde consta *Centenário de Aluisio de Azevedo e Panorama de 1956*.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.3.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. "Bibliografia Brasileira Corrente". (255-323)  
Lançamentos literários no Brasil entre setembro e dezembro de 1956.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.4.1.1.2.8.** HOUAISS, Antônio. "Sobre os Problemas da Averbção Enciclopédica". (7-21) Alguns problemas da *Enciclopédia Brasileira*, como introdução, diretrizes e normas gerais.

**2.4.1.2.2.8.** RODRIGUES, José Honório. "Os Problemas da História e As tarefas do Historiador".(23-38). O texto discute o conceito de história e o papel desempenhado pelo historiador.

Autores e/ou obras citadas:

W. Von Humboldt  
 Ritter  
 Marx  
 Max Weber  
 Benedetto Croce  
 Arnald Toynbee  
 Nietzsche  
 Spengler  
 Lloyd George  
 Stanley Baldwin  
 Goethe  
 Pierre Denis  
 Jacques Lambert  
 Viana Moog  
*Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*  
 Capistrano de Abreu  
 Sérgio Buarque de Holanda  
*Retrato do Brasil*  
*Política Geral do Brasil*  
 José Maria dos Santos  
 Henry Hauser  
 Paulo Prado  
 Gilberto Freire  
*A Study of History*

**2.4.1.3.2.7.** GRASSO, Dick Edgar Ibarra. “Sobre la Clasificación Marxista de Las Épocas Prehistóricas y la Arqueología Moderna”. (39-51). A tentativa de se classificar as sociedades do ponto de vista marxista.

Autores e/ou obras citadas:

F. Engels  
*El Origen de la Familia, de la Propiedad Privada y el Estado.*  
*Ancient Society*  
 Lowis H. Morgan

**2.4.1.4.2.1.** HADDAD, Jamil Almansur. “Notas ao Romantismo Brasileiro”. (53-64). O autor estuda o complexo “amor e medo” nos romances brasileiros.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade  
 Álvares de Azevedo  
 Casimiro de Abreu  
 Rosário Fausto

Artur Ramos  
*Lira dos Vinte Anos*  
 Saint-Hilaire  
*Sobrados e Mocambos*  
 Wanderley Pinho  
*Salões e Damas do Segundo Reinado*  
*A Valsa*  
 Afonso Costa  
*Poetas de Outro Sexo*

**2.4.1.5.5.1.** COSTA e SILVA, Alberto da. “José Severiano de Resende e Alguns Temas de sua Poesia”. (65-72). Sobre a publicação do livro *Mistérios* de José Severiano de Resende.

Autores e/ou obras citadas:

Alphonsus de Guimarães  
*Mefistófele*  
 Baudelaire  
 Vírgilio  
 Homero  
*Cartas Paulistas*  
 Eduardo Prado  
 Adrian Leverküh  
 Thomas Mann  
*Doktor Faustus*  
 T.S. Eliot

**2.4.1.6.2.1.** FERREIRA, Izacyl Guimarães. “Um Esquema Tradicional”. (73-81)  
 Sobre o poema *Profundamento* que integra o livro *Libertinagem* de Manuel Bandeira.

Autores e/ou obras citadas:

Pedro Salinas  
 Augusto Meyer  
 Etienne Gilson  
 Ernest Robert Curtius  
 Italo Sicialiano  
 Anne Krause  
 Jorge Manrique  
 François Villon

**2.4.1.7.2.1.** BENITEZ, Justos Pastor. “Algunos Enasystas Americanos”. (83-91)  
 Estudos sobre ensaístas do século XIX.

Autores e/ou obras citadas:

Taine	Alcides Arguendas
Sócrates	Cecílio Báez
Sarmiento	Enrique José Varona
José Enrique Rodó	Letelier
González Prada	Berreda
Eugenio Maria de Hosto	Fernando Ortiz
José Martí	Gilberto Freire
<i>Bases</i>	Max Enrique Ureña
<i>Facundo</i>	Alfonso Reyes
Joaquim Nabuco	Ricardo Rojas
Rui Barbosa	José Vasconcelos
Cecílio Del Valle	Arturo Capdevile
Andrés Bello	<i>El Crimen de la Guerra</i>
García Moreno	José Asunción Flores
<i>Los Siete Ensayos</i>	Juan Esteban Echeverría
Antonio Saco	

**2.4.1.8.2.1.** BROCA, Brito. "O Aparecimento de *O Cortiço* em 1890". (92-99). Estudo quando do lançamento do livro *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo.

Autores e/ou obras citadas:

Aluísio Azevedo	Nilo Bruzzi
<i>O Mulato</i>	Pedro Luís
Capistrano de Abreu	Eça de Queiroz
Urbano Duarte	Émile Zola
Sílvio Romero	Júlio Ribeiro
Araripe Júnior	<i>A Carne</i>
Bernardo Guimarães	<i>Livro de uma Sogra</i>
Manuel Antônio de Almeida	<i>O Homem</i>
Gonçalves de Magalhães	<i>Casa de Pensão</i>
Dutra e Melo	Luís Murat
<i>A Moreninha</i>	<i>Ondas</i>
Joaquim Manuel de Macedo	Pardal Mallet
<i>O Guarani</i>	<i>Brasileiros Antigos e Modernos</i>
José de Alencar	Medeiros e Albuquerque
Casimiro de Abreu	
<i>As Primaveras</i>	

**2.4.2.1.10.8.** SANTOS, Joaquim Felício do. "As Páginas do Ano 2000". (103-160). Sátira política escrita por Joaquim Felício dos Santos no reinado de D. Pedro II.

Autores e/ou obras citadas:

*A Reconciliação de D. Pedro com o Marquês de Caxias*

Laboulaye  
 Júlio Verne  
 Walter Scott  
 Alexandre Dumas  
 Kant  
 Rosseau  
*Os Lusíadas*  
*Vultos Nacionais*

**2.4.3.1.2.2.** PENA, Martins. “Folhetins de Martins Pena”. (163-189).  
 Crítica teatral feita por Martins Pena em folhetins e na Semana Lírica.

**2.4.4.1.10.1.** DAVID, Carlos. “A Educação do Poeta (Notas para uma biografia literária)”. (193-198) . Biografia do poeta Augusto Meyer

Autores e/ou obras citadas:

*O Aprendiz de feiticeiro*  
 Mário Quintana  
*Sapato Florido*  
*Vovó Musa*  
 José Pnto da Silva  
*História Literária do Rio Grande do Sul*  
 Émile Zola  
*Maitre de Forges*  
*Segredos de Infância*  
*À Sombra da Estante*  
*Prêto & Branco*  
*Literatrua e Poesia*  
*Coração Verde*  
*Giraluz*  
 Camões  
 Euclides da Cunha  
*Caderno Azul*  
*Un Homme Libre*

**2.4.4.2.2.1.** MORAIS, Carlos Dante de. “Os Sentidos da Poesia de Baudelaire”. (199-202).  
 A atitude de auto- condenação na poesia de Baudelaire.

Autores e/ou obras citadas:

*Les Phases*  
 Edgar Allan Pöe  
*Les Fleurs du Mal*  
*La Beauté*

*Les Bijoux*

**2.4.4.3.2.8.** HECKER, Paulo. “Teatro, Cinema e a Obra Literária”. (203-206).  
Os pontos em comum entre teatro, cinema e obra literária.

Autores e/ou obras citadas:

Barbara Bel Geddes	Laslo Benedek
Gérard Philippe	Henry James
Laurence Oliver	Frederic March
<i>O Gabinete do Dr. Caligari</i>	<i>Viagens à Itália</i>
<i>Joana D’Arc</i>	Stefan Zweig
<i>Monsieur Verdoux</i>	<i>Mêdo</i>
Cecil B. de Mille	Arthur Miller
<i>Robinson Crusoe</i>	Kevin MacCarthy
Daniel Dafoe	André Gide
Cesare Zavattini	Shakespeare
Billy Wilder	Noel Coward
Frans Capra	<i>Uma Rua Chamada Pecado</i>
Alfred Hitchcock	Elia Kazan
Vittorio de Sica	Sartre
Rossellini	Ibsen
<i>Roma, Cidade Aberta</i>	<i>L’Engrnage</i>
<i>Francisco, Arauto de Deus</i>	
<i>A Morte do caxeiro Viajante</i>	

**2.4.4.4.2.1.** SIMÕES, Roberto. “Padre Vieira e o Amor Mundano”. (297-209). A obra de Padre Vieira pretendia apenas obter algum proveito espiritual, foi além disso, pois atingiu alvo não pretendido pelo autor.

**2.4.4.5.2.6.** PEREIRA, Sílvio Batista. “Apolinário Porto Alegre”. (211-213).  
No Brasil são poucos os que se dedicam à lingüística.

Autores e/ou obras citadas:

*História da Revolução de 1835*  
*Popularium Sul-Rio-Grandense*  
Artur Neiva  
*Estudos de Língua Nacional*  
Schleicher  
Hovelacque  
Max Mueller  
Frederico Diez  
Franz Bopp  
William Whitney  
De Nadaillac

Topinard  
 Elisée Reclus  
 Fernando Lázaro Carreter  
*Dicionário de Termos Filológicos*

**2.4.4.6.2.1.** CUNHA, Sylvio da. “Permanência de Sá de Miranda”. (215-217).  
 Sobre o poeta Sá de Miranda, a perenidade de sua obra.

Autores e/ou obras citadas:

Bernardino Ribeiro  
 Gil Vicente  
 Homero  
 Lope de Veja

**2.4.4.7.7.8.** EULÁLIO, Alexandre. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de A.V.A. Sacramento Blake”. (219-232). Verbetes (E - L) do dicionário de Sacramento Blake.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.4.6.1.8.8.** n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (235-242). Na seção “noticiário” consta o Catálogo das Publicações do INL: Dois Centenários: Alberto de Oliveira e Fialho de Almeida, II Semana Nacional do Livro e O INL e a América Latina.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.4.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (245-303).  
 Bibliografia lançada no Brasil entre janeiro e abril de 1957.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.5.1.1.2.1.** LAPA, M. Rodrigues. “O Texto das *Cartas Chilenas*”. M. Rodrigues Lapa. (7-21). Estudo genético de *Cartas Chilenas*.

**2.5.1.2.2.1.** ESTRADA, Ezequiel Martinez. “Balzac, Pöe y Dostoiewski”. (23-28).  
 Estudo comparativo entre os 3 autores.

Autores e/ou obras citadas:

Proust  
 Kafka  
*El Escarabajo de Oro*  
*El Doble Asesinato de la Calle Morgan*

*La Carta Robada*  
 Luís Lambert  
 William Wilson  
*Eureka*  
*Serafita*  
*Los Desterrados*  
*Humillados y Ofendidos*  
*La Prima Bette y El Primo Pons*  
*Memórias Escritas en un Subterráneo*  
 Nietzsche  
*Eugenia Grandet*  
*Maestro Cornelius*  
*La Mujer de 30 Años*  
*Los Chuanes*  
*Papá Goriot*  
*Un Gran Hombre de Provincia*

**2.5.1.3.2.1.** PROENÇA, M. Cavalcanti. “Nota para um Rimário de Augusto dos Anjos”. (29-39). Estudo das rimas na poesia de Augusto dos Anjos.

Autores e/ou obras citadas:

Olavo Bilac  
 Edgar Allan Pöe  
 Bocage  
 Cecília Meireles  
*Romanceiro da Inconfidência*  
 Castro Alves  
*O Corvo*  
*Filosofia da Composição*  
*A Meretriz*

**2.5.1.4.2.1.** VARGAS, Augusto Tamayo. “Tres Poetas de América”. (41-58).  
 Estudo sobre César Vallejo, Pablo Neruda e Nicolás Guillén.

Autores e/ou obras citadas:

Henrique Gonzáles Martines  
 José Santos Chocano  
 Herrera Reissing  
 Enrique Gonzáles Martínez  
 Ronald de Carvalho  
 José Carlos Mariátegui  
 José Maria Eguren  
 Abraham Valdelomar  
 Enrique Bustamante y Ballivián

*Los Heraldos Negros*  
*Poemas Humanos*  
 Verlaine  
 Trilce  
*Crepusculario*  
*El Hondero Entusiasta*  
*Veinte Poemas de Amor y Una Canción Desesperada*  
*Residencia en la Tierra*  
 T. S. Eliot  
*Poesia y Estilo de Pablo Neruda*

**2.5.1.5.2.1.** GARCIA, Othon.”A Página Branca e o Deserto”. (59-71). A luta pela expressão em João Cabral de Melo Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Valéry  
 Mallarmé

**2.5.1.6.2.1.** BENITEZ, Justo Pastor. “El Ensayo en Ibero América (II)”. (73-81). O ensaísta deixa a visão panorâmica americana para se concentrar no ideal nacional.

Autores e/ou obras citadas:

Pedro Henrique Ureñas	Luis López de Meza
A. Zum Felde	Justo Prieto
Gilberto Freire	Natalício González
Leopoldo Zea	Rafael Heliodoro Valle
Jorge Mañach	Miguel Ángel Asturias
Merardo Vitier	Antonio Caso
E. Martínez Estrada	Alfonso Reyes
Jorge Luís Borges	José Vasconcelos
J. C. Mariátegui y Valcárcer	Henriques Ureñas
Benjamin Carrión	Rubén Dário
F. Diez de Medina	Emeterio Santovená
G. Trancovich	Juan José Ramos
Ricardo Donoso	Félix Lizaso
Baldomero Sanín Cano	

**2.5.1.7.2.1.** JUCA, Cândido (Filho).”Quem Seja o Autor do *Naufrágio*”. (83-88). Polêmica quanto a autoria da obra *Naufrágio*.

Autores e/ou obras citadas:

J. Galante de Souza

*Curso de Português*  
*A Literatura no Brasil*  
 Afrânio Coutinho  
 Jorge d'Albuquerque Coelho  
 Bento Teixeira Pinto  
 Afonso Luís Pilôto  
*Cartas Chilenas*  
*História Trágico-Marítima*  
 Bernardo Lopes de Brito

**2.5.1.8.2.3.** BANDEIRA, Antônio Rangel. “A Composição Pianística no Brasil”. (89-97).  
 As composições brasileiras específicas para piano

Autores e/ou obras citadas:

Murilo Mendes  
 Luís Heitor  
*150 anos de música no Brasil*  
 Listz  
*Sertaneja*  
 Brasília Itiberê  
 Carlos Gomes  
*Marcha Humorística*  
*Paisagens Tropical*  
*10 Estudos para Piano*  
 Deolindo Tróis  
 Francisco Vale  
*Batel da Dor*  
*Serenata Antiga*  
*Romance*  
*Valsa Lenta*  
*Corrupção*  
*Marabá*  
*Episódio Sinfônico*  
*Insônia*  
 Francisco Braga

**2.5.2.1.2.1.** NÓBREGA, Mello. “Os Sonetos do Sonêto”. (101-146). Estudo da obra Otto Maria Carpeaux, onde o autor discorre sobre o sonêto explicando a vitalidade dessa forma poética rígida.

Autores e/ou obras citadas:

Otto Maria Carpeaux

Petrarca

Du Bellay  
 Ronsard  
 Marot  
 Santillana  
 Camões  
 Jean Meschinot  
*Les Lunettes des Princes*  
 Guillaume Crétin  
 Jean de Hesnaut  
 Valéry  
 Manuel Bandeira  
 Alphonsus de Guimarães  
 Manuel Machado  
 Rubén Dário  
 Dámaso Alonso

*Novos Sonetos*  
 Alberto d'Oliveira  
 Bocage  
 Álvaro de Castelões  
*O Sonho do Infante D. Henrique*  
 Felinto de Almeida  
 Cruz e Sousa  
*Jardim Sem Flores*  
 Francisca Júlia da Silva  
 Paulo Rónai  
*Pefeição*  
 João do Leme  
 Lope de Veja  
*Niña de Plata*

**2.5.3.1.4.8.** KOSERITZ, Carlos Von. “As Cartas da Côrte”. (149-176). São 6 cartas escritas pelo Barão Carl Von Koseritz, alemão radicado no Rio Grande do Sul, sobre a côrte de Dom Pedro II.

**2.5.4.1.2.8.** CANNABRAVA, Euryalo. “Bélgica”. (179-202). Este artigo faz parte de uma série intitulada *Impressões de Viagens*.

**2.5.4.2.2.1.** SOUSA, J. Galante de. “Em Torno do Amedotário Machadiano”. (203-206). Machado de Assis como personagem de amedotas

Autores e/ou obras citadas:

Emílio de Menezes  
 Paulo Nery  
*Dom casmurro*  
 Machado de Assis  
*Amedotas Históricas Brasileiras*  
 Lúcia Miguel Pereira  
 Max Fleiuss  
*Cousas do Meu Tempo*  
 Artur Azevedo  
 Alfredo Pujol

**2.5.4.3.2.8.** LIMA, Herman. “Escritores Caricaturistas”. (207-224). A relação entre a literatura e as artes plásticas.

Autores e/ou obras citadas:

Lucien Refort

*La Caricature Littéraire*

Daumier

Balzac

Gustave Doré

Victor Hugo

Abel Faivre

Maupassant

Eugênio Gomes

*O Realismo Gráfico de Machado de Assis*

*Espelho Contra Espelho*

*Confluências, Dibujos de Literatos*

Jean Cocteau

*A Barricada*

*A Segunda Passagem do Mar Vermelho*

Coelho Neto

*O Cortiço*

Aluísio Azevedo

Josué Montelo

*Aluísio Azevedo e a Caricatura no Tempo do Império*

*Histórias da Vida Literária*

**2.5.4.4.7.8.** EULÁLIO, Alexandre. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de A. V. A. Sacramento Blake- III”. (225-242). Verbetes (M - P) do Dicionário Bibliográfico Brasileiro.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.5.6.1.8.8.** n.c. “Catálogo das Publicações de INL”. (245-242). Nesta seção constam os catálogos das publicações do INL e um texto sobre os últimos dias de vida do poeta Edgar da Mata.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.5.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (255-306). As publicações no Brasil entre maio e julho de 1957.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.6.0.1.10.8.** n.c. “Nosso Vigésimo Aniversário”. (5-6). Texto comemorativo aos 20 anos do INL.

**2.6.1.1.2.1.** ETCHEVERRY, Manuel Graña. “La Equivalencia de Oxítonos, Paroxítonos y Proparoxítonos a fin de verso”. (9-53). A sonoridade e a métrica na poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Manuel Bandeira  
 Mário de Alencar  
 Juan Caramuel  
 Olavo Bilac  
 Guimarães Passos  
 Said Ali  
 Méndez Bejarano  
 Cruz e Sousa  
 Juan del Encina  
 Juan Dáz Rengifo  
 Alonso López Pinciano  
 Luis Alfonso de Carvalho  
 Francisco Cascales  
 Gonzalo Correas  
 Juan Villar

Navarro Tomás  
 Samuel Gili Gaya  
 Vicente Salvá  
 Garcilaso  
 Andrés Bello  
 Calderón de la Barca  
 Casimiro de Abreu  
*El Alcalde de Zalamea*  
 Camões  
 Robles Dégano  
 José Gómez Hermosilla  
*Os Lusíadas*  
 Tomás de Iriarte  
*La Campana y el Esquilón*

**2.6.1.2.2.6.** SOUSA, Arlindo de. “O nome Portugal”. (57-73). A origem da palavra “Portugal”.

**2.6.1.3.2.1.** GARCIA, Othon. “A Página Branca e o Deserto (II)”. (75-84). Continuação do número anterior onde o autor analisa a obra de João Cabral de Melo Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Augusto Meyer  
 Duas Águas  
 Mário de Andrade  
 Carlos Drummond de Andrade  
 Mallarmé  
 Apollinaire  
 Valéry  
 Décio Pignatari  
*Cartas Chilenas*  
*Arte de Furtar*  
 Fidelino Figueiredo

**2.6.1.4.10.8.** GRASSO, Dick Edgar Ibarra. “La Verdadera História de Los Incas”. (85-93). O autor do texto discorre sobre algumas obras que contam a história do Incas.

Autores e/ou obras citadas:

Garcilaso de La Veja  
 L. Baudín  
*El Imperio Socialista de los Incas*  
 Cieza de León

Sarmiento de Gamboa  
 Arthur Posnanski  
 Max Uhle  
 Dr. José Imbelloni

**2.6.1.5.2.7.** GONÇALVES, Suzana. “O Testemunho de Simone Weil”. (95-104). Sobre o pensamento da ativista política Simone Weil.

Autores e/ou obras citadas:

Kierkegaard  
 Nietzsche  
 Charles Chaplin  
 Karl Marx  
*Oppression et liberté*  
 Rabelais

**2.6.1.6.2.6.** CÂMARA, J. Mattoso. “A Coroa de Rubião”. (105-109). O estilo lingüístico na obra *Quincas Borba* de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Saussure  
 Trubetzkoy  
 Karl Bühler  
*Quincas Borba*  
 Machado de Assis

**2.6.1.7.2.1.** RELA, Walter. “Literatura Dramática Sudamericana Contemporânea”. (111-122). Estudo da literatura dramática sul – americana.

Autores e/ou obras citadas:

Martins Pena  
 Manuel Segura  
 Blest Gana  
 Juan José Botero  
 Florencio Sanches  
 Pedro Salinas  
 Pirandelo  
 Sartre  
 Prístley  
 Bretch  
 Christopher Fry  
*An Experience of Critics*  
 Francisco Defilippis Novoa

Enrique Gustavino  
*Pedro e. Pico*  
 Rodolfo Gonzáles Pacheco  
 Arturo Cerretani  
 Roberto Arlt

**2.6.1.8.2.1.** BARBOSA, Francisco de Assis, “Lima Barreto, Precursor do Romance Social”. (123-131). A trajetória literária de Lima Barreto.

Autores e/ou obras citadas:

Lúcio de Mendonça	<i>Clara dos Anjos</i>
José Veríssimo	<i>Recordações do Escrivão Isaias Caminha</i>
Guimarães Passos	<i>Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá</i>
Olavo Bilac	Taine
Emílio de Meneses	Eça de Queiroz
Felix Pacheco	Bruntière
Machado de Assis	Veiga Miranda
Euclides da Cunha	<i>Triste Fim de Polocarmo Quaresma</i>
Sílvio Romero	<i>Numa e Ninfa</i>
Teixeira Nunes	Graça Aranha
Oto de Alencar	Coelho Neto
Descartes	Afonso Arinos
Condillac	Valdomiro Silveira
Condorcet	Afrânio Peixoto
Kant	Monteiro Lobato
Spencer	Ranulfo Prata
Comte	<i>Impressões de Leitura</i>
<i>Discurso do Método</i>	
<i>Diário Íntimo</i>	

**2.6.1.9.2.2.** NETO, José Texeira. “Teatro de Província”. (133-154). As representações teatrais no Arraial do Tijuco (Diamantina).

Autores e/ou obras citadas

<i>Dido Abandonado</i>	Manuel Quintino de Araújo
<i>Memórias do Distrito Diamantino</i>	Meireles
<i>O Salteador</i>	Kean ou A Desordem e Gênio
<i>Contos do Padre Silvério, Viagário de Paraopeba</i>	Alexandre Dumas
Cônego Joaquim Gomes Carvalho	<i>Os Dois Renegados</i>
	José da Silva Mendes Leal Júnior
	<i>Os Seis Degraus do Crime</i>
	Teodoro d' Hargeville
	Antier Benjamim
	<i>Pedro Sem, que já teve e hoje não tem</i>

*A Última Assembléia dos Condes Livres*  
Nova Castro

João Batista Gomes Júnior

*Os Sete Infante de Lara*

*Juan de La Cueva*

*Trinta Anos ou A Vida de um Jogador*

Victor Ducange

Dinaux

*Otelo ou O Moro de Veneza*

Luís Augusto Rebêlo da Silva

Victor Hugo

Joaquim Manuel de Macedo

Martins Pena

*O Máscara Negra*

*A Noite do Castelo*

Francisco José Ferreira Tôrres

Dom César de Bazan

*Artur ou Depois dos Dezesesseis Anos*

Duperty

Caetano Lopes Moura

*O Caixeiro da Taverna*

Schiller

*O Gravador de Lápides*

Luís Maria Bordalo

Domingos José Gonçalves de Magalhães

*Antônio José, o Judeu*

*O Meirinho e a Pobre*

Francisco Pinheiro Guimarães

*História de uma Moça Rica*

*John Bul ou O Pirata Inglês*

Joaquim Felício dos Santos

*Os 29 ou Honra e Glória*

José Felipe Ovídio Romano

*Quem Perfia Mata a Caça*

*Elogio Dramático*

*O Nobre e o Plebeu*

Octave Feuillet

*Amor Filial*

*A Maldição*

Teodomiro Alves Pereira

**2.6.2.1.10.1** PENA, Martins. "O Rei do Amazonas". (155-165). Fragmento de um texto de Luís Carlos Martins Pena.

**2.6.3.1.10.8.** LIMA, Oliveira. "Machado de Assis e sua obra literária". (171-189). Conferência pronunciada por Oliveira Lima na Sorbonne em homenagem a Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

José de Alencar

Racine

Casimiro de Abreu

Castro Alves

Anatole France

Almeida Garret

*Esaú e Jacó*

*Relíquias de Casa Velha*

*Crisálidas*

*Iaiá Garcia*

Victor Hugo

*Memória Póstumas de Brás Cubas*

*Ressurreição*

*Quincas Borba*

*Americanas*  
*Contos Fluminenses*  
*Memorial de Aires*  
*Divina Comédia*  
 Dante

**2.6.4.1.2.1.** ETIENNE, João (Filho). “Otávio de Faria”. (193-202). Sobre o romance *Tragédia Burguesa* de Otávio de Faria.

Autores e/ou obras citadas:

Balzac  
 Proust  
 Dostoiewski  
 Mário de Andrade  
*Mundo dos Mortos*  
*O Caminho da Vida*  
*O Lôdo das Ruas*  
*Anjo de Pedra*  
*Os Loucos*  
*Fronteiras da Sanidade*  
*Destino do Socialismo*

**2.6.4.2.10.1.** HECKER, Paulo (Filho). “Reposição de Teses Oraís”. (203-213). Texto da discursão em plenária de alguns problemas da poesia brasileira no Congresso de Escritores de Caxias do Sul.

Autores e/ou obras citadas:

João Cabral de Melo Neto  
*Pedra do Sono*  
 Carlos Drumond de Andrade  
*Duas Águas*  
*Uma Faca Só Lâmina*  
*O Rio*  
*Morte e Vida Severina*  
 Lêdo Ivo  
*Cânticos*  
*Um Brasileiro em Paris*  
*O Rei da Europa*

José Paulo Moreira da Fonseca  
*A Tempestade e Outros Poemas*  
 Tiago de Melo  
*Silêncio e Palavra*  
*Narciso Cego*  
*A Lenda da Rosa*  
 Afonso Félix  
*O Amoroso e a Terra*  
 La Fontaine  
 Victor Hugo

**2.6.4.3.2.3.** COSME, Luís. “Três Compositores Brasileiros”. (215-219). Sobre os compositores José Maurício, Carlos Gomes e Vila Lôbos.

**2.6.4.4.2.2.** DAMASCENO, Darcy. “Martins Pena e o Conservatório Dramático”. (221-224). Os dissabores de Martins Pena quando foi eleito 2º secretário do Conservatório Dramático Brasileiro.

Autores e/ou obras citadas:

*O Juiz de Paz da Roça*  
*Vitiza ou Nero de Espanha*  
*Otelo*  
*O Judas em Sábado de Aleluia*  
*O Noviço*

**2.6.4.5.5.7.** ALVARENGA, Octávio Mello. “Huis Clos e o Apocalipse”. (225-227). Sobre *Huis Clos* de J. P. Sartre.

Autores e/ou obras citadas:

Dante  
*Divina Comédia*  
 T. S. Eliot

**2.6.4.6.8.8** CARNEIRO, Edison. “Festas Tradicionais”. (229-230). O autor faz um levantamento das festas populares brasileiras.

2.6.4.7.10.8. PÔRTO, Vera da Silva. “*Tratamento das Publicações das Nações Unidas*”. (231-264). *Como são selecionados e guardados os documentos das Nações Unidas*.

**2.6.4.8.7.8.** EULÁLIO, Alexandre. Índice do “Diccionário Bibliográfico Brasileiro de A. V. A Sacramento Blake. (265-284)”. Verbetes (Q – Z) do dicionário de S. Blake.

Autores e/ou obras citadas: vários

**2.6.6.1.10.8.** n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (287-290). Consta desta seção: Catálogos das publicações do INL, Noticiário da Enciclopédia Brasileira e Dois Comentários (os centenários de dois escritores: Filinto de Almeida e José Francisco da Rocha Pombo).

**2.6.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (293-336). Bibliografia publicada no Brasil entre agosto e outubro de 1957.

Autores e/ou obras citadas: vários

**3.7.1.1.2.8.** LAPA, M. Rodrigues. “*Subsídios para a Biografia de Cláudio Manuel da Costa*”. (7-25). *O texto tenta elucidar certos passos na carreira política de Cláudio Manuel da Costa*.

Autores e/ou obras citadas:

Caio de Melo Franco  
*Obras Poéticas*  
*Vila Rica*  
*Cartas Chilena*

**3.7.1.2.2.1.** BENITEEZ, Justo Pastor. “Panorama de la Literatura Paraguaya en el SigloXX”. (27-42). O desenvolvimento da literatura paraguai no século XX.

Autores e/ou obras citadas:

Cecílio Baéz	<i>El Jardin Del Silencio</i>
Manuel Gondra	<i>Conceptos Esteticos</i>
Manuel Domínguez	<i>Las Vertebrae de Pan</i>
<i>El Alma de la Raza</i>	<i>Ródopis</i>
Fulgencio Moreno	<i>Cármenes</i>
<i>Estudio Sobre la Independencia</i>	<b>Ignacio A. Pane</b>
<i>La Ciudad de Asunción</i>	<i>Canto a la Mujer Paraguaya</i>
Juan Emiliano O’Leary	Eusebio Ayala
<i>Solano Lopes y el Centauro de Ybicuí</i>	<i>Patria y Libertad</i>
<i>Nuestra Epopeya</i>	<i>Migraciones Paraguayas</i>
Alejandro Guanés	<i>El Materialismo Histórico</i>
<i>De Passo Por La Vida</i>	<i>El Problema de la Tierra</i>
<i>Del Viejo Saber Olvidado</i>	<i>Ara y Canta</i>
<i>Las Siete Palabras</i>	<i>Las Saucos de Babilonia</i>
Carmen Sanborezano	<i>El Aguila de La Guardia-Cárceles</i>
Eloy Fariña Nuñez	<i>La Relatividad de Einstein y Velasques</i>
<i>Canto Secular</i>	
<i>Al General Dias</i>	

**3.7.1.3.2.1.** GARCIA, Othon M. “A Página Branco e o Deserto”. (43-59). Ensaio sobre João Guimarães Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Carlos Bousoño  
*Duas Águas*  
*Pedra do Sono*  
*Cão Sem Pluna*

**3.7.1.4.2.1.** RÉVAH, I. S. “João de Barros”. (61-71). Estudo sobre o cronista João de Barros.

**3.7.1.5.2.4.** LUCAS, Fábio. “Sobre a Crítica do Cinema”. (73-82). A falta de um modelo para a crítica cinematográfica.

Autores e/ou obras citadas:

Dickens  
 Balzac  
 Dostoiewsky  
 Edgar A. Poe  
 Baudelaire  
 Cervantes  
*D. Quixote*  
 Rimbaud  
 Proust  
 Raul Pompéia  
 Maupassant  
*Hamlet*  
*O Sálario do Mêdo*  
*Ladrões de Bicicletas*

**3.7.1.6.2.1.** IVO, Lêdo. “A Moça e o Prosador”. (83-93). O autor propõe um prefácio imaginário para o romance *Abadias*, de Ciro dos Anjos.

Autores e/ou obras citadas:

Ciro dos Anjos  
 Machado de Assis  
*O Amanuense Belmiro*  
*The Well-Beloved*  
 Thomas Hardy  
*Montanha*  
*Abadias*  
*Dom Casmurro*  
 Sérgio Milliet  
*Relíquias de Casa Velha*  
*Memorial de Aires*  
 Stendal  
 Flaubert  
 Anatole France  
 Marcel Proust

**3.7.1.7.2.8.** DOURADO, Mecenas. “Dois Livros sobre Hipólito da Costa”. (95-107). Sobre as perseguições pelo Santo Ofício do jornalista maçom Hipólito José da Costa.

**3.7.1.8.2.1** NÓBREGA, Melo. “Fagundes Varela, Plagiário?”. (109-120). As críticas quanto a originalidade de Fagundes Varela.

Autores e/ou obras citadas:

Humberto de Campos  
 Olavo Bilac  
 Vicente de Carvalho  
 Alberto Faria  
 Agripino Grieco  
 José Veríssimo  
*História da Literatura Brasileira*  
 Gonçalves Dias  
 Franklin Távora  
*Diário de um Lázaro*  
*Vozes da América*  
 Quirino dos Santos  
*Mauro, o Escravo*  
*I Juca Pirama*  
 Junqueira Freire  
*Inspirações do Claustro*  
*Sombra e Sonho*  
 Casimiro de Abreu  
 Teixeira de Melo  
*Contos e Fantasias*  
*Primaveras*

Melo Morais Filho  
*Juramento*  
*Flor de Maracujá*  
*Cantos Meridionais*  
 Ronald de Carvalho  
*Juvenília*  
*Espumas Flutuantes*  
*Noturnos*  
 Castro Alves  
*Vozes d'África*  
 Basílio da Gama  
*Recitativo*  
*Amor e Ódio*  
 Luís Guimarães Júnior  
*Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica*  
 Manuel Bandeira  
 Álvares de Azevedo  
*Estâncias Teresa*  
*Madrigal Melancólico*

**3.7.1.9.2.6.** HOUAIS, Antônio. “Sobre a Linguagem de Vila dos Confins”. (121-153). O universo verbal de *Vila dos Confins*.

**3.7.2.1.10.1.** HORCH, Hans-Juergen. “Jesuítas e Frades”. (157-171). Comentário de um fragmento inédito de Castro Alves.

Autores e/ou obras citadas:

.  
*Espumas Flutuantes*  
*Os Escravos*  
 Afrânio Peixoto  
 Junqueira Freire  
*Obras Completas de Castro Alves*  
 Álvares Guimarães

**3.7.3.1.10.8.** PANDIÁ, Calógeras. “A Política Monetária no Brasil”. (183-198). Tradução do texto *La Politique Monétaire du Brésil* de J. P. Calógeras

**3.7.4.1.2.7.** TÁVORA, Franklin. “Dimensões do Mítico”. (201-205). As formas do auto conhecimento do ser humano.

Autores e/ou obras citadas:

Meister Eckhart  
*Angelus Silesius*  
 Kierkegaard  
 Numberg  
 Schilder  
 Reik  
 Karl Barth  
 Dostoiewsky  
 Sartre  
 Heidegger  
 Husserl  
 Scheler  
 Laski  
 Hartmann  
 Jaspers  
*O Posto do Homem Cósmico*  
 Alexandre Blok  
*Uma Vez no Coro*  
 Rilke  
*O Canto é a Existência*

**3.7.4.2.2.1.** MARTINS, Heitor. “Manuel del Cabral: Hóspede do Mundo”. (207-213).  
 Sobre o poeta Manuel del Cabral

Autores e/ou obras citadas:

César Vallejo  
 Pablo Neruda  
 Huidobro  
 Manuel Bandeira  
 Gabriela Mistral  
 Eduardo Joubín Colombres  
*Chinchina busca el tiempo*  
*Parábolas*  
*Compadre Mon*  
*De este lado del mar*  
*Trópico Negro*  
*Sangre Mayor*  
*Los huéspedes secretos*  
*Um cuarto de siglo de poesia*  
 Guillén

**3.7.4.3.2.3.** COSME, Luís. “Ensaio Sobre a Música Brasileira”. (215-220). Estudo sobre a música concreta.

**3.7.4.4.2.4.** SOUZA, Cláudio Mello e. “Tentativas de um Cinema Brasileiro”. (221-227). A propósito do panorama do cinema brasileiro, em especial o filme *Rio, Zona Sul*.

Autores e/ou obras citadas:

Ademar Gonzaga	<i>O homem que chutou a consciência</i>
Humberto Mauro	<i>Amei um Bicheiro</i>
<i>Lábios sem Beijos</i>	Nelson Pereira dos Santos
<i>Barro Humano</i>	Lima Barreto
<i>Brasa Dormida</i>	<i>O Cangaceiro</i>
<i>Ganga Bruta</i>	<i>Caiçara</i>
<i>Descobrimento do Brasil</i>	<i>Terra e sempre Terra</i>
<i>Alô, Alô Brasil</i>	<i>Painel Volta Redonda</i>
<i>Alô, Alô Carnaval</i>	<i>Simão, o Caolho</i>
<i>Limite</i>	<i>Canto do Mar</i>
Mário Peixoto	<i>O Sertanejo</i>
<i>Uma Aventura aos 40</i>	<i>Rio 40°</i>
Silveira Sampaio	
<i>O Ébrio</i>	

**3.7.4.5.5.1.** REIS, Antônio Simões dos. “Crítica no Brasil em 1894”. (229-234). A crítica literária brasileira em 1894, através da imprensa carioca.

**3.7.4.6.7.8.** CARMO, Célio Assis do. “Índice Brasileiro do Dicionário Bibliográfico”. (235-251). Verbetes de (A – K) do Dicionário Bibliográfico Português, de Inocêncio Francisco da Silva.

Autores e/ou obras citadas: vários

**3.7.6.1.8.8.** n.c. “*O Panorama Literário de 1957*”. (255-256). *Constam desta seção: Catálogos das publicações do INL e o panorama literário de 1957.*

Autores e/ou citados: vários

**3.7.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “**Bibliografia Brasileiro Corrente**”. (265-309). **Bibliografia lançada no Brasil entre novembro e dezembro de 1957.**

Autores e/ou citadas: vários

**3.8.1.1.2.1.** GRÜNEWALD, José Lino. “Poesia Concreta”. (9-36). A definição de poesia concreta.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Cassier Linguagem e Mito</i>	Herbert Read
	Mallarmé

Haroldo de Campos  
 Gomringer  
 Valery  
*Um Lance de Dados*  
 Robert Greer Cohn  
 David Hayman  
*Joyce et Mallarmé*  
*Finnegans Walke*  
 Laforgue  
 Corbière  
 T. S. Eliot  
 Ernest Fenellosa  
 A Escritura Chinesa Como Meio de Poesia  
 Lewia Carol  
*Un Cop de Dés*  
*Ulisses*  
 Joseph Campbell  
 H. M. Robinson  
 Ezra Pound  
 Augusto de Campos  
 Marinetti  
 Cangiulo  
 Ungaretti  
 Palazzeschi  
 Klee  
 Kandinsky

Morgenstern  
 Arno Holz  
 August Stramm  
 Kurt Schwitten  
 William Carlos Williams  
 Frederico Garcia Lorca  
*Canciones*  
 Oswaldo de Andrade  
 João Cabral de Melo Neto  
*Fábula de Anfiôn*  
*Psicologia da Composição*  
*Antiode*  
*Cão Sem Pluma*  
*O Rio*  
*Auto de Severina*  
*Uma Faca Só Lâmina*  
 Décio Pignatari  
*Constelações*  
 Diogo Pacheco  
 Maria José de Carvalho  
 Willeys de Castro  
 Ferreira Goulart  
 Ronaldo Azevedo  
 Pedro Xisto  
*Noigandres 3*  
 Wladimir Dias Pino

**3.8.1.2.2.1. MARQUES, Oswaldino.** “Concretismo, ou Uma Hipótese Autocontrariada”.(37-53). A estrutura da poesia concreta.

Autores e/ou obras citadas:

Valéry  
 Elizabeth Sewell  
 Mallarmé  
 Rimbaud  
 Rudolf Carnap  
 Enry Poincaré  
*La Science et L’Hypothèse*  
 Kant  
*Crítica da Razão Prática*

**3.8.1.3.4.1. BROCA, Brito.** “No Arquivo de Coelho Neto – a correspondência passiva do autor de Sertão”. (55-83). A correspondência recebida por Coelho Neto.

Autores e/ou obras citadas:

Olavo Bilac  
*O Rei Negro*  
 Luís Murat  
 Guimarães Passos  
 José Veríssimo  
*Estudos de Literatura Brasileira*  
*A Conquista*  
*O Bico de Pena*  
*A Vida Literária no Brasil*  
 Humberto de Campos  
*La Drôle de Guerre*  
 Roland Dorgelés  
 Eça de Queiroz  
 Euclides da Cunha  
*Paisagens Espanholas*  
*Coração Sensível*  
 Figueiredo Pimentel  
*O Cortiço*  
 Lauro Miller  
 Mário de Alencar  
  
 Ramiz Galvão  
 Rui Barbosa  
 Salvador de Mendonça  
 Vicente de Carvalho  
 Medeiros e Albuquerque  
 Paul Claudel  
*Portage de Midi*  
 Dantas Barreto  
 Afrânio Peixoto  
*A Academia Brasileira*  
 Fernão Neves  
 Dantas Barreto  
 Aluísio Azevedo  
*Impressões de Europa*  
 Osório Duque Estrada  
 José do Patrocínio Filho  
*O Fabuloso Palucínio Filho*  
 Magalhães Júnior  
 Miguel Couto

*A Treva*  
 Monteiro Lobato  
*Cancioneiro Alegre*  
 Camilo Castelo Branco  
 Gaspar da Silva  
*Canhenho de um Jornalista*  
 Eduardo Prado  
*O Filho das Trevas*  
 Do Desfio à Debandada  
 Manuel Souza Pinto  
*Turbilhão*  
 João de Barros  
*Canaã*  
 Graça Aranha  
*Fertilidade*  
 Mandovi  
*Cega*  
*A Tapera*  
*Segundas Nupcias*  
*Macambira*  
*Sertão*  
 Marcel Prévost  
 Perez Galdós  
 Valle-Inclán  
*Os Velhos*  
 Anatole France  
*Dom Casmurro*  
*Brás Cubas*  
 Machado de Assis  
 Sílvio Romero  
*Pequena História da Literatura Brasileira*  
*No Rancho*  
*O Dinheiro*  
*A Praga*  
*Miragem*  
*Assombramento*  
 Martin Brussot  
*Inverno em Flor*  
*Água da Jumenta*

**3.8.1.4.2.1.** GARCIA, Othon M. “A Página Branca e o Deserto – Área dos Símbolos”. (85-103). Conclusão do texto iniciado em números anteriores sobre João Cabral de Melo Neto.

Autores e/ou citadas:

Guimarães Rosa  
 Mário Palmério  
 Valéry  
 Gonçalves Dias  
 Carlos D. de Andrade  
 Joaquim Cardozo  
 Edgar A. Pöe  
 Mallarmé  
 Baudelaire  
*O Engenheiro*  
*Pedra do Sono*  
*Duas Águas*  
*Amphion*

**3.8.1.5.10.8.** LAPA, Rodrigues M. “Tirandentes e Gonzaga”. (103-110). Transcrição da conferência realizada em abril de 1958, por ocasião das festividades de Tiradentes.

Autores e/ou obras citadas:

Alvarenga Peixoto  
 Cláudio Manuel da Costa  
*Cartas Chilenas*

**3.8.1.6.2.1.** LINHARES, Temistocles. “Macedo e o Romance Brasileiro”. (111-117). O papel de Joaquim Manuel de Macedo na consolidação do romance brasileiro.

Autores e/ou obras citadas:

*A Moreninha*  
 Gonçalves Dias  
*O Filho do Pescador*  
 Pedro Dantas  
 Antônio Candido  
 José de Alencar  
*O Moço Loiro*  
*Os Dois Amores*  
*A Luneta Mágica*  
*Memórias do Sobrinho de Meu Tio*  
*Memórias da Rua do Ouvidor*  
 Dutra e Melo  
 Sílvio Romero  
 Astrogildo Pereira  
 Tristão de Ataíde

**3.8.1.7.10.8.** CARNEIRO, Edison. “Combate no Recife (1849)”. (119-136). Sobre a revolução dos Praieiros.

**3.8.1.8.2.6.** HOUAISS, Antônio. “Sobre a Linguagem de Vila dos Confins”. (137-164). Continuação do número anterior da Revista, onde o autor analisa a linguagem em *Vila dos Confins* de Mário Palmério.

**3.8.2.1.2.8.** VERÍSSIMO, José. “*Papéis Avulsos*” (167-180). *Três artigos que a princípio foram escritos para O Imparcial: o primeiro, analisa 3 livros publicados em 1914, o segundo, de caráter político e finalmente, esquemas dos capítulos da História da Literatura Brasileira.*

Autores e/ou obras citadas:

*A Chave de Salomão*  
 Guilberto Amado  
*Esmaltes e Camafeus*  
 Eduardo Ramos  
*Correspondências, Notas e Colóquios*  
 Victor Orban  
 Machado de Assis  
 Pinheiro Machado  
 Hermes Fontes  
*O Mundo em Sangue*  
*Saudações aos Belgas*  
*O Desastre Alemão*  
*A Europa Conflagrada*  
 Gonçalves Dias  
 José de Alencar

**3.8.3.1.2.1.** CUNHA, Euclides da. “O Brasil Mental”. (185-193). Compilação de três artigos de Euclides da Cunha, que estavam dispersos em jornais.

Autores e/ou obras citadas:

Camilo Castelo Branco  
 José Pereira Sampaio  
*Pátria*  
 Guerra Junqueiro  
 Os Lusíadas  
 Victor Hugo  
 Schiller  
 Kant

**3.8.4.1.5.1.** ESTRADA, Ezequiel Martinez. “Placa de uma Radiografia”. (201-203). Sobre a obra *Radiografia de la Pampa*.

Autres e/ou obras citadas:

*Casa Grande e Senzala*

Gilberto Freire

*Facundo*

Sarmiento

Ojeada Retrospectiva

Dogma Socialista

Echeverría

*Conflictos y Armonías de las Razas en América*

*Invariantes Históricas en el “Facundo”*

**3.8.4.2.2.1.** BRITO, Mário da Silva. “Mário de Andrade e seu Primeiro Livro (notas para a história do modernismo brasileiro)”. (205-209). A aproximação de Mário de Andrade com Oswald de Andrade e a publicação de seu primeiro livro *Há uma gota de sangue em cada poema*.

Autores e/ou obras citadas:

Miguel Calmon

Olavo Bilac

Coelho Neto

Paul Fort

Marinetti

**3.8.4.3.10.1.** FRIEIRO, Eduardo. “Recordando Os Amigos do Livro”.(211-216). Episódios da vida literária em Belo Horizonte.

Autores e/ou obras citadas:

*O Escrivão não é Triste*

*Ingenuidade*

João Alphonsus

Carlos D. de Andrade

Ciro dos Anjos

Alfredo Balena

Antônio Borges

Luís Camilo

Milton Campos

Euríalo Canabrava

Orlando M. Carvalho

Mário Casassanta

Guilhermino César

Anibal Machado

Mário Matos

Oscar Mendes

Emílio Moura

Lincoln Prates

Abgar Renault

Orozimbo Nonato da Silva

Artur Versiani Veloso

*A Alma dos Livros*

*Educação para Cegos no Brasil*

*Minas e os Mineiros na Obra de Machado de Assis*  
*Ensaio de Política Econômica*  
*Brejo das Almas*  
*O Tratador de Pássaros*  
 Wellington Brandão  
*Duas Oficinas de Política Técnica*  
*Acerca da Arte de Escrever para o Teatro*  
 José Maria Sena  
*A Antiga Melodia*  
 Heli Menegale  
*Escrever Certo*

Aires da Mata  
*O Cabo das Tormentas*  
 Velórios  
 Rodrigues M. F. Andrade  
*Canto da hora Amarga*  
*Letras Mineiras*  
*O Amauense Belmiro*  
*O Município Mineiro em Face das Constituições*  
*Último Canto da Tarde*  
*O Mecanismo do Govêrno Britânico*

**3.8.4.4.2.4.** SARDOU, Georges. “Crise Du Cinéma Français?” (217-221). O texto levanta a hipótese de o cinema francês estar em crise.

Autores e/ou obras citadas:

*Celui Qui doit mourir*  
 Jules Dassin  
*Un condamné à mort s'est échappé*  
 Robert Bresson  
*Port Lilas*  
 René Claire  
*Mort en Fraud*  
 Marcel Camus  
*Patrouilles de choc*  
 Bernard Aubert

**3.8.4.5.2.1.** PRADA, Cecília. “O Eterno Revoltado – Albert Camus”. (223-226). A dificuldade de enquadrar Camus em qualquer escola literária ou filosófica.

Autores e/ou obras citadas:

*Les Justes*  
*La Chute*  
*L'État de Siège*  
 Kerkegaard  
 Chestov  
 Jaspers  
 Heidegger  
*Le Mythe de Sisyphe*  
*Le Malentendu*  
*La Peste*

**3.8.4.6.2.1.** GUIMARÃES, Alphonsus de .”Conceito Romântico de Poesia”. (227-229). O ideal romântico na poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Gonçalves Dias

*Cantos*

Castro Alves

Alvares de Azevedo

*Lira dos Vinte Anos*

Casimiro de Abreu

*Primaveras*

*Voz da América*

Fagundes Varela

*Cantos e Fantasias*

*Espumas Flutuantes*

Bernardo Guimarães

*Poesias*

*Fôlhas de Outono*

Laurindo Rabelo

**3.8.4.7.7.8.** CARMO, Célio Assis do. “Índice do “Diccionario Bibliographico Portuguez de Inocencio Francisco da Silva”. (230-250). Transcrição dos verbetes (L – Z) do Diccionario Bibliographica Portuguez.

Autores ou/e obras citadas: vários

**3.8.4.1.6.5.1.** LAPA, Rodrigues M. “Catálogo das Publicações do INL”. (251- 256). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

**3.8.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (251 – 254). Publicações no Brasil entre janeiro e março de 1958.

Autores e/ou obras citadas: Vários

**3.9.0.1.1.8.** n.c. “Apresentação”. (5 – 6). Texto de apresentação da Revista em que se comemora os 50 anos da morte de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis

*Quincas Borba*

Flaubert

Baudelaire

Dostoiewski  
Mário Casassanta

**3.9.1.1.2.1.** MEYER, Augusto. “De Machadinho a Brás Cubas”. (9 – 18). O autor afirma que existe um divisor de águas na produção de Machado de Assis, antes e depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis	Lúcia Miguel Pereira
<i>Esaú e Jacó</i>	<i>Aspect of the novel</i>
<i>Helena</i>	Hugo Vries
<i>Memorial de Aires</i>	Henry James
<i>Iaiá Garcia</i>	Mário de Alencar
Garret	Ramon Fernandez
<i>Queda</i>	<i>Uma Criatura</i>
<i>Viagens</i>	<i>Message</i>
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	<i>A Mosca Azul</i>
Sterne	Stendhal
Melville	<i>O Desfecho</i>
Xavier de Maistre	Victor Brombert
<i>Moby Dick</i>	Spinosa
Eugênio Gomes	<i>Suave Mari Magno</i>
Willian Ellery Segdwick	<i>No Alto</i>
Silvio Romero	<i>O Delírio</i>
<i>Ressurreição</i>	Baudelaire
E. M. Foster	Kierkegaard
	Lichtenberg
	<i>Quincas Borba</i>

**3.9.1.2.2.1.** PEREIRA, Lúcia Miguel. “Relações de Família na Obra de Machado de Assis”.(19 – 30). A estrutura familiar na obra de Machado de Assis

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis	<i>Jogo do Bicho</i>
<i>Memorial de Aires</i>	<i>Ressurreição</i>
<i>Primas de Sapucaia</i>	<i>A Herança</i>
<i>Contos Fluminenses</i>	<i>A Mão e a Luva</i>
<i>O Programa</i>	<i>Folha Rota</i>
<i>Ex-Cátedra</i>	<i>Helena</i>
<i>Encher Tempo</i>	<i>Questões de Maridos</i>
<i>A Desejada das Gentes</i>	<i>Iaiá Garcia</i>
<i>As Bodas de Luís Duarte</i>	<i>Casada e Viúva</i>
<i>Maria Cora</i>	<i>Casa Velha</i>
<i>Um Ambicioso</i>	<i>Memória Póstumas de Brás Cubas</i>

*Quincas Borba*  
*D. Casmurro*

*Esau e Jacó*

**3.9.1.3.2.1.** GOMES, Eugênio. “O Microrrealismo de Machado de Assis”. (31 – 36). As minúcias psicológicas dos personagens de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas

Machado de Assis  
Raul Pompéia  
Stendhal  
*La Chartreuse de Parme*  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
Cervantes  
Shakespeare  
Padre Antonio Vieira  
Sêneca  
*D. Casmurro*  
*Iaiá Garcia*  
*Esau e Jacó*  
*Memorial de Aires*  
*Quincas Borba*

**3.9.1.4.2.1.** BROCA, Brito. “Na Década Modernista: Machado de Assis. au dessus de la mêlée”. (37 – 44). Autores que escreveram sobre Machado de Assis ou sofreram sua influência.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis  
  
*Professor Jeremias*  
Alcides Maya  
Monteiro Lobato  
*Memorial de Aires*  
Afrânio Peixoto  
Coelho Neto  
*De que Morreu João Feital?*  
Alfredo Pujol  
Lucilo Varejão  
*A Carne*  
Anatole France  
Júlio Ribeiro  
Casemiro de Abreu  
Luís Ribeiro do Vale  
José de Alencar

Olavo Bilac  
Joaquim Nabuco  
José de Alencar  
José Verríssimo  
Rui Barbosa  
Mário de Alencar  
Coelho Neto  
Graça Aranha  
Magalhães de Azevedo  
Machado de Assis  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
Joaquim Nabuco  
Nilo Bruzzi  
Osório Duque Estrada  
*D. Casmurro*  
Mário de Alencar  
Lima Barreto  
Carlos Drumond de Andrade

*Triste Fim de Policarpo Quaresma*  
 João Alphonsus  
*Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*  
 Marins de Oliveira  
 Tristão de Ataíde  
 Emílio Moura  
*Helena*  
*Machado de Assis e a Política e Outros*  
*Estudos*  
*A Mão e a Luva*  
 Sterne  
 Introdução ao Estudo do Pensamento Brasileiro-  
 Swift  
 Austregésilo de Ataíde  
 Cândido Mota Filho  
 Maupassant  
 Oswald de Andrade  
 Dickens  
 Plínio Salgado

Balzac  
 Casemiro de Abreu  
 Daudet  
 João Francisco  
 Turguenief  
 Humberto de Campos  
 Tolstoi  
 Fernando de Magalhães  
*Quincas Borba*  
 Múcio Leão  
 Sílvio Rabelo  
 Barbosa Lima Sobrinho  
 Léo Vaz  
 Antônio Sales  
 Carlos Dias Fernandes  
 Jacinto Silva  
*O Guarani*

**3.9.1.5.5.1.** PEREGRINO JÚNIOR. “Biografia de um Livro sobre Machado de Assis”. (45-59). Sobre *Doença e Constituição de Machado de Assis*, livro que aborda a vida e obra do autor do ponto de vista naturalista.

Autores e/ou obras citadas

*Doença e Constituição de Machado de Assis*  
*Quincas Borba*  
 Alfredo Pujol  
  
*Páginas Recolhidas*  
*Madame Minkowska*  
*Noite de Almirante*  
 Lúcia Miguel Pereira  
*Várias Histórias*  
 Machado de Assis  
*Conto de Escola*  
 Evaristo de Moraes  
*Ao Acaso*  
 Luís de Paula Freitas  
*Diário do Rio*  
 Nelson Werneck Sodré  
*Queda que as mulheres tem pelos tolos*  
*História da Literatura Brasileira*  
 Sílvio Romero  
*Desencanto*

*Esau e Jacó*  
*Teoria do Medalhão*  
 Goethe  
*Iaiá Garcia*  
*O Espelho*  
*A Senhora Galvão*  
*Histórias sem Data*  
*O Segredo de Augusto*  
*O Lapsos*  
*Relógio de Ouro*  
*Último Capítulo*  
*Falenas*  
*Uma Senhora*  
*Cantigas de Esponsais*  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
*Um Homem Célebre*  
*Memorial de Aires*  
*Trio em La Menor*  
*Relíquias de Casa Velha*  
 Xavier de Maistre  
*A Mão e a Luva*  
 Almeida Garret

*Helena*  
*Dom Casmurro*

*Ressurreição*  
*Quincas Borbas*

**3.9.1.6.2.1.** OLIVEIRA, Franklin de. “O Artista em sua Narração – A Fortuna Crítica de Machado de Assis: 1912 – 1958”. (61-69). A grande dificuldade de se estabelecer uma teoria crítica para a obra de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Souza Bandeira  
Gilberto Amado  
*Páginas Literárias*  
*Minha Formação no Recife*  
*Dom Casmurro*  
Inglês de Souza  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
Eugênio Gomes  
Alfredo Pujol  
*Espelho Contra Espelho*  
Lúcia Miguel Pereira  
*Machado de Assis e Gogol*  
Barreto Filho  
Leopardi  
*O Romance Brasileiro*  
Otto Maria Carpeaux  
Mário de Andrade  
*Uma Fonte Filosófica de M. A*  
*Aspectos da Literatura Brasileira*  
Barbosa Lima Sobrinho  
Alcides Maia  
A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil  
Graça Aranha  
*Esau e Jacó*  
*Várias Histórias*  
Joaquim Nabuco  
*A Língua Literária no Brasil*  
Astrojildo Pereira  
Souza Bandeira  
Augusto Meyer  
*Papéis Avulsos*  
*À Sombra da Estante*  
*Histórias Sem Data*  
*Preto e Branco*  
*Páginas Recolhidas*  
*Memorial de Aires*  
*Relíquias da Casa Velha*

R. Magalhães Júnior  
Otávio Brandão  
*Machado de Assis Desconhecido*  
*O Nihilista Machado de Assis*  
*Ao Redor de Machado de Assis*  
*Em Torno de Um Monumento*  
Afrânio Coutinho  
J. Galante de Souza  
A Filosofia de Machado de Assis Bibliografia de Machado de Assis  
Sérgio Buarque de Holanda  
*A Cobra de Vidro*  
Leo Sptizer  
Mário Matos  
*Linguistic and Literary*  
*Machado de Assis: Os personagens explicam o autor*  
*Criticism*  
*História da Literatura Brasileira*  
Brito Broca  
*Machado de Assis e a Política e outros Estudos*  
*Os Sertões*  
Josué Monteiro  
*Estampas Literárias*  
Pedro Lessa  
*Introdução a Machado de Assis*  
*Quincas Borba*  
*Páginas de Crítica*  
*O Corpo como Destino*  
Guimarães Rosa  
*Buriti*  
*Corpo de Baile*  
Teixeira de Freitas  
*Consolidação das Leis Civis*  
*Direito das Coisas*

**3.9.1.7.2.1.** ASTROJILDO, Pereira. “Consciência Nacional de Machado de Assis”. (71-94). A preocupação de Machado de Assis com os rumos da literatura brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

<i>História Financeira</i>	<i>Instinto de Nacionalidade</i>	<i>Camões e Os Lusíadas</i>
Nicolau Midosi	Luís Pereira Barreto	<i>Secretário Del Rei</i>
Castro Carreira	Gonçalves de Magalhães	<i>O Abolicionista</i>
<i>Tú, Só Tú, Puro Amor</i>	Augusto Comte	<i>Quincas Borbas</i>
Nelson Werneck Sodré	R. Magalhães Júnior	José de Alencar
<i>Memória Póstumas de</i>	Domingos Guedes	<i>Dom Casmurro</i>
<i>Brás Cubas</i>	<i>Machado de Assis</i>	Araripe Júnior
Heitor Lira	<i>Desconfiado</i>	<i>Esau e Jacó</i>
Silvio Romero	<i>As Funções do Cérebro</i>	Tobias Barreto
Augusto Meyer	<i>Americanas</i>	<i>Memorial de Aires</i>
José Veríssimo	Saldanha Marinho	<i>Ensaio e Estudos de</i>
João Batista de Lacerda	Gonçalves Dias	<i>Filosofia e Crítica</i>
<i>História da Literatura</i>	<i>Direito Contra Direito</i>	<i>Etnologia Selvagem</i>
<i>Brasileira</i>	Shakespeare	<i>A Filosofia no Brasil</i>
Rodrigues Peixoto	<b>D. Antônio de</b>	<i>A Literatura no Brasil e</i>
<i>Ensaio de Ciências</i>	<b>Macedo Costa</b>	<i>a Crítica Moderna</i>
Ladislau Neto	<i>Ressurreição</i>	<i>Cantos Populares no</i>
Batista Caetano	<i>A Igreja e o Estado</i>	<i>Brasil</i>
Ferreira Pena	<i>O Primo Basílio</i>	<i>Estudos Populares Sobre</i>
Couto de Magalhães	<b>Tito Franco de</b>	<i>a Poesia Popular no</i>
Hartt	<b>Almeida</b>	<i>Brasil</i>
<i>A Religião e as Raças no</i>	<i>Contos Fluminenses</i>	<i>Cantos do Fim do Século</i>
<i>Brasil</i>	<i>O Papa e o Concílio</i>	<i>Quadros Paraenses</i>
Orville Derby	<i>Contos da Meia Noite</i>	<i>Estudos Brasileiros</i>
<i>O Selvagem</i>	Döellinger	<b>Inglês de Souza</b>
Fritz Müller	Fagundes Varela	<i>História de Um Pescador</i>
<i>O Fim da Criação</i>	Rui Barbosa	<i>O cacaolista</i>
Roger Bastide	Bernardo Guimarães	<i>O Coronel Sangrado</i>
Araújo Ribeiro	Tavares Bastos	<i>Um Estudo de</i>
Lúcia Miguel Pereira	Mário Casassanta	<i>Temperamento</i>
Darwin	<i>A Província</i>	<i>Poesia Popular</i>
<i>Memorial de Aires</i>	Lima Barreto	<i>Brasileira</i>
Miguel Lemos	<i>Descobrimto do Brasil</i>	<i>O Mulato</i>
José de Alencar	<i>A Mão e a Luva</i>	Aluísio de Azevedo
Teixeira de Souza	<i>Direito de Família</i>	Franklin Távora
<i>Mãe</i>	Garret	<i>O Cabeleira</i>
Pereira Simões	<i>Direito das Coisas</i>	Lorenço
Castro Alves	<i>Viagens na Minha Terra</i>	Quintino Bocaiuva
<i>Três Filosofias</i>	Joaquim Nabuco	Joaquim Serra
	Oliveira Lima	Salvador de Almeida
		Ferreira de Araújo

José do Patrocínio  
Carlos Laet

Ferreira de Menezes  
Rui Barbosa

**3.9.1.8.2.1.** SODRÉ, Nelson Werneck. “Posição de Machado de Assis”. (95-99). O papel de Machado de Assis na sociedade de sua época.

**3.9.1.9.2.1.** CÂMARA, J. Mattoso. “Machado de Assis e o Corvo de Edgar Pöe”. (101-109). As aproximações entre Machado de Assis e Edgar Allan Pöe

Autores e/ou obras citadas:

Byron  
Manuel Bandeira  
Álvarez de Azevedo  
Casimiro de Abreu  
Goethe  
*Fausto*  
Paul Bouget  
*Versos à Corina*  
*A Mosca Azul*  
*O Corvo*  
Edgar Pöe  
*Lenora*  
Gondin da Fonseca  
Fernando Pessoa  
Chapman  
Souza Silveira

**3.9.1.10.2.1.** PROENÇA, M. Cavalcanti. “Duelos y Quebrantos”. (111-114). O lugar comum na obra de Machado de Assis.

Autores e/ou obras citadas:

Euclides da Cunha  
*Os Sertões*  
Raimundo Correia  
*As Pombas*  
Remy de Gourmont  
José Lins do Rego  
Fernando Sabino  
Eugênio Gomes  
*Idéias de Canários*  
*Anel de Policrates*  
*Igreja do Diabo*  
*O Lapsos*  
*A Parasita Azul*

*Último Capítulo*  
*Pobre Finoca*  
*Dona Paula*  
*Miss Dólar*  
 Matias Deodato de Castro e Melo  
*A Causa Secreta*  
 Luís Soares  
*Entre Santos*  
*O Diplomático*  
*Casada e Viúva*  
*A Cartomante*  
*Quem Conta Um Conto...*  
*Uns Braços*  
*A Desejada Das Gentes*  
*Evolução*

**3.9.1.11.2.6.** ÂNGELO, Hersilio. “Análise Literária de *A Carolina*”. (115-119).  
 Análise do soneto *A Carolina* do ponto de vista do estilo e da gramática.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis  
 Alceu Amoroso Lima  
*Quadro Sintético da Literatura Brasileira*  
 Souza Bandeira  
*Lições de Português*  
*Relíquias de Casa Velha*  
*Ocidentais*  
 Alfredo Pujol  
*Memorial de Aires*  
 J.I. Roquete  
*Novo Dicionário de Sinônimos*  
 Álvaro Lins  
 Aurélio Buarque de Holanda  
*Roteiro Literário do Brasil e de Portugal*  
*Gramática Histórica*  
 Heitor Pinto  
 Epifânio Dias  
*Novos Estudos de Língua Portuguesa*  
*Les Nouvelles Littéraires*  
*Correspondência*

**3.9.1.12.2.1.** MAGALHÃES JÚNIOR. “Machado de Assis e Charles Lamb”. (121- 129).  
*As influências inglesas na obra de Machado de Assis.*

Autores e/ou obras citadas:

Eugênio Gomes  
*Espelho Contra Espelho*  
**Shakespeare**  
 Swift  
 Fielding  
 Sterne  
 Thackeray  
 Dickens  
*Contos de Shakespeare*  
*Reader's Digest*  
*Balas de Estalo*  
*O Lapsos*  
*The Two Races Of Men*  
*The Essay Of Elia*  
*The Last Essays Of Elia*  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
*A Viagem Sentimental*  
*Viagem à Roda de meu Quarto*  
**John Vodril**  
 Rosamund Gray  
*Newspaper Thirty-Five Years Ago*

*The Nobleness Of The Ass*  
 Barbara S.  
*Contos Avulsos*  
*D. Jucunda*  
*Popular Fallacies*  
*Esau e Jacó*  
*Várias Histórias*  
*Relíquias de Casa Velha*  
*Quincas Borba*  
*The Illustrions Defunct*  
*D. Casmurro*  
*O Escrivão Coimbra*  
**Milton**  
 Virgílio  
 Religio Medici  
*Christian Morals*  
*Hydriotaphia*  
*Urne Buriel*  
 Montaigne  
**Montesquieu**  
 Tomas Browne

**3.9.1.13.2.1. IVO, LÊDO.** “O Mar e o Pirilampo”. (131-136). As atividades de Machado de Assis como tradutor.

Autores e/ou obras citadas:

*O Corvo Edgar Allan Pöe*  
 Lúcia Miguel Pereira  
*O Barbeiro de Sevilha*  
 Beaumarchis  
*Os Trabalhadores do Mar*  
 Vitor Hugo  
 Raimundo Magalhães Júnior  
*Machado de Assis Desconhecido*  
*O Anjo da Meia Noite*  
*Ocidentais*  
 Charles Ribeyrolles  
 Manuel Antônio de Almeida  
*Le Brésil Pittoresque*  
*L'Archipel de La Mancha*  
 Ramos da Paz  
 Remígio de Sena Pereira  
 Reinaldo Montoro

Vitor Frond  
 Antônio Simões dos Reis  
*Dom Casmurro*  
 José Galante de Sousa  
 Castro Alves  
*Espumas Flutuantes*  
 Jamil Amansur Haddad  
*Notas Sobre o Rio de Janeiro*  
 John Luccock  
*O Brasil e os Brasileiros*  
 Kidder  
 Fletcher  
 Fagundes Varela  
*Navio Negreiro*  
*O Vagalume*  
*Contos do Ermo e da Cidade*

**3.9.1.14.2.1.** FRAGA, Augusto. “Acheugas à Bibliografia Machadiana”. (137-139). A obra de Machado de Assis no periódico *Almanaque das Fluminenses*.

Autores e/ou Obras Citadas:

Lindolfo Gomes  
*Quincas Borba*  
*Como se Inventaram os Almanques*  
 José Galante de Sousa  
 João Ribeiro  
 Raimundo Corrêa  
 Adelina Lopes Vieira  
 Alcinda Guanabara  
 Artur Azevedo  
 Pedro Rabelo  
*Soneto*  
*Ocidentais*  
*Um Óbito*  
*Memorial*  
*Contos Populares*

**3.9.1.15.2.1.** SOUSA, José Galante de. “Cronologia de Machado de Assis”. (141-181). Cronologia dos principais fatos relacionados com a vida de Machado de Assis.

Autores e/ou Obras Citadas:

**Memórias Póstumas de Brás Cubas**

Max Fleiuss  
*Lanterna Mágica*  
 Felix Ferreira  
 Artur Barreiros  
 Artur Azevedo  
 Augusto Meyer  
 Lúcia Miguel Pereira  
*Ela (Poesia)*  
*Bibliografia de Machado de Assis*  
 Gonçalves Braga  
 Paula Brito  
 Manuel Antônio de Almeida

*Desejo*  
*O Espelho*  
*Mistérios de Paris*  
 Eugênio Sue  
*Hoje Avental, Amanhã Luva*  
 Quintino Bocaiúva  
*O Velho Senado*  
 Henrique Fleiris  
*Desencantos*  
*Queda que as Mulheres têm para os*  
*Tolos*  
*As Bodas de Joaquina*  
 Antônio Herculano da Costa

**3.9.2.1.2.1.** ASSIS, Machado de. “Semana Literária”. (185-206). O autor reclama uma crítica mais regular aos livros do período romântico.

Autores e/ou Obras Citadas:

*O Guarani*  
 José de Alencar  
*Verso e Reverso*  
 Capistrano de Abreu  
 Mário de Alencar  
*Bibliografia de Machado de Assis*  
 Magalhães Júnior

**3.9.3.1.6.7.** n.c. “A Morte de Machado de Assis”. (209-211). Informação sobre a morte de Machado de Assis.

**3.9.3.2.6.7.** FRAGOSO, Augusto. “Arquivo Machadiano”. (213-218). As várias condolências pela morte de Machado de Assis na “Gazeta de Notícias”.

**3.9.3.3.2.1.** FRAGOSO, Augusto. “Arquivo Machadiano”. (219-220).

Homenagem a Machado de Assis na Sorbonne.

**3.9.3.4.4.1.** NÓBREGA, Mello. “Uma Carta de Machado de Assis em Julho de 1908 (acompanhada de Fac-Símile)”. (223 – 256). Carta enviada a Batista Cepellos, autor de *Vaidades*.

Autores e/ou Obras Citadas:

Batista Cepellos  
*Vaidades*

**3.9.6.1.8.7.** n.c. “Catálogo das publicações do INL”. (259-262). Lista das publicações do Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

**3.9.7.1.8.7.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (265-324). Catálogo das publicações no Brasil entre abril e junho de 1958.

Autores e/ou obras citadas: vários

**3.10.0.1.10.8.** n.c. “Apresentação”. (5-6). Editorial onde a Revista se compromete a atender o interesse dos leitores, pois há quem reclame a falta de espaço para estudos científicos e filosóficos, além da ausência de comentários sobre teatro, cinema, artes plásticas etc.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis  
 Artur Azevedo  
 Frei Roberto Lopes  
 Brito Broca  
*Capital Federal*  
 Coelho Neto  
 Michel Gauthier  
 Manuel Alvar

**3.10.1.1.2.1.** RICARDO, Cassiano. “A função dos Mitos no Bandeirismo”. (9-24). Estudo crítico sobre o livro *A Marcha para o Oeste*

**3.10.1.2.2.1.** GAUTHIER, Michel. “Où En Est la Poétique?” (31-43). Estudo do gênero poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Aristóteles  
 Horácio  
 André Breton  
 Lope de Veja  
 Boileau  
 Theophile Gautier  
 Verlaine  
 Mallarmé  
 Valéry  
 Maurice Grammont  
 André Spire  
*Traité Général de Versification Française*  
*Essai de Psychologie Linguistique*  
*Petit Traité de Versification Française*  
*Plaisir Poétique et Plaisir Musculaire*

**3.10.1.3.2.1.** LIMA, Herman. “Origens da sátira política no Brasil”. (45-59). Sobre o Frei Vicente do Salvador, considerado o primeiro prosador e caricaturista ainda no século XVI.

Autores e/ou obras citadas:

Sílvia Romero  
 Max Fleiuss  
 Capistrano de Abreu  
*Lanterna Mágica*  
 Varnhagem  
*Brasil Ilustrado*

*Do Nome do Brasil*  
*Revista do Instituto Histórico*  
 Gregório de Matos  
*O Corcundão*  
 Rutenbeuf  
*O Marlelo*  
 Jean de Mung  
*Cegarrega*

Guillaume Coquiart  
 Gondim Fonseca  
 Pierre Gringoire  
*Biografia do Jornalismo Carioca*  
 Ronald de Carvalho  
*O Cabrito*  
*Romance*  
*O Burro Magro*  
 Emílio de Menezes  
*O Esbarra*  
 Olívio Montenegro  
*A Mutuca Picante*  
 Padre Miguel do Sacramento Lopes  
 Gama  
 Rafael Mendes de Carvalho  
*O Carapuceiro*  
 Bernardo Pereira Vasconcelos  
*Bodarrada*  
 Francisco Marques dos Santos  
*A Capangada*  
*Jornal do Comércio*  
 Joaquim Serra  
*História da Literatura Brasileira*

Manuel Antonio de Almeida  
 Soares de Souza  
*Memórias de um Sargento de Milícias*  
*La Sátira Política en Chile*  
 Ricardo Donoso  
 Alberto Rangel  
*D. Pedro e a Marquesa de Santos*  
 Alvaro Machado  
 Araújo Viana  
*Curso de Artes Palásticas no Brasil em Geral e na Cidade do Rio de Janeiro em Particular*  
 Esgronole Dória  
 Gustavo Barroso  
*Terra do Sol*  
 Eugênio Gomes  
*Espelho Contra Espelho*  
 Dickens  
 Frei Pedro Sinzig  
*A Caricatura na Imprensa do Brasil*  
 Pires de Almeida  
*Curso de Artes Pláticas*

**3.10.1.4.2.8.** PORTELA, Eduardo. “Sobressalto e Dilema da Cultura Literária”. (61-70). O autor responde às críticas recebidas por Wilson Martins.

Autores e/ou obras citadas:

Afrânio Coutinho  
*A Literatura no Brasil*  
 Brunetière  
 Huizinga  
 Ernest Robert Curtius  
 Ramón Menendez Pidal  
 Camões  
*Os Lusíadas*  
 Eugenio Asensio  
 Ivan Lins  
*Chanson de Roland*  
*Cantar de Mio Cid*  
 Gaston Paris  
 Joseph Bédier  
*Cantilena de Santa Eulália*  
 Paul Zumthor

*L’Inventio dans la Poésie Française*  
*Archaïque*  
 J. B. Wolters Groningen  
 Djakarta  
 Spitzer  
 Jeanroy  
 Erich Auerbach  
 Goethe  
 Schlegel e Uhland Grimm  
 Michelet  
 De Santis  
 Fredrich Diez  
*Gramática das Línguas Românicas*  
*Génie du Christianisme*  
 Chateaubirand

**3.10.1.5.2.1.** RÓNAI, Paulo. “A Morte de Ivan Ilitch”. (71-76).O autor discute a vida e obra de Tolstoi.

Autores e/ou obras citadas:

Tolstoi  
*A Morte de Ivan Ilitch*  
*História de minha Infância*  
*A Adolescência*  
*Mocidade*  
*Sebastopol*  
*Os Cossacos*  
*Guerra e Paz*  
*A Karênina*  
*A Minha Confissão*  
*Crítica da Teologia Ortodoxa*  
*Minha Religião*  
*Contos para o Povo*  
*O Poder das Trevas*  
*A Sonata de Kreutzer*  
*O que é Arte?*  
 Shakespeare  
 Beethoven  
*Ressurreição*

**3.10.1.6.2.6.** ALVAR, Manuel. “Diferencias en la Habla de Hombres y Mujeres”. (77-85). As diferenças lingüísticas entre homens e mulheres. As mulheres teriam uma consciência lingüística mais clara que os homens e eram mais propícias às inovações.

Autores e/ou obras citadas:

Guilliéron  
 Bertoldi  
 Jaberg  
 Gallscheg  
 Rousselot  
 Louis Gauchat  
 Von Wartburg  
 Damaso Alonso  
 G. Salvador

**3.10.1.7.2.8.** CARPEAUX, Otto Maria. “Imigrante Desconhecido”. (87-90). A contribuição dos imigrantes para a construção e desenvolvimento de países como Estados Unidos, Canadá, Brasil e Argentina.

Autores e/ou obras citadas:

Roquete Pinto  
*Aportaciones Positivas de los Imigrantes*  
 Ricardo Huch  
 Claudel  
 Valera  
 Dranmor  
 Múcio Leão  
 Taunay  
 Luís Cruls  
 Goeldi  
 Segall  
 Alexandre Levy  
 Leopoldo Miguez  
 Henrique Oswald  
 Lorenço Fernandes  
 Francisco Mignone  
 Camargo Guarnieri  
 Eliseu Visconti  
 Henry Conrad Brokmeyer  
*Literary History of the United States*

Platão  
 Aristóteles  
 Plótinus  
 Dante  
 Spinosa  
 Kant  
 Goethe  
 Hegel  
*A Mechanic's Diary*  
*Jouranal of Speculative Philosophy*  
*Letters on Faust*  
 Carl Schurz  
 George Pultzer  
 Susan Blow  
 Willian Torry Harris  
 Pierce  
 Royce  
 Willian James  
 Dervey  
 Gillbert W. Chapman

**3.10.1.8.2.1.** NÓBREGA, Mello. “Evocação de B. Lopes”. (91-125). Sobre a vida e obra do poeta Bernardinho da Costa Lopes.

Autorers e/ou obras citadas:

Olavo Bilac	<i>Brasões</i>	João Ribeiro
Pedro Rabelo	<i>Sinhá Flor</i>	<i>Cromos</i>
Guimarães Passos	<i>Helenos, Patrícios e</i>	Galdino de Castro
Plácido Júnior	<i>Lírio Consolador</i>	Ulisses Sarmiento
Emílio de Meneses	<i>Plumário</i>	Luís Pistarini
<i>O Deus de Ceroulas</i>	<i>Poesias Completas</i>	Artur Lôbo
Berço	Emiliano Pernetá	Orlando Teixeira
Andrade Murici	Oscar Rosas	Luís Rosa
Afrânio Peixoto	Alcino Guanabara	Armando Lopes
Cruz e Souza	Artur Azevedo	Luís Nóbrega
<i>Broquéis</i>	<i>O Cruzeiro</i>	Alfredo Pimentel
<i>Val de Lírios</i>	<i>Gazeta da Tarde</i>	Artista Ébrio
Gonzaga Duque	<i>O País</i>	<i>Mameluca</i>
	<i>Gazeta de Notícias</i>	<i>Cablocla</i>
<i>Per Rura</i>	<i>Folha Popular</i>	<i>Flor Carnívora</i>
<i>Xandoca</i>	Jonas da Silva	<i>Paraíso Perdido</i>
<i>No Baile</i>	<i>Ânforas</i>	<i>Último Lírio</i>
		<i>Vida Nova</i>
		Teles de Meireles

Renato de Lacerda	Cruz e Souza	<i>Flores do Campo</i>
<i>Brasil dos Reis</i>	Manuel Bandeira	<i>Pizzicatos</i>
<i>Belopeanos</i>	Roger Bastide	<i>Miniaturas e Noturnos</i>
Machado de Assis	José Verissimo	Carlos Chiacchio
Lima Barreto	Frota Passos	Ronald de Carvalho
Gonçalves Dias	<i>Revista Brasileira</i>	<i>Inverno</i>
	Camões	Silvio Romero
Maciel Monteiro	Raimundo Correia	Agripino Grieco
Perilo D'Oliveira	Alberto de Oliveira	Édison Lins
Gonçalves Crespo	Andrade Murici	João Ribeiro
Puchkine	Casemiro de Abreu	Renato Lacerda
Dumas	Fagundes Varela	<i>Panorama do Movimento</i>
Richepin	Ezequiel Freire	<i>Simbolista Brasileiro</i>
Camilo Castelo Branco	Bruno Seabra	

**3.10.1.9.2.3.** COSME, Luís. “Música e História”. (127-134). As influências de uma nova estrutura musical em compositores como Debussy, Ravel etc.

Autores e/ou obras citadas

Debussy	Jean Françaix
Rossini	Fernando Lopes Graça
Boildieu	Hugo Reiman
Meyerbeer	Erik Satie
Saint-Saëns	Louis Gruenberg
Daniel Auber	Ernest Krenek
César Franck	Constant Lambert
Vicent D'Indy	Paul Bekker
Durey	Haydn
Honegger	Mozart
Milhauer	Beethoven
Poulec	Gisèle Brelet
Auric	Stravinski
Tailleferre	André Schaeffer
André Jolivet	Pierre Henry
Elsa Barraine	Pierre Boulez
Tony Aubin	Alois Zimmermann
Henry Barraud	Kartheinz Stockhausen
	Maurice Martenot

**3.10.1.10.2.1.** THEODOR, Erwin. “Redenção e Verdade, Problema do Moderno Romance Alemão”. (135-139). Crítica negativa ao romance alemão do pós-guerra, tais como o caráter provisório do gênero, que além de não se cristalizar inteiramente, ainda não se impôs no quadro geral da literatura.

Autores e/ou obras citadas:

Kafka	Conrad
Rilke	Shaw
Hermann Hesse	Hugo Von Hoffmansthal
Mann	C. J. Burckardt
Hauptmann	T. S. Eliot
Brecht	Camus
Zuckmayer	Sartre
<i>Morte de Virgílio</i>	Hemingway
Hermann Broch	W. H. Audon
Weimar	Gertrud Von Le Tort
<i>Doktor Fausto</i>	Mansueto Kohnen
<i>Die Stadt Hinter Dem Storm ( A Cidade Atrás da Corrente)</i>	Unser Weg Dusch Die Nacht (Nosso Caminho Através da Noite)
<b>Hermann Kasach</b>	Stefan Andres
Das Unauslöschliche Sigel (O Selo Inextinguível)	<i>Die Sintflut (O Dilúvio)</i>
Elizabeth Langgaesser	<i>Das Tier Aus Der Tiefe (O Animal das Profundezas)</i>
Das Glasperlenspiel (O Jogo das Pérolas de Vidro)	<i>Die Arch (A Arca)</i>
Die Wandleing	Alfred Doebelin
Heidelberg	Hamlet, oder die Lang Natch Nimmt Ein End (Hamlet, ou O Fim da Longa Noite)
Curtius	Gerd Gaiser
Jaspers	Die Sterbende Jagd (A Caça Agonizante)
Sternberg	Herbert Eisenreich
Walter Jens	Auch In Ihrer Sünd (Também em seu Pecado)
Taulkner	Hans H. Kirts
Gide	Null Acht Fünfzehn (Zero-Oito-Quinze)
Sinclar Lewis	

**3.10.1.11.2.1.** LISBOA, Henriqueta. “A Poesia de *Grande Sertões: Veredas*”. )141-146). Para a autora, todos os gêneros literários tendem para a poesia. Nenhuma obra ilustra com maior brilho este conceito que *Gande Sertões: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Autores e/ou obras citadas:

Waldo Frank  
Virgílio  
André Bellessort  
Proust

**3.10.1.12.2.1.** MARTINS, Hércio. “Afã de Originalidade na Poesia de Júlio Herrera Y Reissig”. (147-169). Estudo sobre o poeta Júlio Herrera e Reissig.

Autores e/ou obras citadas:

Verlaine  
Leconte

Heredia  
Díaz Mirón  
Ossian

Musset  
 Vigny  
 Lamartine  
 Byron  
 Carducci  
 Rubén Darío  
 Lugones  
 Álvaro Armando Vasseur  
 Lope de Vega  
*Los Ojos Negros*  
*Los Extasis de la Montaña*  
  
*Los Parques Abandonados*  
*Sonetos Vascos*  
*Fiat Lux*

*Bromuro Romántico*  
*El Granjero*  
*Los Maitines de la Noche*  
*Cansinos-Asséns*  
*Tertúlia Lunática*  
 Góngora  
 Dámaso Alonso  
*La Lengua Poética de Gongora*  
 Samuel Blixen  
 Guillermo de Torres  
*Discurso en Elogio de Alcides de Maria*  
 Gustavo Bécquer  
*Wagenerianas*

**3.10.1.13.2.1.** FRAGOSO, Augusto. “*O Álbum- O Último Jornal Literário de Artur Azevedo*”. (171-176). O autor traz informações sobre o último periódico fundado por Artur Azevedo.

Autores e/ou Obras Citadas:

*Cavaco Preliminar*  
 Paula Nery  
 João Gutierrez  
*Crônica Fluminense*  
 Alcindo Guanabara  
 Fontoura Xavier  
 Ismênia do Santos  
 Furtado Coelho  
 Xisto Bahia  
 Eduardo Garrido  
 Artur Napoleão  
 Henrique Chaves  
 Olavo Bilac  
 Aluísio Azevedo  
 Guimarães Passos  
 Luiz Murat  
 Pardal mallet  
 Lúcio Mendonça  
 Urbano Duarte  
 Rodrigo Otávio  
 Valentim Magalhães  
  
*Via Láctea*  
*História Comum*  
*O Destemido*

*Cantiga de Esponsais*  
 Machado de Assis  
*Dom Casmurro*  
 Adelino Fontoura  
 Francisca Júlia  
 Júlio Salusse  
 Emiliano Perneta  
 Antônio Sales  
 Emílio de Menezes  
 Pedro Rabelo  
 Adolfo Caminha  
 Virgílio Varzea  
*Cantilena*  
*Recordação*  
 Afonso Celso  
*Minha Filha*  
*A Família Medeiros*  
 Júlia Lopes de Almeida  
*Estalactites*  
 Júlio César da Silva  
*Missal*  
 Cruz e Souza  
*Festas Nacionais*  
 Rodrigo Octávio  
*Vultos e Fatos*

*Contos Amazônicos*  
Inglês de Souza  
*A Normalista*

*A Mortalha de Alzira*  
Osório Duque Estrada  
*Nevrose Azul*

**3.10.1.14.2.1.** GUIMARÃES, Alphonsus de. “Mocidade e Morte”. (177-179). Sobre o poema *Mocidade e Morte* de Castro Alves.

Autores e/ou obras citadas:

Castro Alves  
Afrânio Coutinho  
Lamartine  
Musset  
Byron  
Espronceda  
Alexandre Herculano  
Manuel Bandeira  
*O Canto do Cossaco*  
Béranger

**3.10.1.15.2.7.** ALVARENGA, Octávio Mello. “Um Panorama: Rosas e Epitáfios”. (181-185). Sobre *Panorame des Idées* organizado por Gaetan Picon, que faz distinção entre o “homem especializado” e o “homem enciclopédico”.

Autores e/ou obras citadas:

*Panorame des Idées Contemporaines*  
Gaetan Picon  
Ortega Y Gasset  
*La Rebelión de las Masas*  
Robert Oppenheimer  
John Brow  
*Panorama da Literatura Contemporânea nos Estados Unidos*  
J. P. Sartre  
Simone de Beauvoir  
*O Ser e o Nada*  
*L'Existencialisme est un Humanisme*  
*As Idéias Filosóficas*  
Roland Caillois  
*A Psicologia Contemporânea*  
Maurice Encontre  
*As Ciências Sociais*  
  
Gaston Bouthoul  
*A Filosofia da História*

François Erval  
*Posições e Problemas Políticos*  
*Problemas e Formas da Arte Contemporânea*  
René Bertele  
*O Pensamento Religioso*  
Robert Kanters  
*As Ciências Matemáticas e Físicas*  
Jacques Merleu-Ponty  
*A Biologia Contemporânea*  
André Létry  
*O Humanismo Contemporâneo*  
Henry Bergson  
Karl Vossler  
Leo Spitzer  
*Bibliografia Crítica da Nova Estilística*  
Helmut Hatzfeld  
Schelling  
*Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência*  
*Língua e Vida*

*Poesia Espanhola – Ensaio de  
Método e Limites Estilísticos*  
T. S. Eliot

Damaso Alonso  
*Introdução as Ciências Matemáticas e  
Físicas*

**3.10.1.16.2.1.** LOPES, Robert. “Leituras de Monte Alverne”. (187-192). Sobre o escritor romântico Frei Francisco de Monte Alverne.

Autores e/ou Obras Citadas:

Silvio Romero	Corneille
Dante	Thibaudet
Silva Alvarenga	Crébillon
Maffei	Chateaubriand
<i>Discurso Preliminar</i>	Renaud
Marini	Antônio Cândido
Crèvier	Dudon
Bocage	<i>Oração Fúnebre de D. Maria I</i>
Quintiliano	Voltaire
<i>Os Jardins</i>	<i>Les Martyrs</i>
Marmontel	Rosseau
Delille	Bossuet
Cícero	Dumas
<i>Estações</i>	Bordaloue
Rollin	Diderot
Tompson	Massillon
Hugues Blair	D’Alembert
<i>Voeux d’un Soltarie</i>	Gonçalves de Magalhães
Maury	Strauss
Fénélon	Araújo Porto Alegre
Robertson	Barão de D’Holbach
Télémaque	Victor Hugo
Jaucount	Pope
Holbach	Molière
Raynal	Schiller
Helvetius	Ducis
Racine	Tasso
<i>Génie du Christianisme</i>	Colombo

**3.10.1.17.3.1.** BROCA, Brito. “Coelho Neto e Artur Azevedo”. (193-194). Pequena estudo de Brito Broca estabelecendo um paralelo entre a peça teatral *Capital Federal* de Artur Azevedo e um romance do mesmo título de Coelho Neto.

Autores e/ou obras citadas:

*Morgadinha dos Caniviais*

Júlio Diniz  
*A Cidade e as Serras*  
 Eça de Queiroz  
 Artur Azevedo  
 Coelho Neto  
*Capital Federal*  
*Relíquia*

**3.10.2.1.4.1.** DAMASCENO, Darcy. “Correspondência Inédita de Manuel Antônio de Almeida”. (197-211). Uma carta inédita enviada por Manuel de Almeida e assinada como Maneco

Autores e/ou obras citadas:

José de Alencar  
 Francisco Otaviano  
 Quintini Bicaíúva  
 Emílio Zaluar  
 Bethencourt da Silva  
*Diário do Rio de Janeiro*  
*Jornal do Comércio*  
*Correio Mercantil*  
 Francisco Ramos Paz  
 Charles Ribeyrolles  
 Capistrano de Abreu  
*O Brasil Pitoresco*  
 Victor Frond

**3.10.2.1.2.8.** NÓBREGA, Dormevilly. “Um Polemista Mineiro: Silvio Romero”. (215). Sobre o texto de Silvio Romero *Um Polemista Mineiro*, que tece comentários sobre Estevão de Oliveira e a política mineira.

Autores e/ou obras citadas:

*História da Literatura Brasileira*  
 Byron  
 Brant Horta  
*O Teatro em Juiz de Fora*  
 Albino Estêves  
 Franklin Magalhães  
*O Pharol*  
*Correio de Minas*

**3.10.3.2.2.8.** ROMERO, Sílvio. “Um Polemista Mineiro”. (216-229). Publicação na integra do texto *Um Polemista Mineiro* de Silvio Romero publicado anteriormente no *Correio de Minas* (1912).

Autores e/ou obras citadas:

Estevão de Oliveira  
 Lessing  
 Taine  
 Scherer  
 Macaulay  
 Setembrini  
*Notas e Epístolas*

**3.10.6.1.6.8.** FRAGOSO, Augusto. "Artur Azevedo e Antoine". (233-239). Sobre um incidente envolvendo Artur Azevedo e André Antoine.

Autores e/ou obras citadas:

*A Notícia*  
*Jornal do Comércio*  
*Correio da Manhã*  
*Fígaro*

**3.10.6.2.6.1.** n.c. "Frei Francisco de Monte Alverne". (239-242). Sobre os 100 anos da morte de Frei Francisco do Monte Alverne.

Autores e/ou obras citadas:

Gonçalves de Magalhães  
*A Confederação dos Tamoios*  
 José de Alencar  
 Araújo Porto Alegre  
*Revista Contemporânea*  
 José Feliciano de Castilho  
*Correio Mercantil*  
 Machado de Assis

**3.10.6.3.6.1.** n.c. "Prêmios do INL". (243-245). Concedidos os prêmios do Instituto Nacional do Livro na área de literatura.

Autores e/ou obras citadas:

Sérgio Buarque de Holanda  
 Marly de Oliveira  
 Autran Dourado  
 Moreria Campos  
 Guido Wilmar Sassi  
 Guimarães Rosas

*Grande Sertão: Veredas*  
 Edgar de Carvalho  
 Artur Azevedo  
 Alphonsus de Guimarães  
 Lúcia Miguel Pereira  
 Eduardo Portela

Brito Broca  
 Paulo Rónai  
 Assis Brasil  
 Cavalcanti Proença  
 Augusto Meyer  
 Aurélio Buarque de Holanda  
*Caminhos e Frontiras*

*Cêrco da Primavera*  
*Nove h*  
*Portas Fechadas*  
*Amigo Velho*  
*Histórias em grupos de três*

**3.10.6.4.6.8.** n.c. “Comemorações do Cinquentenário da Morte de Machado de Assis”. (245-247). Sobre as festividades em comemoração aos 50 anos da morte de Machado de Assis.

**3.10.6.5.6.8.** n.c. “Roger Martin Du Gard”. (247). Sobre a morte de Roger Martin Du Gard, prêmio Nobel de literatura em 1937.

**3.10.6.6.6.8.** n.c. “Joaquim de Carvalho”. (248). Sobre a morte do filólogo e ensaísta português Joaquim de Carvalho.

**3.10.6.7.8.8.** n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (249-250). Catálogo das publicações do INL no período.

Autores e/ou obras citadas: vários

**3.10.7.1.7.8.** CARMO, Célio de Assis do. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de J. F. Velho Sobrinho – (A-B)”. (253-269) Dicionário cuja proposta era reunir todos os ramos da atividade humana. Foi interrompido na letra B com a morte do autor.

**3.10.7.2.2.1.** FONSECA, Edson Nery da. “Um Aspecto da Influência de Gilberto Freire”. (271-279). Indicação de uma bibliografia a ser publicada juntamente com a cronologia e uma antologia de Gilberto Freire.

**3.10.7.3.10.1.** GOMES, Celuta Moreira. “Machado de Assis”. (281-287). Bibliografia e trechos de poesia e prosa de Machado de Assis vertidos para outras línguas.

**3.10.7.3.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (289-341). Catálogo das publicações brasileiras entre julho e setembro de 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.11.0.1.10.8.** n.c. “Apresentação”. (5-6). Nesta apresentação, a Revista a princípio conclama os escritores e os meios universitários a colaborarem . Em seguida responde as críticas quanto a ausência de ficção e poesia. alegando que se trata de uma publicação especializada e destinada a suprir uma falha quanto a escassez de revistas para publicação de trabalho de pesquisa, bibliografia, crítica universitária, história literária.

**4.11.1.1.2.6.** MONTELLO, Josué. “Uma Alternância Vocálica na Poesia de Língua Portuguesa”. (9-18). O texto verifica uma certa preferência no português pela sonoridade da vogal. As consonâncias em A faz com que o português possa ser denominado uma língua em A.

**4.11.1.2.2.8.** DOURADO, Mecenas. “George Canning e o Brasil”. (19-26). Caio de Freitas no livro *George Canning e o Brasil* discorre sobre a influência da diplomacia britânica na formação brasileira, particularmente durante o ministério de George Canning.

**4.11.1.3.2.1.** NÓBREGA, Mello. “O Rimário de Alberto de Campos”. (27-45). O autor discute as características do parnasianismo e questiona até que ponto os poetas parnasianos teriam realmente todas as características inerentes ao movimento.

**4.11.1.4.2.1.** RELA, Walter. “El Mito Santos Vega en el Teatro del Rio da Plata”. (47- 61). A personagem Santos Vegas é recorrente na literatura argentina. O mito se criou a partir da tradição oral.

**4.11.1.5.2.3.** CASTRO, Zenaide Maciel de & COUTO, Araci do Prado. “A Literatura das Folias de Reis”. (69-80). As autoras analisam os cânticos das Folias de Reis, que apesar da pouca originalidade musical não deixa de ter valor poético.

**4.11.1.6.2.1.** VIANA, Fernando Mendes. “Sophia de Mello Breyner Andersen”. (81-99). O artigo pretende contribuir para a divulgação, entre os brasileiros, da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andersen.

**4.11.1.7.2.1.** ALVARENGA, Octávio Mello. “O Papel de Sade na Revolução Francesa”.. (101-105). O autor faz um levantamento da obra do Marques de Sade, dando ênfase a trabalhos de sua autoria pouco conhecidos e denominados de escritos políticos (écrits politiques).

**4.11.1.8.2.1.** HADDAD, Jamil Almansur. “Introdução ao Conto Árabe; Oriente Ocidente”. (107-117). O conto árabe recoloca um problema arcaico: o da própria conceituação do gênero. Em geral, quando o conceituam, tem-se em vista o conto ocidental, uma deformação, já que a noção de oriental era vaga.

- 4.11.1.9.2.1.** BENITEZ, Justo Pastor. “Evocación de Ruben Darío”. (119-127). A vasta obra de Ruben Darío, um autor renovador, que rompe com as formas obsoletas. Sua revolução literária constitui um passo além do romantismo.
- 4.11.1.10.2.1.** JOSEF, Bella. “A Poesia de Delmira Agustini”. (129-138). Análise da obra da poeta Delmira Agustini, a precursora da poesia lírica feminina hispo-americana no século XX.
- 4.11.1.11.10.3.** COSME, Luís. “Catalogação de Discos Musicais de Longa Duração”. (139-162). Metodologia para catalogação de discos musicais
- 4.11.1.12.2.1.** BROCA, Brito. “O que liam os Românticos”. (163-172). Brito Broca duvida da erudição dos escritores românticos ( Alvarez de Azevedo, José de Alencar, Francisco Otaviano etc.). As citações de grandes autores da literatura mundial somente evidencia o desejo de mostrar leitura. Muitos desses nomes figuram no desenrolar da narrativa não tendo nada a ver com sentido da mesma, o que leva a crer que o escritor não conhece todos os autores citados.
- 4.11.1.13.2.1.** VAL, Waldir Ribeiro do. “O Centenário de Valentim Magalhães”. (173-177). O texto resgata o escritor Valentim Magalhães. Além da dedicação à poesia, fundou vários jornais e encabeçou grupos que causaram polêmica e movimentou o ambiente literário.
- 4.11.2.1.2.1.** CATALANI, Diego. “Personalidad y sinceridad en un monodílogo de Unamuno”. (181-192). Dialogo inédito entre Miguel de Unamuno e Augusto Peres.
- 4.11.3.1.3.1.** POMPÉIA, Raul. “A vida na corte”. (195-223). Crônicas de Raul Pompéia que estavam dispersas em jornais e revistas. Nelas, o autor procura resumir os acontecimentos semanais no Rio de Janeiro, tecendo em torno deles comentários que tinham tanto de jornalístico quanto de literário.
- 4.11.6.1.6.8.** n.c. “Os prêmios do Instituto Nacional do Livro nos concursos deste ano”. (227). Regras do concurso literário promovido pelo INL. Concorrem as categorias: ensaio, romance, conto, poesia e teatro.
- 4.11.6.2.6.1.** n.c. “Panorama da atividade literária de 1958”. (228-230). Os lançamentos literários no ano de 1958.
- 4.11.6.3.6.8.** DIAS, Antônio Caetano. “O ensino da biblioteconomia e sua regulamentação”. (231-233). Discussão do anteprojeto que regulamentou a profissão de biblioteconomia.
- 4.11.6.4.6.8.** CHEDIAK, Antônio José. “Histórico e resumo das atividades da comissão Machado de Assis até março de 1959”. (235-256). Informes sobre os trabalhos elaborados pela comissão Machado de Assis.

**4.11.6.5.8.8.** n.c. “Catálogos das publicações do INL”. (257-258). Catálogo das publicações do Instituto Nacional do Livro no ano de 1959.

Autores e/ou obras citadas:

*Visões e Revisões*

Eugênio Gomes

*Cartas Chilenas*

M. Rodrigues Lapa

*Política do governo Provincial mineiro*

Francisco Iglesias

*Bíblia Medieval Portuguesa*

Serafim da Silva Neto

Castro Alves

**4.11.7.1.7.8.** CARMO, Célio Assis do. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de J. F. Velho Sobrinho”. (261-273). Continuação do dicionário do número anterior da revista com verbetes de C a L.

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.11.7.2.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (275-325). Relação das obras publicadas no Brasil no ano de 1958.

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.12.1.1.2.1.** LAPA, M. Rodrigues. “Algo novo sobre Alvarenga Peixoto”. (7-18). Alguns pontos da biografia de Alvarenga Peixoto que ainda continuam nebulosos e que necessitam serem elucidados.

Autores e/ou obras citadas:

Alberto Faria

Joaquim Norberto de Souza Silva

*Memórias Particulares*

Dr. Inácio José Peixoto

Tomás Antonio Gonzaga

Basílio da Gama

Antônio Caetano de Almeida Vilasboas

Cláudio Manuel da Costa

*Obras Poéticas*

Eureste Fenício

João Xavier de Matos

*Uruguai*

Joana Isabel de Lencastre Forjaz

Tolentino

Camões  
 Norberto de Souza  
 Inocêncio F. Dias da Silva

**4.12.1.2.2.7.** PAIM, Antônio. "A obra filosófica e a evolução de Tobias Barreto". (19-48). Discurso de saudação a Euclides da Cunha, feito por Silvio Romero na Academia Brasileira de Letras, onde o escritor critica a pouca expressão reinante no Brasil no campo das idéias.

*Autores e/ou obras citadas:*

Comte	<i>Introdução ao Estudo do Direito</i>
Darwin	<i>O Capital</i>
Haeckel	Karl Marx
Tobias Barreto	Alberto Lange
Castro Alves	Carlos Vogt
<i>Lições de Filosofia</i>	Jacob Moleschot
José Soriano de Souza	Luís Buchner
Victor Cousin	Herman Helmholtz
Condillac	Eduardo Zeller
Royer-Collard	Otto Liebmann
De Bonald	<i>Os Enigmas do Universo</i>
<b>Maistre</b>	Hegel
São Tomás de Aquino	Padre Jerônimo Tomé
<i>Fatos do Espírito Humano</i>	<i>Sobre a Religião Natural de Jules Simon</i>
Domingos de Magalhães	Descartes
Platão	Leibniz
Kant	<i>Recordações de Kant</i>
Homero	Beautin
<i>História Natural da Criação</i>	Guiraud
Eduard Von Hartmann	Littré

**4.12.1.3.2.1.** VARGAS, Augusto Tamayo. "Personalidad Poetica de José Santos Chocano".

(49-63). Apesar de Chocano não ter a preocupação descritiva em sua poesia, seus versos remetem às paisagens sul-americanas, em especial ao Perú.

*Autores e/ou obras citadas:*

<i>Alma América</i>	Salvador Rueda
Ortega y Gasset	Whitman
Unamuno	Ruben Darío
Antonio Machado	Diaz Mirón
Juan Ramón Jiménez	Lugones
Manuel Machado	Herrera
	Reissing
	Llorens Torres

Verlaine  
*Prosas Profundas*  
*Cantos de Vida y Esperanza*

**Luís Benjamin Cisnero**

Quintana  
 Victor Hugo  
*Tras Santas*  
*En la aldea*  
*Selva Virgen*

**Arnaldo Márquez**

Cantos do Pacífico  
*La Epopeya de Morro*  
 Ménendez Pelayo  
 Olegário Andrade  
*Canto del Siglo*

*El Sermón de la Montaña*  
*El Fin de Satán*  
*Fiat Lux*  
*Poema y Ayacucho*  
*Primicias*  
*Oro de Indias*  
*Poemas del Amor Doliente*  
*Poema Neo-Mundiales*  
*Elementos de Literatura Peruana*

**Pedro Henrique Ureñas**

Luís da Camara Cascudo  
*Profisión de Fé*  
*Pensamiento de América*

**Cesár Vallejo**

**4.12.1.4.2.1.MENDONÇA**, Carlos Sussekind. “Recordação de Medeiros e Albuquerque”. (65-77). Segundo Felix Pacheco, Medeiros e Albuquerque é o tipo complexo do verdadeiro homem de letras moderno. Um poeta devotado à ciência que passava dos escritos cotidianos em jornais e revista à trabalhos de peso em conferências e livros.

Autores e/ou obras citadas:

**Silvio Romero**

***O Mistério***

Tito Lívio de Castro  
 Afrânio Coutinho  
*A mulher e a sociogenia*  
 Viriato Correia  
 Paula Nei  
 Memórias de Antônio Ipiranga  
 Olavo Bilac  
*A opinião e a multidão*  
 Coelho Neto  
*O hipnotismo*  
 José do Patrocinio  
*Páginas de crítica*  
 Guimarães Passos  
*O regime presidencial no Brasil*

**Valentim Magalhães**

*A obra de Júlio Dantas*

*Canções da Decadência*  
*Poemas sem versos*  
*Pecados*  
*Os homens e as coisa da academia*  
*Polêmicas*  
*Pontos de Vista*  
 João do Rio  
*Teatro meu e dos outros*  
 Souza da Silveira  
*O Escândalo*  
 Agenor de Roure  
*Ciúmes*  
 Heitor Lira  
*Por alheias terras*

**Gaston Veiga**

*Terra de Santa Cruz*  
*Memórias*  
*Freud e sua teorias sexuais*  
*Perigo americano*  
*O Brasil e a guerra européia*

*Marta**Laura*

4.12.1.5.2.1. **FREIXEIRO, Fábio Mello.** “Estilo Indireto Livre em Graciliano Ramos”. (79-85). **O estilo indireto livre, um terceiro processo usado ao lado dos estilos direto e indireto, é amplamente utilizado por Graciliano Ramos em *Vidas Secas*.**

Autores e/ou obras citadas:

Bally  
Saussure  
Matoso Câmara  
*Vidas Secas*  
Machado de Assis

**4.12.1.6.2.2. HECKER, FILHO, Paulo.** “Um teatro popular?” (87-96). Baseando-se em ensaístas estrangeiros de esquerda, nossos críticos teatrais passam a professar o advento de um teatro popular. Segundo o autor, um erro imperdoável, pois essa doutrina deforma os julgamentos a ponto de ser o responsável pelos inexplicáveis erros críticos neste terreno.

Autores e/ou obras citadas:

*A moratória*  
Jorge Amado  
*A compadecida*

**Ariano Suassuna**

*Fausto*  
*Quixote*  
Jaspers  
Goethe  
Miguel de Cervantes  
Tennessee Williams  
*Gata em teto de zinco quente*

**Brecht**

*Ópera dos três centavos*  
*Círculo de giz caucasiano*  
*Mãe Coragem*  
Arthur Miller

Eugene O’Neill  
Whitman  
*Mark Twain*  
Faukner  
Tomás Wolf

**Miller**

*A morte do caixeiro viajante*  
*The crucible*  
Victor Hugo  
Balzac  
Marivaux  
Molière  
*Fedra*  
Racine  
Jouvert

**4.12.1.7.2.1. LINHARES, Temistocles.** “Macedo e o Romance Brasileiro”. (97-105). Os primeiros livros de Macedo giram em torno de temas triviais, mesmo assim, a galeria de personagens não é pobre, já se percebe a evolução quanto ao tema e aos personagens

Autores e/ou obras citadas:

*O moço loiro*  
*Os dois amores*  
*Rosa*  
*Vicentina*  
*Nina*  
*A namoradeira*  
*Os quatro pontos cardeais*  
*A baronesa do amor*  
*Memórias do sobrinho de meu tio*  
*A carteira de meu tio*  
 Ronald de Carvalho  
*Dom Casmurro*

**4.12.2.1.4.8.** CORREIA, Raimundo. “Algumas Cartas”. (109-122). Publicação das cartas de Raimundo Correa em homenagem ao seu centenário de nascimento.

Autores e/ou obras citadas:

Waldir Ribeiro de Val  
 Machado de Assis  
 Lúcio de Mendonça  
 Alfredo Pujol  
 Lucindo Passos Filho  
 Urbano Duarte  
 Augusto de Lima  
 Max Fleiuss  
 Filinto de Almeida  
 Assis Brasil

**4.12.3.1.10.1.** n.c. “Os folhetins de Hop-Frog”. (125-170). Publicação dos folhetins de Thomaz Alves.

Autores e/ou obras citadas:

***O Primo Basílio***

**Francisco Palha**

Cancioneiro Alegre  
 Livio da Assunção  
 Camilo Castelo Branco  
 Guilherme de Azevedo  
 Fagundes Varela  
 Alberto Faria  
 Casimiro de Abreu  
 Alfredo Pujol

Tomás Alves  
*O culto da forma no Brasil*  
 Artur Alves  
*O mulato*  
 Carlos Laet  
 Aluizio de Azevedo  
 Gaspar da Silva  
 Zola  
 Alexandre da Conceição  
 Lúcia Miguel Pereira  
 Ferreira de Araújo  
  
*O cacaulista*

Eça de Queiroz  
*O coronel sangrado*  
 Machado de Assis  
 Lúcio de Almeida  
 Capistrano de Abreu  
*O marido da adúltera*  
 José do Patrocínio  
 Inglês de Souza  
 Raul Pompéia  
*História de um pescador*  
 Araripe Júnior  
*O ateneu*

Alberto de Oliveira  
 Alberto Faria  
 Valentim Magalhães  
 Tomáz Alves  
*As mil uma noites*  
 Júlio de Mesquita  
 Júlio Ribeiro  
 Júlia Lopes

**4.12.4.1.2.1.** MARCHIORI, Laura. “L’art de tradurre”. (173-178). As comemorações pelo cinquentenário da morte de Machado de Assis e a tradução para o italiano de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Autores e/ou obras citadas:

Benedetto Croce  
*Pinocchio*  
 Eça de Queiroz  
*Il Cugino Basílio*  
 Ugo Foscolo  
*O crime do padre Amaro*  
*Os Maias*

**4.12.4.2.2.8.** LEAL, Francisco de Cunha. “Vinte teses acerca da formação e sobrevivência de Portugal”. (179-182). Trecho do livro a ser publicado *O Enigma Português*, que discute a formação portuguesa sobre vários aspectos.

**4.12.4.3.2.8.** VIANNA, Hélio. “O Livro que dá Razão do Estado do Brasil”. (183-187) Mapas, manuscritos e pergaminhos que fazem a história do Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

*Razão do Brasil*  
*Dicionário de Língua Portuguesa*  
 Diogo de Menezes  
 Francisco Adolfo Varnhagen  
*Notícias do Brasil*  
*História Geral do Brasil*  
*Livro que dá Razão das Cousas do Brasil*  
 Joaquim Manuel de Macedo  
 Melo Moraes  
*Dicionário Bibliográfico Brasileiro*

Candido Mendes de Almeida  
*Iracema*  
 José de Alencar  
 João Teixeira Albernaz  
*Memórias Políticas da Província da Bahia*  
 Serafim Leite  
 História da Companhia de Jesus  
 Testamento de Mem de Sá – Inventário de seus bens no Brasil

Wanderley Pinto  
*História da expansão portuguesa no mundo*  
*Livro velho do tombo do mosteiro de São Bento da cidade de Salvador*  
*História de um engenho do Recôncavo*

Manuel Diégues Júnior  
*The Hispanic American Historical Review*  
 Engel Sluiter

**4.12.4.4.2.8.** COSME, Luís. “Salamanca do Jarau”. (189-195). Balé inspirado na lenda da Salamanca do Jarau proveniente da Espanha e incorporada pelo folclore do Rio Gande do Sul.

**4.12.4.5.7.8.** CARMO, Célio Assis do. “Índice do Dicionário Bibliográfico Brasileiro de J.F. Velho Sobrinho III – (M-Z)”. (197-211). Continuação do dicionário do número anterior da Revista.

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.12.6.1.8.8.** n.c. “Catálogo das Publicações de INL”. (215-217). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro durante o ano de 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.12.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (221-266). Obras publicados no Brasil entre janeiro e março de 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.13.0.1.10.1. TOSTES, Joel Bicalho. “Cronologia de Euclides da Cunha”. (7-11). Cronologia de Euclides da Cunha organizada por Joel Bicalho Toste.**

**4.13.1.1.2.1.** SODRÉ, Nelson Werneck. “Revisão de Euclides da Cunha”. (15-53). As atenções a Euclides da Cunha ficaram reduzidas à tragédia do autor em detrimento a sua obra.

Autores e/ou obras citadas:

*Os Sertões*  
 Benjamin Constant  
*À Margem da História*  
*Um Paraíso Perdido*  
*Diário de Uma Expedição*  
 Teodoro Sampaio  
 Derby  
 Spix e Martius

Hartt  
 Gardner  
 Burton  
 Hatzfeld  
 Rathburn  
 Lopes Mendes  
 Darwin  
 Roquette Pinto  
 Castro Alves

Valentim Magalhães  
 Gilberto Freire  
 Graça Aranha  
*Canaã*

Domingos Olimpio  
 Luzia Homem  
 Silvio Rabelo  
*Contrastes e Confrontos*

**4.13.1.2.2.1.** ANDRADE, Olímpio de Souza. “Linguagem, Poesia e Imaginação na História Sem Fronteiras”. (55-74) O processo de criação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Autores e/ou obras citadas:

*Inferno Verde*  
*Poemas e Canções*  
 Hatzfeld  
*D. Quixote*  
 Valery  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
 Eugenio Gomes  
 José Lins do Rêgo  
 Macedo Soares  
 Taine  
 Augustin de Védia

**4.13.2.1.4.8.** CUNHA, Euclides. “Cartas Familiares e outras”. (77-105). Publicação da correspondência de Euclides da Cunha.

**4.13.3.1.2.1.** CUNHA, Euclides. “Dia a Dia”. (109-172). Vários artigos de Euclides da Cunha publicados em *O Estado de São Paulo*.

**4.13.1.2.9.1.** CORREIA, Viriato. “A última entrevista concedida por Euclides da Cunha”. (173-176). Última entrevista com Euclides da Cunha em agosto de 1909 e publicada na revista *Ilustração Brasileira*.

**4.13.3.3.10.1.** VIEIRA, José & NETO, Coelho. “A repercussão da morte de Euclides da Cunha na Câmara dos Deputados. (177-179). Trecho do livro *Na Cadeia Velha* de José Vieira sobre a morte de Euclides da Cunha e a reprodução do discurso de Coelho Neto na Câmara dos Deputados.

**4.13.4.1.10.1.** SOUZA, J. Galante de. “Algumas fontes para o estudo de Euclides da Cunha”. (183-219). Bibliografia de Euclides da Cunha por Francisco Venâncio Filho e Antônio Simões dos Reis.

Autores e/ou obras citadas:

Francisco Venâncio Filho  
 Antônio Simões dos Reis  
*A Glória de Euclides da Cunha*

Edgard Sussekind de Mendonça

**4.13.4.2.2.1.** BENÍTEZ, Justo Pastor. “Euclides da Cunha”. (221-224). O autor traça um paralelo entre a vida de Euclides da Cunha e suas personagens.

Autores e/ou obras citadas:

*Os Sertões*

Sarmiento

Alcides Arguedes

Horácio Mann

*Raza de Bronce*

Dostoievski

Fernando Dias de Medina

Gustavo Otero

*Pueblo Enfermo*

*La História de Bolívia*

**4.13.4.3.2.1.** BROCA, Brito. “Um Romance de Afonso Arinos sobre Canudos”. (225-228)  
O romance *Os Jagunços* escrito por Afonso Arinos sob o pseudônimo de Olívio de Barros.

Autores e/ou obras citadas:

João Felício dos Santos

João Abade

Paulo Dantas

*O Capitão Jagunço*

Tristão de Ataíde

*Morte de Conceição*

*Os Miseráveis*

Victor Hugo

*L Chartreuse de Parme*

*O Guarani*

**4.13.6.1.6.8.** n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (231). Catálogo das obras publicadas pelo INL no período.

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.13.6.2.6.8.** n.c. “Os Prêmios do INL”. (231-233). Autores e obras premiadas pelo Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.13.6.3.2.1.** n.c. “O Centenário de Nascimento de Clóvis Beviláqua”. (234-238).  
Homenagem aos 100 anos de nascimento de Clóvis Beviláqua.

**4.13.7.1.8.8.** n.c. “*Bibliografia Brasileira Corrente*”. (345-309). *Bibliografia publicada no Brasil entre abril e junho de 1959.*

Autores e/ou obras citadas: vários

**4.14.1.1.2.1.** CAMPOS, Augusto de. “*Um lance de “Dês” do Grande Sertão*”. (9-27). *Estudo comparativo entre Grande Sertão e Finnegans Wake.*

Autores e/ou obras citadas:

James Joyce  
 Harry Levin  
*Finnegans Wake*  
*Grande Sertão: Veredas*  
 Guimarães Rosa  
*Macunaíma*  
 Mário de Andrade  
 Oswald de Andrade  
*Serafin Ponte Grande*  
*Memórias Sentimentais de João Miramar*  
 Mallarmé  
 David Hayman  
 Joyce et Malarmé  
*Un Coup de Dés*  
 André Gide  
 Robert Geer Cohn  
*Lance de Dados*  
 Ulisses  
 Oswaldino Marques  
 Ezra Poud

**4.14.1.2.2.1.** COELHO, Jacinto do Prado. “*Germes do Romantismo num Poeta Barroco*”. (29-38). Sobre o escritor português Pina e Mello.

Autores e/ou obras citadas:

Teófilo Braga  
*Arcádia Lusitana*  
*História da Literatura Portuguesa*  
 Fidelino de Figueiredo  
*História da Crítica Literária em Portugal*  
 Hernâni Cidade  
 Cruz e Souza  
*Bucólica*  
*Teatro de Eloquência*

*Triunfo da Religião*

Rapin

Boileau

Voltaire

*Gongora y la Poesia Portuguesa del Siglo XVII*

*Nova Arte e Conceitos*

*Fênix Renascida*

*Postilhão de Apolo*

*História do Movimento Romântico Espanhol*

Almeida Garret

Cristovão Falcão

Rodrigues Lobo

*Um Auto de Gil Vicente*

**4.14.1.3.2.1.** GUSMÁN, Pascual Gonzáles. “Los dos mundos de Don Perlimplin”. (39-59).  
Sobre *O amor de Don Perlimplin con Belisa en su jardin* de Garcia Lorca.

Autores e/ou obras citadas:

*O amor de Don Perlimplin con Belisa en su jardin*

Garcia Lorca

*Angél Del Rio*

Guilhermo de Torre

José Antonio Maravall

Garcilaso

Fray Luis Becquer

Juan Ramón

*Salinas*

San Juan de la Cruz

Antonio Machado

Guillén

*Balada Triste*

*Libro de Poemas*

*Yerma*

*Bodas de Sangre*

*La Casa de Bernarda Alba*

*La Zapatera Prodigiosa*

Proust

Faulkner

*Leyenda del Tiempo*

*Así que pasen cinco años*

**4.14.1.4.2.1.** PICCHIO, Luciana Stegagno. “O itinerário de Murilo Mendes”. (61-73).  
Estudo da poesia de Murilo Mendes

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade  
 Manuel Bandeira  
*Discípulos de Emaús*  
 Gonçalves de Magalhães  
 Carlos Drumond de Andrade  
 Augusto Frederico Schmidt  
 Gil Vicente  
 Camões  
 Gonçalves Dias  
 Castro Alves  
 Machado de Assis  
 Antônio Nobre  
 Cesário Verde  
 Góngora  
 São João da Cruz  
 Manrique  
 Stendhal  
 Rimbaud  
 Mallarmé  
 Aragón  
 Reverdy  
 Eluard  
 Montesquieu  
 Jorge de Lima

**4.14.1.5.2.8.** LYRA, Heitor. “O Falso Pretendente”. (75-81). As manobras políticas que afastaram a Princesa Izabel.

**4.14.1.6.10.1.** MENDONÇA, Carlos Süssekind de. Lúcio de Mendonça: “Últimos Anos de Estudante”. (83-97). Capítulo III do livro em preparo *Pensamento e Ação* de Lúcio de Mendonça.

Autores e/ou obras citadas:

*Névoas Matutinas*  
 Pedro Lessa  
 Raimundo Correia  
*Rigoletto*  
*Fausto*  
*O Crime do Padre Amaro*  
 Ezequiel Freire  
 Assis Brasil  
 Afonso Celso  
*As Farpas*  
*História Pátria*

Almeida Nogueira

Laurindo Pita

Magalhães Castro

Paula Santos

Vicente Machado

Fontoura Xavier

**4.14.1.7.2.6.** TAVINI, Giuseppe. “Os Judeus Portugueses do Livorno e algumas características de sua língua”. (99-108). A migração dos judeus portugueses pela Europa e as características de sua língua.

**4.14.1.8.2.1.** MOISÉS, Massaud. “Alguns aspectos da obra de Aluísio Azevedo”. (109-137). A partir da obra de Aluísio de Azevedo pode-se repensar os problemas das características fundamentais do romantismo e do romance realista.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Lucíola</i>		<i>A Bola Preta</i>
Alexandre Dumas		Coelho Neto
O Gaúcho	Don Casmurro	Bernardo Guimarães
José de Alencar		<i>Aos Vinte Anos</i>
<i>Das Notas de uma Viúva</i>		Castro Alves
<i>Amores de um Médico</i>		<i>Último Lance</i>
<i>Madame Bovary</i>		Eça de Queiroz
<i>Joaquim Manuel de Macedo</i>		<i>Macaco Azul</i>
<i>Gustavo Flaubert</i>		Raul Pompéia
Inocência	O Primo Basílio	<i>Uma Lição</i>
Visconde de Taunay		<i>A Mortalha de Alzira</i>
<i>Demônio</i>		Fora de Horas
<i>Helena</i>		<i>A Condessa Vésper</i>
<i>Olímpia de Clèves</i>		<i>O Madeireiro</i>
<i>Machado de Assis</i>		<i>Girândola de Amores</i>
Germinal		<i>O Impenitente</i>
<i>O Mulato</i>		<i>Mistério da Tijuca</i>
Júlio Verne		<i>Pelo Caminho</i>
<i>O Cortiço</i>		Filomena Borges
H. G. Wells		<i>O Touro Negro</i>
Casa de Pensão	A Cidade e as	<i>Canaã</i>
Serras		Afrânio Peixoto
Taine		Graça Aranha
Eça de Queiroz		<i>Orpheus</i>
<i>A Loureira</i>		<i>Amar Verbo Intransitivo</i>
Fialho de Almeida		Salomão Reinach
<i>O Felizardo</i>		Mário de Andrade
Trindade Coelho		<i>A Catedral</i>

Naná  
 J. K. Huysmans  
 Emile Zola  
*Fluxo e Refluxo*  
*O Coruja*  
*Livro de uma Sogra*  
*O Homem*  
*Eurico, O Presbítero*

Alexandre Herculano  
 Bernardo Guimarães  
*O Seminarista*  
*O Crime do Padre Mouret*  
*O Missionário*  
 Inglês de Souza  
*A Dama das Camélias*

**4.14.2.1.4.8.** n.c. “Do Arquivo de Afonso Arino”. (141-179). Reprodução das cartas recebidas e expedidas por Afonso Arinos durante sua viagem de Belo Horizonte a Diamantina em 1904.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis  
 Joaquim Nabuco  
 Mário de Andrade  
 Manuel Bandeira  
*Pedro Barqueiro*  
*A Garupa*  
*Joaquim Mironga*  
*O Contratador de Diamantes*  
*Sítios e Personagens*  
 Olavo Bilac  
 Artur Azevedo  
 Magalhães de Azevedo  
 Domício Gama  
 José Veríssimo  
 Euclides da Cunha

**4.14.3.1.10.8.** ANDRADE, Oswald de. “Manifestos Modernistas”. (185-202). Reprodução dos manifestos publicados nas revistas *Klaxon*, *Terra Roxa* e outras.

**4.14.4.1.2.8.** LINS, Ivan. “Frância”. (205-209). Sobre José Gaspar de Frância, patriarca da independência do Paraguai.

Autores e/ou obras citadas:

Augusto Comte  
*Calendário dos Grandes Homens*  
*Suma*  
 Santo Tomás de Aquino  
 Voltaire  
 Rousseau  
 Raynal

Montesquieu  
 Volney  
 Taplace  
 Aristóteles  
*Calendário Histórico*  
 Rui Barbosa  
*Cartas de Inglaterra*  
*La vida solitária del Dr. José Gaspar de França*

**4.14.4.2.2.1.** MELLO, Silva. “Recordação de Gastão Cruls”. (211-222). Sobre o escritor e historiador Gastão Cruls.

Autores e/ou obras citadas:

Gilberto Freire  
*Panoramas da América Latina*  
 Antônio Torres  
 Agripino Grieco  
*Problemas do Ensino Médico e de Educação*  
*Angra*  
 Anatole  
 Eça de Queiroz  
 D’Annunzio  
 Machado de Assis  
 Guy de Maupassant  
 Afonso Arinos  
 Barbey d’Aurevilly  
*Les Diaboliques*  
 Euclides da Cunha  
 Edgar A. Poe  
 Oscar Wilde  
*Contes Choisi*  
 Pierre Louys

**4.14.4.2.2.8.** SCHNEIDER, Otto. “Não cora o livro de ombrear com o sabre”. (223-226). Sobre a fundação da biblioteca do exército.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis  
 Érico Veríssimo  
 Guy de Maupassant  
*Guerra e Paz*  
 Tolstoi  
*Deuses, Túmulos e Sábios*  
 Castro Alves

**5.15.1.1.2.1.** LUCAS, Fábio. “Caminhos da Consciência Literária Nacional”. (9-17).  
Mário de Andrade dedicou toda sua carreira insistindo na necessidade de fixar o escritor em seu espaço social e não continuar em um modelo alienígena.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade	<i>Macunaíma</i>
Castro Alves	<i>Amar, Verbo Intransitivo</i>
José de Alencar	Hawthorne
Silvio Romero	Eliot
Machado de Assis	Auden
João Ribeiro	Balzac
Euclides da Cunha	Tolstoi
Raul Pompéia	Proust
Alberto Torres	Faulkner
Oliveira Viana	Hemingway
Manuel Bandeira	Goethe
Jean Paul Sartre	Tomas Mann
<i>Escrever para nossa época</i>	

**5.15.1.2.2.1.** ANDRADE, Olimpio de Souza. “O leitor Joaquim Nabuco e o livro de Bagehot”. (19-24). A importância da obra de Joaquim Nabuco para o Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

*Minha Formação*  
Walter Bagehot  
Renan  
*La Constitution Anglaise*  
*A América Latina*  
*Phisic and Politocs*

**5.15.1.3.2.1.** PROENÇA, M. Cavalcanti. “Arraiada de Mário”. (25-30).O texto trata do livro *Primeiro Andar*, onde Mário de Andrade republica os seus primeiros contos.

Autores e/ou obras citadas:

*Primeiro Andar*  
*Caçada de Macuco*  
*Conto de Natal*  
*O Besouro e a Rosa*  
*Contos de Malazarte*  
*Cocoricó*  
*Eva*  
*Moral Cotidiana*

*Macunaíma*  
*História sem Data*  
 Machado de Assis  
 Ebbinghans  
 Robot  
 Bergson  
 W. James  
 Woodsworth  
 Lombroso  
*A Filha do Enforcado*  
 Teófilo Gautier  
*Menina do Olho no Fundo*  
*Vestida de Preto*  
 Oneyda Alvarenga

**5.15.1.4.2.1.** FRAGOSO, Augusto. “Dois Momentos de Joaquim Nabuco”. (31-40). Trata-se de dois textos do mesmo autor: A polêmica literária entre Joaquim Nabuco e José de Alencar e notas sobre um soneto de Joaquim Nabuco.

Autores e/ou obras citadas:

O Jesuita	Cartas de Ig	Couto de Magalhães
José de Alencar		<i>Bibliografia de Joaquim Nabuco</i>
<i>O Sr. José de Alencar e o Teatro Brasileiro</i>		Pinto de Campos
<i>As Asas de um Anjo</i>		<i>Correspondência entre Machado de Assis e Silvio Romero</i>
Araripe Júnior		Joaquim Nabuco
<i>O Guarani</i>		Melo Moraes
<i>A Dama das Camélias</i>		<i>Memorial do Rio de Janeiro</i>
<i>Iracema</i>		<i>Capistrano de Abreu</i>
<i>Luciola</i>		<i>Carlos Laet</i>
<i>Demônio Familiar</i>		Lúcio de Mendonça
Gregório de Matos		Dantas Barreto
<i>Verso e Reverso</i>		Salvador de Mendonça
Voltaire		Alcides Maia
Mãe	Minha	<i>Raimundo Correia</i>
Formação		<i>Gregório de Matos</i>
Vale Cabral		<i>A Confederação dos Tamoios</i>
<i>O Nada</i>		<i>Canções dos Trópicos</i>
Teixeira de Freitas		<i>Gonçalves de Magalhães</i>
<i>Morte</i>		<i>Soares de Souza Júnior</i>
Augusto Zaluar		
<i>Uruguaiana</i>		

**5.15.1.5.2.1.** SIMÕES, João Gaspar. “Geração de Orpheu”. (41-57). A importância de Fernando Pessoa para o modernismo português.

Autores e/ou obras citadas:

Verlaine	Texeira de Pascoais	
<i>Indícios de Oiro</i>	<i>A Invenção do Dia Claro</i>	
<i>Moréas</i>	Mário Beirão	
<i>As Sete Canções de Declínio</i>	<i>O Menino d'Olhos de Gigante</i>	
<i>Laforgue</i>	Maurice Maeterlinck	
<i>Cesário Verde</i>	<i>A Engomadeira</i>	
Rimbaud	O Marinheiro	Nome de
Antônio Nobre	Guerra	
Mallarmé	<i>A Voz de Deus</i>	
Camilo Pessanha	<i>A Explicação do Homem</i>	
Mário de Sá Carneiro	<i>Queda</i>	
<i>Antologia do Interseccionismo</i>	<i>O Evangelho de São Vito</i>	
<i>Santa Rita</i>	<i>Poente</i>	
<i>Clepsidra</i>	<i>As Memórias Astrologicas de Camões</i>	
Raul Leal	<i>A Nova Poesia Portuguesa</i>	
<i>Os Passos da Cruz</i>	<i>Missal de Trovas</i>	
José Pacheco	<i>Chuva Oblíqua</i>	
Ângelo de Lima	<i>Versos Frios, Poemas da razão</i>	
Amadeu de Sousa Cardoso	<i>Matemática</i>	
<i>Poemas do Guardador de Rebanhos</i>	<i>Mensagem</i>	
<i>José de Almada Negueiro</i>	<i>Arvore de Natal</i>	
<i>Pedro de Meneses</i>	<i>Antinous</i>	
Luís de Montalvar	<i>35 Sonetos</i>	
<i>Cena do Ódio</i>	<i>Inscriptions</i>	
<i>Ronald de Carvalho</i>	<i>English Poems</i>	
<i>Marinetti</i>	<i>Aviso Por Causa da Moral</i>	
Guerra Junqueiro	<i>Dégénérescence</i>	
<i>Manifesto Anti- Dantas</i>	Max Nordau	
<i>Pauís</i>	<i>Ode Marítima</i>	
<i>10 Poemas Portugueses</i>	<i>Confissões de Lúcio</i>	
<i>O Sino de Minha Aldeia</i>	<i>Céu em Fogo</i>	
Sonia de Delaunay - Terke	<i>Dispersão</i>	

**5.15.1.6.2.1.** DOMINGO, Javier. “João Guimarães Rosa y la Alegria”. (59-60). Segundo o autor, *Grande Sertão: Veredas* talvez seja o único exemplo de realização completa de “estado de alegria”, somente proporcionado pela mística teológica.

Autores e/ou obras citadas:

Kierkegaard  
 Unanuno  
 Sartre  
 Heidegger  
 Herman Melville

Gabriel Miró  
 Andreiev  
*Grande Sertão: Veredas*  
 Mallarmé  
 Henriqueta Lisboa  
*Don Quixote*  
*Sagarana*  
*Corpo de Baile*  
 James Joyce  
 San Juan de la Cruz

**5.15.1.7.2.1.** NÓBREGA, Mello. “Rimas que não Rimam”. (65-76). A conceituação dos efeitos de identidade ou aproximação sonora usado em poesia.

Autores e/ou obras citadas:

Pierre Fabri  
 Georges Lote  
 Raoul De La Grasserie  
 Lanzinus Curtus  
 J. H. Rizius  
 Bluteau  
 Jean Bastia  
 Joaquim José do Vale  
 François Rabelais  
 Felice Cavallotti  
 Salustri  
 Arrigo Boito  
 John Taylor  
 George Mac Donald  
 Ralph Thomas  
 Ane Lake  
 Verlaine  
 Samuel Butler  
 Emile Debraux

**5.15.1.8.2.1.** VELLINHO, Moyés. “Histórias Mal Contadas”. (77-85). A vida pobre e praticamente reclusa de Machado de Assis em nada se compara a seus livros.

Autores e/ou obras citadas:

*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
 R. Magalhães Júnior  
 Luís Murat  
 Agripino Grieco  
*Quincas Borba*

*Fetiches e Fantoques*  
 Lúcia Miguel Pereira  
*Estudo Crítico e Biográfico*  
 Mário Matos  
 Brito Broca  
*Almanaque Brasileiro*  
 Coelho Neto  
*O Rei Negro*

**5.15.1.9.2.1.** MEYER, Marlyse. “O Moscheta de ângelo Beolco, O Ruzante”. (87-98). Desenrolou-se na cidade de Ferrara, uma grande homenagem a Ângelo Beolco e outras figuras do renascimento.

Autores e/ou obras citadas:

Moscheta  
 Mortier  
 Lovarini  
 Grabher  
 Anconitana  
 Piovana  
 Vacaria  
 Bosio  
 Baseggio

**5.15.1.10.10.8.** BENITEZ, Justo Pastor. “Carlos Antonio López”. (99-108). Biografia de Carlos A. López, primeiro presidente constitucional do Paraguai.

**5.15.1.11.2.1.** NAVA, José. “Brasileiros no caminho de Proust”. (109-125). A grande euforia causada pela chegada das obras de Proust no Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

*Du Côté de Chez Swann*  
*A L'Ambre des Jeunes Filles en Fleurs*  
 Milton Campos  
 Gustavo Capanema  
 Martins de Oliveira  
 Euríalo Canabrava  
 Pedro Nava  
 Carlos Drumond de Andrade  
 Artur Veloso  
 Eduardo Frieiro  
 Alberto de Campos  
 Mário Casassanta  
 Mário Mendes Campos

Emílio Moura  
 Francisco Magalhães Gomes  
 Gabriel Passos  
*A La Recherche du Temps Perdu*  
 Graça Aranha  
 Rabelais  
 Zola  
*L'Atlantide el L'Histoire du Brésil*  
*O Herdeiro de Caramuru*  
*As reflexões sobre a colonização do Brasil*  
*Inocência*  
 Visconde de Taunay

**5.15.1.11.2.1.** LINHARES, Temístocles. “Macedo e o Romance Brasileiro”. (127-135). Macedo pode ser qualificado de romancista da cidade, visto que sua obra tem por objeto casos urbanos ou complicações com gente da cidade.

Autores e/ou obras citadas:

*Os Dois Amores*

*A Namorada*

*O Rio do Quarto*

Eça de Queiroz

Emíle Zola

*O Forasteiro*

*Mulheres de Mantilha*

*Um Noivo e Duas Noivas*

Walter Scott

*Memórias da Rua do Ouvidor*

*Um Passeio Pela Cidade do Rio de Janeiro*

**5.15.2.1.10.8.** RIO, João do. “Dom Luís”. (139-148). Biografia de Dom Luís de Orleans e Bragança, filho da Princesa Isabel e do Conde D’Eu.

**5.15.2.2.10.8.** BRAGANÇA, Dom Luís de Orleans e. “Journal de Guerra”. (149-188). Texto *Sob o cruzeiro do sul* publicado em *Journal de Guerre*, onde o autor faz uma narrativa militar.

**5.15.2.3.10.3.** ANDRADE, Mário de. “Pedro Malazarte”. (195-203). Ópera cômica narrando as peripécias do personagem Pedro Malazarte.

**5.15.4.1.3.8.** PLACER, Xavier. “O Perfeito Bibliotecário”. (207-210). O papel do bibliotecário nas antigas e modernas bibliotecas.

**5.15.4.2.6.8.** SCHREID, Maria Romano. “Bodoni e o Museu Bodoniano de Parma”. (211-213). Homenagem ao tipógrafo italiano Giambattista Bodoni.

**5.15.4.3.7.8.** CARMO, Célio Assis do. “Índice do Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres e da Coletânea de Autores Mineiros”. (215-223). Transcrição do dicionário de autoria de Pereira Costa (1882), contendo as biografias de pessoas que se notabilizaram em Pernambuco em vários ramos da atividade humana e a coletânea de autores mineiros.

Autores e/ou obras citadas: vários

**5.15.4.4.5.8.** BROCA, Brito & CARPEAUX, Otto Maria. “Revista do Livro – Resenhas Críticas”. (225-233). Resenha crítica de vários livros lançados em 1959 e 1960.

Autores e/ou obras citadas:

<i>O Trapicheiro</i>	José Lins do Rego
Marques Rebelo	Joaquim Nabuco
<i>Marafa</i>	Fernando Pessoa
<i>Espelho Partido</i>	Orígenes Lessa
Belmiro Braga	<i>Omelete em Bombaim</i>
<i>Dias Idos e Vividos</i>	<i>João Simões Continua</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>Desintegração da Morte</i>
<i>Sentimento do Mundo</i>	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>
<i>A Rosa do Povo</i>	<i>Formação da Literatura Brasileira</i>
<i>Panorama da Poesia Brasileira</i>	Antônio Candido
Josué Montelo	<i>Maria de cada porto</i>
<i>A Décima Noite</i>	<i>A Fantasia Exata</i>
<i>Fronteiras da Criação</i>	Franklin de Oliveira
Guilheme Aragão	<i>Ordem e Progresso</i>
<i>Origem e Evolução da Música em</i>	Gilberto Freire
<i>Portugal e sua Influência no Brasil</i>	Sérgio Buarque de Holanda
Eça de Queiroz	<i>Augusto dos Anjos e outros ensaios</i>
Machado de Assis	<i>Introdução ao Cinema Brasileiro</i>
<i>O Crime do Padre Amaro</i>	Alex Viany

**5.15.6.1.8.8.** n.c. "Catálogo das Publicações do INL". (237-242). As últimas publicações do Instituto Nacional do Livro e o regulamento para os prêmios concedidos anualmente pelo instituto.

Autores e/ou obras citadas: vários

**5.15.6.2.6.8.** n.c. "Lúcia Miguel Pereira e Otávio Tarquínio de Sousa". (243-245). Notícia sobre a morte de Lúcia Miguel Pereira e Otávio Tarquínio de Sousa em um acidente de avião.

**5.15.6.3.2.7.** n.c. "Albert Camus". (245-246). Sobre a filosofia de Albert Camus.

**5.15.6.3.6.8.** n.c. "Alfonso Reyes". (247). Com a morte de Alfonso Reyes desaparece uma das grandes figuras intelectuais da América Espanhola.

**5.15.6.4.9.8.** n.c. "Joaquim Nabuco". (247-251). Reprodução da entrevista concedida por Joaquim Nabuco ao jornal *Estado de São Paulo* em 1898.

**5.15.6.4.8.8.** n.c. "Dicionário Biobibliográfico da Literatura Brasileira". (252). A publicação pelo INL do *Dicionário Biobibliográfico da Literatura Brasileira* organizado por J. Galante de Sousa.

**5.15.6.5.2.1.** n.c. "Movimento Literário de 1959". (252-254). O grande número de obras literária lançadas em 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

**5.15.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (257-312). Bibliografia lançada no Brasil em outubro-dezembro de 1959.

Autores e/ou obras citadas: vários

**5.16.1.1.2.2.** PENNAFORT, Onestaldo de. “Alguns Aspectos do Otelo”. (9-24<sup>o</sup>). O autor discute a peça *Otelo* de Shakespeare e considera que seja a sua obra mais bem acabada.

Autores e/ou obras citadas:

Shakespeare

*Otelo*

*Hamlet*

Paul de Saint-Victor

**5.16.1.2.2.4.** GÜNEWALD, José Lino. “Cine-Situação: Vertentes”. (25-50). Para alguns que encaram o cinema “a sério”, se dizem decepcionados com os rumos da sétima arte e acham que esta se tornou um mero entretenimento.

**5.16.1.3.2.1.** IVO, Lêdo. “Rol de Insulíndias”. (51-50). Os recursos estilísticos na poesia de Jorge de Lima.

Autores e/ou obras citadas:

*Invenção de Orfeu*

Pedro Salinas

Leo Spitzer

*Poemas Escolhidos*

*Toda América*

Ronald de Carvalho

Walt Whitman

*Leaves of Grass*

Paul Claudel

Frederico Garcia Lorca

*Essa Nega Fulô*

Castro Alves

Rúben Dario

Rabelais

*A Túnica Inconsútil*

Baldwin

Victor Hugo

Dante

Mallarmé

Rimbaud

Valery

Proust

Góngora

Rilke

Murilo Mendes

*Ilha de Maré*

Manuel Botelho de Oliveira

Santa Rita Durão

Sílvio Romero

*Música no Parnaso*

**5.16.1.4.2.1.** CAMPOS, Haroldo de. “A Temperatura Informal do Texto”. (61-70). Haroldo de Campos responde às críticas dos que pensam a poesia concreta como um empobrecimento da linguagem.

Autores e/ou obras citadas:

Dante  
 Arnaut Daniel  
 Max Bense  
 James Joice  
 Mandelbrot  
 G. A. Miller  
 Henry Levin  
 Mallarmé  
 William Carlos Williams  
 Cummings  
 Oswald de Andrade  
 João Cabral de Melo Neto

Mário Pedrosa  
 Guimarães Rosa  
 Pedro Xisto  
*Grande Sertões: Veredas*  
*Serafim Ponte Grande*  
 Machado de Assis  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
*Shanno*  
*The Mathematical Theory of*  
*Communication*

**5.16.1.5.2.8.** GRASSO, Dick Edgar Ibarra. “Sobre el Desarrollo de las Civilizaciones Precolombianas de Bolívia y el Origen del Imperio Incaico”. (71-83). *Sobre a formação do povo boliviano.*

**5.16.1.6.2.1.** ALVARENGA, Octávio Mello. “Proust e Nobokov: Aproximações. Octávio Mello Alvarenga”. (85-98). O tema de aproximação entre Proust e Nobok é o ciúme. Proust em *A la recherche du temp perdu* e Nobok em *Lolita*.

**5.16.2.1.4.8.** QUEIROZ, Eça de. “Cartas a Eduardo”. (101-126). A correspondência entre Eça de Queiroz e Eduardo Prado.

**5.16.3.1.10.8.** CELSO, Afonso. “Dom Pedro II”. (127-173). Publicação de 3 textos: Dom PedroII, O assassinato do Coronel Gentil José de Castro e Oito anos de Parlamrnto.

**5.16.4.1.2.1.** MARTINS, Wilson. “Cendras e o Brasil”. (177-183). As relações de Blaise Cendras com o Brasil.

**5.16.4.2.2.1.** TORRES, João Camilo de Oliveira. “A ficção científica como fantasia pura ou a vingança de Dom Quixote”. (185-189). A situação da literatura e da arte no séculoXX diante do exito das artes nascidas das máquinas.

**5.16.4.2.2.3.** COSME, Luís. “Vila Lobos, Compositor Brasileiro”. (191-196). A música de Vila Lobos está alicerçada nas três raças: portuguesa, negra e a ameríndia.

**5.16.4.3.10.1.** HOUAISS, Antônio. “Plano do Dicionário com as Obras de Machado de Assis”. (197-223). Anteprojeto do dicionário das obras de Machado de Assis.

**5.16.6.1.8.8.** n.c. “Catálogo das publicações do INL”. (227-227). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro.

**5.16.6.2.6.8.** n.c. “Centenário da Morte de Ribeyrlles”. 228-229. Sobre os 100 anos de morte do escritor Charles Ribeyrolles, autor de *Le Brésil Pittoresque*.

**5.16.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (233-287). As publicações no Brasil entre janeiro e março de 1960.

Autores e obras: vários

**5.17.1.1.2.1.** OROENÇA, M. Cavalcanti. “Pão Seco”. (9-18). *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é o livro considerado a ruptura com as influências românticas onde Machado de Assis se apresenta na plenitude de sua concepção materialista do universo.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis  
Astrogildo Pereira  
Mário de Andrade  
Sterne  
Xavier de Maistre  
Eça de Queiroz

**5.17.1.2.2.7.** LINS, Ivan. “Bergson: Um Filósofo da Belle Époque”. (19-33). Segundo o autor do texto, *L'Énergie Spirituelle* é o trabalho de maior brilho literário de Bergson.

Autores e/ou obras citadas:

*L'Énergie Spirituelle*  
Jules Grivet  
Descartes  
Augusto Comte  
Pavlov  
Diderot  
Voltaire  
Confúcio  
Platão  
Padre Antônio Vieira  
Goethe

*Segundo Fausto*  
*Metafísica*  
*Mães*  
Jacques Chevalier  
Matière et Mémoire  
Padre Laberthonnière  
Maritain  
*Descartes ou A Encaranação do Anjo*  
Bertrand Russel  
  
Plotino

Nicolau  
 Locke  
 Leibnitz  
 Ficht  
 Kant  
 Schopenhauer  
 Henri Poincaré  
*História da Filosofia*  
 Padre Leonel Franca  
*Los deux sources de la morale et de la religion*

Alceu Amoroso Lima  
 Alfred Fouillée  
*Évolution Créatrice*  
*Palhoriès*  
 Castro Neri  
 William James  
 Medeiros e Albuquerque  
 Leonardo Van Acker  
*A Filosofia Bergosiana*

**5.17.1.3.2.1.** MANZI, Italo Alfonso. “Agnes Von Krusenstjerna – Escritora de la locura”. (35-54). Sobre a obra e o estilo da escritora sueca Agnes Von Krusenstjerna.

Autores e/ou obras citadas:

Baudelaire  
 Rimbaud  
*Los últimos años de estudio de Tony*  
*Caminos de Damasco*  
*El primer amor de Elena*  
*El diário de Nina*  
*Las señoritas Von Pahlen*  
*Nobreza Pobre*  
*História del alma*  
*Tony se hace mujer*  
*Secesos en el camino*  
*La casa de las monjas*

**5.17.1.4.2.8.** CASCUDO, Luís da Câmara. “Aves e Pássaros no Folclore Brasileiro”. (55-62). Lendas e crendices envolvendo as aves.

**5.17.1.5.2.1.** PEREZ, Renard. “A Evolução do Conto no Brasil”. (63-74). A definição do gênero conto.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade  
*O Guarani*  
 José de Alencar  
*Iracema*  
*Bocário*  
 Somerset Maughan  
 Clarice Lispector  
 Helena Silveira

Osman Lins  
 Dorothy Parker  
 Origenes Lessa  
 Diná Silveira Queiroz  
 Maupassant  
 Ligia Fagundes Teles  
 José Condé  
 Jorge Amado  
*Terras do Sem Fim*

Luís Canabrava  
 William Faulkner  
 John Steinbeck  
 Ernest Hemingway  
 Erskine Caldwell  
*Estrada do tabaco*  
*Chão Trágico*

William Saroyam	Simões Lopes Neto	Rodrigo M. F. de
Truman Capote	Afonso Arinos	Andrade
Barbosa Lima Sobrinho	Valdomiro Silveira	<i>Velórios</i>
<i>Os Percursores</i>	Simões Lopes Neto	Marques Rebêlo
Norberto de Souza	Monteiro Lobato	<i>Três Caminhos</i>
<i>As duas orfãs</i>	<i>Urupês</i>	<i>Estela me abriu a porta</i>
Alvarez de Azevedo	<i>Tropas e Boiadas</i>	<i>Omelete em Bombaim</i>
<i>A Noite na taverna</i>	Hugo de Carvalho	<i>A Desintegração da</i>
Bernardo Guimarães	Ramos	<i>Morte</i>
<i>Lendas e Romances</i>	Bernardo Elis	Guilherme de
<i>A Viuvinha</i>	Gastão Cruls	Figueiredo
<i>Cinco Minutos</i>	<i>Coivara</i>	<i>Rondinela</i>
Machado de Assis	<i>Ao embalo da rêde</i>	Telmo Vergara
Contos Fluminenses	Lima Barreto	<i>Cadeiras na Calçada</i>
Herman Lima	<i>Histórias e Sonhos</i>	Aurélio Buarque de
<i>Várias Histórias</i>	Antônio de Alcântara	Holanda
<i>Páginas recolhidas</i>	Machado	<i>Dois Mundos</i>
<i>Relíquias de Casa Velha</i>	Ribeiro Couto	Luís Jardim
José Veríssimo	<i>Belazarte</i>	<i>Maria Perigosa</i>
Medeiros e Albuquerque	<i>Contos Novos</i>	Lúcia Benedetti
Domício da Gama	<i>Braz, Bexiga e Barra</i>	<i>Vesperal com Chuva</i>
Aluísio Azevedo	<i>Funda</i>	Diná Silveira de Queiroz
<i>Pegadas e Demônios</i>	<i>O Crime do Estudante</i>	<i>A Sereia Verde</i>
Coelho Neto	<i>Batista</i>	<i>As Noites no Morro</i>
<i>O Jardim das Oliveiras</i>	Peregrino Júnior	<i>do Encanto</i>
<i>Banzo</i>	João Alphonsus	<i>Eles herdarão a Terra</i>
Júlia Lopes de Almeida	<i>A Galinha Cega</i>	
João do Rio	<i>A Pesca da Baleia</i>	

**5.17.1.6.2.8.** CARNEIRO, Édison. “Os Caboclos de Aruanda”. (75-81). A representação dos caboclos na macumba cariocas.

Autores e/ou obras citadas:

Théo Brandão  
Melo Morais Filho  
Lourenço Braga  
Benedito Ramos da Silva  
Oliveira Magno  
Byron Torrês de Freitas  
Tancredo Silva pinto

**5.17.1.7.2.8.** COSTA FILHO, Miguel. “Engenhos Centrais e Usinas”. (83-91). A história da indústria açucareira no Brasil.

**5.17.1.8.2.4.** HECKER FILHO, Paulo. “Ingmar Bergman” (93-106). A propósito dos filmes de Ingmar Bergman

Autores e/ou obras citadas:

Charles Chaolin  
*El Buarlador de Sevilha*  
 Tirso de Molina  
 Orson Welles  
*Sorrisos de uma noite de verão*  
*Uma Lição de Amor*  
*Quando as mulheres esperam*  
*Mônica*  
*Noite no Circo*  
 Elia Kazan  
 Tennessee Williams  
*Macbeth*

**5.17.1.9.2.1.** RELA, Walter. “Um Documento Poético-Popular Chileno do Século XIX”. (107-118). A poesia popular chilena difundida pelos cantadores e repentistas.

Autores e/ou obras citadas:

Mariano Latorre  
*El huaso y el gaucho en la poesia popular*  
 Nicásio Garcia  
 Alvaro Yunque  
 Santos Veja  
 Juan Draghi  
*Los payadores vencidos*  
 Marcelino Román

**5.17.1.10.2.7.** MACHADO FILHO, Aires da Mata. “O Poeta Augusto de Lima”. (119-137). A filosofia na obra do poeta Augusto de Lima.

Autores e/ou obras citadas:

Heckel	Banville
Hegel	Lúcio de Mendonça
Comte	<i>Contemporâneas</i>
Darwin	<i>Paradoxos</i>
Spencer	<i>Turbilhões</i>
Kant	<b><i>Símbolos</i></b>
Baudelaire	<i>Dúvidas</i>
Gauthier	<i>Colisão</i>
Laconte	<i>Dois Desertos</i>

<i>No Mar</i>	<i>Cético</i>
<i>Negação</i>	<i>O Polvo</i>
<i>São Francisco de Assis</i>	<i>Epílogo</i>
<i>Noites de Sábado</i>	Eduardo Freire
<i>Tia Chiquinha</i>	<i>Visita a uma mineração</i>
<i>Morte de Safo</i>	<i>Serenata</i>
<i>Herança de Prometeu</i>	<i>Peregrina</i>
<i>Lux Umbra</i>	<i>Oração ao Sol</i>
Manuel Bandeira	<i>O Crucifixo de São Damião</i>
<i>Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase</i>	<i>Francisco beija o leproso</i>
<i>Parnasiana</i>	<i>Exaltação do humilde</i>
Andrade Muricí	<i>Alegria Perfeita</i>
<i>Panorama do Movimento Simbolista</i>	<i>Crepúsculo dos Deuses</i>

**5.17.2.1.2.1.** ALENCAR, “José de. Poesia”. (141-179). Publicação de poesias de José de Alencar.

**5.17.3.1.10.2.** n.c. “Norma (vaudeville – jocoso)”. (183-206). *Paródia da ópera Norma*.

**5.17.4.1.2.1.** BROCA, Brito. “João Ribeiro e os Modernistas”. (209-212). A postura de João Ribeiro frente ao movimento modernista.

Autores e/ou obras citadas:

Humberto de Campos	Manuel de Abreu
<i>Diário Secreto</i>	Marinetti
Olavo Bilac	Paul Valéry
Alberto de Oliveira	Mallarmé
Oswald de Andrade	<i>Cobra Norato</i>
Emilio de Menezes	<i>Macunaíma</i>
<i>Fabordão</i>	Mário de Andrade
Leal de Souza	<b>Cavalcanti Proença</b>
<i>Via Láctea</i>	Adelino Magalhães
Francisca Júlia	Eugênio Gomes
Múcio Leão	<i>Laranja da China</i>
<i>Crítica – Os Modernos</i>	Antônio de Alcântara Machado
<i>9 mil dias com João Ribeiro</i>	Graça Aranha
Álvaro Moreyra	<b>Afrânio Peixoto</b>
Manoelito de Ornelas	Bernardelli
Rui Cirne Lima	Correia Lima
Paulo Torres	

**5.17.4.2.2.1.** IVO, Lêdo. “A Propósito de Laura Moura”. (213-218). Sobre a musa de Mário de Andrade, Laura Moura, que se diferencia de outras que portam apenas prenome. Humanizada, consta até do catálogo telefônico.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade  
*A Costela do Grão Cão*  
*Lira Paulistana*  
*Macunaíma*  
*Pequena História da Música Brasileira*

**5.17.4.3.2.8.** BARRETO, Castro. “Roquette Pinto e o Homem Brasileiro”. (219-226). Homenagem à memória de Roquette Pinto.

Autores e/ou obras citadas:

Artur Ramos  
 Olavo Bilac  
 Alexandre Rodrigues Ferreira  
 Maximiliano de Wied-Newied  
 Martius D’Orbigny  
 Couto Magalhães  
 Von de Steinen  
*Ensaio Brasileiro*  
 Fritz Müller

**5.17.4.4.7.8.** CARMO, Célio Assis do. “Índice do *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro* de Argeu Guimarães. (227-236). Índice dos verbetes de A a G do Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro.

Autores: vários

**5.17.6.1.8.8.** n.c. “*Catálogos das Publicações do INL*”. (239 –240). *Consta do catálogo a tradução de Darci Damasceno de Poesia Espanhola. Ensaio e Limites Estilísticos e os Prêmios do Instituto Nacional do Livro.*

**5.17.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. *Bibliografia Brasileira Corrente*. (243-293). Bibliografia lançada no Brasil entre abril e junho de 1960.

Autores: vários

**5.18.1.1.10.8.** n.c. “Primeiro Encontro de Deodoro da Fonseca com os Republicanos”. (7-18). A resistência do Marechal Deodoro em receber chefes republicanos civis na proclamação da república.

**5.18.1.2.2.1.** ALVAR, Manuel. “Cantos de Muerte Sefardi”. (19-31). Sobre um aspecto específico da poesia sefardi.

Autores e/ou obras citadas:

Menéndez y Pelayo  
Menéndez Pidal  
Benoliel  
Diaz Plaja  
Béruchou

**5.18.1.3.2.1.** EULÁLIO, Alexandre. “O Último Bom Selvagem”. (33-48). A vida e a obra do escritor Lúcio de Mendonça.

Autores e/ou obras citadas:

*João Mandi*  
*Mãe Cabocla*  
*Coração de Caipira*  
Brito Broca  
Tristão de Ataíde  
*Esboços e Perfis*  
*Horas de Bom Tempo*  
*O Hóspede*  
*Cabocla*  
Ribeiro Couto  
*O Marido da Adúltera*  
Luís da Seera  
*Tropical Birds*  
*Ornithologie Bresilienne*

J. Th. Descourtilz  
*Alvoradas*  
*Paulo e Virgínia*  
*Canção de Viagem*  
Rousseau  
*São Jeronimo e o Leão*  
Fioretti  
*Vida do Venerável Joseph de Anchieta*  
Padre Simão de Vasconcelos  
Balzac  
*Une passion dans le désert*  
*O Sertanejo*  
*Canção do moço montanhês*

**5.18.1.4.2.8.** NEVES, José Teixeira. “Aspectos do Século XIX na Vida de um Prelado mineiro”. (49-59). A vida e a obra de Dom João Antônio dos Santos, primeiro bispo de Diamantina – MG.

**5.18.1.5.2.1.** IVO, Lêdo. “As Diatomácias da Lagoa”. (61-66). Sobre o poeta Augusto dos Anjos.

Autores e/ou obras citadas:

*Eu*  
Álvares de Azevedo  
Fagundes Varela  
Alphonsus de Guimarães  
Cruz e Souza  
Antônio Tôrres  
Sílvio Romero  
*Panorama do movimento Simbolista Brasileiro*  
*A Poesia Científica*

Andrade Murici

Darwin

Haeckel

Herbert Spencer

Augusto Comte

*Le Cemetière Merin*

Cesário Verde

*Uma Noite no Cairo*

*No Egito*

**5.18.2.1.10.1.** ANDRADE, Mário de. “Poesia malditas”. (69-103). Série de 24 poemas inéditos de Mário de Andrade que constam de um prefácio de Oneyda Alvarenga, a quem o material foi confiado.

Autores e/ou obras citadas:

*Pequena História da Música*

*A Costela do Grão Cão*

*Poesias Completas*

*Paulicéia Desvairada*

*Cartas de Andrade a Manuel Bandeira*

Manuel Bandeira

*O Empalhador de Passarinhos*

*Remate de Males*

**5.18.3.1.2.1.** MENDONÇA, Salvador de. “Cousas de meu tempo”. (107-198). Publicação dos artigos de Salvador de Mendonça que foram publicados anteriormente em *O Imparcial*.

**5.18.4.1.7.6.** CUNHA, A. G. “*Modelos de Verbetes de um Dicionário Histórico dos Indigenismos da Língua Portuguesa*”.. (201-209). *Dicionário histórico com expressões arcaicas incorporadas ao nosso idioma, que o autor chama de “brasileirismo”*.

**5.18.4.2.7.8.** CARMO, Célio Assis do. “Índice do Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro de Argeu Guimarães”. (211-221). Verbetes do Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro” de H a Z.

Autores e/ou obras citadas: vários

**5.18.6.1.10.8.** n.c. “Cinco Anos de Administração no Instituto Nacional do Livro”. (225-232). Balanço da administração do INL entre 1956 e 1960.

**5.18.6.2.10.8.** n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (232). Catálogo das publicações do Instituto Nacional do Livro no período.

**5.18.6.3.10.8.** n.c. “Prêmios do Instituto Nacional do Livro”. (223). Os prêmios para os melhores de 1959.

**5.18.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (237-294). Trabalhos publicados no Brasil entre julho e setembro de 1960.

Autores e/ou obras citadas: vários

**6.19.1.1.2.1.** XISTO, Pedro. “A Busca da Poesia”. (9-30). A revisão dos conceitos entre prosa e poesia.

Autores e/ou obras citadas:

*Doutor Fausto*

Heidegger

Herbert Read

Eurialo Canabrava

João Cabral de Melo Neto

Carlos Drummond de Andrade

Max Lerner

Edwin Mims

*Buriti*

*Grande Sertão: Veredas*

Franz Boas

João Guimarães Rosa

Platão

Dante

Virgílio

Stazio

R. Wellek

A. Warren

*Ilíada*

*Odisséia*

*Eneida*

*Divina Comédia*

*Os Lusíadas*

*Demanda do Santo Graal*

*Corpo de Baile*

**6.19.1.2.2.6.** COELHO, Jacinto do Prado. “O Aproveitamento Estilístico de Algumas Possibilidade Sintáticas do Português”. (31-41). A modernização da prosa literária portuguesa se dá através da ruptura da linguagem rebuscada e com a inserção da sintaxe oral.

Autores e/ou Obras Citadas:

Almeida Garret

Eça de Queiroz

Luís Antônio Verney

Camilo Castelo Branco  
 Júlio Diniz  
 Ernesto Guerra da Cal  
 Aquilino Ribeiro  
 Miguel Torga  
*Cinco Réis*  
*A Casa Grande de Romarigões*  
 Antônio Nobre  
*Ao Canto do Lume*

Epifânio da Silva  
 Leo Spitzer

Alf Lombard  
 Frei Luís de Sousa  
*Os Meus Amores*  
 Trindade Coelho  
*Amorinhos*  
 Teófilo Braga  
*Romanceiro Geral Português*  
*Viagens na minha terra*  
*Dicionário de Calão*  
 Albino Lapa

**5.19.1.3.2.10.8.** BENITÉZ, Justos Pastor. “Algunos Aspectos de la Cultura Guaranítica”. (43-57). A cultura dos antigos povos indígenas que habitavam o atual território paraguaio.

**6.19.1.4.2.1.** FERREIRA, Orlando da Costa. “Temáticas da Lineas”. (59-63). As várias atitudes da crítica diante dos novos rumos nos domínios da arte.

Autores e/ou obras citadas:

Maximilien Vox  
 Deberny  
 Peignot  
 Herbert Bayer  
 Feininger  
 G. W. Ovink  
 M. A. Tinker  
 Brör Zachrisson

**6.19.1.5.2.1.** SENA, Jorge de.”A Estrutura de Os Lusíadas”. (65-74). O autor faz críticas aos estudiosos de Camões, para em seguida fazer sua própria análise da estrutura de *Os Lusíadas*.

Autores e/ou obras citadas:

Camões  
*Os Lusíadas*  
 Emanuel Paulo Ramos  
 Ovídio  
 Pedro Nunes  
*Eneida*  
*Dom Quixote*  
*Guerra e Paz*  
*Os Irmãos Karamazov*  
*Moby Dick*

**6.19.1.6.2.1.** CUNHA, Fausto. “Recursos Acumulativos em Coelho Neto”. (75-81). Segundo o autor, Coelho Neto fazia uma literatura medíocre, já que a maioria de sua obra era encomenda de jornais.

Autores e/ou obras citadas:

Camilo Castelo Branco  
Lima Barreto  
Rui Barbosa  
Leconte  
Flaubert  
*A Conquista*  
*A Bico de Pena*  
*As Sete Dores de Nossa Senhora*  
*Fabulário*

*Imortalidade*  
Machado de Assis  
Thomas Hardy  
*Tess of the D'Ubevilles*  
José Geraldo Vieira  
*Quadragesima Porta*  
*Ladeira da Memória*  
*Fogo Fátuo*  
João Ribeiro  
*Banzo*

**6.19.1.7.2.8.** PEREIRA FILHO, Emanuel. “As Duas Versões do tratado de Pero de Magalhães de Gôndavo”. (83-107). Sobre o *Tratado da Terra Brasil*, considerado a primeira História do Brasil impressa em Portugal em 1576.

Autores e/ou obras citadas:

Rodolfo Garcia  
Afrânio Peixoto  
Lúcio de Azevedo

**6.19.1.8.2.8.** HECKER FILHO, Paulo. “O teatro Brasileiro”. (109-129). As relações entre literatura e teatro.

Autores e/ou obras citadas:

Gordon Crig  
*Panorama Visto da Ponte*  
Arthur Miller  
Cocteau  
Ionesco  
Gianfrancesco Guarniere  
Augusto Boal  
Pirandello  
  
Eugene O'Neill  
Bernard Shaw  
Garcia Lorca  
Giraudoux  
Crommelynck

Brecht  
Gonçalves Dias  
Mário de Andrade  
*Macário*  
Alvares de Azevedo  
*Gonzaga ou a Revolução de Minas*  
Castro Alves  
*Noite na Taverna*  
Artur Azevedo  
Machado de Assis  
Coelho Neto  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
Martins Pena  
*O Juiz de Paz da Roça*  
*O Judas em Sábado de Aleluia*

Contos Fora de Moda

**Emile Zola**

*Affaire Dreyfus*

Christopher Fry

*A Capital Federal*

Molière

Goldoni

Turbilhão

Armando Gonzaga

*Cala Boca, Etelvina*

Gastão Tojero

*Pensão da Dona Estela*

Renato Viana

*Sexo*

Ernâni Fornari

*Nada!*

*Iaiá Boneca*

*Sinha Môça Chorou*

**Paulo Magalhães**

*O Marido*

Raimundo Magalhães Júnior

*Carlota Joaquina*

*Canção Dentro do Pão*

**Henrique Pongetti**

*Amanhã se não chover*

*Deus lhe pague*

**Joraci Camargo**

*As Mãos de Eurídice*

**Pedro Bloch**

*Araposa e as Uvas*

Guilherme Figueiredo

**6.19.1.9.2.8.** LIMA, Herman. “Nossa Primeira Caricaturista”. (131-143). Nair de Teffé, a primeira caricaturista brasileira

Autores e/ou obras citadas:

Figueiredo Pimentel

João do Rio

Ruben Gill

*O Século Boêmio*

*Dom Casmurro*

*British Cartoonist*

David Low

Otto Prazeres

*Petrópolis, A Encantadora*

Chiquinha Gonzaga

*Corta – Jaca*

Miss Love

Coelho Neto

**6.19.2.1.10.8.** BROCA, Brito. “Das Memórias” (147-168). Sobre *Quando Havia Província*, livro de memórias de Brito Broca.

Autores e/ou obras citadas:

Otto Maria Carpeaux

*Minha Vida de Menina*

**6.19.3.1.10.1. ARANHA, Graça. “A Literatuta Atual no Brasil”. (171-192). Conferência realizada no Ateneu Argentino em dezembro de 1897.**

Autores e/ou obras citadas:

José Veríssimo	<i>Retirada dos dez mil</i>
<i>Estudo Brasileiros</i>	<i>Bíblia Sagrada</i>
Lúcio de Mendonça	<i>Dom Quixote</i>
Medeiros e Albuquerque	<i>Ilíada</i>
<i>História do Direito Nacional</i>	<i>Os Lusíadas</i>
Martins Júnior	Garcia Mérou
<i>Nevoas do Passado</i>	<i>O Mulato</i>
<i>Canaã</i>	<i>Sertão</i>
<i>Malazarte</i>	<i>Miragem</i>
Machado de Assis	<i>Álbum de Caliban</i>
Rui Barbosa	José do Patrocínio
Joaquim Nabuco	Pedro Tavares
Visconde de Taunay	Quintino Bocaiúva
Aluísio Azevedo	Ferreira Araújo
Coelho Neto	Carlos Laet
Raimundo Correia	Constância Alves
Sílvio Romero	Afonso Celso
Araripe Júnior	Afonso Arinos
Edgar Allan Poe	Domício Gama
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	Rodrigo Octávio
<i>Quincas Borbas</i>	Magalhães de Azevedo
Anatole France	Virgílio Rabelo
<i>Cartas de Inglaterra</i>	Valdomiro Silveira
Oliveira Lima	Antônio Sales
Valentim de Magalhães	Olavo Bilac
José de Alencar	Guimarães Passos
Bernardo Guimarães	Alberto de Oliveira
Inglês de Sousa	Artur Azevedo
<i>Inocência</i>	Silva Ramos
<i>Casa de Pensão</i>	João Ribeiro
<i>O Cortiço</i>	Felinto de Almeida
<i>Retirada da Laguna</i>	Raimundo Correia

**6.19.4.1.2.1. MASSA, Jean-Michel. “La Bibliothéque de Machado de Assis”. (195-238). Em comemoração aos cinquenta anos da morte de Machado de Assis, Jean-Michel Massa lança *A Biblioteca de Machado de Assis*.**

Autores e/ou obras citadas:

Lamartine

Victor Hugo  
 Alexandre Dumas  
 Prosper Mérimée  
 Gustave Flaubert  
 Pierre Loti  
 Arthur Napoleãoi  
 Charles Dickens

Lorde Byron  
 Artur Azevedo  
 Schopenhauer  
 J. C. Abreu  
 Antonio Feliciano de Castilho  
 Júlio de Castilho  
 Valentim Magalhães  
 J. M. Pereira da Silva

Salvador de Mendonça

**6.19.4.2.2.3.** COSME, Zilda. “Panorama da Composição Musical no Brasil”. (239- 247). Sobre o compositor musical Luís Cosme.

**6.19.6.1.8.8.** n.c. “Catálogo de Publicações do INL”. (249). As publicações do Instituto Nacional do Livro no período

Autores e/ou obras citadas: vários

**6.19.6.2.10.1.** n.c. “Brito Broca”. (250-251). Biografia de Brito Broca.

Autores e/ou obras citadas:

*A Gazeta*  
*Letras e Artes*  
*Jornal de Letras*  
*Correio da Manhã*  
*A Vida Literária*  
*Horas de Leitura*  
*Machado de Assis e a Política e outros Estudos*  
*Pontos de Referência*

*Quando Havia Província*  
*A Vida Literária no Brasi- Época Modernista*

**6.19.6.3.10.1.** n.c. “Centenários de 1961”. (251-253). Centenários da morte de Aureliano Lessa e Manuel Antonio de Almeida e os de nascimento de Cruz e Sousa, Xavier Marques e Manuel de Oliveira Paiva.

Autores e/ou obras citadas

Álvares de Azevedo  
 Bernardo Guimarães  
*Poesias Póstumas do Dr. Aureliano José*  
 Lessa  
 Plutarco

Lorde Byron  
 Musset  
 Alphonsus de Guimarães  
*Memórias de um Sargento de Milícias*  
 Eduardo Frieiro

*Do Lazarillo de Tormes ao filho de  
Leonardo Pataca  
Dona Guidinha do Poço  
Jana e Joel  
Uma Família Baiana  
Boto e Companhia  
Pindorama  
Sargento Pedro  
A Afilhada*

José Veríssimo  
Roger Bastide  
*Evocações*  
Virgílio Várzea  
*Tropos e Fantasias*  
*A Festa Inquieta*  
*Broquéis*

**6.19.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (257-308).  
Publicações no Brasil entre outubro e dezembro de 1960.

Autores e/ou obras citadas: vários

**6.20.1.1.2.1.** CUNHA, Fausto. “Castro Alves e o Realismo Romântico”. (7-22). A transição  
entre o romantismo e o parnasianismo.

Autores e/ou obras citadas:

Sílvio Romero  
Castro Alves  
*Espumas Flutuantes*  
Casimiro de Abreu  
*As Primaveras*  
*Sonetos e Rimas*  
Guimarães Rosa  
Olavo Bilac  
Cruz e Souza  
Alphonsus de Guimarães  
Vicente de Carvalho  
Alberto de Oliveira  
Raimundo Correia  
*Vozes d’Africa*  
Gonçalves Dias  
*Guesa Errante*  
Sousândrade  
Euclides da Cunha  
Carlos Ferreira  
Castro Rebêlo  
*Ardentias*  
Tito Livio de Castro  
Machado de Assis  
*Redivivas*

*Uma Cena de Outros  
Dias*  
Pedro Calasans  
Lorde Byron  
Victor Hugo  
Musset  
Quirino dos Santos  
José Bonifácio  
*Ofenísias*  
Pôrto-Alegre  
Bernardo Guimarães  
Lamartine  
Tobias Barreto  
*Flores Pálidas*  
Hoffmann  
Goethe  
Tomás Ribeiro  
Mário de Andrade  
João de Lemos  
Les Burgraves  
Lucrèce  
Flaubert  
Madame Bovary  
Baudelaire  
*Menores e Loucos*

Paes de Andrade  
Tônes Bandeira  
*Rosas Loucas*  
Junqueira Freire  
Fagundes Varela  
Luís Delfino  
Vitoriano Palhares  
Trajano Galvão  
Melo Morais Filho  
Pedro Luís  
*Terribilis Dea*  
Celso da Cunha  
Magalhães  
Alberto de Oliveira  
*Dias e Noites*  
*As Noites da Virgem*  
*As Peregrinas*  
*Aspectos da Literatura  
Brasileira*  
*Primeiros Sonhos*  
*Sinfonias*  
*Canções Romantiscas*  
Luís Murat  
Múcio Teixeira  
Tobias Barreto

**6.20.1.2.2.1.** CAMPOS, Haroldo de. “Maiakovski em Português: Roteiro de uma Tradução”. (23-50). O autor comenta o processo de tradução empregado em Maiakovski.

Autores e/ou obras citadas:

Ezra Pound	Iliá Erenburg
Arthur Waley	<i>Ivan, O Terrível</i>
Lila Guerrero	<i>Quando Voam as Cegonhas</i>
<i>Antologia de Maiakovski</i>	<i>Os Banhos</i>
Karl Dedecius	Walt Whitman
Sierguéiu Iessiênin	Arthur Rimbaud
Elsa Triolet	<i>O Lance de Dados</i>
Georges Triolet	Mallarmé
Georges Luckacs	Karl Marx
<i>La Signification Présente du Réalisme</i>	Hugh Kenner
<i>Critique</i>	Max Bense
James Joyce	<i>A Plenos Pulmões</i>
	Dylan Thomas

**6.20.1.3.10.1.** RAEDERS, Georges. “Le Caramuru Et Son Traducteur Français”. (51-66). A tradução de *Camaramurude* Santa Rita Durão para o francês.

Autores e/ou obras citadas:

José de Santa Rita Durão  
 Walter Scott  
 Manzoni  
 Basílio da Gama  
 Cooper  
*O Uruguai*  
*Marília*  
 Gonzaga  
 Rocha Pita  
 Simão de Vasconcelos  
 Francisco de Brito Freire

**6.20.1.4.2.1.** LORENÇO, Eduardo. “Presença ou a Contra-Revolução do Modernismo Português”. (67-81). O presencismo na literatura portuguesa.

Autores e/ou obras citadas:

Camões	<i>Os Carneiros</i>
Bocage	Fernando Pessoa
Almeida Garrett	Walt Whitman
Virgílio	Aristóteles

Kant  
Einstein  
*Ode Marítima*  
*Cântico Negro*  
*Jacob e o Anjo*  
José Régio  
Casais Monteiro  
Alberto Serpa  
Saúl Dias

Carlos Queiróz  
Vitorino Nemésio  
Antônio de Souza  
*Poemas Ibéricos*  
Antônio Ferro  
Marinetti  
Cendrars  
Appolinaire

**6.20.1.5.2.1.** SOIFER, Miguelina. “Bécquer y Baudelaire”. (83-91). A influência de Baudelaire na poesia de Bécquer.

Autor e/ou obras citadas:

Dámasio Alonso  
Victor Hugo  
Edgar Allan Pöe  
*Las Flores del Mal*  
José Pedro Dias  
Antonio Machado  
J. Ramón Jimenez  
Rubén Dário

**6.20.1.6.2.1.** CUNHA, José Mariano Carneiro da. “O Grande Personagem do ‘Calunga’ de Jorge de Lima”. (93-98). Estudo dos personagens do romance *Calunga* de Jorge de Lima

Autores e/ou obras citadas:

Strindberg  
*Invenção de Orfeu*

**6.20.1.7.10.6.** MARTINS, Heitor. “Notas para uma Metodologia da Língua Portuguesa no Exterior”. (99-106). Método de ensino da língua portuguesa para estrangeiros.

**6.20.1.8.2.1.** CASTRO, Sílvio. “Raquel de Queiroz e o Chamado Romance Nordestino”. (107-120). A temática nordestina nos romances de Raquel de Queiroz.

Autores e/ou obras citadas:

Domingos Olímpio  
José Lins do Rêgo  
*O Quinze*  
*Luzia Homem*

José Américo

*A Bagaceira*

Graciliano Ramos

*Vidas Sêcas*

*Fogo Morto*

*As Três Marias*

João Miguel

*Caminho das Pedras*

**6.20.1.8.2.3.** SALES, Vicente. “A Música em Belém no Século XIX”. (121-141). Partindo da música, o autor faz um balanço dos aspectos da vida social e religiosa no início do século XIX no Pará.

**6.20.2.1.4.8.** n.c. “Do Arquivo de Araújo Pôrto-Alegre”. (145-166). Série de cartas pertencentes ao acervo pessoal de Pôrto-Alegre, onde o autor se corresponde com alguns escritores.

Autores e/ou obras citadas:

Joaquim Norberto

Machado de Assis

**6.20.3.1.5.10.** SANTOS, Joaquim Felício dos. “Fragmento de um Manuscrito/Os Invisíveis”. (169-201). Publicação de duas narrativas de Joaquim Felício dos Santos (*Fragmento de um Manuscrito e Os Invisíveis*).

**6.20.4.1.10.1.** ANDRADE, Olímpio de Souza. “Os Sertões entre Dois Vales”. (205-213).

Conferência proferida em 9 de agosto de 1961, na abertura do ciclo da Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo.

Autores e/ou obras citadas:

Euclides da Cunha

*Os Sertões*

*Espumas Flutuantes*

Castro Alves

Voltaire

Augusto Comte

Fagundes Varela

Gonçalves Dias

Victor Hugo

História e Interpretação de “Os Sertões”.

**6.20.4.2.2.3.** COSME, Luís. “Criação Musical”. (215-217). Sobre o processo criativo na composição musical.

Autores e/ou obras citadas:

Gisèle Brelet  
Bèla Bartok  
Bohuslav Martinu  
*The Book of modern Composer*

**6.20.4.3.2.1.** CASTRO, Arnaldo José de. “Raúl Pompéia”. (219-226). O processo de criação do escritor Raúl Pompéia.

Autores e/ou obras citadas:

Monteiro lobato	<i>A Literatura das Letras</i>
Coelho Neto	<b>Maupassant</b>
Homer	Nerval
Virgílio	Kleist
Manuel Antônio de Almeida	Stendhal
Olívio Montenegro	Mário de Andrade
Cassiano Ricardo	Olavo Bilac
<i>A Poesia na Técnica do Romance</i>	<i>Vida Fluminense</i>
Dostoievski	Machado de Assis
Graciliano Ramos	Aluísio Azevedo
República das Letras	Júlio Ribeiro
<i>O Ateneu</i>	Cassiano Ricardo
	<i>Poesia Técnica do Romance</i>

**6.20.6.1.8.8.** n.c. “Catálogo das Publicações do INL”. (229). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

**6.20.6.2.6.8.** n.c. “Notícias da Seção de Enciclopédia e do Dicionário do INL”. (230-323). Informe sobre a confecção da enciclopédia e do dicionário.

**6.20.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “*Bibliografia Brasileira Corrente*”. (235-319). *Publicações no Brasil entre janeiro e junho de 1961.*

**7.21.1.1.2.1.** CAMPOS, Augusto de & CAMPOS, Haroldo de. “Sousândrade: O Terremoto Clandestino”. (9-75). Os autores propõem uma revisão da obra esquecida do romântico Sousândrade.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Harpas Selvagens</i>	García Lorca	<i>Le Monde est Méchant</i>
<i>Primaveras</i>	T.S. Eliot	<i>Carmen</i>
Casimiro de Abreu	Donne	<i>Tatuterama</i>
James Blish	Crashaw	<i>Inferno de Wall Street</i>
Ezra Pound	Marvell	<i>Mamãe Ganso</i>
Camilo Castelo Branco	Nerval	<i>Cancioneiro Geral de Resende</i>
<i>Cancioneiro Alegre</i>	Lautréamont	Álvaro Brito Pestana
Humberto de Campos	Corbière	Mallarmé
João Ribeiro	Arnault Daniel	Gil Vicente
Clarindo Santiago	Guido Cavalcanti	Gregório de Matos
Astolfo Serra	Robert Browning	Arnaut Daniel
Raimundo Lopes	Herbert Read	Robert Briffault
Fausto Cunha	Gerard Manley Hopkins	<i>Cantares</i>
<i>A Literatura no Brasil</i>	Dylan Tomás	Gonçalves de Magalhães
Sílvia Romero	Chateaubriand	<i>A Confederação dos Tamoios</i>
Edgard Cavalheiro	Musset	Pôrto-Alegre
Oswald de Andrade	Wordsworth	Harriet Beecher Stowe
<i>Panorama da Poesia brasileira</i>	Byron	<i>A Cabana do Pai Tomás</i>
Antônio Candido	<i>Fleurs du Mal</i>	Padre Manuel da Nóbrega
<i>Formação da Literatura Brasileira</i>	Baudelaire	<i>Cartas do Brasil</i>
	<i>Novo Éden</i>	
	Heidegger	
	<i>Hino à Noite</i>	
	Geneviève Bianquis	
	Théophilo Gauthier	

**7.21.1.2.2.1.** COELHO, Jacinto do Prado. “Presença da França nas Letras Portuguesas nos Séculos XVIII e XIX”. (77-93). Panorâma geral da influência francesa sobre as letras portuguesas nos séculos XVIII e XIX.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Relações Francesas do Romantismo Português</i>	Fernão Mendes Pinto
Vitorino Nemésio	<i>Os Lusíadas</i>
<i>Eça de Queiroz e a França</i>	<i>Dialoghi di Amore</i>
Pierre Hourcade	<b>Candide</b>
<i>Balzac em Portugal</i>	Voltaire
Aníbal Pinto de Castro	Leão Hebreu
<i>Trésor de la Cité des Dames</i>	Diana
Christine de Pisan	Jorge de Montemor
<i>Historie du Portugal</i>	<i>Lettres Portugais</i>
Goulard	<i>Espanáfora Amorosa</i>
<i>Georges le Gentil</i>	Francisco Manuel de Melo
<i>Peregrinação</i>	Antonio Ferreira
	Matias Aires

*Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*

**7.21.1.3.2.1.** CUNHA, Fausto. “Virtualidades Parnasianas do Colombo”. (95-101). Ensaio crítico sobre o livro *Colombo* de Pôrto-Alegre.

Autores e/ou obras citadas:

Augusto Meyer

Hélio Lobo

Manuel de Araújo Pôrto-Alegre

*A Literatura no Brasil*

*Confederação dos Tamoios*

Machado de Assis

Castro Alves

Castro Alves e o Realismo Romântico.

Franklin de Oliveira

*Guesa Errante*

Sousândrade

*Sinfonias*

Fagundes Varela

*Timbiras*

Gonçalves Dias

Olavo Bilac

*Ilha de Maré*

*Caramuru*

Eugênio Gomes

Álvares de Azevedo

Casimiro de Abreu

Mário de Andrade

*Aspectos da Literatura Brasileira*

**7.21.1.4.2.10.8.** BENÍTEZ, Justo Pastor. “El Folklore Paraguayo”. (103-109). Aspectos do folclore paraguaio.

**7.21.1.5.2.8.** RAEDERS, Georges. “Connaissance Du Brésil en France au XVI Siècle.”.(110-130) As concessões feitas pelo governo português à França em relação ao Brasil.

**7.21.1.6.2.1.** CAPOVILA, Maurice. “O Recado do Morro de João Guimarães Rosa”. (131-142). A constatação de duas realidades na obra *O Recado do Morro* de Guimarães Rosa.

Autor e/ou obras citadas:

Cavalcanti Proença

*A Condenação*

*Ezrählungen und Kleine Prosa*

Franz Kafka

*Trilhas do Gande Sertão*

**7.21.2.1.2.7.** NUNES, Benedito. “Farias Brito”. (145-150). A obra do filósofo Farias Brito.

Autores e/ou obras citadas:

Estudos de Filosofia e Teologia Intelectual

Finalidade do Mundo

A Filosofia Moderna

O Mundo como Atividade Intelectual

O Mundo Interior

**7.21.2.2.2.7.** BRITO, Farias. “Ensaio Sobre o Conhecimento”. (151-180). Fragmentos de *Ensaio sobre o Conhecimento* de Farias Brito.

**7.21.2.3.10.8.** BRITO, Maria José de Farias. “Dados Biográficos de Raimundo Farias Brito”. (181-190). Biografia de Raimundo Faria de Brito.

Autores e/ou obras citadas:

*Pequena história*

*Cantos Modernos*

*A Filosofia como Atividade Permanente do Espírito Humano*

*A Filosofia Moderna*

*A Verdade Como Regra das Ações*

*O Poema da Dor Base Física do Espírito*

*Mundo Interior*

*Dos Filósofos Brasileños*

**7.21.3.1.4.8.** CALDAS, Antônio de Sousa. “Cartas de Abdir a Irzerumo”. (193-212). A correspondência entre dois mulçumanos que trocam idéias sobre problemas diversos.

**7.21.4.1.2.7.** PAIM, Antônio. “Os Artigos de Tobias Barreto em Alemão”. (215-224). *Sobre alguns artigos de Tobias Barreto publicados na Alemanha*.

Autores e/ou obras citadas:

*Ruskisichtslose Briefe*

*Estudos de Direito*

Sílvio Romero

*Estudos Alemães*

José Carlos Rodrigues

Ensaaios e Estudos de Filosofia e Crítica.

**7.21.4.2.2.3.** COSME, Luís. “Música de Câmara Ingêsa”. (225-229). Notas sobre a música de câmara ingêsa.

**7.21.4.3.7.8.** ASSIS, Célio de. “Índice do *Dicionário Bibliographico de Brasileiros Célebres* de M. F. da Silva e das *Biografias de Brasileiros Ilustres* do Padre Rafael Maria Galanti”. (231-242). Tentativa de organizar um catálogo geral de autores e figuras destacadas da vida política e social brasileira.

Autores e/ou obras citadas: vários

**7.21.6.1.8.8.** n.c. “Catalogos das Publicações do INL”. (245-247). Obras publicadas pelo Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas: vários

**7.21.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente”. (251-348). Publicações no Brasil entre julho e dezembro de 1961.

Autores e/ou obras citadas: vários

**7.22.1.1.10.8.** VIANNA, Hélio. “Um famoso Panfleto de 1821”. (9-38). *Transcrição de um folheto publicado em 1821, que trata do regresso da família real a Portugal.*

**7.22.1.2.2.1.** NUNES, Benedito. “O Amor na Obra de Guimarães Rosa”. (39-62). São abordadas as obras de Guimarães Rosa através da análise de sua estrutura mítica.

Autores e/ou obras citadas:

*Grande Sertão: Veredas*

Sócrates

*O Banquete de Platão*

*A História de Lélío e Lina*

*Corpo de Baile*

*A Serpente Emplumada*

*Primeiras Histórias*

*Divina Comédia*

Dante

*As Margens da Alegria*

*Nenhum, Nenhuma*

*A Menina de Lá*

Platão

*O Banquete*

**7.22.1.3.2.1.** DENA, Jorge de. “A Estrutura de *Os Lusíadas*”. (63-83). O autor pesquisa a complexa simbologia numérica de *Os Lusíadas*.

**7.22.1.4.2.2.** LÓPEZ, Enrique Martinez. “Guia para Lectores Hispánicos del *Auto da Compadecida*”. (85-103). Levantamento das fontes populares do *Auto da Compadecida*.

Autores e/ou obras citadas:

*O Teatro Adolescente do Recife*

Jean Louis Marfaing

Georges Raeders

Fernando Soares

Willy Keller

Wojciech Chabasinski

Dillwyn F. Ratcliff

*Teatro do Estudante de Pernambuco*

*A Barraca*  
 Gilberto Freire  
*Milagros de nuestra Señora*  
 Gonzale de Berceo  
*El Teatro del Mundo*  
 Gil Vicente

*Auto da Barca da Glória*  
 Ariano Suassuna  
 Cervantes  
*O Casamento Suspeitoso*  
 Antônio José da Silva  
*O Judeu*

**7.22.1.5.2.1.** CUNHA, José Mariano Carneiro da. “A existência como competição lúdica em *O Encontro Marcado* de Fernando Sabino”. (105-109). O texto aborda um dos aspectos da psicologia existencial do personagem Eduardo Marciano do romance de Fernando Sabino *O Encontro Marcado*.

**7.22.2.1.4.1.** SENNA, Homero. “Correspondência entre Escritores”. (113-116). Análise de duas cartas inéditas de Mário de Andrade para Sousa da Silveira.

Autores e/ou obras citadas:

*República das Letras*  
 Manuel Bandeira  
*Meu Poeta Futurista*  
*Gramatiquinha da Fala Brasileira*  
*Há uma gota de sangue em cada poema*

Olavo Bilac  
 Raimundo Correia  
 Vicente de Carvalho  
 Amadeu Amaral  
 Alberto de Oliveira  
*Espumas Flutuantes*  
*Paulicéia Desvairada*

Machado de Assis  
 Gonçalves Dias  
 História da Música  
 Carlos Drummond de Andrade  
 José Lins do Rego  
 Laudelino Freire  
 Afrânio Peixoto  
 João Ribeiro  
 José de Alencar  
*Minas de Prata*  
 Lúcio Cardoso

*Maleita*

Severino de Sá Brito  
*Trabalhos e Costumes Gaúchos*  
*Vejo Lágrimas*

Leonardo Mota  
 Heitor Martins  
 Heitor Martins de Ataíde  
*História do Menino da Floresta*  
 Basílio Machado  
*Madresilvas*  
*Belazarte*  
 Cláudio Manuel da Costa

Camões  
*Remate de Males*  
*A escrava que não era Isaura*  
*Amar, Verbo Intransitivo*  
*Macunaíma*

Tristão de Ataíde  
*Ensaio Sobre Música Brasileira*

Camargo Guarnieri  
 Compêndio de História da Música  
 Modinhas Imperiais

**7.22.2.2.4.8.** ANDRADE, Mário de. “Mário de Andrade a Sousa da Silveira”. (117-126). Da correspondência de Mário de Andrade com Sousa da Silveira.

*Belazartes*

Cláudio Manuel da Costa

Camões

Olavo Bilac

Macedo Papança

Vicente de Carvalho

Gonçalves Dias

*Paulicéia Desvairada*

Manuel Bandeira

*Remate de Males*

*A Escrava que não é Isaura*

Bach

Beethoven

*O Losango Cáqui*

*Primeiro Andar*

Oliveira Viana

*Há uma Gôta de Sangue em cada Poema*

*Amar, Verbo Intransitivo*

*Macunaíma*

*Compêndio de História da Música*

*Modinhas Imperiais*

**7.22.3.1.10.8.** MIRANDA, Manuel José de. “Alexandre Rodrigues Ferreira”. (137-144). Nota biográfica sobre o cientista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira.

**7.22.3.2.10.8.** FERREIRA, Alexandre Rodrigues. “Notícia Histórica da Ilha de Joanes ou Marajó”. (145-164). Documento inédito sobre a Ilha de Marajó, antiga Ilha Joanes.

**7.22.4.1.5.5.** ANDRADE, Rodrigo M. F. de. “O Aleijadinho de Germain Bazin”. (167-173). Lançado em Paris, um livro sobre Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, de autoria de Germain Bazin, conservador-chefe do museu do Louvre.

**7.22.4.2.2.8.** BRAGANÇA, Carlos “Tasso de Saxe-Coburgo e. A Imperatriz Dona Leopoldina. Sua correspondência com Maria Luísa Parma”. (175-181). O autor discorre sobre sua quarta avó materna, a Imperatriz Leopoldina.

**7.22.4.3.8.3.** CORRÊA, Sérgio Alvim. “Catálogo Geral da obras de Alberto Nepomuceno (1864-1920)”. (183-196). Extenso catálogo da produção musical do compositor Alberto de Nepomuceno, compilado por seu neto Sérgio Alvim.

**7.22.6.1.8.8.** n/c. “Publicações Periódicas” (198 -202). Listagem de periódicos publicados no período.

**7.22.7.1.8.8.** OTTONI, Áureo. “Bibliografia Brasileira Corrente” (203-384). Publicações no Brasil entre janeiro e dezembro de 1962.

Autores e/ou obras: vários

**8.23.1.1.2.1.** KNOLL, Victor. “Vidas Sêcas”. (7-29). Neste estudo, o autor verifica o pessimismo de Graciliano Ramos comparando-o a Dostoievski.

Autor e/ou obras citadas:

*Insônia*  
*São Bernardo*  
*Corpo de Baile*  
*Recado do Morro*  
 Guimarães Rosa  
 Memórias do Cárcere  
 Caetés  
 Mário de Andrade  
*Recordação da Casa dos Mortos*  
 Dostoievski  
*Angustia*

**8.23.1.2.2.1.** SENA, Jorge de. “A Estrutura de *Os Lusíadas*”. (31-80). O autor mostra como Camões organiza dentro de um esquema geométrico o material que irá constituir a sua obra.

**8.23.1.3.2.7.** PAIM, Antônio. “Importância e Limitações na Obra Filosófica de Tobias Barreto”. (81-105). A propósito da reedição de dois volumes das obras completas de Tobias Barreto.

Autores e/ou obras citadas:

Evaristo de Moraes Filho	Victor Egger
Alcides Bezerra	<i>Curso de História e Filosofia Moderna</i>
Matias Aires	Antônio Pedro de Figueiredo
Mont’Alverne	Sílvio Romero
Paulo Mercadante	Virgílio
<i>Os Fatos do Espírito Humano</i>	Sá Pereira
Domingos de Magalhães	Frederico Helmholtz
<i>Investigções Psicológicas</i>	J. Zollner
Visconde de Araguaia	Kant
Eduardo Ferreira França	<i>Introdução ao Estudo do Direito</i>
<i>Compêndio de Filosofia</i>	Haeckel
Morais Tôrres	Artur Orlando

**8.23.1.4.10.8.** CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. “Língua Européia de Ultramar – O Português do Brasil”. (107-118). Palestra feita no Seminário Românico da Universidade de Bonn e publicada em alemão em *Archiv Für das Studium der Neuren Sprachen und Literaturen*.

Autores e/ou obras citadas:

José de Alencar  
 Rufino José Guervo  
 Machado de Assis  
 José Jorge Paranhos da Silva  
 Batista Caetano  
 Renato Mendonça  
*Les Langues dans l'Europe Nouvelle*  
 Roman Jakobson  
 Franz Boas  
 Valdomiro Silveira  
 Simões Lopes Neto  
 Mário de Andrade  
*Macunaíma*  
 Curt Nimuendaju

**8.23.2.1.10.8.** n.c. “Nomeação de Medeiros e Albuquerque”. (121-127). Publicação de decreto de nomeação para funções públicas do jornalista Medeiros e Albuquerque.

**8.23.4.1.2.1.** PROENÇA, M. Cavalcanti & ANTUNES, Sávio. “Sextina Lúdica”. (131-137). Estudo em que os autores analisam os aspectos esotéricos de uma sextina de Bernardino Ribeiro.

**9.24.1.1.2.8.** TORRES, João Camilo de Oliveira. “Tobias Barreto e o Poder Moderador”. (9-17). *A posição adotada por Tobias Barreto em relação ao poder moderador, instituído pela Constituição do Império.*

Autores e/ou obras citadas:

*Princípios de Politique*  
 Benjamin Constant  
 José Antônio Pimenta Bueno  
*Direito Público Brasileiro*  
 Zacarias de Góis Vasconcelos  
*A Questão do Poder Moderador*

**9.24.1.2.10.1.** HAM, Edward B. “Crítica Textual e o Senso Comum”. (18-37). Palestra a respeito dos problemas da crítica textual.

Autores e/ou obras citadas:

Charles Livingston  
 Yakov Malkill  
 Housman  
 Bateman Edwards

Albert Henry  
 Albert C. Clark  
*Descent of Manuscripts*  
 Mário Roques  
*The Owl and the Nightingale*  
*El Libro de Alexandre*  
 Mildred K. Pope  
 Wilmotte  
 Philipon  
 U. T. Holmes  
*Recent Developments in Textual Criticism*  
 Paul Maas

**9.24.1.3.2.2.** FURTER, Pierre. “The Theatre Politique, de Bertold Brecht a Friederch Dürrenmantt”. (38-49). Minucioso estudo do teatro político de Brecht e Dürrenmatt.

**9.24.1.4.2.1.** SANTIAGO, Silviano. “Fragmento de ‘Les Faux-Monnayeurs’”. (50-94). Um estudo de Silviano Santiago do manuscrito inédito *Les Faux Mannayeurs* de André Gide.

**9.24.3.1.10.8.** MAGALHÃES, Celso de. “Carranquinhas”. (97-129). Transcrição dos folhetins de Celso de Magalhães publicados no jornal *O País* de São Luís, entre 1827 a 1873, precedidos de um ensaio de Alexandre Eulálio.

**9.24.4.1.2.1.** LIMA, Herman. “Os Sósias do Romance e da Vida”. (133-144). Estudo da obra e da vida de Alphonse Daudet.

Autores e/ou obras citadas:

*Trent ans de Paris*  
 Alphonse Daudet  
 Tartariri de Tarascon  
*Figaro*  
 Lucien Descaves  
 Georges Simeon  
*Coup de Lune*  
 Pierre Hubermont  
 Hardi Montarchain  
 Pot-Bouille  
 Emile Zola  
 Stendhal  
*Le Rouge et le Noir*  
 Aluísio de Azevedo  
*O Mulato*  
*A Normalista*

*Roteiro de Adolfo Caminha*  
 Raul Pompéia  
 O Ateneu  
 Lima Barreto  
*Numa e a Ninfa*  
*Os Maias*  
 Eça de Queiroz  
 Aristófanos  
 Sócrates  
*Nuvens*  
 Balzac  
*Comédia Humana*  
 Flaubert  
*Tentação de Santo Antônio*  
*Madame Bovary*  
 Guerra Junqueiro

*Mar Morto*  
*Gabriela Cravo e Canela*  
*Tres Novelas Ejemplares y un Prologo*  
 Unamuno

Shakespeare  
*Guerra e Paz*

**9.24.4.2.4.8.** VIANNA, Hélio. “Cartas de Diplomatas a Araújo Pôrto-Alegre”. (147-150). A correspondência recebida por Pôrto-Alegre.

**10.25.1.1.4.8.** VIDAL, Ademar. ‘Mário de Andrade e o Nordeste’. (9-46). *A visita de Mário de Andrade à Paraíba a partir de uma série de cartas.*

**10.25.1.2.2.8.** DIAS, Antônio Caetano. “Biblioteca Universitária: Sua integração ao Processo de Desenvolvimento”. (47-53). O papel da biblioteca universitária no desenvolvimento do país.

**10.25.2.1.10.1.** ROSA, Guimarães. “Simple Passaporte”. (57-61). Prefácio para a terceira edição do livro de impressões de viagens *De Sete Lagoas aos Sete Mares* de Vasconcelos Costa.

**10.25.4.1.2.1.** ATHAYDE, Tristão de. “O Patriota Expatriado”. (65-66). Artigo sobre Afonso Arinos.

Autor e/ou obras citadas:

Afonso Arinos  
*Pelo Sertão*  
 Remy de Goncourt  
 Capistrano de Abreu  
 Gilberto Amado  
 Aluísio Azevedo  
 Graça Aranha  
*Contratador de Diamantes*  
 Eduardo Prado

**10.25.4.2.2.1.** MELLO, Silva. “Recordações de Gastão Cruls”. (67-72). Artigo onde são lembradas certas características da personalidade de Gastão Cruls, com reprodução de dois trabalhos desconhecidos do autor.

**10.25.4.3.2.1.** PIMENTEL, Fonseca. “Gonzaga e Puchkin”. (73 – 80). O estudo levanta dúvidas sobre um poema de Tomás Antônio Gonzaga, que na verdade teria sido de Puchkin.

Autores e/ou obras citadas:

*Marília de Dirceu*

*Obras Completas de Gonzaga*  
*Guerra e Paz*  
 Tolstoi

**10.25.8.1.10.8.** PEREGRINO, Umberto. “INL: Perspectivas”. (83-85).  
 Transcrição do discurso de posse do novo diretor do INL, Umberto Peregrino, que definiu as linhas do plano de ação que se propõe a realizar, com o objetivo de democratizar o livro e estabelecer condições favoráveis ao desenvolvimento da cultura brasileira.

**10.25.8.2.10.8.** CUNHA, Fausto. “INL: 30 Anos”. (91-105). Texto comemorativo dos 30 anos do INL.

**10.25.8.3.10.8.** MENEZES, Fagundes de. “CNL: Organização e Funcionamento”. (107-119). Texto que explica a organização e funcionamento da CNL – Campanha Nacional do Livro.

**10.25.8.3.10.8.** PEREIRA, Arlindo. “O INL no “Diagnóstico Preliminar da Cultura”. (121-125). O papel do INL na cultura brasileira.

**10.25.8.4.8.8.** OTTONI, Áureo. “INL: Bibliografia”. (127-147). Bibliografia corrente no Brasil de 1941 a 1967.

*Autores e/ou obras citadas: vários*

**10.25.8.5.8.8.** RAMOS, Maria. “Ação Editorial do INL”. (149-158). As obras raras publicadas pelo INL.

*Autores e/ou obras citadas: várias*

**10.25.8.6.10.8.** SOUZA, J. Gaklante de. “Atividades da SED em 67”. (159- 161). Os trabalhos realizados pelo SED (Seção da Enciclopédia e do Dicionário).

**10.25.8.7.10.8.** ALMEIDA, George Cunha de. “Assessoria da Biblioteconomia”. (163- 167). As atribuições específicas da campanha nacional do livro.

**10.25.8.8.10.8.** MORAIS, Santos.”SB: Livros para todo o Brasil”. (169-181). A seção de bibliotecas é a responsável por organizar um cadastro geral de bibliotecas, as quais inscritas nesta seção do INL, passarão a receber doações.

**11.26.1.1.2.1.** ARINOS, Afonso. “Uma Visão de Euclides da Cunha”. (9-22). A personalidade e a obra de Euclides da Cunha.

*Autores e/ou obras citadas:*

José Veríssimo

*Estudos de Literatura*  
Santiago Dantas  
*Dois Momentos de Rui Barbosa*  
Joaquim Nabuco  
*Um Estadista do Império*  
Raimundo Correia  
*Pelo Sertão*  
Afonso Arinos  
Machado de Assis  
*Dom Casmurro*  
Olavo Bilac  
*Canaã*  
Graça Aranha  
*Os Sertões*  
*Contrastes e Confrontos*

Araripe Júnior  
Rui Barbosa  
*Poemas e Canções*  
Vicente de Carvalho  
Castro Alves  
Álvares de Azevedo  
Gilberto Freire  
*Perfil de Euclides da Cunha*

Afrânio Coutinho  
*A Literatura no Brasil*  
*Ilíada*  
*Canção de Rolando*  
Franklin Távora  
Sílvio Romero  
Olimpio de Sousa Andrade  
*História e Interpretação de “Os Sertões”*  
Eduardo Prado  
*Os Jagunços*  
*Guerra e Paz*  
Camões  
Dante  
Lúcio de Mendonça  
Gastão da Cunha  
Artur César Ferreira Reis  
*A Amazônia que os portugueses revelaram*  
Leandro Tocantins  
*Formação Histórica do Acre*  
Tavares Bastos  
*Acalanto de Seringueiro*  
Mário de Andrade  
*À Margem da História*

**11.26.1.2.2.8.** IPANEMA, Marcelo. “Subsídio para a História das Livrarias”. (23-31). Texto sobre as livrarias do Rio Antigo.

11.26.1.3.2.8. DOYLE, Plínio. “Histórias de Revistas e Jornais Literários”. (33-45). Parte de um longo estudo de Plínio Doyle sobre periódicos. Aqui um estudo das revistas *Nitheroy* e *Guanabara*.

**11.26.2.1.10.1.** MARIANO, Olegário. “Se não me falha a memória...”.(49-92). *As memórias inacabadas de poeta Olegário Mariano com nota introdutória de Herman Lima.*

**11.26.3.1.4.8.** VIANNA, Hélio. “Carta de Capistrano de Abreu a Tobias Monteiro”. (95-100). *Carta de Capistrano de Abreu a Tobias Monteiro a propósito da obra Pesquisa e Depoimentos para a História.*

**11.26.7.1.8.8.** n.c. “Dicionários Brasileiros 1938/1967”. (103-124). Relação de todos os dicionários lançados entre 1938 e 1967.

Autores e/ou obras citadas: várias

**11.26.9.1.2.1.** OSTA, Winifred H. “O Tempo, a Noite e o Vento em Três Obras de Moacir C. Lopes”. (127-138). Alguns dados peculiares nos romances de Moacir C. Lopes.

Autores e/ou obras citadas:

*Navio do Morto*  
*Os Dez Mandamentos*  
*Cais, Saudade em Pedras*  
*A Ostra e o Vento*  
*Belona, Latitude Noite*

**11.26.9.2.3.1.** FIGUEIREDO, Guilherme de. “Cecília Meireles em Francês”. (139-144). Crônica de Guilherme de Figueiredo acerca do lançamento dos poemas de Cecília Meireles na França.

**11.26.4.1.2.1.** ATHAYDE, Austregésilo de. “Medeiros e Albuquerque”. (133-144). Reprodução de um artigo de Austregésilo de Athayde sobre a obra de Medeiros e Albuquerque.

**11.26.4.2.3.1.** MONTELLO, Josué. “Grande Rosa: Saudades”. (145-147). Sobre a posse de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras.

Autores e/ou obras citadas:

*Pequeno Amedotário da Academia Brasileira de Letras*  
*Dom Casmurro*  
*Várias Histórias*  
Machado de Assis  
*Quincas Borba*  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*

**11.26.4.3.2.1.** CUNHA, Edson Nery da. Oliveira Lima. “Bibliofilo e Bibliógrafo”. (149-151). A personalidade do escritor Oliveira Lima.

**11.26.8.1.6.8.** n.c., n.c. (155-173). Esta seção traz notícias referentes ao INL: posse do novo diretor, cargos de chefia, intercâmbios Brasil-Espanha, etc.

**11.26.5.1.6.8.** n.c., n.c. (175-179). Nova seção que traz as atividades propostas pelo INL.

**11.27.1.1.2.8.** PEREGRINO, Umberto. “Livro e Cultura - A problemática geral do livro no Brasil e, em particular no Estado da Guanabara”. (11-20). Texto do diretor do INL, onde é discutido os problemas do livro no Brasil.

**11.27.1.2.2.8.** NOBREGA, MELLO. “Ocultação e Disfarçe de Autoria - Do anonimato ao nome literário”. (21-47). Um estudo acerca do anonimato e uso dos pseudônimos no mundo das letras.

**11.27.1.3.2.8.** SOUZA, J. Galante de. “Referências Bibliográficas - Sugestões para um plano de normas de uniformização” (49-86). O texto discute um padrão para a referência bibliográfica.

**11.27.1.4.2.1.** LIMA, Herman. “A Guerra dos Canudos, num Romance de Afonso Arinos”. (89-101). O estudo do romance *Os Jagunços* de Afonso Arinos

Autores e/ou obras citadas:

*Os Sertões*

Araripe Júnior

*Os Jagunços*

*Pelo Sertão*

Afonso Arinos

Tristão de Ataíde

Plínio Doyle

*História e Paisagem*

*Lendas e Tradições Brasileiras*

*O Contador de Diamantes*

*O Mestre do Campo*

Brito Broca

Gil Cássio

Olavo Bilac

*Ironia e Piedade*

*O Caçador de Esmeraldas*

Euclides da Cunha

**11.27.1.5.2.8.** DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (103-119). Estudo das revistas *Estética* e *Nova*.

**11.27.2.1.10.1.** Olympio, Domingos. “A Teoria da Felicidade”. (123-131). Um conto inédito do autor de *Luzia Homem*.

**11.27.3.1.2.8.** VIANNA, Hélio. “D. Pedro e o Incunábulo do Caraça”. (135-141). A visita de D. Prdro II ao Colégio de Caraça em Santa Bárbara , Minas Gerais, onde se constaria posteriormente que o mesmo havia “subtraído” uma obra rara da biblioteca do referido colégio.

**11.27.7.1.8.1.** GRAVATÁ, Hélio. .”Bibliografia de/sôbre Afonso Arinos”. (143-155). As obras de Afonso Arinos.

*11.27.4.1.3.1. MONTELLO, Josué. “Lembrança de Afonso Pena Júnior”. (159-161). Duas crônicas evocando a figura humana de Afonso Pena Júnior.*

Autores e/ou obras citadas:

*Memórias*

*A Arte de Furtar e seu Autor*

*Histórias da Vida Literária*

*Cartas Chilenas*

**11.27.4.2.2.1.** MORAIS, Walfrido. “O Primeiro Romance dos Garimpos da Bahia”. (163-166). O romance *Larvas Diamantinas* de Marcelino José das Neves, sobre os costumes regionais dos garimpos da Bahia.

Autores e/ou obras citadas:

*Maria Dusá*

Lindolfo Rocha

*Bugrinha*

Afrânio Peixoto

*Garimpos*

*Cascalho*

Herberto Sales

Horácio Matos, Sua Vida e suas Lutas.

Olímpio Barbosa

*Montalvão e o Chefe Horácio de Matos*

Américo Chagas

*Jagunços e Heróis*

*Memórias Descritivas*

Gonçalo Ataíde Pereira

*A Mulher do Chale Preto*

*Maninha*

**11.27.4.3.3.1.** ATHAYDE, Tristão de. “Um Grande Vivo”. (167-168). A respeito de Mário de Andrade.

Autores e/ou obras citadas:

Mário de Andrade

Lígia Fernandes

Augusto Meyer

Murili Rubião

Antônio de Alcântara Machado  
 Oswald de Andrade  
 Manuel Bandeira  
 Simões dos Reis

**11.27.4.4.2.1.** FILHO, Adonias. “Best-Seller”. (169-170). Sobre a lógica de um best-seller.

Autores e/ou obras citadas:

*Nada de Novo no Front*  
*Bom Dia, Tristeza*  
*Lolita*  
*Exodus*  
 Alexandre Dumas  
 Pasternak  
 Schwarz-Bart  
 Morris West  
 Dickens  
 O. Henry  
 Ernst Hemingway

**11.27.8.1.10.8. n.c.** “As atividades do INL no 1º Trimestre de 1968”. (173-193). *Relação das atividades efetuadas pelo INL.*

**11.27.10.1.10.8.** n.c., n.c. (197-202). Sobre o lançamento de vários livros.

Autores e/ou obras citadas: vários

**11.27.5.1.10.8. n.c.c.** “Prêmio Rondon, Euclides e Viriato Corrêa”. (205-206). *Decreto do presidente Costa e Silva, instituindo prêmios cívicos-culturais para ciclos ginásial e colegial, proposta do INL.*

**11.28.1.1.2.8.** LUCAS, Fábio. “Da Epígrafe”. (11-24). História e psicologia da epígrafe enquanto problema do livro e problema do autor.

Autores e/ou obras citadas:

<i>L’Espirito de Lois</i>	Cesare Cases	<i>Glaura</i>
Montesquieu	Lupe Cutrim Garaude	Silva Alvarenga
Confession	<i>Inventos</i>	<i>Princípios de Economia e Política</i>
Rosseau	Josué Montello	José da Silva Lisboa
<i>Literatura e Humanismo</i>	<i>Dois Vezes Perdida</i>	Gonçalves Dias
Carlos Nelson Coutinho	Marshall McLuhan	<i>Bíblia Sagrada</i>
G. Luckacs	Miguel de Unamuno	

Victor Hugo	<i>Marco Zero</i>	Rillke
Lorde Byron	Carlos Drummond de Andrade	John Donne
Turquety	<i>O Gerente</i>	<i>O Triunfo das Águas</i>
Shakespeare	<i>Claro Enigma</i>	César Leal
Ésquilo	Valéry	Leonidas Câmara
Horácio	<b>Manuel Bandeira</b>	Roberto Campos
Virigílio	<i>A Cinza das Horas</i>	Celso Furtado
Tasso	<i>Carnaval</i>	<i>Desenvolvimento e</i>
Dante	<i>Mafuá de Malungo</i>	<i>Subdesenvolvimento</i>
Petrarca	Emílio de Menezes	Osman Lins
Metastásio	<i>O Cancioneiro</i>	<i>Nove, Novena</i>
Bocage	Pedro Salinas	Autran Dourado
Lamartine	João Cabral de Melo Neto	<i>A Ópera dos Mortos</i>
Clément Marot	<i>Psicologia da</i>	Claude Lévi-Struss
<i>O Poema do frade</i>	<i>Composição</i>	Darci Damasceno
Júlio Ribeiro	Jorge Guillén	<i>Cemitério Marinho</i>
<i>A Carne</i>	Clarice Lispector	<i>Labirinto</i>
Emile Zola	<i>Perto do Coração</i>	Antônio Rangel Bandeira
<i>Germinal</i>	<i>Selvagem</i>	<i>Aurora Vocular</i>
Aluísio Azevedo	<i>A Maçã no Escuro</i>	Ruben Fonseca
<i>O Homem</i>	Marques Rebelo	Wander Piroli
Cruz e Souza	<i>O Espelho Partido</i>	<i>Os Prisioneiros</i>
Lima Barreto	George Moore	<i>A Coleira do Cão</i>
<i>Recordações do Escrivão</i>	<i>Memórias de Minha Vida</i>	Theodore Roethke
<i>Isaías Caminha</i>	<i>Morta</i>	<i>A Mãe e o Filho da</i>
Mário de Andrade	<i>O Trapicheiro</i>	<i>Mãe</i>
Oswald de Andrade	Raul Leoni	José Edson Gomes
<i>Os Condenados</i>	<i>A Mudança</i>	<i>Os Ossos Rotulados</i>
<i>Memórias Sentimentais</i>	Lêdo Ivo	<i>O País dos Homens</i>
<i>de João Miramar</i>	Hilda Hilst	<i>Calados</i>
<i>O Uruguai</i>	Camões	<i>Industria</i>
Basílio da Gama		Mário Chamie
<i>Ponta de Lança</i>		

**11.28.1.2.2.1.** BARBOSA, Francisco de Assis. “Contribuições para uma edição crítica das poesias de Augusto de Campos”. (25-53). Preparação de uma provável edição crítica da obra de Augusto dos Anjos.

Autores e/ou obras citadas:

Obras de Lima Barreto  
M. Cavalcanti Proença  
Antônio Houaiss  
*Eu*  
Carlos Ribeiro  
Castro e Silva

*Augusto dos Anjos, Poeta da Morte e da Melancolia*  
*Augusto dos Anjos, o Poeta e o Homem*  
 Humberto Nóbrega  
*Augusto dos Anjos e sua Época*  
*Poema Negro*  
*Bíblia Sagrada*  
*Perfis da Noite*  
 Santos Neto

**11.28.1.3.10.1.** SOUZA, J. Galante de. “Nestor Vítor”. (56-62). Síntese biográfica de Nestor Vítor, acompanhada de sua bibliografia.

Autores e/ou obras citadas:

<i>Signos</i>	<i>Três Romancistas do Norte</i>
Cruz e Souza	Farias Brito
<i>O Elogio do Amigo</i>	Sílvio Romero
<i>Amigos</i>	Tristão de Ataíde
Júlio Estrela Moreira	Andrade Muricy
<i>A Sabedoria e o Destino</i>	Afrânio Coutinho
Maeterlinck	Wilson Martins
<i>Últimos Sonetos</i>	Ibsen
<i>A Terra do Futuro</i>	Noralis
Dias da Rocha Filho	Carlyle
Rodolfo Teófilo	Nietzsche
Xavier Marques	<i>Missal</i>
Papi Júnior	

**11.28.1.4.2.8.** CAMACHO, Fernando. “Universidade de Essex e os Estudos Brasileiros na Grã-Bretanha”. (63-73). Texto sobre as realizações da Universidade de Essex no sentido da difusão dos estudos brasileiros.

**11.28.1.5.2.8.** DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (75-79). Continuando o estudo de periódicos, Plínio Doyle escreve sobre a *Gazeta Literária*.

**11.28.2.1.10.1.** FONTES, Amando. “Deputado Santos Lima - Primeiros capítulos de um romance inacabado”. (83-126). Trecho de um romance inacabado que narra imagens da vida brasileira, particularmente da vida política.

**11.28.3.1.10.8.** ARANHA, Graça. “A Emoção Estética na Arte Moderna”. (129-135). O discurso de Graça Aranha na abertura da semana de arte moderna.

*11.28.7.1.2.2. n.c. “Bibliografia de/sôbre Teatro 1938/67”. (139-170). “A evolução do teatro brasileiro”.*

**11.28.4.1.2.8.** BRITO, Mário da Silva. “Graça Aranha: Chefe – ou não – da Semana de Arte Moderna”. (173-178). A polêmica criada em torno de Graça Aranha como sendo o articulador da semana de arte moderna.

**11.28.4.2.2.1.** CAVALCANTI, Valdemar. “Amando Fontes”. (179-181). Sobre um romance inacabado de Amando Fontes.

**11.28.10.1.10.7.** PEREIRA, Armindo. “Filosofia em Verbetes”. (185-187). Reedições do segundo volume do dicionário de filosofia de Órris Soares.

**11.28.8.1.6.8.** n.c. “Atividades do 2º Trimestre”. (191-205). As realizações do INL no 2º trimestre de 1968.

**11.28.5.1.10.8.** n.c. “Exportação de Livros Antigos. Reforma dos Orgãos Culturais”. (209-210.). Decreto-lei nº 5.471 de 9 de julho de 1968, que dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros.

*11.29.1.1.2.8. FERREIRA, Orlando da Costa. “Para uma Introdução ao Estudo do Produto Bibliográfico”. (11-33). As características do produto bibliográfico com indicações de sua evolução em termos de arte e técnica.*

**11.29.1.2.2.1.** PEREGRINO JÚNIOR. “Língua e Estilo de José Lins do Rêgo” (35-51). As peculiaridades da linguagem e do estilo do escritor José Lins do Rêgo.

Autores e/ou obras citadas:

*Macunaíma*  
*A Bagaceira*  
 José Américo  
*Fogo Morto*

Sérgio Millet  
*As Minas de Prata*  
*Moleque Ricardo*

**11.29.1.3.2.8.** DOYLR, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (53-62).  
 Reconstituição da trajetória da revista *Klaxon*

**11.29.2.1.4.6.** LOUZADAS, Wilson. “Uma Carta de Gonçalves Dias”. (65-68). Carta do poeta Gonçalves Dias, datada de 1864, com pontos de vista a respeito das transformações da língua portuguesa no Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

Homero  
 Virgílio  
 Almeida Garret  
*Viagens à minha Terra*  
 Gregório de Matos

**11.29.3.1.10.8.** LIMA, Jorge de. “Preparação à Poesia”. (75-107). Espécie de diário literário de Jorge de Lima, onde o autor registra idéias a respeito do exercício da poesia, repercursão de certos contatos, impressões de leitura e surpresas e dúvidas diante da literatura e da vida.

Autores e/ou obras citadas:

Freud  
 Dante Alighieri  
 Maritan  
 Claudel  
 T.S. Eliot  
 João Gaspar Simões  
 Adolfo Casais Monteiro  
 Rimbaud  
 Murilo Mendes  
 Manuel Bandeira  
 Carlos Drummond de Andrade  
 José Lins do Rêgo  
 Mário de Andrade  
 Aloísio Branco  
 Valdemar Cavalcanti  
 Cassiano Ricardo  
 Tarsila do Amaral  
 Raymundo Magalhães  
 Oswald de Andrade

Eugênia Moreira  
 José Maria Morais  
 Alceu Amoroso Lima  
 Jackson de Figueiredo  
 Sérgio Milliet  
 Gilberto Freire  
 José Régio  
*Considerações Pessoais*  
 André Gide  
 Lautréamont  
 Rainer Rilke  
 Kierkegaard  
 José Martí  
 Henri Michaux  
 Baudelaire  
*Visionário*  
 Maurilo Mendes  
 Karl Marx  
*Libertinagem*

Manuel Bandeira

Mary Collum

**11.29.7.1.10.8.** COELHO, Aníbal Rodrigues. “Catálogo e Índice da Coleção de Documentos Brasileiros”. (111-138). Trabalho apresentado pelo autor à Faculdade de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do diploma de bacharel em biblioteconomia.

**11.29.4.1.10.8.** FONSECA, Edson Nery da. “Integração de Conhecimento na Universidade: Sua Expressão Bibliográfica”. (141-143). O autor discorre sobre a história da biblioteca e do livro.

**11.29.4.2.2.8.** LINS, Osman. “O Leitor”. (145-149). O papel do leitor em relação à obra literária

**11.29.4.3.2.1.** ADONIAS FILHO. “Fogo Morto”. (151- 153). Artigo sobre *Fogo Morto* em comemoração aos 25 anos de seu lançamento.

**11.29.8.1.6.8.** n.c. n.c. (155-172). Atividade do INL no 3º trimestre de de 1968.

**11.29.5.1.10.4.** n.c. “Prêmio Roquete Pinto”. (175-177). Texto da lei que criou o Prêmio Roquete Pinto para roteiro cinematográfico.

**11.29.5.2.10.8.** n.c. “Direitos Autorais em Co-Edições Oficiais” (179-186). Estudo para estabelecer normas de co-produção e co-edição de obras didáticas, técnicas, científicas e outras, por parte de órgãos do governo e editoras particulares.

**11.30.1.1.2.8.** SCARPIT, Robert. “A Revolução do Livro”. (11-32). Os problemas do livro em suas perspectivas histórica, sociológica e econômica.

Autores e/ou obras citadas:

Raymond Loewy

*Estética da Locomotora*

*O que é feio não se vende*

*Echanges Culturels et Barrières Commerciales*

*La Edición de Libros en Argentina*

Raul H. Hottaro

**11.30.1.2.2.8.** RÓNAI, Paulo. “Subsídios para tradutores”. (33-45). Problemas da tradução do francês para o português.

**11.30.1.3.2.1.** NUNES, Cassiano. “O Humor na Poesia Moderna”. (47-66). O autor discorre sobre traços de humor na poesia moderna.

Autores e/ou obras citadas:

Virgínia Woolf	<i>Sentimento do Mundo</i>
Aparício Torelli	<i>História do Brasil</i>
Clive Bell	Cassiano Ricardo
Otto Maria Carpeaux	Ribeiro Couto
Mário da Silva Brito	<i>O Visionário</i>
<i>História do Modernismo Brasileiro</i>	<i>Macunaíma</i>
Mário de Andrade	Murilo Mendes
<i>A escrava que não era Isaura</i>	Carlos Drummond de Andrade
Mário de Andrade	Mariano Procópio
Menotti Del Picchia	<i>A Família Pitangueira</i>
Manuel Bandeira	Vinícius de Moraes
<i>Paulicéia Desvairada</i>	Sérgio Milliet
<i>Losango Caqui</i>	<i>Três Romances da Idade Urbana</i>
<i>Memórias Sentimentais de João Miramar</i>	
<i>Castidade</i>	

**11.30.1.4.2.1.** JOSEF. Bella. “A Poesia de Olavo Bilac”. (67-78). A autora fala de forma sintética de alguns pontos da lírica bilaquiana

*Autores e/ou obras citadas:*

Monteiro Lobato  
 Machado de Assis  
*A Barca de Gleyre*  
 Baudelaire  
 Alberto de Oliveira  
 Manuel Bandeira  
*Via láctea*  
*O Caçador de Esmeraldas*  
*Tarde*  
*Profissão de Fé*  
 Mário de Andrade  
 Paulo Mnedes Campos

**11.30.1.5.10.8.** DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (76-86). As atividades desenvolvidas pela *Revista da Sociedade Phenix Brasiliense*, editada no Rio de Janeiro em 1878.

**11.30.12.1.2.1.** BRASIL, Assis. “A Crise Positiva na Ficção Brasileira”. (89-101). Algumas obras de ficção consideradas representativas em 1968.

Autores e/ou obras citadas:

João Guimarães Rosa  
 Adonias Filho  
 Clarice Lispector  
 Autran Dourado  
*Uma Vida em Segredo*  
*Ópera dos Mortos*  
*Léguas da Promissão*  
*O Túmulo das Aves*  
*O Rei*  
*Corpo Vivo*  
*Memórias de Lázaro*  
*Paulo Jacob*  
*Chuva Branca*  
*Andirá*  
*Jorge, Um Brasileiro*  
 Osvaldo França Júnior  
*O Sexo Portátil*  
 Luís Canabrava  
*A Verdade*  
 Paulo Rangrl  
*Sangue de Rosaura*  
*Os Sete Sonhos*  
 Samuel Rawei  
*Contos do Imigrante*  
 Dalton Trevisan  
 Ruben Fonseca  
 José Louzeiro  
*O Vampiro de Curitiba*  
*Meditações de um Feto Inquieto*  
 José Luís Silveira  
*Feliz Ano Velho*

Luís Paiva de Castro  
 José J. Veiga  
*Os Cavalinhos de Platiplano*  
*A Hora dos Ruminantes*  
*A Máquina Extraviada*  
*Diálogos da Relativa grandeza*  
 Walpole  
 Carson Maccullers  
 Truman capote  
 Faulkner  
 João Ubaldo Ribeiro  
*Setembro não tem sentido*  
 Henry James  
 Michael Butor  
 Henry Miller  
 Nosman Mailer  
 Jorge Mautner  
*Deus da chuva e da Morte*  
*Kaos*  
*Narcisa em Tarde Cinza*  
*Vigarista Jorge*  
 Kerouac  
 José Alcides Pinto  
*Entre o Sexo: a Loucura e a Morte*  
 José Agripino de Paula  
*Lugar Público*  
*Pan-América*  
 Ignácio de Loyola Brandão  
*Bebel que a Cidade Comeu*  
 Ricardo Hoffmann  
 Tânia Jamardo Fallace

**11.30.12.2.2.1.** LUCAS, Fábio. “Alguns Lados do Poliedro”. (103-119). Títulos que marcaram a ensaística brasileira moderna.

Autores e/ou obras citadas:

R. Welleck  
*A tradição Afortunada*  
 Afrânio Coutinho  
*Ensaio Escolhidos*  
 Oswaldino Marques  
 Matthew Arnould

*The Function of Criticism at the Present time*  
 Northrop Frye  
 Robert Langbaum  
*The function of Criticism Once More*  
 Yeats  
 T.S. Eliot

Roland Barthes	Helen Gardner
<i>Essais Critiques</i>	<i>Otelo</i>
<i>Antologia de Crítica Literária</i>	Maria Luíza Ramos
Albert D. Van Nostrand	<i>Fenomenologia da Obra Literária</i>
Serge Doubrovski	Georg Lukacs
<i>Pourquoi la Nouvelle Critique – Critique</i>	<i>Marxismo e Teoria literária</i>
<i>et objectivité</i>	Guimarães Rosa
Pierre Daix	<i>Sagarana</i>
<i>Nouvelle Critique et Art Moderne</i>	Oswaldino Marques
<i>Dom Casmurro</i>	<i>Canto e Plumagem das palavras</i>
Machado de Assis	<i>A Rima na Poesia de Carlos Drummonde</i>
<i>O Enigma de Capitú</i>	<i>de Andrade</i>
Eugênio Gomes	Hélcio Martins
René Dumesnil	<i>A Repetição: Um Processo Estilístico de</i>
Flaubert	<i>Carlos Drummonde de Andrade</i>
<i>Visões e Revisões</i>	Gilberto Mendonça Teles

**11.30.3.1.10.1.** BROCA, Brito. “Marginália”. (123-147). Seleção de pequenas notas e partes de ensaios que Brito Broca publicou em diferentes jornais por longo tempo.

Autores e/ou obras citadas:

Hermann Burmeister	Afânio Peixoto	<i>Souvenirs et</i>
<i>Viagens ao Brasil</i>	Sílvio Romero	<i>Confidences d’un</i>
Miguel de Cervantes	Machado de Assis	<i>Écrivain</i>
<i>Dom Quixote</i>	Artur de Oliveira	André Gide
Maupassant	<i>Obra Crítica de Araripe</i>	Kafka
Tchecov	<i>Júnior</i>	Balzac
Carvalho Júnior	Schopenhauer	Proust
Manuel Bandeira	<i>Os Maias</i>	<i>Os Sertões</i>
Péricles Eugênio da Silva	Eça de Queiroz	Euclides da Cunha
Ramos	Alphonse Daudet	<i>Les Croix de Bois</i>
Baudelaire	Benoit-Guyot	Roland Dorgelés
<i>Parisina</i>	<i>Le Miroir des Lettres</i>	<i>Nada de Novo na Frente</i>
Emile Zola	Fernand Vanderen	<i>Ocidental</i>
<i>Journal d’un Attaché</i>	<i>Conversações de Goethe</i>	Erich Maria Remarque
<i>d’Ambassade</i>	<i>Memórias de um</i>	Jean Pierrefeu
Paul Morand	<i>Sargento de Milícias</i>	Visconde de Taunay
Cocteau	Manuel Antônio de	<i>Memórias</i>
Marcel Proust	Almeida	Dionísio Cerqueira
Giraudoux	Joaquim Nabuco	<i>Reminiscências da</i>
Claudé	<i>Minha Formação</i>	<i>Guerra do Paraguai</i>
Berthelot	<i>Parábolas</i>	Belmiro Braga
<i>Dom Casmurro</i>	Jules Romain	<i>Dias Idos e Vividos</i>
Francis Miomandre		Humberto de Campos

David Copperfield	Paul Claudel	Charles Green
<i>Memórias Póstumas de</i>	<i>A Mocidade de Trajano</i>	Adolphe
<i>Brás Cubas</i>	Bernardo Guimarães	Lamartine
<i>A mão e a Luva</i>	<i>Rosaura, a Enjeitada</i>	<i>Retratada Memória</i>
<i>O Livro de uma Sogra</i>	<i>Sonhos de Ouro</i>	<i>Fruta do Mato</i>
Aluísio Azevedo	José de Alencar	Somerset Maughan
<i>Os Meus Sêres</i>	Leon Lemmonier	<i>O Guarani</i>
<i>O Morro dos Ventos</i>	Oscar Wilde	<i>Lucíola</i>
<i>Uivantes</i>	Helena Morley	<i>Diva</i>
Emily Bronte	<i>Minha Vida de Menina</i>	Augusto de Castro
Lima Barreto	Katherine Mansfield	
	<i>Extraits d'un Journal</i>	

**11.30.2.1.10.1.** ANDRADE, Oswald. “Poemas de Oswald de Andrade”. (151-157). Três poemas inéditos de Oswald de Andrade.

**11.30.7.1.10.8.** DÓRIA, Irene de Menezes. “Normalização da Documentação”. (161-172). Normas para referência bibliográfica.

**11.30.4.1.8.1.** CAVALCANTI, Valdemar. “Literatura 1968”. (175-190). Balanço literário de 1968.

**11.30.8.1.10.8.** n.c. “Atividades do 4º Trimestre” (193-208). Os trabalhos desenvolvidos pelo INL no 4º trimestre de 1968.

**11.30.5.1.10.8.** n.c. “Livros na Farmácia. Prêmios Literários”. (211-212). Texto de dois decretos do governo federal, um que regulamenta a venda de livros em farmácias e outro sobre a regulamentação de prêmios literários.

**12.31.1.1.2.8.** ANDRADE, Olympio de Souza. “O Livro Brasileiro – Progresso e Problemas numa Visão de Conjunto”. (11-54). Os problemas fundamentais do livro brasileiro em termos de produção, distribuição e consumo.

**12.31.1.2.2.1.** OTÁVIO FILHO, Rodrigo. “Constâncio Alves”. (55-77). Sobre a figura humana e a personalidade literária de Constâncio Alves.

Autores e/ou obras citadas:

Josué Montello  
 Goethe  
 Olavo Bilac  
 Alberto de Oliveira  
 Rodrigo Otávio

João Ribeiro  
 Abelardo Lôbo  
 Aurélio Leal  
 Basílio de Magalhães  
 Rui Barbosa  
 Gilberto Freire  
*Ordem e Progresso*  
 Múcio Leão  
*Autores e Livros*  
 Humberto de Campos  
*Polêmica de Carlos Laet e Constâncio Alves*  
 Carlos Laet  
 Afrânio Peixoto  
 Pero Vaz de Caminha

**12.31.1.3.2.1.** GOMES, Eugênio. “Sobre um Soneto de Joaquim Nabuco”. (79-82).  
 Controvérsia sobre a autoria de um soneto de Joaquim Nabuco.

**12.31.1.4.10.8.** DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. “Melo Moraes Filho: Centenário”. (83-97).  
 Comunicação com o objetivo de assinalar o transcurso do centenário de nascimento de folclorista brasileiro.

Autores e/ou obras citadas:

*Tradições Populares*  
*Cancioneiro Cigano*  
*Ciganos no Brasil*  
 Sílvio Romero  
 Ronald de Carvalho  
*Parnaso Brasileiro*  
*Pequena História da Literatura Brasileira*  
 Afrânio Peixoto  
*Panorama da Literatura Brasileira*  
 Nelson Werneck  
*História da Literatura Brasileira*  
*Introdução à Literatura Brasileira*  
 João Pacheco  
*O Realismo*  
 José Veríssimo  
*Compêndio de História da Literatura Brasileira*

*Crônica Geral*  
*Curso de Literatura Brasileira*  
 Andrade Muricy  
*Poetas Brasileiros Contemporâneos*  
 Cruz e Souza  
 Emílio Pernetta  
 Alphonsus de Guimarães  
 Nestor Vitor  
 Dário Veloso  
*Festas e tradições Populares no Brasil*  
*Serenatas e Saraus*  
*Histórias e Costumes*  
 Rocha Pombo  
 Cantos Populares  
*Brasil – Reino e Brasil Império*  
*Crônica Geral do Império do Brasil*  
 Jorge de Lima

12.31.1.5.10.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (99-116) Estudo de *A Revista*, fundada em Belo Horizonte por Martins de Almeida e Carlos Drummond de Andrade (1925-26).

**12.31.12.1.2.1. BRASIL, Assis.** “Os Melhores da Ficção em 68”. (119-124). Os mais significativos lançamentos da temporada de 1968, na área de ficção.

Autores e/ou obras citadas:

*Chuva Branca*

Paulo Jacob

*Bebel que a cidade comeu*

Ignácio de Loyola Brandão

*O Sexo Portátil*

Luís Canabrava

*Deus de Caim*

Ricardo Guilherme Decke

Macedo de Miranda

*O Sol Escuro*

Aguinaldo Silva

*Geografia do ventre*

*Viaduto*

Paulo Dantas

Palha de Arroz

*Fontes Ibiapina*

*Entre Sexo: a Loucura e a Morte*

José Alcides Pinto

*Lady Godiva*

*A Cabeça do Papa*

*O Deus Faminto*

*Cidade Enferma*

*O Livro de Daniel*

*Purgatório*

*Estação da Morte*

*Léguas de Promissão*

*Corpo Vivo*

*Memórias de Lázaro*

*A Máquina Extraviada*

José J. Veiga

*Desastres de Amor*

Dalton Trevisan

*Meditação de um Feto inquieto*

José Luís Silveira

*Judas Arrependido*

José Louzeiro

*O Sofredor do Ver*

*Os Cavalinhos de Platiplano*

Virgínia Woolf

*História do Amor Maldito*

Gasparino Damata

*Os 18 Melhores Contos do Brasil*

Machado de Assis

Walmir Ayala

Lígia Fagundes Telles

Jurandir Ferreira

Flávio José Cardozo

Luiz Villela

**12.31.2.1.4.8. GARDEL, Luís.** “Duas Cartas ao Barão Homem de Mello”. (127-137).

As cartas dirigidas ao Barão Homem de Mello, uma de Joaquim Nabuco e outra do Barão do Rio Branco, são objetos de um estudo metuculoso de reconstituição histórica feita por Luís Gardel.

**12.31.3.1.2.1. FERRAZ, Geraldo.** *Paulo Prado: Centenário.* “Perfil de um Homem e de um Livro”. (143-147). Para registrar o centenário de Paulo Prado, a *Revista do Livro* reproduz o estudo de Geraldo Ferraz intitulado *Perfil de um Homem e de um Livro*.

**12.31.7.1.10.8.** CUNHA, Maria Emília Melo e. “Catálogo e Índice da Coleção Biblioteca Histórica Brasileira”. (151-162). Coleção impressa pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, com o título *Biblioteca Histórica Brasileira*.

Autores e/ou obras citadas:

*Diário de minha viagem ao Brasil*  
*Príncipe Adalberto da Prússia*  
 Sérgio Buarque de Holanda  
 Johan Moritz Rugendas  
*Viagem Pitoresca através do Brasil*  
 Augustin Saint-Hilaire  
*Viagem à Província de São Paulo*  
 Daniel Kidder  
*Reminiscências de Viagem e Permanência no Brasil*  
 Jean Baptiste Débret  
*Viagem Pitoresca e História do Brasil*  
 Thomaz Davat  
*Memórias de um Colono no Brasil*

**12.31.4.1.2.8.** FREIRE, Gilberto. “O Problema do Livro”. (165-166). As deficiências do intercâmbio cultural entre o Brasil e Portugal. O autor sugere que se intensifique a circulação de livro entre os dois países.

**12.31.4.2.2.1.** LEAL, César. “Baudelaire”. (161-170). A propósito das comemorações do centenário de Baudelaire na França.

Autores e/ou obras citadas:

Petrarca  
*Fleurs du Mal*  
 Rimbaud  
 Mallarmé  
*Divina Comédia*  
 Dante  
 Ezra Pound  
 T.S. Eliot  
 Apollinaire  
 Frederico Garcia Iorca  
 Jorge Guillén  
 Goethe  
 Edgar Allan Poe

Rosseau  
 Diderot  
*Les Salon*  
 Boucher  
 Vernet  
 Bouchardon

**12.31.4.2.2.8.** CAVALCANTI, Valdemar. “Rodrigo Otávio: Lembrança”. (171-173). Sobre a morte de Rodrigo Otávio.

**12.31.10.1.10.8.** MENEZES, Fagundes. “Publicações do INL”. (175-178). Relação das últimas obras publicadas pelo INL.

Autores e/ou obras citadas: várias

**12.31.8.1.6.8.** n.c. “Atividades do 1º Semestre”. (181-190). As atividades desenvolvidas pelo INL durante o primeiro semestre de 1969.

**12.31.5.1.10.8.** n.c. “Congratulações com o INL. Robert Escarpit no Brasil. Doação ao Patrimônio da União”. (193-195). Votos de congratulações ao do Conselho Estadual de Cultura ao INL pela publicação do *Livro que dá Razão do Estado do Brasil* e da visita do escritor francês Robert Scarpit ao Brasil. Ainda é publicado o texto onde o presidente da república informa que o Serviço do Patrimônio da União aceita a doação de um terreno no Rio Grande Norte doado por Umberto Peregrino.

**12.32.1.1.2.1.** COTINHO, Afrânio. “A Crítica Literária Romântica”. (11-38). A definição do ideário crítico romântico.

Autores e/ou obras citadas

Salomé Queiroga	Joaquim Norberto de	José Osório de Oliveira
Almeida Garret	Sousa e Silva	<i>Sextilha de Frei Antão</i>
<i>Parnaso Lusitano</i>	Gonçalves Dias	<i>Primeiros Cantos</i>
Cláudio Manuel da Costa	Macedo Soares	<i>Nênia</i>
Basílio da Gama	Tavares Bastos	Firmino Rodrigues
Silva Alvarenga	José de Alencar	Silva
Tomás Antônio Gonzaga	Machado de Assis	<i>Uraguai</i>
Sousa Caldas	Sílvio Romero	Teixeira e Souza
Pereira da Silva	<i>Cartas sobre a</i>	Junqueiro Freire
Francisco Adolfo	<i>Confederação dos</i>	Bernardo Guimarães
Varnhagen	<i>Tamoios</i>	Couto de Magalhães
Justiano José da Rocha	José da Gama e Castro	Fagundes Varela
Santiago Nunes Ribeiro	José de Anchieta	Araújo Pôrto-Alegre

Luís Guimarães  
*Americanas*  
 Olavo Bilac  
 Teixeira de Melo  
 Bittencourt Sampaio  
*Como e Porque sou*  
*Romancista*  
 Franklin Távora  
 J. Feliciano Castilho  
 Joaquim Nabuco  
*O Guarani*  
*Iracema*  
*Diva*  
*Senhora*  
*O Tronco do Ipê*  
 Diogo Barbosa  
 Machado  
*Biblioteca Lusitana*  
 Loreto de Couto  
*Desagravos do Brasil*  
*Glórias de Pernanbuco*

Januário da Cunha  
 Barbosa  
 Pereira e Silva  
 Gregório de Matos  
 José Bonifácio  
 Ferdinand Denis  
 Conêgo Joaquim  
 Caetano Fernandes Pinho  
*Curso Elementar de*  
*Literatura Nacional*  
*Resumo da História*  
*Literária*  
*Curso de Literatura*  
*Portuguêsa e Brasileira*  
 Camilo Castelo  
 Branco  
 Teófilo Braga  
 Fidelino Figueiredo  
 Oscar Lopes  
 Antônio José Saraiva  
 João Gaspar Simões  
 Ferdinand Wolf

Fernandes Pinheiro  
*Dom Casmurro*  
 Crítica Literária  
*O Primo Basílio*  
*O Instinto de*  
*Nacionalidade*  
 Anatole France  
 Virgínia Woolf  
 Eça de Queiroz  
 Dutra e Melo  
 Carlos Emilio Adet  
 Antônio Pedro Lopes de  
 Mendonça  
 Alexandre José de Melo  
 Morais  
 Quintino Bocaiúva  
 Antônio Joaquim de  
 Melo  
 Inocêncio Francisco da  
 Silva  
 João Francisco Lisboa

**12.32.1.2.2.1.** BELTRÃO, Luís. “Comunicação Moderna e Literatura”. (39-49). O avanço das tecnologias modernas seria a decadência do romance?

Autores e/ou obras citadas:

Willy Lewin  
 Michel Butor  
 Alain Robert-Grillet  
 Saul Bellow  
 John Updike  
 William Styron  
 Bernard Malamud  
 Philip Roth  
 Norman Mailer  
 Brion Gysin  
 Burroughs  
 Leroy Jones  
 Maurice Blanchot  
 Herman Broch  
 McLuhan  
 Etienne Gilson  
 Literatura de Massa  
 Dante

*Divina comédia*  
 Edgar Morin  
 Malraux  
 Albert Camus  
 Jean Paul Sartre  
 Pietro Della Francesca  
 Masaccio  
 Cézanne  
 Picasso  
 Assis Brasil  
*Cinema e Literatura*  
 Machado de Assis  
 José de Alencar  
 Júlio Ribeiro  
 Monteiro Lobato  
 José Lins do Rêgo  
 Graciliano Ramos  
 Aníbal Machado

Diná Silveira de Queiroz  
 Érico Veríssimo  
 Guimarães Rosa  
 Orígenes Lessa  
 Dias Gomes  
 Ariano Suassuna  
 Carlos Heitor Cony  
 Antônio Calado  
*Édipo Rei*

Gerbart D. Wiebe  
 Stéphane Mallarmé  
 José Mauro de Vasconcelos  
*Quarup*  
*Meu Pé de Laranja Lima*  
*Rosinha, Minha Canoa*  
*A Madona de Cedro*  
 Eduardo Portela

**12.32.1.3.2.1.** DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. “Literatura de Cordel”. (51-57).  
 As diferentes características quanto à apresentação gráfica nos folhetins de  
 cordel em São Paulo.

Autores e/ou obras citadas:

*O Návio do Capitão*  
*Proezas de João Grilo*  
 Firmino Teixeira do Amaral  
*A Peleja de Manuel Riachão com o Diabo*  
 Manuel Pereira Sobrinho  
*Vida e testamento de Canção de Fogo*  
 Leandro Gomes de Barros  
 João Martins de Athayde  
*A Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*  
 Minelvino Francisco Silva  
 Rodolfo Coelho Cavalcanti  
*A herança que minha sogra deixou*  
 Paulo Nunes Batista  
 Manuel d’Almeida Filho  
*O Vaqueiro que virou Mulher e deu a Luz*  
*A Chegada de Roberto Carlos no Céu*  
*A Chegada de Roberto Carlos no Inferno*

**12.32.1.4.10.8.** DOYLE, Plínio. “Histórias de Revistas e Jornais Literários”.  
 (59-71). Estudo da revista *Cultura*.

**12.32.12.1.2.1.** BRASI, Assis. “A Nova Literatura Brasileira (o romance, a  
 poesia, o conto)”. (73-81). A defesa de uma tese no campo da periodização da  
 literatura brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

João guimarães Rosa  
 Clarice Lispector

*Doramundo*  
 Geraldo Ferraz

*Grande Sertão: Veredas*  
 Reynaldo Jardim

Samuel Rawet  
*Contos do Imigrante*  
 Patrícia Galvão  
 Adonias Filho  
 Marques Rebelo  
 Lúcio Cardoso  
 Octávio Faria  
 Jorge Amado  
 Rachel de Queiroz  
 José Lins do Rêgo  
 Herberto Sales  
 José Candido de  
 Carvalho  
*O Coronel e o*  
*Lobisomem*  
 Autran Dourado  
 Osman Lins  
*O Visitante*  
*Nove Novenas*  
*A Barca dos Homens*  
*Uma Vida em Segredo*  
 Lygia Fagundes  
 Telles  
 Macedo Miranda  
*Ciranda de Pedra*  
*Verão no Aquário*  
*Lady Godiva*  
*A Cabeça do Papa*  
*O Deus Faminto*  
 Tânia Jamaro  
 Faillace  
 Ricardo L. Hoffmann  
 Paulo Jacob  
*Chuva Branca*  
*A Fuga de Adão e Eva*

*A Superfície*  
 Aguinaldo Silva  
 Walmir Ayala  
*À Beira do Corpo*  
*Um Animal de Deus*  
 Jorge Mautner  
*Trilogia do Kaos*  
*O Deus da Chuva e da*  
*Morte*  
*Bebel que a cidade*  
*comeu*  
 Ignácio Loyola  
*Entre Sexo: a Loucura e*  
*a Morte*  
 José Alcides pinto  
 João Cabral de Melo  
 Neto  
 Murilo Mendes  
 Oswaldo de Andrade  
 Sousândrade  
 Lélia Coelho Frota  
 Foed Castro Chamma  
 Mário Faustino  
 Marly de Oliveira  
 Décio Pignatari  
 Haroldo de Campos  
 Augusto de Campos  
 Ferreira Gullar  
*A Luta Corporal*  
 Ronaldo Azevedo  
 Reynaldo Jardim  
 José Lino Grunewald  
 Waldemir Dias Pino  
 Mário Chamie  
 Mauro Gama

Yone Giannetti Fonseca  
 Armando Freitas Filho  
 Antônio Carlos Cabral  
 Camargo Meyer  
 Moacir Cirne  
 Sanderson Negreiros  
 Álvaro de Sá  
*Desastre de Amon*  
 José J. Veiga  
*Os Cavalinhos de*  
*Paltiplano*  
*A Hora dos Ruminantes*  
*A Máquina Extraviada*  
 José Louzeiro  
*Judas Arrependido*  
*Depois da Luta*  
*Acusado de Homicídio*  
 Dalton trevisan  
 Maura Lopes Cançado  
*O Sofredor do Ver*  
*Hospício é Deus*  
 Virgínia Woolf  
 Ivan Ângelo  
*Duas Faces*  
 Luiz Vilela  
*Tremor de Terra*  
*O Prisioneiro*  
*A Cólera do Cão*  
 José Edson Gomes  
*As Sementes de Deus*  
*Dardará*  
 Louzeiro Filho

**12.32.12.2.2.1.** LUCAS, Fábio. “Aspectos Extrínsecos da Obra Literária”. (83-95). A contribuição de críticos ilustres para a literatura brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

*A Tradição Afortunada*  
 Afrânio Coutinho  
 Otto Maria Carpeaux  
*História da Literatura*  
*Ocidental*

*Arte e Alienação*  
 Herbert Read  
 H. Marcuse  
*A Literatura no Brasil*  
 Jacques Ehrmann

*Les Temps Modernes*  
 Fernando Correia Dias  
*O Movimento*  
*Modernista em Minas*  
 João Alphonsus:

<i>Tempo e Modo</i>	Mário de Andrade	<i>Graciliano Ramos: Autor e Ator</i>
Carlos Drummond de Andrade	<i>Epigramas Irônicos e Sentimentais</i>	Helmut Felmann
Emílio Moura	Ronald de Carvalho	<i>Graciliano Ramos: Reflexos de sua Personalidade</i>
Abgar Renault	Oswald de Andrade	Luiz Gonzaga Mendes Chaves
Aníbal Machado	Guilherme de Almeida	José Gomes Magalhães
Pedro Nava	Fernando C. Dias	<i>Estruturalismo e Crítica de Poesia</i>
Mário Casasanta	Aquiles Vivacqua	Leodegário A. de Azevedo Filho
Alberto de Campos	Rosário Fusco	<i>Caetés</i>
Batista Santiago Gabriel	Ascânio Lopes	Cornélio Pena
Passos	Francisco Inácio Peixoto	<i>Vidas Secas</i>
João Pinheiro Filho	L. Costa Lima	Aníbal Machado
João Dornas Filho	Carlos Nelson Coutinho	Jorge Amado
Martins de Almeida	Rui Mourão	
Guilhermino César	Graciliano Ramos	
José de Guimarães Alves	<i>Sobre o Romance de Graciliano</i>	
Aires da Mata	Antônio Candido	
Cristiano Martins		
Paulicéia Desvairada		

**12.32.12.2.4.8.** LOUSADA, Wilson. “Da Correspondência de José Carlos Rodrigues”. (99-102). Duas cartas que Cândido Mendes de Almeida dirigiu ao jornalista José Carlos Rodrigues.

**12.32.3.1.10.1.** RENAULT, Abgar. “Discurso na Academia Brasileira de Letras”. (105-121). O discurso do escritor mineiro Abgar Renault ao assumir a cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Autores e/ou obras citadas:

Fernando pessoa  
Mário de Andrade  
Stefan George  
José Carlos de Macedo Soares  
Tirso de Molina  
Antônio Vieira  
Afrânio Peixoto  
Camões  
*O Brasil e a Sociedade das Nações*  
*Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*  
Max Weber  
Osman Lins  
João Ribeiro  
Alceu Amoroso Lima  
Gilberto Amado

**12.32.7.1.7.8.** FONSECA, Edson Nery da. “Índice da Coleção Brasileira”. (123-166). Índice da coleção *Brasileira* lançada pela Companhia Editora Nacional em 1931 e que se propunha a estudar a realidade nacional em todos os aspectos.

**12.32.4.1.2.1.** MONTELLO, Josué. “O Príncipe Guilherme”. (169-170). Sobre o poeta Guilherme de Almeida.

**12.32.4.2.2.1.** MARQUES, Oswaldino. “Guilherme de Almeida e a Perícia Criadora”. (171-176). O processo de criação do poeta Guilherme de Almeida.

**12.32.4.3.2.1.** SOBRINHO, Barbosa Lima. “Um Homem de Muito Coração”. (177-180). Sobre o escritor Múcio Leão.

**12.32.4.4.2.1.** CAVALCANTI, Valdemar. “Notas de um Diário”. (181-183). Sobre Guilherme de Almeida, Múcio Leão, Gilberto Amado e Adelino Magalhães.

**12.32.10.1.8.8.** MENEZES, Fagundes. “Publicações do INL”. (187-189). Catálogos das obras publicadas pelo INL.

**12.32.19.2.10.8.** n.c. “Repercussão na França”. (193-195). Estudo publicado na revista *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*, da Universidade de Toulouse relativo a diversas obras e autores brasileiros.

Autores e/ou obras citadas: vários

**12.32.8.1.10.8.** n.c. “Atividades do 2º semestre”. (199-209). As atividades do Instituto Nacional do Livro no período.

**12.32.5.1.10.8.** n.c. “Uma Decisão Judicial”. (213-217). Ação judicial movida contra a Gráfica Record Editora por haver publicado, sem autorização, um conto de Autran Dourado em uma coletânea intitulada *História do Amor Maldito*.

**12.33.1.1.10.8.** n.c. “O Livro no Brasil”. (11-42). São quatro textos que versam sobre os problemas e perspectivas do livro no Brasil.

**12.33.1.2.2.1.** LINHARES, Temistocles. “A Argentina Vista Através de seus Romances”. (43-52). Estudo sobre a verdadeira face da Argentina como tem mostrado alguns de seus melhores escritores.

Autores e/ou obras citadas:

Esteban Echeverría  
*História de una Pasión Argentina*  
*La Bahia de Silencio*

Eduardo Mallea  
*La Guerra Gaucha*  
*Martin Fierro*  
*Recuerdos de Provincia*  
*Don Segundo Sombra*  
*Cordoba del Recuerdo*  
*Luna de Enfrente*  
*Amália*

José Mármol  
 Juan Carlos Ghiano  
 Américo Castro  
 Leopoldo Marechal  
 José Hernandez  
 Lúcio V. López  
 Eugenio Cambacéres  
 Julian Martel  
 Francisco A. Payró  
*Sin Rumbo*

**12.33.1.2.2.1.** RÓNAI, Paulo. “Correspondência de Balzac”. (53-65). Considerações sobre o quinto e último volume da *Correspondência de Balzac*.

**12.33.1.3.2.1.** SALLES, Fernando. “Garimpo do Diamante na Ficção Brasileira. Ciclo bahiano, ciclo mineiro. Outras faixas de mineração”. (67-82). O autor faz o levantamento das obras de ficção que focalizam, como temática central, aspectos do garimpo de diamantes.

Autores e/ou obras citadas:

*Maria Dusá*  
 Lindolfo Rocha  
 Lúcia Miguel Pereira  
 Afrânio Coutinho  
 Humberto Sales  
*Cascalho*  
 Marques Rebêlo  
 Geraldo de Freitas  
 Fred Chateaubriand  
*Histórias Ordinárias*  
*Duas Versões*  
*Missão Especial*  
*O Diamante Verde*

Almáquio Diniz  
 Afânio Peixoto  
*Bugrinha*  
 Xavier Marques  
*A Cidade Encantada*  
*O Garimpeiro*  
 Bernardo Guimarães  
 Alberto Rabelo  
 Valdomiro Silva  
 Herman Lima  
 Filgueiras Filho  
*Ametistas de Caititu*  
 Eli Brasiliense

*Lavras Diamantinas*  
 Marcelino José das  
 Neves  
*Contos do Norte*  
 Joaquim Felício dos  
 Santos  
*Memórias do Distrito*  
*Diamantino*  
 Rodrigo Otávio  
 Felisberto Caldeira Brant  
*O Contratador de*  
*Diamantes*  
 Aristídes Rabelo

*Hóspede*  
Mário Palmério  
*Vila dos Confins*  
Agripa de Vasconcelos  
*A Vida em Flor de Dona*  
*Beja*  
Tanus Jorge Bastani  
*O Escravo da Coroa*  
W. Bariani Ortêncio  
*O que foi pelo Sertão*

*Vão dos Angicos*  
*O Patuá*  
Hugo de Carvalho  
Ramos  
José Mauro de  
Vasconcelos  
*Banana Brava*  
*Arara Vermelha*  
*Terra sem Dono*

Severino Muniz  
*Trilhas Assombradas*  
Monteiro Lobato  
*Garimpeiro do Rio das*  
*Garças*  
Antônio de Pádua  
Morse  
*Minha Vida nos*  
*Garimpos*

**12.33.1.5.10.8.** DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (83-95). Estudo de *Ostensor Brasileiro*, que circulou no Rio de Janeiro no final do século XIX.

**12.33.12.1.2.1.** GUERRA, José Augusto. “*Caetés: realismo e introspecção*”. (99-112). *Ensaio crítico sobre o primeiro romance de Graciliano Ramos*.

Autores e/ou obras citadas:

Graciliano Ramos  
Francisco de Assis Barbosa  
*Angústia*  
Olavo Bilac  
Lima Barreto  
Coelho Neto  
Guimarães Passos  
*O Índio*  
Antônio Candido  
*São Bernardo*  
Emile Zola  
Eça de Queiroz

**12.33.2.1.4.8.** MAGALHÃES JÚNIOR, R. “Machado de Assis, funcionário”. (115-118). Uma carta de Francisco Glicério, dirigida ao escritor Alfredo Pujol, sobre Machado de Assis como funcionário público, curioso documento descoberto pelo historiador José Honório Rodrigues.

Autores e/ou obras citadas:

Lúcia Miguel Pereira  
Machado de Assis Desconhecido  
*Cartas Chilenas*  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*

**12.33.3.1.2.1.** CAVALCANTI, Valdemar. “*Novas Perspectivas para a Literatura Infantil*”. (121-124). *Recomendações formuladas pelo Bureau Internacional Católico para a Infância com o objetivo de abrir novas perspectivas para a literatura infantil.*

**12.33.7.1.10.8.** FREITAS, Edna Gondin. “Repertórios Biográficos Brasileiros”. (127-166). Bibliografia cronológica e índice onomástico geográfico e temático.

**12.33.4.1.10.8.** PEREGRINO, Umberto. “Uma Biblioteca Infantil”. (169-173). Discurso do diretor do INL no ato de inauguração da biblioteca infantil Carlos Alberto, no Rio de Janeiro.

Autores e/ou obras citadas:

Charles Perrault	<i>Rimas Infantis</i>
Fenelon	Adolpho Coelho
Júlio Verne	Grimm
Kipling	<i>Contos da Carochinha</i>
<i>Mark Twain</i>	<i>Histórias da Avózinha</i>
Carlo Lorenzini	<i>Histórias da Baratinha</i>
José Veríssimo	Figueiredo Pimentel
<i>Manual Enciclopédico</i>	Luís Edmundo
Monteverde	Leonardo Arroyo
<i>A Vida de João de Castro</i>	Olavo Bilac
Jacinto Freire	Coelho Neto
João Ribeiro	Júlia Lopes de Almeida
<i>Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro</i>	Guilherme de Almeida
Sílvio Romero	Bastos Tigre
Camões	Manuel Bonfim
Rocha Pita	Monteiro Lobato
Xavier Pinheiro	<i>Narizinho Arrebitado</i>
Alexina de Magalhães Pinto	<i>Saudade</i>
<i>Os Novos Brinquedos</i>	Tales de Andrade
<i>Catingas das Crianças e dos Pretos</i>	<i>Através do Brasil</i>
<i>As Nossas Histórias</i>	Josué Montelo
<i>Poesias e Hinos Patrióticos</i>	

**12.33.4.2.2.1.** SOUZA, J. Galante de. “Um Pseudônimo de Aluísio Azevedo”. (175-177). Resultado de uma pesquisa a respeito de um pseudônimo de Aluísio Azevedo.

Autores e/ou obras citadas:

Valentim Magalhães

Amélia Smith  
*A Credora*  
 Francillon  
*E. Zola e a Academia Francesa*  
 Visconde de Taunay  
*Colunas da Noite*  
 Felinto de Almeida  
*O Mulato*

**12.33.10.1.10.8.** MENEZES, Fagundes. “Publicações do INL”. (181-183). As últimas publicações do Instituto Nacional do Livro.

Autores e/ou obras citadas:

*Quincas Borba*  
*Dom Casmurro*  
 Machado de Assis  
 Lúcia Miguel Pereira  
 J. Galante de Souza  
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*  
 José Veríssimo  
 Carlos Magalhães de Azevedo  
 Araripe Júnior  
 Lúcio de Mendonça  
 Medeiros e Albuquerque  
*Um Irmão de Brás Cubas*

**12.33.10.2.10.8.** MENEZES, Fagundes. “O Livro Brasileiro no Exterior”. (187-189). Resumos de notas críticas e informativas feitas pelo *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien*, relativos a diversos autores e obras brasileiras.

**12.33.8.1.10.8.** n.c. “Atividades do 3º trimestre”. (193-200). Atividades desenvolvidas pelo INL no 3º trimestre de 1969.

**12.33.5.1.10.8.** n.c. “Lei do Depósito Legal”. (203-204). Texto da nova lei para depósito legal para aquisição de obras no exterior.

**12.33.5.2.10.8.** n.c. “Prêmios Literários nacionais”. (205-206). Recentes portarias baixadas pelo ministro da educação que regulamenta os prêmios literários.

**13.34.1.1.2.1.** ADONIAS FILHO. “Depoimentos Sobre Mário de Andrade”. ( 11-13). O texto ressalta a importância da obra de Mário de Andrade no sentido de uma renovação cultural.

*Autores e/ou obras citadas:*

Macunaíma  
Cavalcanti Proença

**13.34.1.2.2.1.** LIMA, Herman “O Tico – Tico – Revista Pioneira de Literatura Infantil”. (15-25). Estudo da Revista *O Tico – Tico*.

*Autores e/ou obras citadas:*

Casemiro de Abreu  
*A Ilha do Tesouro*  
Lowis Stevenson  
Gustavo Barroso  
*Finados*  
*Velas Brancas*  
*Praias e Várzeas*  
*O Anél Mágico*  
*Aventuras do Bravo Capitão Castanhola*  
Somerset Maughan  
*O Malho*  
Alfredo Storni  
*As Mil e Uma Noites*  
Leônidas Freire  
*História do Brasil em Figuras*  
Manuel Bonfim  
*O Homem da Máscara Negra*  
*O Conde de Chavagnac*  
*Lições de Vovô*  
*Dr. Sabe Tudo*  
*História de um Quebra Nozes*

*A Princesa Medusa*  
*Os Semeadores de Gêlo*  
*O Planeta Artificial*  
*Viagem maravilhosa do Dr. Alfa ao Mundo dos Planetas*  
Candido Mota Filho  
*Um Passarinho*  
Carlos Drummond de Andrade  
*O Consertador de Bonecas*  
*O Galho de Jamelão*  
*O Caçador de Borboletas*  
*A Espada de Jacó*  
*As Três Tamareiras*  
Paulo Coelho Neto  
*Turbilhão e Treva*  
*Políticos e outros Bichos Domésticos*  
Alberto Deodato  
Leonardo Arroyo  
*Literatura Infantil Brasileira*  
Vasco Lima

**13.34.1.3.10.1.** LIRA FILHO, João. “Augusto dos Anjos”. (27-43). A vida e a obra de Augusto dos Anjos em texto proferido em uma palestra em João Pessoa, Paraíba.

**13.34.1.4.2.1.** SEVERINO, Alexandrino E. “O Homem Sertanejo nos Contos de Afonso Arinos”. (45-52). A importância dada ao homem sertanejo na ficção de Afonso Arinos.

*Autores e/ou obras citadas:*

Euclides da Cunha  
 Coelho Neto  
 Valdomiro Silveira  
 Afonso Arinos  
*Pelo Sertão*  
 Nelson Werneck Sodré

**13.34.1.5.10.8.** DOYLR, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários”. (53-68). Estudo da *Revista Festa*, lançada em 1927.

**13.34.12.1.2.1.** CUNHA, Godofredo. “Godofredo Rangel, Calígrafo”. (71-76). Análise crítica da obra de escritor mineiro G. Rangel.

Autores e/ou obras citadas:

*Vida Ociosa*  
*Os Humildes*  
*Andorinha*  
**Monteiro lobato**  
*A Barca de Gleyre*  
*Falange Gloriosa*  
*O Queijo de Minas ou A História de um Nó Cego*  
*Os Bem Casados*  
**Rui Barbosa**  
*País do Ouro e Esmeralda*  
*Sonho de Gigante*  
*Amor Imortal*  
**Antônio Candido**  
*Caetés*  
 Graciliano Ramos  
*O Legado*  
*Urupês*  
*Messidor*  
*Pequena História da Literatura Brasileira*  
*Madame Pommery*  
*O Professor Jeremias*  
*A Divina Quimera*

**13.34.2.1.1.4.8.** SALES, Fernando. “Afrânio Peixoto: Duas Carta”. (79- 84). Reprodução de duas cartas particulares de Afânio Peixoto, documentos importantes para o estudo da personalidade do escritor.

**13.34.3.1.10.1.** ANJOS, Cyro dos & RODRIGUES José Honório. “Dois Discursos de Posse na Academia brasileira de Letras”. (88-125). Dois discursos pronunciados na Academia Brasileira de Letra. O primeiro, de Cyro dos Anjos, faz elogios a Manuel bandeira, o segundo, de José Honório Rodrigues, faz uma análise do pensamento de Tavares Bastos.

Autores e/ou obras citadas:

*Cinzas das Horas*  
 Manuel bandeira  
*Itinerário de Pasárgada*  
*Canção do Vento e de Minha Vida*  
*Lira dos Cinquenta Anos*  
*Um Retrato da Morte*  
 Fidelino de Figueiredo  
*Noturno do Morro do Encanto*  
*Crônicas da Província do Brasil*  
 Múcio Leão  
 Rodrigo Otávio  
 Frei Caneca  
 Tôrres Homem  
*Tavares Bastos, Ideologo do Liberalismo*  
 Aureliano Candido Tavares Bastos  
*Cartas do Solitário*  
*Os Males do presente e Esperanças do Futuro*

*Vale do Amazonas*  
*Memórias sobre Imigração*  
*A Província*  
*A Situação e o Partido Liberal*  
*Reforma Eleitoral e Parlamentar*  
*Festas Nacionais*  
 Raul Pompéia  
 Carlos Drummond de Andrade  
*Memórias do Distrito Diamantino*  
 José Bonifácio de Andrada e Silva  
*Minhas Memórias dos Outros*  
*Mário Pederneiras – Poesia*  
*A Literatura no Brasil*  
 Afrânio Coutinho  
*Sonho de Uma Noite de Verão*  
 Shakespeare

**13.34.7.1.10.8.** SANTOS, Ormy Menegazo dos. “Livros para Crianças”. (129-147). Pesquisa que mostra o volume da produção do livro infantil no Brasil.

**13.34.4.1.10.8.** CAVALCANTI, Valdemar. “Literatura – 1969”. (151-167). Levantamento dos fatos marcantes de 1969 e indicação dos livros que alcançaram maior repercussão.

Autores e/ou obras citadas: vários

**13.34.10.1.10.8.** MENEZES, Fagundes de. “Publicações do INL”. (171-177). Levantamento das últimas publicações do INL.

Autores e/ou obras citadas: vários

**13.34.10.2.10.8.** n.c. “O Livro Brasileiro no Estrangeiro”. (181-182). Resumo de notas críticas e informativas publicadas em revista estrangeiras ( *Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien* e *Inter-American Review of Bibliography*) sobre obras e autores brasileiros.

Autores e/ou obras citadas:

Hélio Silva  
*Ciclo Vargas*  
 Lothar F. Hessel  
 Antônio Chimango  
*Cartas Chilenas*  
 Ramiro Bracelos  
*Martin Ferro*  
 José Hernández  
 Santos Veja  
 Hilário Ascasubi  
*Fausto*  
 Estanislau de Campo  
 Armando Corrêa Pacheco  
 Plínio Doyle  
*Contribuição à Bibliografia de e sobre Guimarães Rosa Sagarana*  
 Afrânio Coutinho

**13.34.8.1.10.8.** n.c. “Atividades do 4º trimestre”. (185-193). As várias atividades desenvolvidas pelo INL no 4º trimestre de 1969.

Autores e/ou obras citadas: vários

**13.34.5.1.10.8.** n.c. n.c. (197-209). Textos de leis, portarias e instruções que dizem respeito ao livro no Brasil.

**13.35.1.1.2.1.** PÓLVORA, Hélio. “Réquiem e Permanência do Romance Policial”. (7-22). Estudo sobre o romance policial.

Autores e/ou obras citadas:

Álvaro Lins	Arthur Conan Doyle
Thomas Browne	Graham Greene
Edgar Allan Poe	S. S. Van Dine
<i>Os Assassinatos da Rua Morgue</i>	Chesterton
Wilkin Collins	Agatha Christie

E. C. Bentley  
 Chandler  
 Mignon G. Eberhart  
 Charlotte Armstrong  
 Dashiell Hammett  
 Clifford Knighth  
 Patrícia Highsmith  
 Vera Gasparin  
 Scott Fitzgerald  
 Carl Sandburg  
 Theodore Dreiser

James Hilton  
 Ernest Hemingway  
 Mário da Silva  
*A Promessa*  
*A Man of Talent*  
*The Maltese Falcon*  
 Norman Mailer  
*The American Dream*  
 John Dickson Carr

**13.35.1.2.2.1.** LINS, Álvaro. “No Mundo do Romance Policial”. (13-36). Estudo em que o autor discute a exclusão do romance policial como gênero literário.

Autores e/ou obras citadas:

Voltaire  
 Balzac  
 Dickens  
 Dostoievski  
*Crime e Castigo*  
 Raskolnikov  
 Porfírio Sémeionovith  
*O Mistério de Edwin Drood*  
*Édipo Rei*  
*O Último Caso de Trent*  
 E. C. Bentley  
*Dom Quixote*  
*Hamlet*  
 Conan Doyle  
*O Mistério da Estrada de Sintra*  
 Eça de Queiroz  
 François Fosca  
*História e Técnica do romance Policial*  
 Humbert  
 Steinkeil  
*O Duplo Assassinato da Rua Morgan*  
*O Mistério de Maria Roget*  
*A Carta Furtada*  
 Edgar Wallace  
*O Crime de Canária*  
*A Morte de Roger Acroyde*  
*O Caso Benson*  
 Van Dine

**13.35.1.3.2.1.** LISBOA, Henriqueta. “A Poesia de Alphonsus de Guimarães”. (22-30). Aspectos da obra poética de Alphonsus de Guimarães.

Auores e/ou obras citadas:

Kenneth Burke  
*Teoria da Forma Literária*  
*Escada de Jacó e Pulvis*  
*Ária do Luar*  
*Pastoral dos Crentes do Amor e da Morte*  
*Câmara Ardente*  
 José Veríssimo  
 Verlaine  
 Mallarmé  
 Guerra Junqueiro  
 Antônio Nobre  
 Dante  
*Divina Comédia*

**13.35.1.4.10.1.** ARAÚJO, Murilo. “O Modernismo de 22 e o Rio de Janeiro”. (31-36). As primeira manifestações modernistas no Rio de Janeiro.

*Autores e/ou obras citadas:*

Rui Barbosa	Correia Lima	<i>O Instante Universal</i>
Euclides da Cunha	Eliseu Viscondi	<i>Francisco Karan</i>
<i>Evocações</i>	Hélio Seelinger	<i>A Hora Espessa</i>
Cruz e Souza	Miguel Caplonch	<i>Árias de Muito Longe</i>
Gonzaga Duque	Zina Aita	Ricardo Bampi
Hermes Fontes	Martins Ribeiro	Quirino Silva
Álvaro Moreira	Lasar Segall	Maurício Wellish
Orestes Barbosa	Anita Malfatti	<i>História da Pintura no</i>
Alfred Jarry	Brecheret	<i>Brasil</i>
Mário da Silva Brito	Tarsila do Amaral	Cornélio Pena
<i>Cinza das Horas</i>	Alceu Amoroso Lima	<i>Túmulo da Vida</i>
Manuel Bandeira	Graça Aranha	<i>Inquietude</i>
Olavo Bilac	Adelino Magalhães	<i>Toda a América</i>
Alberto de Oliveira	Ribeiro Couto	Tasso de Oliveira
Ronald de Carvalho	Cecília Meireles	Augusto Frederico Smidt
<i>Luz Gloriosa</i>	Gilka Machado	Jorge de Lima
Catúlo da Paixão	Henrique Abílio	Felipe de Oliveira
Cearense	Afrânio Coutinho	Murilo Mendes
Oswald de Andrade	Heitor Alves	Manuel de Abreu
Ernesto Nazaré	Carlos Drummond de	Dante Milano
Villa-Lobos	Andrade	José Américo de
Bernardelli	Pádua de Almeida	Almeida

Jorge Amado  
*Fronteira*  
Marques Rêbello  
Lúcio Cardoso

Adonias Filho  
Manuel Antônio de  
Almeida

Machado de Assis  
Lima Barreto  
*A Iluminação da Vida*

**13.35.1.5.10.1.** SALES, Fernando. “Livros Novos, de 1920”. (37-53). Levantamento de livros que foram publicados no Brasil na década de 20, e ainda hoje constituem evidentes marcos históricos e, sobretudo, peças de grande valor literário.

Autores e/ou obras citadas:

*Fruta do Mato*  
Afrânio Peixoto  
*O Professor Jeremias*  
Sud Menucci  
José Veríssimo  
Tristão de Athayde  
Leo Vaz  
Edgar Cavalheiro  
Hilário Tácito  
*Madame Pomemery*  
Monteiro Lobato  
Cardoso de Oliveira  
*Dois Metros e Cinco*  
*Vida Ociosa*  
Godofredo Rangel  
*Senhora do Engenho*  
Aderbal Jurema  
Mário Sette  
Papi Júnior  
*Sem Crime*  
*A Casa dos Azulejos*  
*O Simas e os Gêmeos*  
Pedro de Castro e  
Canto Melo  
*Mana Silveira*  
*Almas em Delírio*  
*Relíquias da Memória*  
*Flama e Argila*  
*A Tragédia*  
Menotti Del Picchia  
Medeiros e Albuquerque  
Coelho Neto  
Viriato Corrêa  
*O Mistério*  
Fábio Luz

Avelino Foscolo  
*O Jubileu*  
*O Caboclo*  
Lucilo Varejão  
*O Destino de Escolástica*  
*De que morreu João*  
*Feital*  
*Passo Errado*  
Gastão Cruls  
Herman Lima  
*A Noiva de Oscar Wilde*  
*Nas Serras e Nas Furnas*  
*Mixuango*  
*Leréias*  
Valdomiro Silveira  
*Histórias e Sonhos*  
Antônio Noronha Santos  
*Vida e Morte de*  
*Gonzaga de Sá*  
Andrade Muricy  
*Urupês*  
*Negrinha*  
Xavier Marques  
*Jana e Joel*  
*Praeiros*  
*Sêres e Sombras*  
Oscar Lopes  
Machado de Assis  
Pedro Gama  
Lúcia Miguel Pereira  
*Em Surdina*  
*Contos e Impressões*  
*Colunas*  
Artur Sales  
Guilherme de Almeida

*Dentro da Noite*  
Cassiano Ricardo  
*Jardim dos Hespérides*  
*Martim Cererê*  
*Jeremias Sem Chorar*  
*As Máscaras*  
*Juca Mulato*  
*Alma Cabocla*  
Paulo Setúbal  
*Penúmbra Sagrada*  
Orestes Barbosa  
Castro Menezes  
Homero Prates  
Félix Pacheco  
*Estrada de Damasco*  
*No Jardim dos Idolos e*  
*das Rosas*  
*Luar de Verona*  
Nilo Bruzzi  
*O Triste Epigrama*  
José Geraldo Vieira  
*Parque Antigo*  
Galeão Coutinho  
*Pôr do Sol*  
Faria Neves Sobrinho  
*Ritmos e Idéias*  
Luís Murat  
*A Volta do Imperador*  
Carlos Magalhães  
Azeredo  
*Mendigos*  
Alphonsus de Guimarães  
*Parábolas*  
Alcides Flávio  
*Velatinas*

*Claros e sombras*  
Gastão Penalva  
*Frutas do Templo*

Benjamin Costallat  
*Modernos*  
Roque Callage

*Terra Natal*  
*Crônicas e Contos*

**13.35.1.6.10.8.** DOYLE, Plínio. "História de Revistas e Jornais Literários". (57-70). Estudo da *Revista de Antropofagia*.

**13.35.12.1.2.1.** LOURO, Rosa Carino. "Poesia". (71-75). Análise de duas obras: *Mercado*, de Elaine Zagury e *Poetas Novos do Brasil*, antologia organizada por Walmir Ayla.

**13.35.15.1.2.1.** REIS, Marcos Konder. "Um Diário de Fogo". (76-84). Ensaio sobre a obra *Um Diário de Fogo*.

Autores e/ou obras citadas:

*Diário Completo*  
Lúcio Cardoso  
Byron  
*O Salgueiro*  
*Crônica da Casa Assassinada*

**13.35.16.1.2.8.** COUTINHO, Edilberto. "O Livro de Bolso no Brasil". (85-91). Os problemas do livro de bolso no Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

*Moby Dick*  
Melville  
Gabriel Garcia Marques  
*História da Arte*  
Mickey Spilane  
Dostoievski  
Balzac  
Artur Azevedo  
Lúcio Costa  
*Chuva*  
*O Idiota da Família*  
Lin Yutang  
*A Importância de Viver*  
Otávio de Faria

**13.35.16.2.9.8.** ARAÚJO, Paulo César. "Otávio de Faria: Sou um católico que é ou pretende ser romancista". (92-98). Entrevista com o escritor Otávio de Faria.

Autores e/ou obras citadas:

*Tragédia Burguesa*  
*A Sombra de Deus*  
*O Indigno*  
*Os Malditos*  
*O Espírito da terra*  
*O Romance de Ivo*  
*A Morte de Rodolfo Borges*  
*Ludovico Contreiras*  
*Gildinha*  
*O Retrato do Morto*  
*O Lôdo das Ruas*  
*Os Caminhos da Vida*  
*O Anjo de Pedra*  
*Os Renegados*  
*Senhor do Mundo*  
*Os Retratos da Morte*  
*Ângel ou As Areias do Mundo*  
*O Cavaleiro da Viagem*

**13.35.7.1.10.8.** CUNHA, Maria Emília Melo e. "Catálogo e Índice de Os Cadernos de Cultura". (1965-1964). (99-111). *Indexação de Os Cadernos de Cultura*.

**13.35.13.1.9.8.** GORGA FILHO, Remy "Eu não sou um monstro sagrado". (112-115). *Entrevista com Clarice Lispector*.

Autores e/ou obras citadas:

*Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*  
*Laços de Família*  
*Legião Estrangeira*  
**Herman Hesse**  
*O Lobo das Estepes*  
 Katherine Mansfield  
 Cornélio Pena  
 D. H. Lawrence  
*Força Vital*  
 Dalton Trevisan  
 José J. Veiga  
*Os Noivos*  
*A Máquina Extraviada*  
*A Hora dos Ruminantes*  
*Perto do Coração Selvagem*  
*O Lustre*  
*A Maçã no Escuro*  
*O Mistério do Coelho Pensante*  
*A Paixão segundo G.H.*

*A Mulher que Matou os Peixes*

**13.35.13.2.10.1.** ARAÚJO, Carmosina. “Mal-Assombrado”. (116-122). Conto.

**13.35.13.3.10.1.** SANGLARD, Luís & MAIA, João Domingues. “Poesia”. (123).  
Publicação de duas poesias: *O Crepúsculo e Mesa Posta*.

**13.35.4.1.10.8.** MOUTINHO, Nogueira. “O Escritor Novo, esse desconhecido”. (124-136).  
*Trabalho de cunho jornalístico sobre a situação do escritor novo em face das dificuldades de publicação.*

**13.35.5.1.10.8.** n.c. “Livros Didáticos na Escola”. (137-141). Circular do Ministério da Educação e Cultura Jarbas Passarinho, relativo à adoção de livros didáticos nas escolas do país; decreto referente a edição do livro-texto para o ensino superior e a lei federal que instituiu o dia da cultura e da ciência.

**13.35.8.1.6.8. n.c. “Concurso de capas de livros”. (142-148). Síntese das atividades desenvolvidas pelo INL no primeiro semestre do ano.**

**13.36.1.1.2.3.** n.c. “A Retórica do Samba-Enrêdo”. (7-21). Estudo que analisa os vários aspectos do samba-enrêdo, realizado por uma equipe de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**13.36.1.2.2.1.** MOTARA, Marcella. “Problemas Estruturais de Composição do Novo Romance Francês”. (22-27). Balanço crítico do *nouveau roman*, análise das características da renovação do romance francês.

Autores e/ou obras citadas:

Nathalie Sarraut  
Alain Robb – Grillet  
Michael Bulor  
Claude Simon  
Zadig  
Candibe  
Montesquieu  
*La Recherche du Temps Perdu*  
*Les Temps Retrouvé*  
*La Modification*  
*Náusea*  
Michel Lewis  
*L'Emploi du Temps*  
*Dans le Labyrinthe*  
*Hamlet*

Edgar Allan Pöe  
*La Route des Flanders*  
 Jean Ricardou  
*Problèmes du Nouveau Roan*  
*Le Voyeur*

**13.36.1.3.2.1.** ZAGURY, Eliane. “O Problema da Disposição Poética”. (28-33). Questões que dizem respeito à compreensão de determinados fenômenos da criação literária.

Autores e/ou obras citadas:

*O Menino da sua Mãe*  
 Fernando Pessoa  
*Le Dourmeur Du Val*  
 Arthur Rimbaud

13.36.1.4.10.8. DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais Literários” (34-42). Estudo das revistas *Sul –Americanas* e *A Nova*.

**13.36.12.1.5.1.** LOURO, Rosa Carino. “A Espada e o Mapa”. (43-45). Análise do romance *Fundador* de Nélida Piñón.

**13.36.15.1.2.1.** RONÁI, Paulo “*Um Museu Inteiro sem o Corredor Morto*”. (46-49). *Pequeno ensaio sobre um livro Ave, Palavra de Guimarães Rosa*.

Autores e/ou obras citadas

:

*Estas História*  
*Ave, Palavra*  
*Sagarana*  
*Jardins e Riachinhos*

**13.36.16.1.10.1.** COUTINHO, Edilberto. “*Como nascem os personagens de romance*”. (50-59). *O processo de criação dos personagens de romance*.

Autores e/ou obras citadas:

Virgínia Wolf  
*Mr. Bennett and Mrs. Brown*  
 Elizabeth Bowen  
*Notes on Writing a Novel*  
*Gabriela Cravo e Canela*  
 Jorge Amado  
*São Jorge dos Ilhéus*  
*Terras do Sem Fim*

*Corpo Vivo*  
 Adonias Filho  
*Léguas da Promissão*  
*Memórias de Lázaro*

**13.36.16.2.10.1.** QUINTELA, Ary. “O Dr. Macedinho, 150 Anos, Vivo Ainda”. (60-67). O autor focaliza a figura humana e a obra de Joaquim Manuel de Macedo.

Autores e/ou obras citadas:

Emílio de Menezes	<i>Nina</i>
Humberto de Campos	<i>O Rio do Quarto</i>
Múcio Leão	<i>A Luneta Mágica</i>
Lyra Tavares	<i>As Vítimas Algozes</i>
<i>A Moreninha</i>	<i>Quadros da Escravidão</i>
<i>Môço Loiro</i>	<i>Os 4 Pontos Cardeais</i>
<i>Os Dous Amores</i>	<i>Romance de uma Velha</i>
<i>O Cego</i>	<i>Remissão de Pecados</i>
<i>Rosa</i>	<i>A Namorada</i>
<i>Vicentina</i>	<i>Um Noivo e Duas Noivas</i>
<i>A Carteira de Meu Tio</i>	<i>Cincinato Quebra-Louça</i>
<i>O Forasteiro</i>	<i>A Baronesa do Amor</i>
<i>O Fantasma Branco</i>	<i>Vingança por Vingança</i>
<i>A Nebulosa</i>	<i>Amores de um Médico</i>
<i>O Primo da Califórnia</i>	<i>Voragem</i>
<i>O Sacrifício de Isaac</i>	<i>Panfílio</i>
<i>Amor e Pátria</i>	<i>Considerações sobre Nostalgia</i>
<i>Luxo e Vaidade</i>	<i>Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro</i>
<i>Os Romances da Semana</i>	<i>Ano Biográfico Brasileiro</i>
<i>Lusbela</i>	<i>Ephemenda Histórica do Brasil</i>
<i>O Novo Otelo</i>	<i>Mulheres Célebres</i>
<i>A Torre em Concurso</i>	<i>Um Mês de Amores de um Estudante</i>
<i>O Culto do Dever</i>	<i>Memória de um Sargento de Milícias</i>
<i>Mazelas da Atualidade</i>	
<i>Memórias do Sobrinho de Meu Tio</i>	

**13.36.17.1.9.1.** ARAÚJO, Paulo César de. “Raquel de Queiroz Sob Palavra”. (68-71). *Questões formuladas por amigos e colegas à escritora Raquel de Queiroz.*

Autores e/ou obras citadas:

*O Quinze*  
 Mário de Andrade  
 Graça Aranha  
*As Três Marias*  
*Caminho das Pedras*

Marques Rêbello

*João Miguel*

*O Galo de Ouro*

*A Donzela e a Moura Torta*

*Lampião*

*A Beata Maria do Egito*

*O Caçador de Tatú*

*Cem Crônicas Escolhidas*

*O Brasileiro Perplexo*

*O Menino Mágico*

**13.36.17.2.9.1.** GORGA FILHO, Remy. “Autran Dourado: “Do Signo de Capricórnio, Com muita Honra”. (72- 75). Entrevista com Autran Dourado.

Autores e/ou obras citadas:

*Eurico, O Presbítero*

Alexandre Herculano

Padre Vieira

Manuel Bernardes

Frei Luís de Sousa

Eça de Queiroz

Machado de Assis

Cervantes

Tolstoi

Dostoievski

Balzac

Flaubert

*Três Contos*

*Educação Sentimental*

*Madame Bovary*

*Sombra e Exílio*

*Tempo de Amar*

*Nove Histórias em Grupo de Três*

*A Barca dos Homens*

*Ópera dos mortos*

*Uma Vida em Segrêdo*

Dujardin

James Joyce

Tchecov

Turgueniev

Thomas Wolfe

Henry James

Kafka

Ttalo Svevo

Musil Conrad

Thomas Mann

**13.36.4.1.10.1.** RENAULT, Abgar. “Alphonsus: A Grandeza Descarnada e Sem Pompa”. (76-80). Discurso do acadêmico Abgar renauld sobre Alphonsus de Guimarães.

Autores e/ou obras citadas:

Cecil Day Lewia  
*Pastoral aos Crentes de Amor e da Vida*  
*Lua Nova*  
*Ismália*

**13.36.4.2.10.8.** COSTA, Octávio. “Poder Público e o Povo: Linhas de Comunicação”. (81-88). Fragmentos de dois discursos na abertura e encerramento de uma reunião com assessôres de imprensa dos govêrnos federal, estadual e municipal.

**13.36.13.1.2.1.** FERREIRA, Luci Ramos. “O Contista Carlos Drumond de Andrade”. (89-98). A obra de ficção de Drumond.

Autores e/ou obras citadas:

*Via Láctea*  
 Olavo Bilac  
*O Crime*  
*Confissões de Minas*  
*Passeios na Ilha, ensaios e crônicas*  
*Fala Amendoeira*  
*A Bôlsa e a Vida*  
*Versiprosa, crônicas em prosa*  
*Caminhos de João Brandão*  
*Reunião*  
*Boitempo*

Antônio Candido  
 José Ederaldo Castelo  
*Alguma Poesia*  
 Sérgio Milliet  
*Contos de Aprendiz*  
 Somerset Maugham  
*Seis Novelas*  
 Maupassant

Tchevov  
*A Doida*  
*Câmara e Cadeia*  
*Beira-Rio*  
*A Baronesa*  
*O Gerente*  
*Miguel e seu Furto*  
  
*Flor, Telefone, Môça*  
*A Salvação da Alma*  
*Conversa de Velho com Criança*  
*O Sorvete*  
*Meu Companheiro*  
*Extraordinária Conserva*  
*Um Escritor Nasce e Morre*  
  
 Hildon Rocha  
*Drumond em Prosa e Verso*

**13.36.13.2.10.1.** MENEZES, Cláudia Canuto. “O Salvador”. (99-100). Poesia.

**13.36.13.3.2.1.** LAFETÁ, João Luis Machado. “À Sombra das Moças em Flor”. (101-111). Sobre o romance *O Amanuense Belmiro* de Cyro dos Anjos

Autores e/ou obras citadas;

Antônio Candido  
Cyro dos Anjos

**13.36.13.4.10.1.** LIMA, Renato Soares de. “Um Dedo ao Vento”. (112-115). Conto.

**13.36.19.1.10.1.** MAMEDE, Zilda. “A Mudança”. (116). Poesia

**13.36.19.2.10.1.** SAVARY, Olga. “Abstrata”. (117). Poesia.

**13.36.3.1.9.1.** GONÇAVES, Delmiro & SOARES, Francisco Luiz de Almeida. “Jorge Luís Borges: Es poco lo que se”. (118-128). *Entrevista com Borges em sua viagem ao Brasil*.

Autores e/ou obras citadas:

*El informe Brodie*  
*Fervor de Buenos Aires*  
Keats  
Chesterron  
Kiplin  
Stenvensonson  
Edgar Allan Pöe  
Whitman  
Henry James  
Michel Foucault

**13.36.18.1.10.1.** n.c. “Augusto Meyer”. (129-139). Breve nota e dois poemas de Augusto Meyer.

**13.37.0.1.10.8.** n.c. “INL: Abertas Novas Perspectivas”. (6-10). *Balanço das atividades do INL no decorrer de 1970*.

**13.37.0.2.2.8.** KELY, Celso. “O Livro e o Ensino”. (11-13). O papel do livro na educação.

**13.37.0.3.5.8.** n.c. Atlas Cultural: “Um Retrato do Brasil”. (14-17). Publicação do *Atlas Cultural*, obra que se destina a oferecer um panorama geral da vida brasileira.

**13.37.0.4.2.8.** FERREIA, João. “O Livro Como Forma de Comunicação”. (18-22). As várias possibilidades de comunicação do livro.

**13.37.1.1.2.1. CUNHA, Fausto.** “Álvares de Azevedo e Varela ou a Rebelião Romântica”. (23-34). *As propostas literárias nas obras de Azevedo e Varela.*

Autores e/ou obras citadas:

Lorde Byron

*Otelo*

Shakespeare

Musset

*Don Juan*

*Poema Tártaro*

Eugênio Gomes

Manuel Antônio

*Prata da Casa*

*Poema do Frade*

Antônio Ferreira

Olavo Bilac

Lionel Trilling

Mário de Andrade

Castro Alves

Machado de Assis

*Vozes da América*

F. Quirino dos Santos

J. Ferreira de Menezes

*Cantos e Fantasias*

*Flores sem Cheiro*

José Inácio Gomes F. de Menezes

Cláudio Manuel da Costa

Said Ali

Sousa Silveira

Manuel Bandeira

Bernardo Guimarães

Luís Gama

*Primeiras Trovas Burlescas*

Tobias Barreto

José de Alencar

Francisco José Correia

Virgílio

Homero

Luís de Camões

*Canções da Vida*

Belarmino de Matos

Fagundes Varela

Celso de Magalhães

Vitoriano Palhares

Luís Guimarães Júnior

Carlos Ferreira

Lamartine

Bocage

Victor Hugo

**13.37.1.2.5.1. SALES, Fernando.** “1870: Livros em Destaque”. (35-45). Livros que fizeram a história literária brasileira.

Autores e/ou obras citadas:

*Espumas Flutuantes*

Machado de Assis

Castro Alves

José de Alencar

Said Ali

Agripino Grieco

Homero Pires

Eugênio Gomes

Afrânio Peixoto

*O Gaúcho*

*A Pata da Gazela*

Araripe Júnior

José Veríssimo

Bernardo Guimarães

Franklin Távora

M. Cavalcanti Proença

Heron Alencar

Joaquim Manuel de Macedo

*As mulheres de Mantilha*

*A Namoradeira*

*Remissão dos Pecados*  
*O Moço Loiro*  
*Os Romances da Semana*  
*O Culto do Dever*  
*A Luneta Mágica*  
*As Vítimas Algozes*  
*Nina*  
*A Baronesa do Amor*  
*O Cego*  
*Contos Fluminenses*  
**Lúcia Miguel Pereira**  
*Histórias da Meia Noite*  
*Ressureição*  
*Falenas*  
*Americanas*  
*A Província*  
**Euclides da Cunha**  
 Alberto Torres  
 Capistrano de Abreu  
 Tavares Bastos  
 Francisco Adolfo Varnhagen  
*Cancioneiro*

*História geral do Brasil*  
**João Salomé Quiroga**  
*Maricota e o Padre Chico*  
*Canhenho*  
*História do Brasil-Reino*  
*Brasil Império*  
**Alexandre José de Melo Moraes**  
 J. M. Pereira Silva  
*História Geral do Brasil*  
 Manuel Duarte Moreira de Azevedo  
*Os Franceses no Rio de Janeiro*  
 Alexandre Dumas  
 Walter Scott  
 Pinheiro Chagas  
 Luís Guimarães  
*Corimbos*  
*História para Gente Alegre*  
*Peregrinas e Centelhas*  
*Mocidade e Tristeza*  
**Sílvio Romero**

**13.37.1.3.2.8.** CHACON, Vamireh. “Barroco e Iluminismo no Brasil”. (46-55). Mais de qualquer outro movimento, o Barroco e o Iluminismo tiveram uma grande influência no Brasil.

Autores e/ou obras citadas:

Gilberto freire  
 Viana Moog  
 Antônio Candido  
 Frei Caneca  
 Silva Alvarenga  
 Francisco de Melo Franco  
 Basílio da Gama  
 Sousa Caldas

**13.37.1.4.10.8.** DOYLE, Plínio. “História de Revistas e Jornais literários”. (56-61). Estudo do revista *Terra Roxa e Outras Terras*.

**13.37.1.5.2.1.** VIANA, Hélio. “D. Pedro II e a Confederação dos Tomoios”. (62-71). A polêmica causada quando da publicação de *Confederação dos Tomoios*.

Autores e/ou obras citadas:

Domingos José Gonçalves de Magalhães

*Poesias Avulsas*

*Suspiros Poéticos e Saudades*

*Carta sobre a Confederação dos Tamoios*

José Martiniano de Alencar

Manuel Araújo Pôrto-Alegre

José Aderaldo Castelo

*A Polêmica sobre a “Confederação dos Tamoios”*

Alexandre Herculano

*Meditações*

*Urânia*

*Dicionário Bibliográfico Brasileiro*

Franklin Távora

Sacramento Blake

*La Lega dei Tamoi*

Riccardo Ceroni

*Uruguai*

Basílio da Gama

*Caramuru*

Frei Santa Rita Durão

*Os Timbiras*

Gonçalves Dias

*Grandes Poetas Românticos do Brasil*

**13.37.12.1.2.1.** DAMASCENO, Darcy. “Três Momentos de Poesia”. (72-75). Sobre a reedição de *Do Sonho e da Esfinge* (Afonso Félix de Souza) e a publicação de *Sintaxe Invisível* (Gilberto Mendonça Teles) e *Labirinto* (Foed Castro Chamma).

**13.37.15.1.2.1.** RÓNAI, Paulo. Raimundo Magalhães Jr. “A Arte Biográfica”. (76-84). As muitas facetas de Raimundo de Magalhães Júnior.

Autores e/ou obras citadas:

*A Arte do Conto*

*Homem e Época das Letras e das Artes Brasileiras*

Artur Azevedo

Álvarez de Azevedo

Casimiro de Abreu

Cruz e Souza

José do Patrocínio (pai)

José do Patrocínio Filho

Machado de Assis

*As Mil e Uma Vidas de Leopoldo Fróis*

Martins Pena  
 José Alencar  
*Machado de Assis Desconhecido*  
*A Vida Turbulenta de José do Patrocínio*  
*Mimos*

**13.37.16.1.10.1.** COUTINHO, Edilberto. “Como Nascem os Personagens de Romance”. (85-90). Continuando a reportagem do número anterior da revista, o autor discute o processo de criação dos personagens de romance.

*Autores e/ou obras citadas:*

José Candido de Carvalho  
*O Coronel e o Lobisomem*  
 Raquel de Queiroz  
 Josué Montelo  
 Marques Rêbello  
 Êrco Veríssimo

**13.37.17.1.9.1.** ARAÚJO, Paulo César. “Dinah Silveira de Queiroz Sob Palavra”. (91-99). *Questões formuladas por amigos e colegas para a escritora Dinah Silveira.*

*Autores e/ou obras citadas:*

*A Princesa dos Escravos*  
*A Muralha*  
 Júlia Lopes de Almeida  
 Lúcia Miguel Pereira  
 Cecília Meireles  
 Margarida La Rocque  
*O Solitário*  
 João Cabral de Melo Neto  
 Josué Montelo  
 Ruben Braga  
*Café da Manhã*  
*Floradas na Serra*  
*Verão dos Infiéis*  
*A Sereia Verde*

**13.37.17.2.2.1.** GORGA FILHO, Remy. “José J. Veiga: Escrevo para me justificar”. (100-102). A vida e a obra de José J. Veiga.

*Autores e/ou obras citadas:*

*Os Cavalinhos de Platimplanto*  
*A Máquina Extraviada*  
*A Hora dos Ruminantes*

**13.37.13.1.10.1.** FALCÃO, João Emílio. “O Galo, Ela e Eu”. (103-1050). Conto.

**13.37.13.2.10.1.** BARROZO FILHO, José Pires. “Flor/Aço”. (106). Poesia.

**13.37.13.3.10.1.** MIRANDA, Luis de. “Exigências”. (107). Poesia.

**13.37.2.1.10.1.** RANGEL, Alberto. “Os Gestos do Euclides”. (108-111). Capítulo inédito do livro *Águas Reversas*.

**13.37.3.1.10.8.** MOTA, Mauro. “O Navegante Gilberto Amado”. (112-127). Discurso de posse de Gilberto Amado na Academia Brasileira de Letras.

**13.37.7.1.10.8.** FONSECA, Edson Nery da. “Álvaro Lins: Bibliografia com Notas Remissivas”. (128-137). *Bibliografia de Álvaro Lins*.

**13.37.4.1.2.1.** PÓLVORA, Hélio. “As Viagens de Brás Cubas”. (138-140). Os trabalhos internacionais sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Autores e/ou obras citadas:

Machado de Assis

Helen Caldwell

*Machado de Assis – The Brazilian Master and His Novels*

Sílvio Romero

*Quincas Borba*

*Dom Casmurro*

*História de Subúrbios*

*Esaú e Jacó*

*The Brazilian Othello of Machado de Assis: A Study of Dom Casmurro*

**13.37.4.2.2.1.** MARTINS, Wilson. “Encontros e Desencontros”. (141-144). Sobre a tradução de quatro autores brasileiros nos Estados Unidos.

Autores e/ou obras citadas:

*Order and Progress*

Gilberto Freire

*My Sweet – Orange Tree*

*The Misplaced Machine*

*The Three Trials of Manirena*

José J. Veiga

*Divina Comédia*

*O Castelo de Kafka*

João guimarães Rosa  
Juan Rulfo  
Gabriel Garcia Márquez  
Thomas Lask  
Rodríguez Menegal  
José Mauro de Vasconcelosx

## **Considerações Finais**

Com o propósito de analisar e indexar a *Revista do Livro*, principiamos mostrando o contexto político-cultural do período em que a mesma circulou, visto que como veículo de uma fase conturbada de nossa história foi oportuno fazer emergir as relações interculturais de seu universo para uma melhor compreensão do trabalho que ora apresentamos.

Falamos da chegada da imprensa e de sua instalação no Brasil, o que também se fez necessário por conta de algumas atribuições e dúvidas que precisaram ser esclarecidas no processo de desenvolvimento da história da imprensa brasileira.

A revista é um gênero que privilegia seu momento, valorizando-o como fonte documental. Por sua diversidade de temas e perenidade, ela se torna instrumento que propicia rica fonte para pesquisa nas mais variadas áreas do conhecimento.

Criada em 1956, a *Revista do Livro* foi o porta-voz do Instituto Nacional do Livro (INL), órgão oficial do governo, responsável pela editoração no país. O Instituto, criado em 1937, sob o regime ditatorial do governo de Getúlio Vargas, foi um órgão de controle das publicações e da divulgação da política cultural então vigente. Dirigido no momento de sua implantação por um dos mais influentes intelectuais brasileiros daquele momento, o escritor gaúcho Augusto Meyer, enfrentou vários problemas, na medida em que este divergiu de instâncias superiores da ditadura, a ponto do próprio governo passar a fazer campanha no sentido de tornar o INL desacreditado. Grandes nomes da

intelectualidade brasileira fizeram parte do corpo editorial da *Revista do Livro*. Uns mais constantes como: Alexandre Eulálio, Brito Broca, Antônio Houaiss, Augusto Fragoso, Celso Cunha, J. Galante de Sousa, M. Cavalcanti e outros que tiveram passagem esporádica como: Antônio Candido, Sérgio Buarque de Holanda

Com a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) vêm acirrar-se mais os ânimos já que os dois órgãos passaram a desempenhar papéis iguais no processo de editoração. Vale lembrar que, a princípio, o Instituto Nacional do Livro fora criado com a função específica de elaborar a *Enciclopédia Brasileira* e o *Dicionário de Língua Nacional*, pois Getúlio Vargas, preocupado com a cultura, considerava-a primordial para o desenvolvimento do país. O projeto deveria seguir os moldes da Enciclopédia italiana *Treccani*, projetada por Benito Mussolini. O trabalho foi entregue a Mário de Andrade que, prevendo distorção do projeto inicial, resolve afastar-se sem terminar o trabalho. Algumas tentativas de retomada do projeto foram feitas, anos mais tarde, mas o fato de já existirem várias enciclopédias e dicionários lançados comercialmente no país, tornou-o mais uma vez inviável.

A *Revista do Livro* foi criada com a função de divulgar os trabalhos elaborados pelo Instituto Nacional do Livro, porém não se limitou a esse trabalho específico. Publicou em suas várias seções trabalhos dispersos em jornais e bibliotecas tanto contemporâneos, quanto das mais variadas épocas, o que fez do periódico um painel da cultura brasileira. Com tiragem trimestral, a *Revista do Livro* teve seu primeiro número homenageando Machado de Assis, já considerado o centro do cânone da literatura brasileira e que funcionaria como uma espécie de patrono do periódico.

A visão especializada da *Revista do Livro* lhe conferiu um caráter elitista, pois pelo nível das matérias editadas em suas páginas como *A Biblioteca de Machado de Assis* de Jean-Michel Massa e *De Machadinho a Brás Cubas* de Augusto Meyer, que se

tornariam clássicos para os estudiosos de nossa literatura, o leitor mediano brasileiro dela se afastou, pois para sua fruição se fazia necessário um vasto referencial teórico que dificilmente ele viria a ter.

Durante o regime militar em 1970, o INL veio a sofrer um grande golpe quando foi instaurado o sistema de co-edição. Sob este sistema, o governo praticamente renunciou ao projeto editorial inicial e passou a subsidiar as editoras particulares, sem abrir mão do poder de veto das obras a serem publicadas. Com o acirramento do regime militar, o INL passou a fortalecer-se como mais um dos mecanismos oficiais de repressão. Neste período, foi criada a SECOM (Secretaria de Comunicação) que tinha a função específica de popularizar o regime político vigente e censurar as edições de obras que não atendiam aos interesses do governo militar. A partir daí foram contratados grupos de escritores com a função de pareceristas das obras a serem publicadas.

O processo de co-edição criou um impasse entre os escritores e seus editores, pois ao submeterem suas obras à apreciação, estavam na verdade compactuando com o sistema. Talvez por isso o sistema de co-edição veio a ser o golpe de misericórdia da *Revista do Livro*, que, em 1970, sem maiores explicações, deixou de ser publicada.

Apesar de ter sido um veículo de divulgação do sistema político vigente, a *Revista do Livro* foi um documento importante para se estudar a cultura brasileira, pois em suas páginas editaram-se textos relevantes para variadas áreas, mesmo que tivessem nela predominado textos literários e/ou crítico literários como os pareceres de Machado de Assis quando exercia o cargo de censor do Conservatório Dramático Nacional, ou culturais como os índices da *Coleção Brasileira*. Outra contribuição importante da *Revista do Livro* foi a publicação permanente de uma bibliografia brasileira atualizada.

Nela também editaram-se trabalhos de crítica como: *Um Enigma de nossa História Literária: Gregório de Matos*, que levanta a possibilidade de plágio de o “Boca do Inferno”, *Os Folhetins de Hop-Frog*, escritos por Tomás Alves e considerados as primeiras manifestações do Naturalismo no Brasil; *Ocultação nas Cartas Chilenas*, de Rodrigues Lapa, que esclarece as dúvidas quanto a autoria do poema e a representação de seus personagens; e *Dois Momentos de Joaquim Nabuco*, de Augusto Fragoso, que nos apresenta a polêmica entre Joaquim Nabuco e José de Alencar.

Por tudo isso, achamos relevante elaborar a indexação da *Revista do Livro* seguindo uma metodologia específica, pois uma revista sem a devida indexação é material inútil, fazendo-se necessário uma certa ordenação que venha a facilitar a tarefa de futuros pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

### DA PESQUISA:

REVISTA DO LIVRO. Rio de Janeiro: INL, 1956-1970.

### DE APOIO:

ABREU, Alzira Alves de et al. *A Imprensa em Transição*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANTELO, Raúl. *Literatura em Revistas*. São Paulo: Ática, 1984.

ANTONIO, João. *Abraçado ao meu amor*. São Paulo: Cosac e Naify, 2001.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BAHIA, Juarez. *Três fases da imprensa brasileira*. Santos: Presença, 1960.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1977.

CAMPOS, Haroldo de. *O Sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

COLLISON, Robert L. *Índices e Indexação. Guia para a indexação de livros, e coleções de livros, periódicos, partituras musicais, discos, filmes e outros materiais, com uma seção de referência e sugestões para leitura adicional*. Trad. Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1972.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Edunesp, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Papel-Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DIMAS, Antonio. *Tempos Eufóricos. (Análise da Revista Kosmos: 1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Exílio e Diáspora* in O papel do Intelectual Hoje. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

GOMES, Renato Cordeiro. *Intelectuais e a Cidade das Letras*. IN: O Papel do Intelectual, Belo Horizonte: Humanitas, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. São Paulo: Edusp, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio: José Olympio, 1948.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajectoria Política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. *O Preço da Leitura: Leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

LARA, Cecília de. *Nova Cruzada (Contribuição para o estudo do pré-modernismo)*. São Paulo: IEB, 1971.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LUSTOSA, Isabel. *O Nascimento da Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira; 1968-1978*. São Paulo: Global. 2. Ed., 1980.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP;Imprensa Oficial; FAPESP, 2001.

MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita. História do livro, da imprensa e da biblioteca*. 2ed. São Paulo: Ática, 1996.

MAUD, Ana Maria. *Através da Imagem: fotografia e história, interfaces*. IN: Tempo, Revista do Departamento de História da UFF, Niterói: Departamento de História/Relme Dumará, vol. 1, nº 2, dez. 1996.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MOREIRA, Alice Campos. CDROM *Periódicos Literários: Anais das Jornadas e do Encontro Nacional*. Porto Alegre-RS: CPL-PUCRS, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga (org). *Imprensa e Poder*. Brasília: Ed. UnB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

NEME, Mário. *Plataforma da Nova Geração*. Porto Alegre: Globo, 1945.

NOSSO SÉCULO. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

OITICICA, Ricardo. *O Instituto Nacional do Livro. Academia Brasílica dos Rejeitados*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, PUC. 1997. 233 pp. Tese (Doutorado em Letras).

OLINTO, Antonio. *Jornalismo e Literatura*. Rio de Janeiro: São José. 1960.

OUTRA TRAVESSIA. Revista de Literatura. Florianópolis: Curso de Pós-graduação em Literatura-UFSC, nº. 40/1, 2º semestre/2003.

RAMA, Ángel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REVISTA DO LIVRO.. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, nº. 44, Ano 14, jan./2002.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileira. Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VENTURA, , Zuenir. *1968; o ano que não acabou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 17 ed. 1988.

WEFFORT, F. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

*Janelas que se abrem para o mundo: fotografia de imprensa e distinção social no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX.* <http://comciencia.br/reportagem/memorial/12.shtml>. aceso em 07/10/2004.

## ANEXOS

## Corpo Editorial da *Revista do Livro*

O corpo editorial da *Revista do Livro* contou com intelectuais das mais variadas tendências políticas e literárias.

**José Renato Santos Pereira** (1925 - ). Diretor. Nasceu em Visconde do Rio Branco – M.G. Foi diretor do Instituto Nacional do Livro (INL) e da *Revista do Livro*. Escreveu vários roteiros cinematográficos para o irmão cineasta José Geraldo Santos Pereira, além de *O Guarda - Chuva e Outros Contos*.

**Alexandre Eulálio** (1932-1988), Redator. Mineiro de Adamantina, ensaísta, crítico e professor, formado em 1956 pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. A convite do Itamarati foi leitor brasileiro em Veneza (*Ca'Foscari*) como professor regente de Língua e Literatura Portuguesa. Foi ainda professor visitante na Universidade de Harvard, assessor do Diretor do Departamento de Assuntos Culturais do MEC e professor de Teoria Literária na Universidade de Campinas. De sua produção constam:

Joaquim Felício dos Santos, cronista romântico

*A aventura brasileira de Blaise Cendrars*

*Literatura e Artes Plásticas*

*Os melhores poemas de Tomas Antônio Gonzaga* (Org.)

*Livro Involuntário: literatura, história, matéria e modernidade* (Org.)

Colaborou com os jornais *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*, ambos do Rio de Janeiro, com *O Diário*, de Belo Horizonte e na revista *Discurso*, de São Paulo.

Preparou a 3ª edição de *Memórias do Distrito de Adamantina*, de Joaquim Felício dos Santos.

Escreveu o roteiro de três documentários para o cinema: *Memória da Independência*, *Arte Tradicional da Costa do Marfim* e *Murilo Mendes: a poesia em pânico*.

Colaborou com Joaquim Pedro de Andrade no roteiro do longa metragem *O Homem do Pau Brasil*.

**José B. B. Brito Broca** (1904-1961). Redator. Tornou-se importante intelectual no cenário brasileiro, paulista de Guaratinguetá, foi jornalista, ensaísta e crítico. Iniciou a vida jornalística em *O Popular* por volta de 1924. Foi membro da comissão instituída pelo MEC em 1958 para preparar o texto das obras de Machado de Assis. Elaborou o prefácio de *Memorial de Aires*. Escreveu:

*Americanos* (1944).

*Pensadores Franceses* (1948).

*Raul Pompéia* (1956).

*Horas de Leitura* (1957).

*Machado de Assis e a política e outros estudos*; (1957).

*O caderno e o saxofone* (1966).

**Augusto Souza-Meyer** (1902-1970). Assistente Geral. Foi praticamente quem deu as diretrizes do INL, do qual assumiu a direção em 1938. Estudou língua e literatura. Colaborou em jornais e revistas, como poeta e crítico literário fez parte do modernismo gaúcho, dando um toque regionalista à poesia. Além de poeta foi grande

ensaísta, sendo responsável pela divulgação, no Brasil, de inúmeros escritores estrangeiros.

Na poesia escreveu:

*A Ilusão Querida* (1923);

*Coração Verde* (1926);

*Giraluz* (1928);

*Duas Orações* (1928);

*Poema de Bilu* (1929)

Na crítica e ensaio escreveu:

*Machado de Assis* (1935);

*Prosa dos Pagos* (1943);

*À Sombra da Estante* (1947);

*Notas Camonianas* (1955);

*Preto e Branco* (1956);

*Camões, o bruxo e outros estudos* (1958).

**Antônio Houaiss** (1915-1999). Membro do Conselho Consultivo. Formado em Letras clássicas, exerceu a carreira de diplomata. Colaborador e pesquisador da Casa de Rui Barbosa, desde de 1958, membro da comissão para publicação e edição crítica da obra de Rui Barbosa. Foi ainda superintendente da Editora Delta, editor-chefe da *Enciclopédia Mirador Internacional*, diretor-presidente do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, membro da Academia Brasileira de Filologia e da Academia Brasileira de Letras. Escreveu:

*Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca* (1959)

*Plano do Dicionário das Obras de Machado de Assis* (1960)

*Crítica Avulsa* (1960)

*Seis Poetas e um problema* (1960)

*Augusto dos Anjos* (1960)

*Elementos de Bibliologia* (1967)

*A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade* (1968)

*Estudos vários sobre palavras, livros e autores* (1979)

*A nova ortografia da Língua Portuguesa* (1991)

Além de ensaios sobre política como *A modernidade no Brasil Conciliação ou ruptura?* (1995) e obras sobre gastronomia e culinária como *Magia da Cozinha Brasileira* (1979), traduziu grandes obras da literatura universal, entre elas *Ulisses*, de James Joyce.

**Celso Cunha** (1917 – 1989). Membro do Conselho Consultivo. Mineiro de Teófilo Otoni, foi professor de português no Colégio Pedro II e de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro, Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, lecionou na Sorbonne, na Universidade de Colônia e na Universidade Clássica de Lisboa. Dirigiu a Biblioteca Nacional, foi secretário geral do governo provisório do Estado da Guanabara, membro do Conselho Nacional de Educação, da comissão de textos da UNESCO e representante do Brasil, no Instituto Internacional de Língua Portuguesa. Membro da Academia Brasileira de Letras, foi filólogo e ensaísta.

Principais Obras:

*O Cancioneiro de Paay Gómez Charinho, trovador de século XIII* (1947)

*O Cancioneiro de Martin Codax* (1956)

*Estudos da Poesia Trovadoresca* (1961)

*Manual de Português*, vários volumes (1962 a 1965)

*Uma Política do Idioma* (1965)

*Língua Portuguesa e realidade brasileira* (1968)

*Língua e Verso* (1968)

*Gramática Moderna* (1970)

*Gramática do Português Contemporâneo* (1970)

*Estilística e Gramática Histórica* (1978)

*Gramática de Base* (1979)

*Breve Gramática do Português Contemporâneo* (1985)

*Questão da Norma Culta Brasileira* (1985)

*Em Torno do Conceito de Brasileirismo* (1987)

**Crisanto Martins Filgueiras** (1901 – 1978). Membro do Conselho Consultivo. Diplomou-se em "Letras clássicas" em 1941, e em Ciências jurídicas em 1943. Trabalhou no Instituto Nacional do Livro e se aposentou em 1967, onde era chefe da Seção de Publicações.

**José Galante de Sousa** (1913-1986). Membro do Conselho Consultivo. Foi professor do Colégio Pedro II, chefe da seção da Enciclopédia e do Dicionário do Instituto Nacional do Livro (1967-1974), Diretor Substituto do Instituto Nacional do Livro (1967-1971), chefe da Biblioteca do Centro de Documentação da Fundação Casa de Rui Barbosa, membro da comissão criada pelo MEC em 1958 para preparar o texto definitivo das Obras de Machado de Assis, membro da comissão criada pelo MEC em

1971 para leitura e seleção de obras a serem editadas para distribuição nas bibliotecas brasileiras, co-fundador da Sociedade Brasileira de Romanistas. Escreveu:

*Bibliografia de Machado de Assis* (1955)

*Fontes para o estudos de Machado de Assis* (1958)

*Algumas fontes para o estudo de Euclides da Cunha* (1959)

*O Teatro no Brasil* (1960)

*Introdução ao estudo da literatura brasileira* (1963)

*Machado de Assis e outros estudos* (1979)

*Em torno do poeta Bento Teixeira* (1972)

**Manuel Cavalcanti Proença** (1905-1966). Membro do Conselho Consultivo. Nascido em Cuiabá, frequentou o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Escreveu crônicas, contos, além de trabalhos jornalísticos. Com o ensaio *Roteiro de Macunaíma* (1951), recebeu o prêmio de ensaio do governo do Estado de São Paulo. De sua bibliografia constam:

*Uniforme de Gala* (1953)

*Ritmo e Poesia* (1955)

*Nove anos de praça* (1956)

*Augusto dos Anjos e outros ensaios* (1960)

*No termo de Cuiabá; Malaquias Corumbá; manuscrito holandês* (1960)

*Mário de Andrade* (1960)

**General Augusto Fragoso** (? - ?) Membro do Conselho Consultivo. Foi professor e diretor da Escola Superior de Guerra tendo escrito na *Revista da Associação*

*dos Diplomados na Escola Superior de Guerra* importante artigo sobre “A Escola Superior de Guerra (Origem - Finalidade – Evolução)”.

## **PROJETO GRÁFICO DA *REVISTA DO LIVRO***

A marca registrada da publicação é o projeto gráfico elaborado por **Tomás Santa Rosa Júnior**. O artista foi o responsável pela introdução do *desing* gráfico no setor editorial. Nascido em João Pessoa – PB – em 1909, transfere-se para o Rio de Janeiro em 1932, onde trabalha como auxiliar de Portinari na realização de vários murais. Fundou em 1933, o grupo teatral “Os Comediantes”. Em 1945, torna-se crítico de artes no *Diário de Notícias*, vindo a trabalhar em outros periódicos. Foi neste período que passou a colaborar com o INL.. De 1952 a 1954, integra a Comissão Nacional de Belas Artes, dirigindo o Conservatório Nacional de Teatro. Artista versátil, sempre atuou em diversas áreas como: cenografia, figurino, pintura, gravura, ilustração, crítica de arte e docência. Criou em 1946, o Curso de Desenho de Propaganda e Artes Gráficas.

Em 1948, a convite da Fundação Getúlio Vargas., na ocasião da fundação do Museu de Arte Moderna, foi nomeado Diretor do Departamento de Teatro da instituição e ainda professor de Desenho Estrutural e Composição. Como cenógrafo recebeu a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos de Artes pelos cenários das peças *Vestido de Noiva*, *A Morte do Caixeiro Viajante* e *Senhora dos Afogados*. Em 1956, Tomás Santa Rosa viajou para a Índia como representante brasileiro na Conferência Internacional de Teatro, em Bombaim. Seguindo depois para Nova Delhi com o objetivo de integrar a Delegação Brasileira na Conferência Geral da UNESCO. Foi durante essa viagem que Santa Rosa faleceu, vítima de embolia séptica.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)